

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

ISABEL RODRIGUES DE MORAIS

**SÃO MIGUEL PAULISTA – CAPELA DE SÃO MIGUEL
ARCANJO – interfaces das memórias do patrimônio cultural**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

São Paulo

2007

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

ISABEL RODRIGUES DE MORAIS

**SÃO MIGUEL PAULISTA – CAPELA DE SÃO MIGUEL
ARCANJO – interfaces das memórias do patrimônio cultural**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

*Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em História Social, sob a orientação da
Prof.^a Dr.^a Olga Brites.*

São Paulo

2007

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ **Local e Data:** _____

DEDICATÓRIA

*Ao Geraldo, meu companheiro de sempre, pelas lutas enfrentadas e pela grandeza com que as enfrenta.
Para Ligia, filha distante, porém presente em todos os momentos.
Aos meus filhos Bruno e Regiane, com meu amor e meu muito obrigada.*

À minha mãe Oranides, cuja presença é sempre constante e ao meu pai José Rodrigues, que de onde está, com certeza sorri.

Aos moradores de São Miguel Paulista, aqueles que ali mergulharam, nessa cidade de São Paulo, como o fermento na massa, como o sal da terra, como os frutos que brotam da terra após a chuva.

AGRADECIMENTOS

Desde pequena tive um sonho. Dizia, um dia gostaria de escrever um livro. Não que me achasse boa escritora, porém a leitura sempre me foi companheira fiel. Desta forma, terminar esta dissertação, que não deixa de ser um livro, tem o sabor de sonho realizado. E para realizar sonhos, sempre contamos com a ajuda de muita gente, companheiros de trabalho, família, amigos de antes e os que se fizeram no decorrer da caminhada.

E, com certo sabor de vitória, agradeço a todos que colaboraram com este trabalho, apresentando desculpas pela incompletude com que ele certamente se mostrará.

Devo agradecer aos meus depoentes que, com grande solicitude, forneceram-me dados imprescindíveis para que esta pesquisa se realizasse. O Sr. Eurico dos Santos é, com certeza, um deles, que além de relatar suas experiências, colocou-me à disposição todo seu acervo sobre o bairro de São Miguel Paulista, produto de uma vida toda de coleta e organização de material. Ao Sr. Jesuíno Braga, artesão, que com a mesma solicitude, forneceu-me também seu material, suas histórias e ainda iluminou-me com suas criações; à Madalena, sua esposa, pela paciência em ouvir todas essas histórias, receber-me em sua casa e, ainda, preparar sempre uma guloseima para ser apreciada.

Depoente especial, Sr. João Feher foi quem primeiro abriu-me as portas da Capela de São Miguel Arcanjo para que eu adentrasse nessa temporalidade passado/presente que a Capela permite circular. Agradecimento especial à historiadora Roseli Santaella Stela, pesquisadora incansável sobre São Miguel Paulista e também ao Pe. Geraldo e à Associação Cultural Beato José de Anchieta pelo fornecimento de dados para compreensão dessa história.

À diretoria da “Escola de Samba Unidos de São Miguel”, que através dos seus membros, mesmo passando por horas difíceis, não deixou de prestar-me depoimentos imprescindíveis. Também agradeço à diretoria do “Laticínio Gege”, na pessoa do Sr. Domingos Pantaleão; à Sueli Brasil do “Grupo Escoteiro Padre Aleixo”; à artista plástica Adinéia Batatinha; bem como à diretoria do jornal “Acontece Agora”, na pessoa do Sr. Divaldo Rosa. Agradecimentos também ao poeta Osvaldo Pires Holanda; Sr. José Caldini Filho; Sr. José Leite; Dona Tereza Pilon; Padre Aristides; Padre Ticão; Padre Nubio; Coronel Senedin; José Vitorino, o Compadre; José Antonio Araújo; José Luis Souza; Albertino Alves Nobre; Ronaldo Araújo Calixto; pessoas que gentilmente relataram suas

experiências recheadas de ações sociais que permeiam a história de São Miguel Paulista. Agradeço também ao Sacha Arcanjo e Izal pelas discussões a respeito do Movimento Popular de Arte e usos sociais da praça. Aos componentes da “Associação Amigos da Praça do Forró”, nas pessoas de Alzira Viana e Cícero do Norte que, em meio ao ritmo de sua música, relataram experiências e lutas. Um agradecimento póstumo à dona Lyris Rodrigues Ruott que não esperou esse trabalho chegar ao final.

Pensando no percurso acadêmico, quero agradecer à professora Heloísa Aguiar, da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), pois foi quem primeiro acreditou que este trabalho seria possível.

À professora Olga Brites, minha orientadora que, desde o projeto de pesquisa, foi indicando os caminhos a percorrer, sem no entanto impor sua opinião como a única possível, esperando pacientemente a gestação das idéias ainda embrionárias nesta caminhada nada fácil, que é o processo de pesquisa e a sua escritura. Agradeço de modo especial, às professoras Yara Aun Khoury e Mirna Busse Pereira, pelas leituras dos primeiros escritos desta pesquisa, ainda quando cumpria os créditos do mestrado e, depois, no exame de qualificação, oportunidade em que deram importantes sugestões que permitiram avançar na escrita final do trabalho.

Agradeço, ainda, à Maria “Baia” pela ajuda incondicional, sem a qual “não sei o que seria de mim”. Mariana e Aninha, sobrinhas queridas, pela ajuda nas transcrições das fitas e pela ajuda na formatação e Cida, minha irmã, sempre presente nas horas difíceis de organizar todo esse material.

Deixo, também, um agradecimento às minhas irmãs e aos meus cunhados sempre prontos para estenderem suas mãos diante das necessidades. E viva o serpentário!

Devo agradecer ao apoio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por intermédio do programa “Bolsa Mestrado”, o suporte financeiro essencial para que eu pudesse realizar esta pesquisa. Sou grata à solicitude da prof. Ana Maria e ao pessoal da Leste 4 e igualmente aos colegas de trabalho e à direção da EE “Sergio da Silva Nobreza”, pela compreensão, apoio e incentivo.

Agradeço, ainda, à Lílian, amiga querida pelas leituras e sugestões apresentadas.

Igualmente agradeço à Beatrice, doutora e amiga nas horas difíceis.

Finalmente, aos sorrisos da Ju, Carol, Gu e Pedrinho que encheram de alegria os breves momentos de descontração, nesse necessário período de reclusão.

RESUMO

Nesta pesquisa, procuro refletir sobre o bairro de São Miguel Paulista e o seu cotidiano, especialmente ligado à presença da Capela de São Miguel Arcanjo. Este templo religioso é considerado um dos exemplares mais antigos da cidade de São Paulo, que conserva sua originalidade. O bairro de São Miguel Paulista, situado na zona leste da cidade, foi nos primeiros anos de sua colonização um aldeamento indígena chamado Ururáí. O processo de ocupação do bairro está, portanto, ligado à fundação da cidade de São Paulo, por ser um local estrategicamente situado, favorável à efetivação da fé cristã no Planalto Piratininga, tendo sido para isso, necessária a construção de uma Capela que serviria de ponto de aglutinação desses índios. O objetivo da pesquisa é analisar as dinâmicas sociais que se estabeleceram e se estabelecem em torno desse bem cultural e as ações que viabilizam sua preservação, enfocando especialmente os períodos que compreendem o tombamento e primeira restauração pelo IPHAN (1939) e tombamento pelo Condephaat (1974), até os dias atuais. Assim, foram analisadas as ações do poder público, principalmente as relativas aos tombamentos, restauração e medidas que visam sua proteção e, ainda, a participação ativa dos sujeitos sociais que se relacionam com esse bem e que vivenciaram e vivenciam esses momentos e que têm ações voltadas para sua preservação. Busco perceber a “Capela de São Miguel Arcanjo” como parte de uma experiência social que envolve interesses e relações de poder que dão significados diferentes a esse patrimônio, trabalhando as tensões daqueles que a significam como patrimônio do passado e lutam pela sua preservação e, por vezes, daqueles que a vêem como coisa velha e, portanto, não afinada com o “progresso”. Serviram como fonte de pesquisa os documentos produzidos pelos órgãos oficiais e os depoimentos orais de pessoas relacionadas à capela e ao bairro de São Miguel Paulista, bem como as diferentes produções desses sujeitos. Da interlocução destas ações e produções procuro entender o sentido histórico deste patrimônio cultural.

Palavras-Chave: memória; história oral; patrimônio; cidade; cultura.

ABSTRACT

In this research, I long to reflect about São Miguel Paulista district and its everyday happenings, especially those related to the presence of São Miguel Arcanjo chapel. This religious temple is considered one of the oldest of its type in the city of São Paulo, that preserves its original state. The São Miguel Paulista district, located in east side of town, was, in the early years of colony settlement, an indigenous site called Ururaí. The district occupation process is, therefore, linked to the foundation of São Paulo city, due to being a strategically well located place, favorable to Christian faith consolidation on Piratininga plateau, being for that, necessary the construction of a Chapel that would serve as an agglutination point for these Indians. The objective of this research is to analyze the social dynamism that were established and are still established around this cultural heritage and the actions that make possible its preservation, focusing especially the timing that comprehend the registration as listed building and the first restoration made by IPHAN (1939) and the registration as listed building made by Condephaat (1974), until the present days. Thus, public power actions were analyzed, mainly, those related to the registrations as listed building, restoration, and measures aimed to its protection and, yet, the participation of social individuals that interact with this heritage and that have experienced and still experience this moments and that have actions directed towards its preservation. On this way, I pursue to recognize the “São Miguel Arcanjo Chapel” as part of a social experience that involve interests and relations of power that give different meanings to this patrimony, analyzing the stress of those that perceive it as a heritage and fight for its preservation and, on the other hand, of those who see it as an “old thing” and, therefore, non-aligned with the “progress”. Served as source of research the documents produced by official government agencies and oral testimony of people having relations with the Chapel and São Miguel district, as well as the different outputs of these individuals, pursuing to understand the historical role of this cultural heritage.

Key-words: Memory, patrimony, oral history, culture, town.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....		14
CAPÍTULO I UM URURAI QUE ATRAVESSOU OS SÉCULOS... ..		37
1.1	São Miguel Paulista, um fragmento da cidade	38
1.2	Um bairro distante, uma origem remota	57
1.3.	Rumo a São Miguel: o bairro na década de 30	64
1.3.1.	Da Igreja à Capela.....	78
CAPÍTULO II TEMPOS, ESPAÇOS E MEMÓRIAS: histórias de São Miguel		88
2.1.	Descortinando outras cenas	90
2.1.1.	A Capela restaurada... uma delícia	90
2.2.	Desvendando outras práticas	107
2.2.1.	Movimento Popular de Arte	107
2.2.2.	A mesma praça: Padre Aleixo Monteiro Mafra X Praça do Forró	115
2.2.3.	Câmara Distrital (Simbólica) de São Miguel Paulista	134
2.2.4.	Vinha gente de todo lugar, né... ..	142
CAPÍTULO III UM EXERCÍCIO DO OLHAR: produtos que evocam a Capela		158
3.1.	Um filatelista persistente	159
3.2.	Entre dois amores: São Miguel Paulista e Brunhozinho	175
3.2.1.	“Outras memórias... outras histórias” de São Miguel e da Capela	186
3.2.1.1.	“Escola de Samba Unidos de São Miguel”	186

3.2.1.2.	A Insígnia do 29º Batalhão da Polícia Militar	200
3.2.1.3.	Grupo Escoteiro “Padre Aleixo”	205
3.2.1.4.	“Mania de Pintar Telas”	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS		221
FONTES ORAIS		225
PALESTRAS GRAVADAS E DIGITALIZADAS		230
OUTRAS FONTES		231
BIBLIOGRAFIA		235

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 01	Capela de São Miguel Arcanjo: Patrimônio Histórico – 1622, estampada no convite de lançamento do bloco filatélico – 2004.....	13
Figura 02	Localização do bairro de São Miguel Paulista	15
Figura 03	Maquete da Capela de São Miguel Arcanjo elaborada pelo Sr. Jesuíno Braga....	45
Figura 04	Exterior da Capela – foto de 1941 – Acervo Unicsul	65
Figura 05	Símbolo do Rotary Club, criado em 1967 por José Caldini Filho.....	147
Figura 06	São Miguel Paulista, 1938 – Acervo Unicsul.....	151
Figura 07	Folder da programação de comemoração dos 382 anos de São Miguel Paulista – 2004.....	155
Figura 08	Carimbo comemorativo emitido pela ECT -2003.....	166
Figura 09	Bloco Comemorativo emitido pela ECT – Edital 1 – 2004.....	171
Figura 10	Estampa da Capela no bilhete da Loteria Federal – extração de 23/09/2000.....	173
Figura 11	Cartão telefônico com a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo - Grupo Telefônica no Brasil – 2004.....	174
Figura 12	Embalagem da caixa de leite tipo longa vida do laticínio “GEGE”.....	178
Figura 13	Imagem da Capela como logomarca “Acontece Agora”.....	185
Figura 14	Pavilhão da Escola de Samba “Unidos de São Miguel”.....	193
Figura 15	Insígnia do 29º BPM/M – São Miguel Paulista.....	201
Figura 16	Estampa alusiva ao 1º aniversário do Grupo Escoteiro Padre Aleixo	205
Figura 17	Reprodução da obra “Capela de São Miguel Arcanjo” de autoria da artista plástica Adinéia Batatinha dos Santos.....	216

SÃO MIGUEL PAULISTA – CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO – interfaces das memórias do patrimônio cultural

“... há que se reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices de um tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir”.

Mário de Andrade



Figura 1 – Capela de São Miguel Arcanjo: Patrimônio Histórico - 1622

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte.”
Ecléa Bosi

Partindo da região central para o lado leste da cidade de São Paulo, numa distância de aproximadamente vinte e cinco quilômetros, chega-se ao bairro de São Miguel Paulista. Em toda sua extensão, esse bairro parece multiplicar o seu repertório de imagens. São prédios de várias alturas, casas geminadas, quintais, movimento incontável de carros, lojas que expõem suas mercadorias, pessoas que compram, vendem, trabalham, estudam, transitam. Ao se adentrar nesse território¹ nada nos leva a pensar que este foi um dos primeiros bairros, local em que se iniciou a formação da cidade de São Paulo.

Ao observador atento porém, este local exporá territórios diferenciados², e um acontecer cotidiano pontuado de contradições. Na região central do bairro, em meio a um comércio acentuado, lojas que vendem produtos das mais variadas espécies, bares, restaurantes, igrejas evangélicas, instituições de atendimento à população, salões de beleza, clubes, estacionamentos, bancos, vendedores ambulantes, bancas de jornal; notar-se-á a presença de uma igreja, atualmente conhecida como “Capela de São Miguel Archanjo” que guarda as principais características da arquitetura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII³; um rastro do passado que expõe a origem colonial deste espaço urbano, modificado ao longo do tempo em função de interferências simultâneas ou não, de interesses diversos.

¹ Segundo Vidal, o território é um espaço construído por um ator individual ou coletivo em função de certos objetivos e a partir de uma representação do espaço terrestre... o território é produzido por um sistema cultural, vale dizer, que é a projeção de uma cultura sobre o espaço terrestre. VIDAL, Rodrigo. A cidade e seu território através do ordenamento urbano em Santiago do Chile in *Projeto História (14) Cultura e Representação*. São Paulo: PUC, fev.1997. p. 184.

² A representação coletiva de território não é a soma de representações individuais, nem tampouco a expressão de uma unanimidade, mas o resultado de uma seleção-exclusão de interesses dominantes ou majoritários a partir de uma diversidade de interesses. VIDAL, Rodrigo. *Op.cit.*, p.185.

³ Essas características, impropriamente chamadas de jesuíticas, existiam há muitos séculos na arquitetura ibérica, estando já cristalizadas antes da formação da nacionalidade portuguesa: nave única, abside retangular (isto é, capela-mor); recinto de transição entre exterior e interior (nártex, galilé, alpendre, etc.); aspecto externo severo e cobertura de duas águas, criando empena frontal. A esse programa básico, conforme a necessidade e os recursos disponíveis, eram acrescentados uma ou duas sacristias, por vezes um corredor lateral aberto ou fechado – no caso de São Miguel, o corredor está guarnecido por balaustres de madeira – e uma sineira, quase sempre tosca armação a sustentar o sino. SPHAN-Condephaat, *Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo*. São Paulo: SNM (Secretaria dos Negócios Metropolitanos), Emplasa (Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo), Sempla (Secretaria Municipal do Planejamento), 1984, p.161.

Assim, a pesquisa voltada para a “Capela de São Miguel Arcanjo” relaciona-se à inquietação provocada por sua presença solitária na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, em São Miguel Paulista, bairro da zona leste da cidade de São Paulo. “Presença solitária”, remanescente única de arquitetura colonial que se destaca em meio ao atual ambiente urbano que o e espaço evidencia.



Figura 2 – Localização do bairro de São Miguel Paulista na cidade de São Paulo.

Desse modo, a cidade “*tomando a forma que o olhar revelava*”⁴, da observação do espaço, onde velho e novo se confundem, muitas vezes despercebido e, em outras, ressaltado aos olhos de quem gosta e se interessa pela história dessa cidade, senti necessidade de refletir sobre o bairro de São Miguel Paulista e o seu cotidiano especialmente ligado à presença da Capela de São Miguel Arcanjo. Nessa perspectiva, entrei em contacto com aspectos de sua história, através de leituras e reflexões sobre os antecedentes históricos da aldeia de São Miguel de Ururá⁵; a geopolítica da Capitania de São Vicente; as ações jesuíticas e a fundação de São Miguel; as transformações de São Miguel na década de 30; além de bibliografia referente a esses temas.

Se as respostas sobre as origens da “*Capela de São Miguel Arcanjo*” que, segundo Stella, “*apresenta a simplicidade das formas das residências de fazenda e a austeridade de quem implacável ao tempo, resiste com a força de edificações conhecedoras de nobres materiais*”⁶, foram encontradas nesse diálogo com as publicações existentes sobre o assunto, a percepção dos vários tempos, impregnados na paisagem urbana, fez aflorar inquietação diferente e, inicialmente, me perguntava: Por que essa Capela, notadamente de origem colonial resistiu ao tempo? O que tornou possível sua travessia pelos séculos? Quais experiências sociais foram construídas no bairro, tomando a Capela como referência?

Dessa inquietação surgiu a necessidade de conhecer esse objeto, entender seus modos de expressão, seu sentido histórico e os significados e vivências que diferentes sujeitos atribuem à Capela de São Miguel Arcanjo e, construir um caminho para a investigação. Para a discussão destas questões, foram fundamentais as reflexões de Carlos⁷ sobre a prática sócio-espacial da cidade enquanto condição, meio e produto da ação humana, pelo seu uso ao longo do tempo, apontando a superação da idéia de cidade como simples localização de acontecimentos, para revelá-la como possibilidade sempre renovada de realização da vida. Nesta mesma perspectiva Fenelon ajuda a compreender que a constituição dos espaços e territórios urbanos são resultantes das relações sociais

⁴ LISPECTOR, Clarice, *apud* CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano – Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.p.35.

⁵ Segundo BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: 1970, a primeira referência nominal a São Miguel data de 1586, quando passa a figurar nos catálogos da Companhia de Jesus. A denominação de Ururá, em terras de São Paulo, correspondia à região que, começando pouco além da Penha, estendia-se pela margem esquerda do Tietê.p.22

⁶ STELLA, Roseli Santaella. *Anchieta:A contribuição canária na colonização paulista*, IX Colóquio de História Canário-Americana, Lãs Palmas, Casa Colón/Cabildo Insular de Gran Canária, v.I. 1992. p.700.

⁷ CARLOS, Ana Fani Alessandri, *O Espaço Urbano – Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7.

desenvolvidas na cidade, que acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade.⁸ Arantes também indica que, “as paisagens são criadas pela ação humana e, ao se tornarem referências de tempo-espaço para as ações e experiências compartilhadas, elas por sua vez realimentam o processo histórico”.⁹

Diante destas questões, a definição da temática para investigação começou, então, a se configurar: analisar como as dinâmicas sociais que se estabelecem em diferentes temporalidades e diferentes histórias se juntam em torno desse bem cultural. Busco, dessa forma, contextualizar o processo de ocupação do bairro e a presença da Capela como elemento aglutinador dessas ações sociais e ainda, compreender, a partir das experiências sociais das pessoas que se relacionam com a Capela de São Miguel Arcanjo, como os modos de vida foram forjados e alterados gradativamente a partir das relações cotidianas vivenciadas pelos moradores do bairro. Analiso as dinâmicas sociais que se deram a partir da Capela e do bairro contidas nas memórias e recompostas como lembranças de relações sociais experimentadas, legadas pelo viver e pela disputa de espaços sociais na cidade. Busco identificar as várias significações culturais por meio de rupturas, dissidências, diferenças, mudanças, permanências, que se realizaram e se realizam em torno desse bem cultural e do bairro de São Miguel Paulista.¹⁰

Nesse sentido, recorri a conversas com moradores da região e nos seus relatos, nas suas narrativas pude apreender dimensões dessa problemática que é ter essa Capela como referência cultural, como patrimônio histórico e como afirmação de determinados modos de vida na cidade. Para isso foi necessário compreender, que na cidade convivem diversas temporalidades marcadas pelas dinâmicas sociais nas quais a rua, a praça, o bairro estão cheios de lembranças e memórias resultantes da experiência humana.

Ao incluir a produção social da memória e todas as maneiras pelas quais um sentido do passado é construído, tive que perceber, que nelas todos participam, embora de maneira desigual e que as experiências relatadas são significativas para entendermos como os sujeitos se constroem historicamente e vão ao encontro do proposto por Thompson, que considera a “experiência” como “sistemas densos, complexos e

⁸ FENELON, Déa Ribeiro (org.) *Cidades*. PUC-SP. Programa de Estudos Pós Graduated em História. São Paulo: Olho D’Água, 1999. p.6.

⁹ ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas – Transformações do Espaço Público*. Campinas: Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p.84.

¹⁰ Nesse sentido, o proposto é ter a memória popular como objeto de estudo, ampliar o que se entende por “escrita da História”, ou seja, especialmente da produção histórica para além dos limites da escrita da história acadêmica. Grupo de Memória Popular. *Memória Popular: teoria, política, método* in: *Muitas memórias, outras histórias*. FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs). São Paulo: Editora Olho D’Água, 2000, p.282.

elaborados, pelos quais a vida familiar e social é estruturada e a consciência social encontra realização e expressão criticando, dessa forma, uma abordagem estruturalista dos processos históricos”.¹¹

Configurada a problemática, foi necessário compreender que os segmentos têm suas memórias urbanas e deixam cotidianamente marcas que elucidam de que forma, em seu dia-a-dia, construíram e estabeleceram seu modo de vida na cidade. Assim, a cidade é vista como um espaço plural, marcado por atuações diversas, não podendo ser confundida com um espaço homogêneo e harmonioso. Foi necessário, ainda, entender como estes espaços são produzidos e quais os seus mecanismos de preservação e de destruição. Nesse sentido, o patrimônio urbano¹² entendido como um conjunto de bens, edifícios, paisagens e objetos produzidos e apropriados em função de seu valor social, é selecionado dentre os objetos que o compõe em face da carga de significado social que possui. Cada bem cultural é um fragmento da memória social que identifica a história vivida pela cidade. Então, a leitura possível da região de São Miguel Paulista deve possibilitar aos seus moradores a imagem clara daquilo que efetivamente pode compor os fragmentos de sua história.

Como outras partes da cidade de São Paulo, a região de São Miguel Paulista evidencia os problemas e as potencialidades colocados pela preservação do patrimônio cultural¹³ e sua relação com o processo de desenvolvimento urbano. Essa complicada dinâmica entre preservação e urbanismo continua a ser uma questão de difícil solução em nossas cidades da qual bairro de São Miguel Paulista não escapa. Nesse espaço urbano, sobrepõem-se e justapõem-se as marcas do período colonial brasileiro; dos primórdios da industrialização na cidade de São Paulo, “uma metrópole que não pode parar”; do

¹¹ THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.p.188-189.

¹² Segundo Fonseca, a constituição de patrimônios históricos e artísticos nacionais é uma prática característica dos Estados modernos que, através de determinados agentes, recrutados entre os intelectuais, e com base em instrumentos jurídicos específicos, delimitam um conjunto de bens no espaço público. Pelo valor que lhes é atribuído, enquanto manifestações culturais e enquanto símbolos da nação, esses bens passam a ser merecedores de proteção, visando à sua transmissão para as gerações futuras. FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC-Iphan, 2005, p. 21.

¹³ Verifica-se uma passagem da visão reducionista que enfatizava a noção de patrimônio nos aspectos históricos consagrados por uma historiografia “oficial”, centrada em episódios bélicos e figuras paradigmáticas – quando não em recortes arbitrários – foi-se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que inclui o “cultural” incorporado ao “histórico” as dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos não-tangíveis. Conforme GUTIERREZ, Ramón. História, Memória e Comunidade: o direito ao patrimônio construído, in *O Direito à Memória –Patrimônio Histórico e Cidadania*. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo, DPH, 1992, p.121.

movimento migratório para a região sudeste brasileira e de um período contemporâneo que caminha para uma cidade prestadora de serviços.

Não pretendo, portanto, pesquisar a Capela de São Miguel Arcanjo como um documento congelado no passado, mas refletir sobre como ela é significada no presente por sujeitos diferenciados, indo além da reflexão sobre seu papel em tempos remotos, entendendo que o reconhecimento do passado e do presente, também é produzido na vida cotidiana. Como historiadora engajada nas questões que privilegiam uma abordagem social da História, concordo com Pollak quando afirma que analisar a interlocução dessas ações no presente e os rastros deixados pelos seus agentes dá credibilidade à reinterpretação do passado e sentido de identidade individual e do grupo. Para Pollak, “o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende de coerência de discursos sucessivos”¹⁴.

As pesquisas realizadas e o envolvimento com os sujeitos que atuam nas dinâmicas sociais referentes à Capela de São Miguel Arcanjo apontam para possibilidades de estudos e ações que permitem caracterizá-la como um patrimônio múltiplo e, ao mesmo tempo, singular por apresentar esta heterogeneidade de universos que possibilita encontrar uma pluralidade de significados de aspectos da história da ocupação do Brasil Colonial e da formação da cidade de São Paulo. Sua arquitetura alpendrada permite estudos sobre as construções espanholas e portuguesas como indicam Amaral¹⁵ e Freyre¹⁶ e da arte barroca do século XVII, da qual a Capela é representante pelos seus entalhes, sua mesa de comunhão e sua pia batismal. Sua característica multidisciplinar permite ao pesquisador circular pelos vários aspectos do conhecimento e da experiência humana.

Dentro da multiplicidade de significados que permite várias interpretações, há a singularidade de um patrimônio único, um dos poucos representantes desse período de formação do Brasil e da cidade de São Paulo, que conserva ainda hoje suas funções primeiras, ou seja, é um templo religioso, que até o início de obras de restauração¹⁷,

¹⁴ POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989, p.10.

¹⁵ AMARAL, Aracy A. *A Hispanidade em São Paulo – da casa rural à Capela de Santo Antonio*. São Paulo: Nobel, 1981.

¹⁶ Sobre o assunto, FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 2001. p. 50, discutindo a arquitetura jesuítica e de igreja do Brasil colonial, afirma: “Se a casa-grande absorveu das igrejas e conventos valores e recursos de técnica, também as igrejas assimilaram caracteres da casa-grande... Nada mais interessante que certas igrejas no interior do Brasil com alpendre na frente ou dos lados como qualquer casa de residência. Conheço várias – em Pernambuco, na Paraíba, em São Paulo. Bem característica é a de São Roque de Serinhaém. Ainda mais: a capela do engenho de Caieiras, em Sergipe, cuja fisionomia é inteiramente doméstica. E em São Paulo, a igreja de São Miguel, ainda dos tempos coloniais”.

¹⁷ O projeto de restauração da Capela de São Miguel Arcanjo foi lançado em 2005 e iniciado em 2006. Sobre o assunto, ver Capítulo II – Tempos, Espaços e Memórias: histórias de São Miguel.

iniciada em 2006, esteve aberta ao público diariamente para visitação e oração e onde se realizavam celebrações litúrgicas, como missas e casamentos. Conseguiu atravessar quase quatro séculos da cidade de São Paulo¹⁸, que se transforma a cada momento, cria e recria seus espaços, numa dinamicidade própria das megalópoles¹⁹. Dos rastros deixados pelo passado no espaço urbano ela, a Capela, está ali, diferenciada, singular. Constitui-se em elo entre um passado relativamente próximo, exaltado, descrito como glorioso, mas nem sempre preservado e respeitado e num presente que guarda traços de permanências e transformações constantes.

Todos esses aspectos fazem sentido pelos diferentes sujeitos que compõem a história dessa Capela e, ao mesmo tempo, da localidade na qual está situada, o bairro de São Miguel Paulista, na cidade de São Paulo.

Assim, apresentarei esse patrimônio “múltiplo e singular” de maneira especial. Pretendo percorrer um caminho diferente daqueles até então trilhado nas várias abordagens sobre ele. Analisarei as mesmas experiências, os mesmos momentos, os mesmos locais, porém percebidos e comunicados sob outra ótica. Nas pequenas cenas do cotidiano, despercebidas muitas vezes, reconhecerei as práticas e construções de diferentes sujeitos e por meio de suas ações, de seus olhares, apontarei o inusitado, tornando-o visível. Busco identificar seus diferentes usos e trabalhar as tensões daqueles que a significam como patrimônio do passado e lutam pela sua preservação e, por vezes, daqueles que a vêem como coisa velha, não afinada com o “progresso”.

Este trabalho pretende ir além das questões que privilegiam aspectos da ocupação, bem como da formação da aldeia de São Miguel de Ururá e da construção da Capela, não por considerá-los irrelevantes, mas por entender que outras questões ainda não estudadas, evidenciam a Capela como parte de uma experiência social; que envolvem interesses e relações de poder e que dão significados diferentes àquele patrimônio do bairro. Não

¹⁸ A Capela de São Miguel traz gravada na verga de sua porta principal a data de 18 de julho de 1622, aceita como a de sua consagração. Assim sendo, ela deve substituir outra mais antiga, pois o aldeamento para o qual foi construída remonta à segunda metade do século XVI. Sua construção é atribuída a Fernão Munhoz, o que é comprovado pelo próprio testamento do bandeirante. SPHAN-Condephaat, Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo: SNM (Secretaria dos Negócios Metropolitanos), Emplasa (Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo), Sempla (Secretaria Municipal do Planejamento), 1984, p.161.

¹⁹ Raquel Rolnik discute a questão da transformação da cidade de São Paulo no final do século 20, como a cidade que parece não caber mais na imagem que tem de si mesma. Nem gigante industrial nem cidade que mais cresce no mundo – a cidade vem perdendo empregos industriais e se terceirizando, ou seja, transformando-se em um centro comercial e de serviços altamente diversificado e sofisticado. (...) novas formas de organização espacial, como *shopping centers* e centros empresariais, contestam a lógica de uma estrutura territorial pré-eletrônica. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Fapesp, 2003. p. 208-209.

pretendo, abordar uma história linear que evidencia a experiência indígena ou aspectos arquitetônicos que justificam sua preservação e sim apontar as experiências sociais diversas, de sujeitos que se relacionam com a Capela e com o bairro de São Miguel Paulista e os diferentes usos que estes fazem dela, atribuindo-lhe valores também diferenciados, numa perspectiva de tornar explícitas formas de expressão que trazem à tona as tradições²⁰ e os modos de interpretar as mudanças históricas da região, reorganizadas em diferentes temporalidades.

A Capela de São Miguel Arcaño, refletida nas memórias dos sujeitos, representa a questão fundamental da pesquisa, que dá grande importância à História Oral, desde a produção das entrevistas e suas transcrições até a difícil tarefa de problematizá-las e interpretá-las como metodologia de trabalho. Para Portelli, o “único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor”. O autor considera que, as fontes orais:

...contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. [...] elas se tornam únicas e necessárias por causa do seu enredo – o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la. A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história.²¹

Estas reflexões me fizeram trilhar um caminho mais específico no tocante à apreensão dos modos de vida dessas pessoas, voltando a atenção desse estudo não apenas para o passado, mas para a relação passado-presente, considerando a memória popular como prática política do presente, lugar em que o passado encontra esta existência ativa. Dessa forma, procurei perceber na relação entre história e política, bem como na relação presente e passado, os usos das memórias nas práticas e experiências sociais vividas, na tentativa de explicá-las no movimento da História em constante transformação.

Nesse sentido, realizei diversas entrevistas com pessoas que viveram no bairro na década de 30, período importante para a pesquisa porque foi a época da criação SPHAN

²⁰ Grupo de Memória Popular. Memória Popular: teoria, política, método in: *Muitas memórias, outras histórias*. FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs). São Paulo: Editora Olho D'Água, 2000, p.286. Para o Grupo de Memória Popular, o significado político da história pode ser clareado se o compararmos com algumas abordagens. Uma delas é a construção de tradições que é uma maneira pela qual o argumento histórico funciona como força política, embora arrisque um certo conservadorismo; da mesma forma, a análise adequada das relações contemporâneas de força política deve resgatar épocas históricas mais ou menos distantes; deve também compreender os limites e as possibilidades mais amplos de uma época, no que diz respeito a uma história mais abrangente das estruturas capitalistas e patriarcais.

²¹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: *Projeto História*, 14. São Paulo: PUC, 1981, p. 31.

(Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e que também ocorreram o tombamento e a restauração da Capela²². Além disso, nessa década, o bairro de São Miguel Paulista passou por transformações sociais e econômicas, com instalação de indústrias na região e grande afluxo de pessoas vindas de outros locais à procura de trabalho e moradia. Algumas dessas pessoas, com mais de setenta anos de idade, foram entrevistadas com o intuito de revelar como é interpretado por elas, o bairro no presente. As diferentes experiências de vida desses sujeitos, quando somadas aos embates cotidianos, propiciaram a compreensão dos elementos constituintes da construção do bairro de São Miguel Paulista atualmente. Com isso, buscando visualizar o cotidiano dos moradores do bairro senti necessidade de ampliar o leque de depoentes para melhor compreender os valores atribuídos ao bairro e à Capela e também para identificar como esses moradores se relacionam com outros segmentos sociais na cidade.

Ao buscar as pessoas que vivem em São Miguel Paulista desde a década de 30, priorizei em princípio, por moradores considerados mais antigos de São Miguel, que vivenciaram as transformações pelas quais passaram o bairro e, conseqüentemente, a Capela de São Miguel Arcanjo, desde aquela época. Ao procurar contato com moradores de São Miguel numa visita à Capela conheci João Feher, segurança da mesma, nascido em 1939, em São Paulo (SP), morador em São Miguel Paulista desde o nascimento. A segurança da Capela era mantida pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul) e João Feher foi contratado pela universidade para exercer esta função de 1995 até 2006, ano em que foi dispensado em virtude do início das obras de restauração gerenciada pela Formate²³. Seu depoimento é valioso por sua grande relação afetiva com a Capela de São Miguel Arcanjo. Relata acontecimentos ligados a ela, além de ter efetuado no período em que foi segurança, várias ações no sentido de preservá-la e divulgá-la. Foi o Sr. João quem ofereceu as primeiras indicações de pessoas que poderiam contribuir para a pesquisa.

Um outro depoente, nascido em 1930, no bairro de Perdizes (SP), morador em São Miguel desde 1934, é Jesuíno Braga. Indicado por João Feher e conhecido por meio de uma reportagem do Jornal “MetrôNews” com o título: “Artesão mostra seu amor por São

²²A Capela de São Miguel Arcanjo foi um dos primeiros bens tombados pelo SPHAN, logo após sua criação em 1937. e foi restaurada entre os anos de 1939 e 1940, restauração dirigida pelo Arquiteto Luís Saia, diretor regional do SPHAN em São Paulo.

²³ A empresa “FORMATE – Projetos, Produção & Assessoria”, atua no gerenciamento de projetos, restauro de bens imóveis, e integrados. Na elaboração do projeto, inicialmente, faz pesquisa histórica e iconografia do tema proposto. Em seguida, formatação e orçamento do projeto para aprovação no Ministério da Cultura.

Miguel”.²⁴ Jesuíno morou nas proximidades da Capela quando ela era ainda a “Igreja” do bairro. Vivenciou experiências no bairro e na Capela à época do tombamento pelo SPHAN em 1937. É um artesão que procura destacar aspectos da Capela de São Miguel Arcanjo rememorando através de suas maquete e esculturas, o que imagina ter sido a Capela na década de 30. Evidencia seus ornamentos, suas imagens, esculpindo-as em madeira recolhidas das árvores que se encontram na região e que por algum motivo foram derrubadas. Aproveitou-se da madeira de uma figueira que “pra mim era a árvore mais antiga de São Miguel”²⁵ em que brincava sob sua sombra quando criança e que um “noroeste que passou por aqui derrubou”²⁶ para fazer a imagem de “São Miguel Arcanjo do Século XVIII”²⁷. É um depoente especial pelo envolvimento com as questões relacionadas ao bairro e à Capela de São Miguel Arcanjo e por demonstrar ativamente ações junto aos órgãos competentes do poder público, para que suas reivindicações sejam ouvidas e atendidas.

Por meio do Sr. Jesuíno conheci dona Lyris Rodrigues Ruott, nascida em São Miguel Paulista (SP) em 1912, que relembrou experiências do século passado, relacionadas a São Miguel Paulista, com à Capela e à sua vida pessoal. Foi batizada, casou-se e participou do coral e de outras atividades na Capela, quando ainda não existia a Catedral de São Miguel Arcanjo. Infelizmente, não poderá mais relatar suas experiências porque nos deixou no dia 16/02/2007.

Um outro depoente, José Caldini Filho, forneceu relatos importantes sobre a constituição do bairro de São Miguel Paulista. Nascido em 1927 na cidade de Votorantin (SP), veio para São Miguel Paulista com sua família em 1935. Participou da fundação do Rotary Club de São Miguel Paulista; criou o símbolo do clube, nele introduzindo a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo; participou da organização do primeiro desfile comemorativo do aniversário de São Miguel. Conhecedor da história do bairro e possuidor de fotografias e documentos, registra o cotidiano do bairro em diferentes ocasiões.

No percurso do caminho da escuta dos moradores antigos do bairro fui descobrindo outros sujeitos, com experiências diversas, que contribuíram para a construção da pesquisa.

²⁴ O Jornal “MetrôNews” circula semanalmente há 29 anos, com distribuição gratuita nas estações do Metrô de São Paulo, com tiragem de 120 mil exemplares. Reportagem do dia 12 de junho de 2004.

²⁵ Sr. Jesuíno em depoimento concedido à pesquisadora em 22/07/2004, nascido em São Paulo em 1930 e morador em São Miguel Paulista desde 1934, quando do início da construção da Companhia Nitro Química Brasileira. Em 1937, aos sete anos ele e sua família já moravam atrás da Capela de São Miguel Arcanjo.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

Poeta, advogado, professor de Esperanto, este outro depoente é Osvaldo Pires Holanda, 84 anos. Nascido em Acopiara (CE) em 1923, veio para São Miguel como migrante em 1945. Trabalhou na Companhia Nitro Química Brasileira e participou ativamente do “Movimento Popular Autonomista” (MPA) em 1962, que propunha a emancipação política de São Miguel Paulista, daí sua importância nesta pesquisa.

Tereza Pilon, é também, uma depoente bastante significativa, conhecida por indicação do Pe. Nubio ex-vigário da Catedral de São Miguel Arcanjo. Nascida em Quatá (SP) em 1930, moradora no bairro desde 1948, é viúva, trabalhou na Nitro Química e sempre frequentou a Capela de São Miguel Arcanjo, participando das atividades de arrecadação de fundos para a construção da nova Igreja. Conviveu com o Pe. Aleixo Monteiro Mafra, sendo por muitos anos secretária da “Pia União das Filhas de Maria” da Paróquia de São Miguel Arcanjo.

Nesta busca, inerente à pesquisa, deparei-me com José Vitorino dos Santos, morador do Jardim São Vicente, como corretor de imóveis como ele mesmo disse “*pra não ficar parado*”. É conhecido por “Compadre”, nasceu em Barbalha (CE), em 1927. É viúvo, tem dois filhos, netos, bisnetos e tataranetos. É aposentado pela Nitro Química, local onde trabalhou por 29 anos. Foi um dos primeiros moradores do Jardim São Vicente e conta como era o bairro quando ele veio morar no local (onde mora até hoje) e fez “*seu barraquinho*”. Pela sua fala, pude visualizar sua vinda para São Miguel Paulista, as transformações ocorridas no local e suas experiências em “construir sua casa”, criar os filhos, trabalhar na Nitro Química e na imobiliária em que atua há 23 anos.

Nestas mesmas condições, gravaram depoimentos José Luiz de Souza, barbeiro em São Miguel e Araújo que conserta máquinas de costura e frequenta a barbearia de José Luiz de Souza. Intercalaram suas falas, dando opiniões, relatando experiências. José Luiz de Souza veio para São Miguel Paulista em 1950, nascido em Irecê (BA), trabalhou como servente de pedreiro e relata sua experiência ao chegar em São Paulo. Atualmente, possui uma barbearia no centro do São Miguel Paulista e atende à clientela do bairro além dos padres e do bispo da Diocese de São Miguel Arcanjo. Sua barbearia é um ponto de encontro, onde algumas pessoas têm paradeiro para conversar e trocar idéias. O outro depoente, José Antonio de Araújo, nascido em 1932 em Três Pontas (MG), veio para São Paulo em 1950 com dezessete anos. Após dois anos, chegou em São Miguel Paulista por ter comprado a “Alfaiataria Ivani” depois tornada “Alfaiataria Araújo”. Relata as mudanças pelas quais o bairro foi passando e as transformações sociais, inclusive no

“modo de se vestir”. Atualmente tem uma oficina de consertos de máquina de costura e comparece, diariamente, na barbearia do “Souza” para “bater um papo”.

Para completar este círculo de pessoas que vivenciaram as experiências sociais do bairro no período, colhi depoimento de Albertino Nobre, vereador da cidade de São Paulo entre os anos de 1982 e 1992. Morador em São Miguel desde 1948, para onde veio como migrante da região de Senhor do Bonfim (BA), trabalhou na Nitro Química por 32 anos e sempre esteve envolvido com as atividades religiosas do bairro, com as transformações e com reivindicações dos moradores.

Diante dessa diversidade, percebi que apenas depoimentos de moradores antigos não forneciam elementos para a percepção da complexidade das relações que envolvem a Capela e o bairro e senti necessidade de ampliar o leque de depoentes, abrangendo outros segmentos da população, pessoas mais jovens, que poderiam explicitar outros tipos de experiências e outros valores. Dessa forma, colhi depoimentos de freqüentadores da Capela; usuários da praça que está no seu entorno; moradores mais recentes de São Miguel Paulista e, às vezes, filhos dos “mais antigos” do lugar; migrantes ou descendentes que moram no bairro; membros da Diocese de São Miguel Paulista; empresários; comerciantes e artistas.

Dentre esses depoentes, merece destaque o Padre Antonio Luiz Marchioni (Pe. Ticão), nascido em Urupês (SP), em 1952, pároco da Igreja São Francisco de Assis em Ermelino Matarazzo, há 21 anos dedicando-se à Pastoral Social na defesa dos direitos dos mais pobres, à luta pela moradia, à defesa dos direitos dos deficientes e idosos, à luta por unidades básicas de saúde. Liderou movimentos para a implantação da Faculdade de Tecnologia (Fatec) e do campus da Universidade de São Paulo (USP-LESTE) para essa região. Um outro morador de São Miguel Paulista, Ronaldo Araújo Calixto, nascido no bairro em 1956, visitante da Capela, permitiu que eu gravasse seu depoimento num encontro casual. Exerce a profissão de vendedor, conheceu o Pe. Aleixo, freqüentou e freqüenta a Capela e estava lá nesse dia porque foi levar seu filho para visitá-la.

As entrevistas foram realizadas na própria Capela (quando houve possibilidade) ou nas residências dos moradores, especificamente em São Miguel Paulista, Jardim Helena e Vila Jacuí, bairros que formam o distrito de São Miguel Paulista. Nelas busquei conhecer aspectos da vida desses sujeitos: onde moravam, de onde vieram, como interpretam suas experiências no bairro em tempos pretéritos, o que lembravam, como eram as formas de organização social em determinados momentos, enfim, busquei o entendimento de como

viveram as experiências sociais relacionadas ao bairro, à Capela de São Miguel Arcanjo e quais os sentidos atribuídos a esse bem cultural.

O uso das fontes orais como metodologia de pesquisa depende de métodos próprios e específicos na produção e análise de documentos e de uma relação constante entre entrevistador e entrevistado que podem, às vezes, inverter seus papéis. Nesse sentido, as entrevistas representaram uma troca de experiências, aspirações, confianças e desconfianças, apesar de almejar a igualdade entre entrevistador e entrevistado para evitar manipulações e distorções, isso nem sempre foi possível. Segundo Portelli ²⁸, essa relação depende mais da confiança e segurança do entrevistado do que da vontade do entrevistador.

Ao emergirem as memórias de segmentos que participaram da construção dessa história procurei interpretar o sentido das produções sobre a Capela, tornando públicas formas de expressão confinadas ao silêncio. Embora a história oral seja fonte imprescindível não pode ser pensada como auto-suficiente. A força da narrativa na recuperação e preservação da memória promove o diálogo entre as experiências; busca apreender seus significados e reavaliar comportamentos; reconstrói seu modo de vida; relata ou organiza registros e ordena vestígios, o que possibilita a sua releitura; cria, portanto, fontes históricas, que promovem a “abertura” de perspectivas para novas significações.

Os relatos partiram da experiência do narrador, sem um roteiro previamente organizado, respeitando o que se queria rememorar naquele momento, porque para o pesquisador, o importante é valorizar o que aparentemente não tem importância, como fonte de pesquisa. A espontaneidade dos relatos possibilitou desvendar e expressou as relações sociais, experiências, contradições e ambigüidades dos sujeitos envolvidos na experiência.

Trazer à tona o rico e diversificado conjunto de materiais produzidos pelos sujeitos sociais que se envolveram ou se envolvem com a Capela de São Miguel Arcanjo possibilitou uma análise criteriosa das fontes e, nesta perspectiva, sob os diferentes relatos que fazem parte dessa história, fui descobrindo nas recordações e imagens por vezes apagadas, as ações e os sentidos dados a esse bem cultural e ao lugar que ele ocupa. Por intermédio da interpretação afetiva, muitas vezes saudosa, das experiências cotidianas dessas pessoas pude problematizar as experiências e os significados atribuídos à Capela de

²⁸ PORTELLI, Alessandro. Formas e significado da história oral. *Projeto História n.º. 14*. São Paulo: PUC, 1997, p.09.

São Miguel Arcanjo, bem como a lugares, imagens e sons que trazem representações fragmentadas como suporte de memórias diferentes.

A Capela de São Miguel Arcanjo é um “patrimônio cultural” preservado dentre tantos outros monumentos existentes na cidade de São Paulo, fadados à destruição da qual foi alvo a cidade nas primeiras décadas do século XX, como escrevem Saia e Pires:

A partir de meados do século XIX a cidade passa por intensas transformações e despontam, ainda que timidamente, as chaminés das primeiras fábricas localizadas próximas às várzeas ribeirinhas. Juntamente com a alta torre do segundo edifício da Estação da Luz (1900), podem ser consideradas as primeiras intromissões “leigas” a marcar o perfil paulistano, dominado até então somente pelas igrejas.

Além de alterarem o ambiente urbano, essas novas construções anunciavam novos ritos e poderes, temporais e espirituais, e uma nova e avassaladora forma de viver e de organização social: a industrialização, o crescimento e as transformações urbanas, o comércio e o consumo modernos.

As velhas igrejas foram atingidas por esse processo, algumas demolidas, outras substituídas por templos maiores e modernos, poucas resistiram com suas feições originais.”²⁹

Os autores permitem refletir sobre como as igrejas e as indústrias tornaram-se referências culturais na cidade de São Paulo. No caso da região de São Miguel Paulista, as ações estavam aglutinadas em torno da Capela de São Miguel Arcanjo até a instalação de indústrias no bairro, que a partir daí, se tornam também, referências culturais, que aos poucos transformam o viver urbano, trazendo para o bairro novos moradores, novas experiências e novos modos de expressão.

A Capela de São Miguel é um monumento cultural que permite perceber várias formas de atuação da sociedade civil em ações locais, demonstrando as relações de forças que se estabelecem em torno desse bem. Da análise dessas ações e das condições de produção é possível interpretar como se dão as relações entre memórias e identidades³⁰, no sentido de experiências comuns, compartilhadas entre os sujeitos sociais envolvidos e emergem experiências sociais concretas forjadas a partir das vivências em torno da Capela de São Miguel Arcanjo, evidenciadas por várias formas de atuação, que tentam garantir a preservação da Capela para as gerações futuras.

²⁹ SAIA, Helena e PIRES, Walter. *Da Capela à Metrópole*. São Paulo: ImagemData, 1997, p.10.

³⁰ Hall, discute a questão da identidade como um sistema de significação e representação cultural que se multiplicam e, portanto, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. E ainda, Silva discute que no trabalho com memórias, no esforço de analisá-las e interpretá-las não se pode perder de vista suas especificidades, sua seletividade e a forma como são compostas por cada sujeito [...] as memórias ganham novo sentido cada vez que são narradas, pois a experiência faz-se presente na interpretação que o narrador faz do passado. SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Algumas experiências no diálogo com memórias. In FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs). *Muitas memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D’Água, 2004, p.192.

Uma das iniciativas existentes sobre a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo é a proposta de sua restauração, apresentada em 2001.

O projeto de restauração arquitetônica da Capela, lançado em 2005, conta com o apoio da Petrobrás, Grupo Votorantin e Banco Itaú que, juntos, disponibilizam o aporte de R\$ 3,1 milhões, via Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet)³¹. A entidade civil “Associação Cultural Beato José de Anchieta”³² é responsável pelo projeto, com a direção do Vigário Episcopal de São Miguel Paulista Pe. Dr. Geraldo Antônio Rodrigues³³.

Os membros da “Associação Cultural Beato José de Anchieta” também ofereceram contribuições importantes sobre as propostas de restauro. Desse modo, entrei em contato com o Pe. Geraldo Antonio Rodrigues, responsável pela direção do projeto e com Roseli Santaella Stela pesquisadora da documentação para elaboração do projeto de restauro que está acontecendo atualmente.

As pesquisas sobre os movimentos sociais que reiteram a preservação desse bem cultural demonstram a existência de várias pessoas preocupadas com essa finalidade. Lutam para perpetuar a sua memória; possuem arquivos pessoais que guardam a história de acontecimentos relacionados à Capela; discutem o uso do espaço público de localização da Capela; entrelaçam histórias de vida relacionadas ao passado do bairro; registram seus significados por assinaturas, escritos, eventos, réplicas, reproduções, fotografias, pinturas, maquetes, vídeos-depoimento, publicações e outras formas de lembrar e perpetuar a história desse bem; estabelecem ações visando a restauração pela qual passa a Capela de São Miguel Arcanjo no momento³⁴ que poderá garantir sua preservação para as gerações futuras. Um elemento diferenciador da pesquisa é justamente pensar nos sujeitos sociais partindo de suas lembranças e produções, em seu dia-a-dia, revelando outras faces, percebendo este narrador anônimo, excluído da historiografia oficial; registrando suas

³¹ Lei Rouanet (Lei 8313/91) Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura” (PRONAC), cuja finalidade é canalizar recursos para os projetos culturais. (WWW.cultura.gov.br/corpo.php)

³² A “Associação Cultural Beato José de Anchieta” (ACBJA) de caráter filantrópico e cultural tem como objetivo incentivar e promover estudos, pesquisas e trabalhos de preservação sobre o patrimônio histórico da Diocese de São Miguel Paulista e sobre a obra do Beato José de Anchieta. A ACBJA atua em nome da Diocese de São Miguel Paulista nas seguintes áreas culturais: Projeto de Restauro, Projeto de Artes Cênicas e organização do Arquivo Diocesano e do Museu Diocesano D.Fernando Legal.

³³ A Diocese de São Miguel Paulista foi criada pelo Papa João Paulo II, com a bula *Constat Metropolitanam Ecclesium* de 15/03/1989, desmembrada da Arquidiocese de São Paulo. O Bispo Diocesano atual é Dom Fernando legal, SDB e a Região Episcopal de São Miguel tem como Vigário Episcopal o Pe. Geraldo Antonio Rodrigues.

³⁴ A Capela de São Miguel Arcanjo foi restaurada entre os anos de 1939 e 1940, restauração dirigida pelo Arquiteto Luís Saia, diretor regional do SPHAN em São Paulo e está em processo de restauração iniciado em 2006.

histórias, suas experiências; seguindo um movimento que sai do presente, vai para o passado e volta para o presente.

Outros depoentes foram também importantes na pesquisa, pelas suas produções sobre a Capela, como a artista plástica Adinéia Batatinha dos Santos, autora da obra “A Capela de São Miguel Arcanjo”, doada ao acervo artístico do Palácio Nove de Julho da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo e o ex-sacerdote da Igreja Católica, Aristides Pimentel, morador em São Miguel onde foi vigário-auxiliar da Diocese de São Miguel. Confecciona réplicas da Capela em gesso e resina e está escrevendo a cronologia histórica do bairro de São Miguel Paulista, baseado na obra de Sylvio Bomtempi³⁵ e atualizada conforme sua experiência.

A empresa “Usina de Beneficiamento Laticínios GEGÊ” e o jornal “Acontece Agora” utilizam a estampa da Capela em seus produtos. Domingos Pantaleão, gerente da empresa e residente em São Miguel desde 1961 e Divaldo Rosa, proprietário da “Acontece Agora Empresa Jornalística Ltda”, deram seus depoimentos para a busca do entendimento sobre os motivos dessas ações.

Um outro depoente, fundamental na pesquisa, é Eurico dos Santos, nascido em São Miguel em 1944. É filatelista e tomou a iniciativa em julho de 1993 de propor à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) a emissão de um selo com a estampa da “Capela de São Miguel Arcanjo” e só viu seu intento realizado após onze anos. No ano de 2003, foi lançado um “Carimbo Comemorativo” da ECT, em comemoração aos 381 anos do bairro de São Miguel Paulista e a emissão do selo alusivo à Capela ficou para o ano seguinte, inserido nas comemorações dos 450 anos da Cidade de São Paulo. Solicitou a divulgação da Capela através dos cartões telefônicos do “Grupo Telefônica do Brasil” cujo lançamento deu-se nas comemorações dos 383 anos do aniversário de São Miguel Paulista, em 2005. É, também, um dos responsáveis pela publicação da estampa da Capela no bilhete da Loteria Federal em 23/09/2000. Possui um arquivo pessoal de materiais que se referem ao bairro e à Capela e tem, ainda, outras ações, explicitadas posteriormente.

A pesquisa, pretende dar visibilidade a estes homens e mulheres, evidenciando suas lutas pela preservação da Capela e a outros sujeitos que mantêm com esse patrimônio outros tipos de relações, diferenciadas das indicadas até o momento. Desenvolvi a investigação buscando os sujeitos sociais envolvidos na preservação desse bem cultural e as ações que promovem. Busquei entender, em suas narrativas e produções, as trocas

³⁵ BONTEMPI, Sylvio, *O Bairro de São Miguel Paulista*. Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: 1970.

sociais, os valores afetivos, as simbologias, as referências pessoais e ainda, as tensões entre os diferentes valores que aparecem na confluência das lembranças e produções, muitas vezes contraditórias e conflituosas.

Outros depoentes mereceram atenção, porque participam e/ou participaram de movimentos atrelados aos usos sociais da Capela e da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra. São eles, Sacha Arcanjo, 57 anos, cantor e compositor, coordenador cultural da Oficina Cultural Luiz Gonzaga, nascido na Bahia; está em São Miguel desde os 18 anos de idade, participou do Movimento Popular de Arte (MPA); e Izaltino Ribeiro professor, nascido em Congonhas (PR) em 1954, mora em São Miguel Paulista desde 1965 e também participou do MPA.

Edinaldo Alexandre de Queiroz, Caldeira, Alzira Viana, Cícero do Norte e Teotônio dos oito Baixos, são artistas, compositores e tocadores de instrumentos que fazem parte da “Associação Amigos da Praça do Forró”. Utilizavam a praça para apresentação de suas produções e após a revitalização, em 2006, estão impedidos de usá-la. Reúnem-se em locais próximos para discussão do uso da praça e apresentação de seus grupos musicais. Estes moradores, evidenciam tensões e conflitos sobre os usos dos espaços do bairro e, portanto, deram depoimentos sobre essas questões.

Também deram seus depoimentos alguns componentes da diretoria da Escola de Samba Unidos de São Miguel: Maria de Lourdes da Silva, Diretora Social, nascida em Paranavaí (PR), moradora em São Miguel Paulista há trinta anos; Aidil Celeste da Silva, responsável pela ala das baianas, nascida em Caitité (BA), moradora no bairro de São Miguel Paulista há 30 anos; Almir José dos Santos, responsável pela ala das crianças, nascido em Itabuna (BA), morador em São Miguel Paulista desde 1964 e Alessandra Irene dos Santos, porta-bandeira, nascida em São Miguel Paulista em 1972.

Procuró discutir, abordagens que rejeitam uma história que oferece uma única versão do acontecimento e que concentra a discussão num passado distante e acabado. A proposta é estimular o depoimento dos que fizeram a história local, evocando o passado como um direito de pensar as suas experiências a partir das suas narrativas. Busco destacar neste trabalho as vivências, as experiências de vida e as lutas sociais que se forjaram dentro dessa dinâmica, fazendo aparecer as suas potencialidades, procurando entender como as diferentes propostas se tensionam, se aliam e se modificam. Trazer à luz essas experiências, não significa sacralizá-las como a “história dos vencidos” e sim, como a produção de um direito ao passado que se faz como crítica e subversão constantes das

versões instituídas,³⁶ buscando as visões de mundo dos que estão envolvidos na preservação da Capela e esta como elemento do bairro, que aglutina ações sociais.

Rodrigues, trouxe questões importantes para as reflexões sobre as lembranças desses sujeitos, ao responder a questão: Para que lembrar? Afirma que:

... lembrar é reviver o que já mudou ou desapareceu, é construir ainda que simbolicamente, uma perspectiva temporal da vida, individual ou coletiva; é apropriar-se de remanescentes de um tempo pretérito, de coisas ou fatos que, mesmo inconscientemente, integram nossa vida pessoal ou coletiva e que, portanto, são nosso presente. Lembrar é assim um ato de construção do presente.

Ao construir seus discursos, os depoentes partiram de um presente vivido como tensão; revelaram suas ações e provocaram um movimento em que foi possível apreender os sentidos atribuídos às suas experiências. Assim, lembrar não é apenas reviver o passado, mas repensá-lo com imagens e idéias do presente. O testemunho oral é a recuperação do vivido, transmitido por quem o viveu, apoiado na sua memória, atribuindo-lhe significado, da mesma forma que ao escutar as narrativas e sistematizá-las, o pesquisador também atribui significados a essas experiências. Ao elaborar essas versões, busquei decifrar a significação social da Capela de São Miguel Arcanjo, tendo como referência esse viver urbano em constante transformação.

A Capela de São Miguel Arcanjo contempla ações de órgãos do poder público na tentativa de preservá-la, sendo tombada³⁸ nas esferas federal, estadual e municipal³⁹. Nesse sentido, desenvolvi a pesquisa, buscando verificar como se processaram as práticas que garantiram a preservação desse patrimônio, cuja importância já foi identificada e as relações sociais inseridas neste contexto, a partir de 1937, época em que ocorreu a criação do Sphan na qual foram realizados o tombamento e a restauração da Capela. Além disso, foram também analisados, os períodos em que ocorreram o tombamento da Capela pelo

³⁶ PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: O Direito ao Passado, in *O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania*. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo, DPH, 1992, p.27.

³⁷ Palestra proferida por Marli Rodrigues, autora de produções sobre Memória e Patrimônio. em 11/09/2004 na Cogeae-PUC/SP

³⁸ O tombamento significa um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados. *Tombamento e Participação Popular*, DPH, São Paulo: 2001. p.11.

³⁹ A Capela de São Miguel Arcanjo é tombada nas esferas federal, estadual e municipal. Na esfera federal, foi um dos primeiros bens tombados logo após a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1937 – Processo nº 180/T, inscrição 211 – fls.38 (21.10.38). Livro História – Livro Belas Artes (www.iphan.gov.br) o acesso em 30.09.2004. O tombamento estadual é regido pela lei.10247/68. Processo de Tombamento 00368/73, tombamento ex-offício em 11/12/74 pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado de São Paulo)(www.patrimonio.sp.com.br) acesso em 25.03.2004. É tombada pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Paulo) através da resolução 05/91 que traz os bens tombados pelo Condephaat para o Conpresp, publicação DOM de 19.04.91

Condephaat em 1974 e a restauração que está atualmente acontecendo, iniciada em 2006; para isso, foram utilizadas como fonte de pesquisa, a documentação produzida por esses órgãos, que incluíram os processos de tombamento, os relatórios de atividades, atas de reuniões, cartas, memorandos, ofícios. Foram analisados, também, os depoimentos dos sujeitos que vivenciaram e vivenciam estes momentos, além de suas produções que trazem a Capela como representação e que proporcionaram outros olhares na história não apenas nos documentos escritos, e que possibilitaram atentar para as ações que configuram o presente vivido.

A perspectiva que embasa a pesquisa traz uma proposta que pretende pensar na interlocução desses diferentes grupos sociais, conforme Possamai, “mapeando sua evolução ao longo do tempo, mas também analisando o processo de construção do mesmo, buscando-se as práticas e representações a ele associadas”.⁴⁰ Desse modo, não busco o valor atribuído à Capela apenas pelas suas características físicas, inegavelmente singulares, mas pelo seu valor histórico na sua significação social, entendendo que o aspecto físico e o convívio social não se separam. Busco, portanto, o que a sua preservação representa para o grupo social ao qual pertence, restabelecendo o sentido histórico desse processo.

No diálogo com as fontes, privilegiando as produções específicas relacionadas à capela e ao bairro, a análise de desenhos, pinturas, objetos, maquetes, músicas, poesias, encartes, embalagens, emblemas, logotipos, cartazes, escritos, esculturas, festas, aniversário do bairro, lançamento de produtos e consulta a arquivos pessoais que possibilitaram entender o que é valorizado pelos sujeitos bem como as relações afetivas estabelecidas com a Capela, objeto desse estudo. Nas representações sociais, carregadas de significações, busquei as formas de expressar e viver a Capela, dialogando com os vários suportes documentais e procurei dar sentido às várias experiências sociais, surpreendendo como o real está presente nestas representações e como nestas, mediadas por heranças culturais, situam-se as marcas do vivenciado.

⁴⁰ Segundo Possamai, para se discutir patrimônio tem que se relacionar dois aspectos: o primeiro refere-se às chamadas políticas públicas de preservação, nas quais o patrimônio é pensado em âmbito das políticas culturais das instituições públicas ou privadas e suas relações com os diferentes grupos sociais. Fazem parte desse domínio a definição dos objetos (prédios, artefatos, obras de artes, espaços) a serem preservados, assim como as formas ou soluções encontradas para um determinado bem ser preservado. O segundo, envolve a problematização do patrimônio, tentando buscar o seu sentido. POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. In *Ciências & Letras* – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. N.27. Porto Alegre: 2000. p.14.

Outras produções foram analisadas, em especial a imprensa local, e possibilitaram reflexões sobre como esta Capela é veiculada na mídia muitas vezes, revelando situações de descaso com o patrimônio, conflitos existentes, interesses políticos e relações de poder, entendendo, dessa forma, que a imprensa não é neutra e que ao informar, impõe significados e expressa valores.

As fontes oficiais para a pesquisa sobre o tema foram encontradas em órgãos como o IPHAN⁴¹, 9ª Superintendência Regional/SP. e de outros órgãos responsáveis pelo patrimônio, como o Condephaat e o Conpresp. Outros órgãos oficiais foram consultados como a Subprefeitura de São Miguel Paulista, Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), Arquivo do Estado; arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo, Diocese de São Miguel Paulista e Associação Cultural Beato José de Anchieta (ACBJA), buscando os elementos que pudessem articular as ações oficiais e as não oficiais e fazendo um entrelaçamento destas ações para melhor compreender como se dá essa interlocução.

Para realização desses propósitos, utilizei uma bibliografia que aborda os aspectos mencionados neste trabalho e que aproxima o objeto de estudo do pesquisador para obter pistas para encaminhar a investigação. Assim busquei as produções que abordam o bairro de São Miguel Paulista e adjacências.

Nesse sentido, as obras de Sylvio Bomtempi⁴² e Roseli Santaella⁴³, foram válidas para o entendimento de como se processou a ocupação do bairro, assim como os estudos de Paulo Fontes⁴⁴ e Antonia Sarah Aziz Rocha⁴⁵ ofereceram elementos para compreensão da formação das classes trabalhadoras e das lutas operárias em São Miguel relacionadas à Companhia Nitro Química Brasileira. Lucrecia D'Alessio Ferrara⁴⁶ e Tereza Pires do Rio

⁴¹O SPHAN foi organizado pelo Decreto nº 25, de 30.11.1937. Em 1946, foi transformado em Diretoria, sob a sigla DPHAN; em 1970 passou a ser Instituto – IPHAN, e nove anos depois, como Secretaria voltou a ser SPHAN. Em 1981, mantendo essa sigla, transformou-se em Subsecretaria e, em 1990, passou a denominar-se Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (IBPC), voltando a ser, em 1994, Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN conforme RODRIGUES Marli, *Imagens do Passado: A instituição do patrimônio em São Paulo, 2969-1987*. São Paulo: Unesp, 2000, p.26.

⁴² BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista – história dos bairros de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1970.

⁴³ STELLA, Roseli Santaella. *Anchieta: A contribuição canária na colonização paulista*. IX Colóquio de História Canário-Americana. Lãs Palmas, Casa de Colon/Cabildo Insular de Gran Canária, v.1. 1992. _____ *Anchieta e São Miguel: Fundação e Capela – Encontro com Canárias no Aniversário da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Etcetera, 2002..

⁴⁴ FONTES, Paulo. *Trabalhadores e Cidadãos*. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias dos anos 50. São Paulo: Annablume, 1997.

⁴⁵ ROCHA, Antonia Sarah Aziz. *O Bairro à Sombra da Chaminé – um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935 a 1960)*. Dissertação de mestrado, PUC-SP: 1992.

⁴⁶ FERRARA, Lucrecia D'Alessio, *Olhar Periférico*. São Paulo: EDUSP, 1993.

Caldeira⁴⁷ abordam a questão dos moradores do local e do poder estabelecendo as “características culturais de uma população proveniente de várias raízes sociais (migrantes de várias regiões do país), através das manifestações representativas de seu cotidiano”. No entendimento destas questões, as discussões sobre patrimônio oferecidas por Maria Cecília Londres Fonseca⁴⁸, Antonio Gilberto Nogueira⁴⁹, Célia Reis Camargo⁵⁰, bem como Marli Rodrigues⁵¹ foram fundamentais, pelo estabelecimento da trajetória da constituição das idéias de patrimônio cultural no Brasil. Alessandro Portelli⁵² e Marieta de Moraes Ferreira⁵³ foram essenciais nas discussões sobre História Oral observando sua metodologia e seu uso para a história cultural e política, considerando as “fontes orais condição necessária (não suficientes) para a história das classes não hegemônicas”. Sobre as questões da “memória” sobressaem os estudos organizados por Maria Clementina Pereira Cunha,⁵⁴ que discutem o direito ao passado como uma das dimensões fundamentais da plena cidadania e, ainda, as discussões organizadas por Déa Ribeiro Fenelon e outros, que tratam de “Muitas memórias, outras Histórias”.⁵⁵

Sobre as questões de interpretação do passado, as discussões promovidas por Antonio Augusto Arantes⁵⁶ também foram importantes, por delinearem as diversas estratégias de reinterpretação do passado para constituição do presente. Além disso, Stuart Hall⁵⁷ ao explorar algumas questões sobre a identidade cultural na modernidade e Mirna Busse Pereira⁵⁸ que buscou refletir sobre o modo como a cultura foi entendida, os projetos

⁴⁷ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros – O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁴⁸ FONSECA, Maria Cecília Londres Fonseca. *O Patrimônio em Processo*. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: MinC-IPHAN, 1997.

⁴⁹ NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- SPHAN e a Redescoberta do Brasil – A Sacralização da Memória em Pedra e Cal*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: PUC – 1995.

⁵⁰ CAMARGO, Célia Reis. *À Margem do Patrimônio Cultural*. Estudo sobre a rede institucional de preservação do patrimônio histórico no Brasil (1838 – 1980)

⁵¹ RODRIGUES, Marly. *Imagens do Passado- A Instituição do Patrimônio em São Paulo, 1969-1987*. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial do Estado, Condephaat, FAPESP, 2000.

⁵² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente in *Projeto História 14*. São Paulo: Educ, 1997.

⁵³ FERREIRA, Marieta de Moraes. História (org.) *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

⁵⁴ DPH – Departamento do Patrimônio Histórico. *O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania* CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.) São Paulo: DPH/SMC, 1991.

⁵⁵ FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs). *Muitas memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D’Água, 2004.

⁵⁶ ARANTES, Antonio Augusto (org.) *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____, *Paisagens Paulistanas, Transformação do Espaço Público*. Campinas: Unicamp, 2000.

⁵⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁵⁸ PEREIRA, Mirna Busse. *Cultura e Cidade: Prática e política Cultural na São Paulo do Século XX*. São Paulo: Puc, 2005, Doutorado em História Social.

culturais propostos e as práticas pelas quais os responsáveis pelo governo concretizaram diferentes projetos e atividades culturais na cidade de São Paulo, durante o século XX, também ofereceram elementos para reflexão sobre o objeto de pesquisa; e ainda, Olga Brites⁵⁹ nas discussões sobre memória, preservação e tradições populares.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, “Um Ururá que atravessou séculos” contextualizo o processo de ocupação do bairro de São Miguel Paulista e a presença da Capela como elemento agregador de ações sociais. Relaciono as experiências sociais que ocorrem em relação à Capela e busco os sentidos a ela atribuídos. Para tanto, foi necessário estabelecer a história da construção da mesma e da constituição do bairro de São Miguel Paulista, buscando entender como o bairro é configurado hoje.

No capítulo 2, “Tempos, espaços e memórias – Histórias de São Miguel” – procuro entender como se processam as interlocuções que elegem a Capela de São Miguel Arcanjo como patrimônio cultural, estabelecendo reflexões sobre como as políticas de preservação e como as propostas de intervenção são discutidas e compartilhadas pelos sujeitos sociais.

Destaco, neste capítulo, os desdobramentos e meandros do atual processo de restauração, e as dimensões desse projeto. Merecem atenção outras práticas que constituíram as histórias de São Miguel Paulista, como o “Movimento Popular de Arte”; a “Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra e a Praça do Forró”; a “Câmara Distrital Simbólica”; a festa do padroeiro “São Miguel Arcanjo” e o aniversário do bairro, na tentativa de compreender como estas práticas se constituíram e quais suas funções políticas e sociais.

No capítulo 3, “Um exercício do olhar – Produtos que evocam memórias da Capela”, estabeleço diálogo com as produções existentes que a fazem veicular como produtos de consumo no mercado: A embalagem de leite longa-vida “GEGE” e o Jornal “Acontece Agora”⁶⁰; o bilhete da Loteria Federal; o Carimbo Comemorativo e o Bloco Comemorativo (selo) da Empresa de Correios; os Cartões Telefônicos (uma série de quatro cartões); a Insígnia do “29º Batalhão de Polícia Militar do Estado de São Paulo”, sediado em São Miguel Paulista; o pavilhão do “Grêmio Recreativo e Escola de Samba Unidos de São Miguel”; o lenço e a bandeira do “Grupo Escoteiro Padre Aleixo”; a revista

⁵⁹ SILVA, Olga Brites. Memória, preservação e tradições populares. In: *O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

⁶⁰ Jornal “Acontece Agora” circula em São Miguel Paulista quinzenalmente mensalmente e tem como logotipo a Capela de São Miguel Arcanjo.

“Mania de Pintar Telas”⁶¹ e as telas produzidas pela artista plástica Adinéia Batatinha dos Santos⁶².

Sobre essas produções procurei perceber as estratégias de preservação, as tensões existentes e as intenções presentes em cada tipo de iniciativa. Coube ainda, interpretar o que essas produções revelam em termos dos interesses que representam e que visões de patrimônio, cultura e cidadania expressam. Importante destacar, que interessou à pesquisa, o processo de produção dessas imagens, como aponta Khoury:

... as imagens permeiam, expressam, aproximam relações cotidianas [...] são expressões de olhares, de maneiras de ver, de intenções, propostas, estratégias, tradições e formações, de bagagens afetivas e culturais alternativas. Seus significados também se reelaboram, conforme o olhar e as perspectivas dos que os perscrutam.⁶³

Para perscrutar as intenções presentes nessas iniciativas, foi necessário, esmiuçar significados do tempo vivido por diversos moradores do bairro, redescobrimo experiências sociais, perceber como construíram culturas, tradições, modos de ser e viver cotidianamente, e como essas ações foram associadas à Capela de São Miguel Arcanjo.

Tarefa gratificante porém nada fácil, de tentar encontrar, as articulações entre o cotidiano dos moradores de São Miguel Paulista e a Capela de São Miguel Arcanjo, ainda que seja uma verdade processual e provisória porém, com a amplitude e ambição de pensar sobre a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo em uma sociedade onde existe, segundo Nora, “a ilusão de eternidade (...) que valoriza o mais novo, o jovem, o futuro”⁶⁴. Abordar a constituição da memória cultural, a partir da análise das práticas de preservação de um patrimônio que apesar da “condição de humildade e fragilidade atravessou séculos...”⁶⁵ é, segundo Rodrigues⁶⁶, uma ação voltada para o presente, tempo de viver e construir o passado para que os indivíduos e as sociedades possam sentir a continuidade da vida e projetar que, como seus antepassados, não “morrerão” se forem lembrados.

⁶¹ Revista “*Mania de Pintar Telas*” Editora Minuano, Ano 1 n° 5

⁶² A artista plástica “Little Potato” pseudônimo de Adinéia Batatinha dos Santos tem ateliê em São Miguel Paulista e fez várias telas com o tema “A Capela de São Miguel Arcanjo”. Uma dessas obras compõe o Acervo Artístico do Palácio Nove de Julho, conforme o Diário Oficial do Poder Legislativo de 13.04.2004.

⁶³ KHOURY, Yara Aun. História e Imagem. *Projeto História 21*. São Paulo: Educ-Fapesp, 2000.

⁶⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. In *Projeto História 10*. São Paulo: EDUC, 1993. p.13.

⁶⁵ ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo* – Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo e suas relações com a crônica da cidade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. p.65.

⁶⁶ RODRIGUES, Marly. *O caso do patrimônio cultural*. Palestra proferida na PUC – COGEAE, setembro 2001.

CAPÍTULO I

UM URURAI QUE ATRAVESSOU OS SÉCULOS...

“Ururai quer dizer “filho de passarinho”. É bem esta, pela sua condição de humildade, a situação da Igreja de São Miguel, um filho de passarinho, frágil, quase triste. Entretanto, atravessou os séculos...”

Leonardo Arroyo

Neste capítulo procuro relacionar às experiências sociais que ocorrem em relação à Capela de São Miguel Arcanjo, os sentidos atribuídos a ela. Para tanto, foi necessário refletir sobre a constituição do bairro de São Miguel Paulista, situando os moradores e seus lugares nesse espaço, a partir das experiências vivenciadas por eles, sem a preocupação com a seqüência cronológica e sim, com o tempo histórico vivido. Busco pensar elementos diversos, que marcam as mudanças e transformações ocorridas, a organização sócio cultural dos moradores e a Capela como elemento agregador de ações sociais. Ecléa Bosi, quando reflete sobre a memória como um intermediário cultural, aponta que “ ... o bairro tem sua infância, juventude e velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu [...]. Assim, através das lembranças “da quadra mais bela”, São Miguel Paulista, se reconstituiu, uma vez que “... nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar.”⁶⁷

A tentativa é compreender, através de memórias e dos usos do lugar, como esses moradores, viveram e vivem, experimentaram e experimentam; práticas diversas nos diferentes espaços que constituíram o bairro e os significados que lhe são atribuídos. É necessário compreender que não é possível pensar as dimensões bairro/cidade de maneira isolada, pois a todo momento percebemos suas interface e imbricamentos e que história, memória e patrimônio formam um espaço de sentidos múltiplos que envolvem uma cultura plural e conflitante.

⁶⁷ BOSI, Ecléa. Memória da Cidade: Lembranças Paulistanas. In *O direito à memória – Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992 p.147.

1.1. São Miguel Paulista, um fragmento da cidade

“São Miguel tem nome de anjo, arcanjo, já foi Ururá. Segundo uma lenda indígena, Jacuí é a flauta que encanta. E um jardim com nome de mulher? É o Jardim Helena. Onde moram Helenas, Marias, Josés...”

Marcos Mendonça⁶⁸

Para Cavenacci⁶⁹, “Compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar sobre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas”. Colhendo fragmentos e decifrando as encruzilhadas lançadas pela memória, procuro recompor, através das múltiplas tensões e diferenças, os tempos e espaços transformados por diferentes sujeitos em São Miguel Paulista. Segundo Azevedo⁷⁰, entre as várzeas dos rios Jacu e Itaquera, no ponto em que a colina entra em contacto com a planície do Tietê, que lhe fica ao norte, ergue-se a pequena “cidade” de São Miguel, hoje oficialmente denominada Baquirivu⁷¹. Ao tempo da escrita de Azevedo, São Miguel denominava-se Baquirivu e, nas memórias de alguns moradores que viveram aquele período, o nome não foi de agrado da maioria da população que se movimentou para mudá-lo. Sobre a denominação Baquirivu Dona Lyris se recorda:

São Miguel ele foi chamado Baquirivu... Na época que eu estava na escola era Baquirivu, ficou um ano... O povo não quis, fez tirar e voltar São Miguel novamente... a turma se revoltava na época... voltou novamente a São Miguel e está até hoje... Agora puseram São Miguel Paulista... Baquirivu é nome de índio... se eu não me engano parece que tem um rio com esse nome...⁷²

⁶⁸ MENDONÇA, Marcos. Coleção 450 anos Reconstruindo Sonhos – São Miguel. *Coordenadoria de Educação da Subprefeitura de São Miguel*. Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: 2004, p.9.

⁶⁹ CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.. São Paulo: Nobel, 1993, p. 35.

⁷⁰ AZEVEDO, Aroldo Edgard de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. São Paulo: USP, doutorado em Geografia, FFCL, 1945, p. 129.

⁷¹ O bairro recebeu o nome de Baquirivu pelo Decreto-lei 14334 de 30/11/44 (que fixou a Divisão Territorial do Estado a vigorar de 01/01/1945 a 31/12/1948, publicação da Imprensa oficial do Estado, São Paulo, 1945) e teve seu nome mudado para São Miguel pela Lei n. 233 de 24 /12/1948(que fixa o quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado a vigorar no quinquênio 1949-1953, publicação da Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1948.

⁷² Trecho do depoimento concedido em 20/09/2004 por Lyris Rodrigues Ruott, nascida em São Miguel em 1912, viúva, morava no bairro da Penha em São Paulo. Recebeu homenagem aos pioneiros nos festejos de aniversário de São Miguel em 2004, um troféu alusivo aos 382 anos do bairro de São Miguel Paulista e dos 450 anos da Cidade de São Paulo. Dona Lyris relembrou fatos acontecidos durante o século passado que se relacionam com São Miguel, com a Capela e com sua vida. Foi batizada, casou-se e participou do coral da igreja. Seu bisavô doou a área para a construção do primeiro Cemitério de São Miguel (hoje não existe mais). Uma rua do bairro recebe o seu nome: Rua Beraldo Marcondes. A depoente faleceu em 16/02/2007.

Ao rememorar o nome do lugar Dona Lyris, nascida em São Miguel em 1912, se posiciona com relação às reivindicações da época que eram para ela, claras, legítimas e mostram o poder da “turma” ao se revoltar e fazer voltar novamente o antigo nome do bairro revelando as disputas e tensões em torno do nome do bairro. Segundo Portelli “o fato de um relato ser um confronto com o tempo está implícito na tentativa de guardar um tempo especial que pode ser o tempo de suas recordações pessoais⁷³”. Dona Lyris recorda o tempo da mudança do nome do bairro apoiada em fatos que aconteceram em sua vida pessoal “a época em que estava na escola”. Além disso suas memórias transitam entre o tempo passado, aquilo que aconteceu e o agora, indicando que estas se apóiam no presente para relembrar o passado.

Sobre o assunto, José Caldini Filho, de 80 anos, morador em São Miguel Paulista desde 1935, também se recorda e relata a atuação dos moradores que se envolveram na disputa pela mudança do nome que não agradava à maioria dos moradores:

É, aqui embaixo tem a rua... deixa ver se lembro o nome... perto da Levesa, ali... tem uma rua ali que era... agora não vou lembrar o nome... esse cidadão é que fez... é que ficava na frente da padaria... da nossa padaria... com uma mesinha e um abaixo assinado... entendeu... quando o pessoal saía da estação ele pedia pro pessoal assinar pra mudar o nome de São Miguel, depois que passou pra Baquirivu... lembra? Passou pra Baquirivu, não sei porque cargas d’água... parece que tinha uma tribo de índio... mas ficava do outro lado do Tietê lá em Guarulhos... e puseram o nome de Baquirivu e ai ele ficou fazendo abaixo-assinado pra retornar o nome de São Miguel, entendeu... ele que fez esse movimento todo e o pessoal chamava ele de “prefeito de São Miguel” ele mexia com tudo que tinha a ver com São Miguel... tou tentando lembrar o nome dele ... ele que fez mudar o nome...⁷⁴

O relato de Caldini permite visualizar e ajuda a entender e revelar dimensões de lutas vividas pelos moradores na defesa de seus interesses. Esse episódio serviu para mobilizar os moradores do bairro, quando em 1944 foi feita uma mudança do nome do bairro, sem consulta pública, passando de São Miguel de Ururá para Baquirivu, nome que permaneceu durante quatro anos e após protestos dos moradores o bairro passou a chamar-se São Miguel Paulista.

⁷³ PORTELLI, Alessandro. “O Momento de Minha Vida”: Funções do Tempo na História Oral” in *Muitas Memórias, Outras Histórias*. FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs.) São Paulo: Olho D’Água, 2004.p.296.

⁷⁴ Trecho do depoimento de José Caldini Filho, advogado, nascido na cidade de Votorantim (SP) em 1927, morador em São Miguel desde 1935. Exerce atualmente a função de advogado, participou de várias atividades em São Miguel, como a fundação do Rotary Club de São Miguel, do Movimento Popular Autônomo, foi um dos organizadores do primeiro desfile comemorativo do aniversário de São Miguel em 1967. Foi um dos homenageados como “pioneiro” por ocasião dos festejos dos 382 anos do bairro de São Miguel Paulista e dos 450 anos da cidade de São Paulo em 2004. Seu pai veio para São Miguel trazido pelo sr. Antonio Ermírio, dono da Cia Nitro Química. É um estudioso da história do bairro, possui uma coleção de fotografias onde estão registradas várias situações do cotidiano, além de vários documentos que registram a memória do bairro.

A narrativa de Caldini evidencia que as pessoas do bairro não se identificavam com o nome dado ao local e revela a existência de pessoas que moveram ações para o retorno do antigo nome. O depoente desenha, por meio de suas lembranças, o local onde estas ações se configuraram e, ainda, relembra de pessoas como o “prefeito”, sujeito que demonstrava sua luta pelos interesses do bairro e a intenção da permanência do nome de tradição, São Miguel.

A explicação para a mudança do nome que Caldini se refere a “*não sei por que cargas d’água*”, para o Sr. Jesuíno Braga⁷⁵ e Eurico dos Santos⁷⁶ é a seguinte: Baquirivu é o nome de um rio que passa na divisa entre Guarulhos e São Miguel. O município de Guarulhos, na época, estava interessado em anexar o distrito de São Miguel ao seu território e, portanto, a mudança de nome aproximava os dois territórios. Era, portanto, uma questão geopolítica, aumento de território para o município de Guarulhos. Desse modo, entendendo que as imagens de um lugar são construídas por referentes materiais e simbólicos, determinadas questões narradas podem não ter acontecido ou deslocam-se na sua temporalidade, porém é nessa troca de sentidos ou de temporalidade que elas ganham sentido.

Seu Jesuíno ainda dá uma outra explicação para o fato. Diz ele que “naquele tempo” era comum as cartas endereçadas à São Miguel Paulista serem extraviadas para

⁷⁵ Jesuíno Braga, nascido em São Paulo, em 1930, veio morar em São Miguel ainda criança, em meados de 1934. É viúvo e casado novamente com Madalena. Residia nas proximidades da Capela na época em que esta foi restaurada em 1939 e relembra de vários fatos acontecidos durante esse período. Montou uma maquete com detalhes sobre a praça e a Capela da época em que ele era criança, segundo sua lembrança. Mandou fazer impressos sobre a sua maquete e sobre o Frei Leão Mei (sacerdote que foi vigário da igreja em 38/39) e sobre o Padre Aleixo (sacerdote da igreja por um período de mais de 20 anos). É um artista plástico que recolhe troncos de árvores que foram derrubadas e constrói imagens de santos (os que haviam na capela), índios, sacerdotes. Tem uma preocupação muito grande com o bairro e pesquisa a história de São Miguel Paulista, estabelecendo correlação entre os acontecimentos, argumentando sobre eles, considerando-os verdadeiros ou não, de acordo com suas pesquisas e aquilo que viu. Atualmente (2007) está pesquisando a história da Capela de Itaquaquecetuba, que, segundo ele é da mesma época que a de São Miguel. Está escrevendo também, um livro de memórias sobre sua vida e a história de São Miguel Paulista. Depoimento concedido à pesquisadora em 22/07/2004.

⁷⁶ Eurico dos Santos em depoimento à pesquisadora em 09/07/2005. Nascido em São Miguel Paulista em 1944, aposentado da Sabesp por tempo de serviço, é filatelista e tomou a iniciativa de solicitar à empresa de Correios a emissão de um selo da Capela de São Miguel Arcanjo em julho de 1993. Conseguiu a confecção de um carimbo comemorativo em 2003 e o lançamento da Emissão Especial do Bloco com um selo e do Carimbo de Primeiro Dia de Circulação em 2004. É um dos responsáveis pela publicação da estampa Capela no bilhete da Loteria Federal em 2000 e do lançamento de quatro cartões telefônicos com imagens da Capela em 2005. Além disso, possui um arquivo pessoal onde guarda tudo que se refere à São Miguel: notícias em jornais, desenhos, publicações, livros (vai pesquisar em órgãos públicos para conseguir essa documentação). Coordenou a obtenção de votos em 2005 na campanha da ECT “Vote no Melhor Selo” para que o selo referente à Capela de São Miguel fosse o ganhador. Participa da “Associação Cultural Beato José de Anchieta” e é um dos organizadores da Festa de Aniversário de São Miguel Paulista.

uma outra localidade, São Miguel Arcanjo, cidade do interior do Estado de São Paulo. A mudança do nome para Baquirivu facilitaria o envio das correspondências para o local correto. Ao relembrar estas questões, Jesuíno dá significado às suas experiências. Reconstrói suas lembranças, reelaborando-as e dando interpretações que estão baseadas em seu cotidiano vivido. Mais adiante, Jesuíno conta sobre como as cartas chegavam em São Miguel por meio dos trens e a espera da correspondência por sua mãe, que tinha parentes no interior do Estado.

Nas pesquisas sobre o assunto, não encontrei nenhum documento que justificasse a mudança de nome; apenas consegui localizar o decreto-lei e decreto que tratam do assunto (ver nota de rodapé nº 70). As explicações dada por Jesuíno e Eurico demonstram que os sujeitos se apropriam dos fatos, elaboram justificativas sobre eles e lhes dão diferentes significados. Para o pesquisador o que importa, são as versões e o porquê dessas versões. Há nos relatos e nas explicações construídas, a expectativa de mostrar luta, determinação e participação ativa das pessoas, que buscavam garantir para o bairro, um nome já consagrado pelo seu uso através dos tempos.

Caldeira ao reconstituir esse percurso, diz o seguinte:

São Miguel, ali por volta de 1945, com a revisão da nomenclatura das cidades, perdeu o seu velho nome de guerra. Deram-lhe o apelido indígena: Baquirivu, que evidentemente não pegou. Houve, porém, reação inteligente. Retificou-se o nome para São Miguel Paulista, que é o seu registro definitivo, em harmonia com a história e a prosperidade atual. Porque São Miguel – não importa que os poderes públicos quase a releguem a completo abandono – significa exatamente o que é ser paulista em termos deste século dinâmico e nada poético.⁷⁷

Sobre o relato de antigos moradores a autora comenta:

... a mudança do nome causou descontentamento geral no bairro. A maioria queria de volta o “São Miguel” e realizou-se um movimento de coleta de assinaturas para ser encaminhado ao Poder Público com o pedido de mudança de nome. Segundo os moradores, cogitava-se pelo menos três nomes alternativos a Baquirivu: São Miguel Paulista, São Miguel Bahia e São Miguel Baquirivu. Foi escolhido o primeiro deles, pois conseguiu reunir o maior número de assinaturas.⁷⁸

A denominação do distrito sofreu sucessivas alterações. A mais antiga referência nominal à região é Ururáí⁷⁹. Com a formação da aldeia cristã, surgiu São Miguel de Ururáí, que segundo Stella,

... em 1560, com a transferência da vila de Santo André da Borda do Campo para São Paulo de Piratininga, Piquerobi, irmão de Tibiriçá, e seus seguidores deixaram a região do Pátio do Colégio para se instalarem nas proximidades do

⁷⁷ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros – O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p.40.

⁷⁸ Caldeira, Teresa Pires do Rio, *op.cit.*, p.40-41

⁷⁹ Segundo Leonardo Arroyo, Ururáí quer dizer “filho de passarinho” . No *Dicionário de Tupi moderno*, Urú – nome de várias perdizes pequenas, espécie de nambuzinho: Uru-a’i – Urwa’i: nambuzinho. BOUDIN, Max Henri. *Dicionário de Tupi moderno* Governo do Estado – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente. São Paulo, 1966

rio Ururá, em uma região que lhes era familiar. No mesmo ano José de Anchieta reencontra esses índios, atendendo a uma solicitação do padre Manoel da Nóbrega para que os antigos discípulos fossem visitados [...] a opção deste Arcanjo para orago da aldeia pode ser atribuída ao fato dos nativos chefiados por Piquerobi se identificarem com a figura de São Miguel por seu espírito guerreiro. O arcanjo também representa a vitória do bem sobre o mal, e este era o caso da missão dos jesuítas com respeito aos indígenas dissidentes do Pátio do Colégio e reencontrados em Ururá.⁸⁰

Bomtemp, estudioso da história do bairro, também escreve sobre a escolha do nome para a região:

A escolha do orago lembra a presença de Anchieta. Nascido em Tenerife, seus primeiros passos devocionais foram sob o teto da igreja da Imaculada Conceição de Maria e da ermida de São Miguel, em São Cristóvão da Laguna, na Praça do Adelantado, bem próximo de sua casa.⁸¹ Mais tarde, em terras do Brasil, para onde viera acalentado na alma as gratas reminiscências religiosas da infância, recomendará as duas principais aldeias de Piratininga aos oragos de sua preferência: Nossa Senhora da Conceição (Pinheiros) e São Miguel (Ururá)⁸².

No ano de 1967, por ocasião do aniversário do bairro, João Salgado Rosa, Presidente do Rotary Club de São Miguel Paulista escreve: “Homenagem a São Miguel Arcanjo – Padroeiro de São Miguel Paulista”:

É opinião de muitos que a São Miguel é reservado um papel saliente no último combate, pois é o protetor das almas justas e o protetor dos corpos dominados à eterna glória. Motiva esta suposição um fato, cuja descrição se encontra na epístola de São Judas Tadeu. Moisés morrera e o demônio pretextando o fato de Moisés ter matado um egípcio, disputou o cadáver do profeta. São Miguel, porém, opôs-se-lhe e afugentou o demônio com as palavras: “O Senhor te reprima”. A fé católica conclui daí que São Miguel dispensa uma proteção especial aos moribundos e isto muito de acordo com os dizeres Ofício da festa do Arcanjo: “Eu te constituí como protetor das almas prestes a serem recebidas no céu”. Pedro Lombardo enumera quatro atribuições de que São Miguel é possuidor. Primeiro, combateu o dragão infernal; segundo, este combate continua, na defesa das almas contra as influências diabólicas; terceiro, São Miguel é o grande protetor da família de Deus sobre a terra; quarto, é o príncipe das almas no paraíso. Assim se explica a grande veneração de que São Miguel goza na Igreja Católica. Muitos altares, muitas capelas e muitas igrejas que lhe são dedicadas, entre estas a nossa velha matriz, fundada em 1º de julho de 1622. Nesta data em que comemoram os 345 anos daquela efeméride, a homenagem da família Rotary de São Miguel Paulista.⁸³

Essas narrativas permitem pensar no imaginário social elaborado pelas pessoas relacionadas ao bairro, que se traduzem em formas de representação que as possibilitam compreenderem e situarem-se em seus universos reais e imaginários. Elas traduzem a importância dada ao Arcanjo Miguel na constituição do bairro. Desse modo, a constituição do nome do bairro que traz para o autor do texto acima, a afirmação do local com

⁸⁰ STELLA, Roseli Santaella. Anchieta e São Miguel: Fundação e Capela in *Encontro com Canárias no Aniversário de São Paulo*. São Paulo: Centros Canários do Brasil. s/d

⁸¹ Conforme Hélio Abranches Viotti, S.J., *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1966.

⁸² BOMTEMPI, Sylvio. *O Bairro de São Miguel Paulista*. São Paulo: Prefeitura Municipal, Secretaria de Educação e Cultura. 1970, p.33.

⁸³ ROTARY CLUB DE SÃO MIGUEL PAULISTA. Boletim Mensal (Número Especial). *A Matriz Rotária*. São Paulo, Rotary Club, 1967. A ortografia foi mantida conforme o documento.

“características” guerreira, lutadora, combativa, inerentes ao santo e que se perderiam com a mudança do nome do bairro para Baquirivu.

Atualmente, a Subprefeitura de São Miguel, localizada a leste do Município de São Paulo, a aproximadamente 21 quilômetros em linha reta da Praça da Sé, a uma altitude de 753 metros do nível do mar, compreende um território de 2430 ha, representando cerca de 2% da área total do município de São Paulo, tem uma população de 378.438 habitantes, distribuída pelos seus três distritos, Jardim Helena, com 139.106 habitantes; São Miguel, com 93.373 habitantes; e Vila Jacuí, com 141.959 habitantes.⁸⁴ São seus vizinhos ao norte, a cidade de Guarulhos; a leste a Subprefeitura de Itaim Paulista e o município de Itaquaquecetuba e ao sul, a Subprefeitura de Itaquera.

Sobre as transformações do bairro, Osvaldo Pires Holanda, poeta e advogado, nascido em 1923 em Acopiara (CE), morador de São Miguel desde 1945, declara:

Eu tenho um carinho muito grande pelo bairro e... porque acompanhei é... com entusiasmo esse crescimento. São Miguel hoje tem foros de cidade, né. É um bairro com foros de cidade e tudo que a gente queria adquirir no centro da cidade, nós encontramos em lojas aqui de São Miguel.⁸⁵

Nesta fala, Osvaldo exprime sua forma de pensar e sentir o bairro hoje, pelo entusiasmo declarado às mudanças ocorridas, como o aumento do número de lojas, restaurantes, supermercados, que para ele significam crescimento e implicam na comodidade de se obter, no próprio bairro, tudo de que se necessita para viver na metrópole, ou seja, não há mais necessidade de se transportar para outros centros urbanos na busca da aquisição dos bens de consumo necessários. Essa forma de pensar e sentir o bairro é resultado da experiência de vida do depoente, que assimilou os padrões de consumo difundidos pela indústria cultural. O depoente participou da vida social do bairro dos anos quarenta até a atualidade e visualiza as transformações ocorridas que implicam, para ele, em benfeitorias urbanas caracterizadoras do “progresso” do bairro e, portanto, de mudança nas maneiras de se relacionar com a cidade. O depoente é um advogado “bem

⁸⁴ Fonte: Deinfo - Departamento de Informações da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de São Paulo. Dados básicos para elaboração dos Planos Regionais das Subprefeituras – volume II – outubro de 2002.

⁸⁵ Osvaldo Pires Holanda, em depoimento concedido à pesquisadora em 18/07/2005. Poeta e advogado, nascido em Acopiara (CE), em 1923 veio para São Miguel em 1945. Participou do “Movimento Popular Autonomista” em 1962 que propunha a emancipação de São Miguel Paulista. É fundador do “ESPERANTA KLUBO ZAMENHOF”, Clube de Esperanto existente em São Miguel Paulista. Tem vários livros publicados dentre eles “Poemas Satânicos” que na opinião do depoente abriu suas portas para a participação de várias Academias de Letras, porque é um livro polêmico. Participou de atividades do MPA (Movimento Popular de Arte) que ocorriam na Capela intituladas “Noites poéticas”.

sucedido” e não sofre as dificuldades da maioria da população, moradora do bairro, daí sua interpretação ser diferente de Rocha, quando aborda em sua pesquisa o bairro de São Miguel Paulista, e afirma que, “a escassez dos meios de transportes coletivos, a ineficiência de assistência médica gratuita e os poucos recursos educacionais, culturais, de lazer e sociais, fazem com que o bairro de São Miguel Paulista se posicione ao lado dos bairros mais carentes da cidade de São Paulo”.⁸⁶

D. Lyrís recorda-se dum tempo diferente, em que tinha que ir para a “cidade” fazer as compras:

O comércio era em outro lugar que fazia... [...] minha mãe ia todo mês no mercado municipal... (...) em São Miguel a gente só tinha arroz e feijão, né... E a mamãe vinha buscar carne... buscar... aquelas coisas melhor... e a gente, então... foi acostumada assim, né... então ela vinha todo mês fazer compra aí... Ah... ela conservava a carne assim... cortava tudo e retalhava a carne e... meu pai fazia umas varinhas e ela espetava tudo... salgava, temperava e punha na cumieira, dava pra uns quinze dias... e comia tudo, depois a gente tinha porco, também matava galinha... e tinha o pomar, tinha a horta com tudo quanto era verdura, nos fundos, plantava, meu pai plantava feijão... tudo... eu fui criada assim...⁸⁷

Dona Lyrís caracteriza o bairro de quando era criança e estabelece as relações de produção e comércio, salientando o que era produzido no próprio bairro pelo trabalho de seus moradores e os produtos que tinham que ser adquiridos no Mercado Municipal, porque o bairro não oferecia os bens de consumo que sua família precisava ou valorizava. A depoente revela uma experiência de vida no bairro próxima de uma vida rural em que homens e mulheres criam porcos, cultivam horta e pomar, algo que foi se perdendo com as mudanças ocorridas no local. Ao compararmos o depoimento de Lyrís e Osvaldo e as conclusões de Sarah, podemos perceber as transformações pelas quais o bairro passou e os valores dados pelos sujeitos a essas transformações, vistas ora com entusiasmo, ora ressaltando os problemas vividos pelos moradores e momentos de recordação da infância, dos pais e de sua criação e das relações com outros lugares da cidade.

Num trecho do seu depoimento, Sr. Jesuíno Braga conta como era a região quando veio morar em São Miguel, em meados da década de 30:

- Não tinha nada, querida... era a praça ali, Aleixo Mafra e mais nada. Você saía ali na pracinha era tudo casa de pau-a-pique em volta, sabe... era o centro e a igreja no centro... não tinha mais nada, você saía dali não tinha mais nada...[...] - Era mato, tudo mato... aonde nós estamos aqui era um brejão que ainda hoje é, se você cavocar aqui meio metro, sai água...[...] É barro preto igual aqui, por

⁸⁶ ROCHA, Antonia Sarah Aziz. *O Bairro à Sombra da Chaminé* – um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935 a 1960). São Paulo: PUC, 1992, Dissertação de mestrado, p.45

⁸⁷ Lyrís Rodrigues Ruot, em depoimento citado.

causa desse rio, o vale do rio emendando com o vale do Tietê, né... porque esse rio passa aqui atrás...⁸⁸

O Sr. Jesuíno, na qualidade de artesão, reproduziu em maquete, em 2004, a praça Padre Aleixo e a Capela em conformidade com suas lembranças, forma de rememorar o período de sua infância (1935), época das brincadeiras na praça, da lembrança do Fr. Leão Mei, que sempre trazia balas para as crianças, quando visitava o bairro. A figura a seguir, apresenta cópia do folheto que tem a maquete como representação visual, editado pelo Sr. Jesuíno. No verso do folheto, Sr. Jesuíno homenageou Pe. Leão Mei, com os seguintes dizeres: “Lembrança da restauração da tradicional e histórica Paróquia de São Miguel Archanjo e de posse de seu primeiro vigário Fr. Leão Mei O.F.M.”. Procurou assim, recompor experiências vividas, especialmente ligadas ao caráter afetivo que elas representam e que permanecem como referências importantes para o artesão.

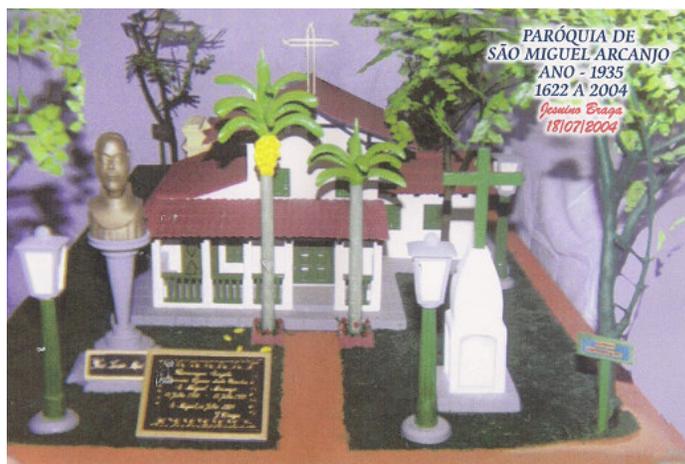


Figura 3 – Maquete da Capela de São Miguel Archanjo elaborada pelo Sr. Jesuíno.

Pelo ângulo dessa narrativa, revemos a região, cujo centro social era a Igreja e a praça. Era para esse espaço que convergiam as relações de sociabilidade do local. Esse sentido aglutinador da Igreja em torno da vida urbana local é percebido também, pela fala de Osvaldo Pires Holanda:

Campos Sales⁸⁹ era praticamente o centro de São Miguel, girava em torno da Capela, não é? É qualquer festa, as festas da igreja atraía toda a população pra...

⁸⁹ Praça Campos Sales foi o antigo nome da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, nome oficial da praça que é também conhecida como Praça do Forró.

pra Capela... muitos anos depois foi que construíram a matriz, hoje uma bela igreja, né... mas tudo se concentrava em torno da Capela de São Miguel.⁹⁰

Assim, a praça e a Capela são situadas pelos depoentes como espaços onde se desenvolveram formas de sociabilidades, como as festas, os encontros, práticas sociais que, ao longo do tempo se transformaram ou foram recriadas pelos seus frequentadores.

O Diário Oficial da Cidade de São Paulo⁹¹ traz numa reportagem sobre São Miguel Paulista, que apresenta Katsuhiko Toda de 77 anos, morador na rua Guchi Toda, nome de seu pai, migrante japonês que chegou ao bairro em 1947 e recorda os primeiros tempos da região e do primeiro emprego como cobrador da Viação Penha – São Miguel, até abrir uma lavanderia no bairro em 1950. “A Nitro era cercada de arame farpado, as vias ao redor eram de terra: se chovesse, empoçava água e o ônibus não saía”.

Essas transformações ocorridas no bairro, demonstradas nos depoimentos traduzem os lugares vividos e experienciados pelos depoentes com práticas diferenciadas, que revelam o cotidiano e permitem reflexões sobre as mudanças pelas quais São Miguel Paulista foi passando. A presença da Nitro Química representa um antes e um depois, nesse processo, quando “não havia nada”, as ruas eram de terra e a sua transformação no presente, representada por ruas e avenidas asfaltadas, comércio, fluxo de pessoas, meios de transporte. No bojo dessas transformações, aparecem a Capela de São Miguel Arcanjo e a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra como locais que a princípio aglutinavam as relações sociais existentes no bairro; no entanto, com o aumento da população, com a presença da Companhia Nitro Química Brasileira, com a necessidade de linha de ônibus para transporte, outros elementos vão gerar novos locais para os quais podem se direcionar as relações sociais que se engendram no bairro.

Ainda sobre o desenvolvimento do bairro, Osvaldo relata:

Eu sei que São Miguel custou muito a se desenvolver, foi mesmo de 50 anos pra cá... porque São Miguel, como vê pela igreja... a igreja é de 1622, o bairro existiu, mas aqui tinha só olarias...é... comércio era mínimo... era só barzinhos... padaria só existia uma, que era do seu Caldini... farmácia só existia uma que era do senhor Armando Righeti, né... e... casa de móveis tinha uma só que era dum turco... era do Miguelão... e os ônibus ... aqui só tinha uma linha de ônibus... tinha dois ônibus, um que saía da Penha e outro que saía de São Miguel no mesmo horário, eles se cruzavam na Ponte Rasa ... ali na Ponte Rasa existia um bar chamavam “Sindicato dos Bêbados” (risos) é, era conhecido com esse nome e daqui até São Miguel... daqui até a Penha não existia uma casa ... você nao avistava... era aquela escuridão...terrível... a terra... a estrada era de chão batido...⁹²

⁹⁰ Osvaldo Pires Holanda, depoimento citado.

⁹¹ Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 26/11/2005, p.II. As decisões dos Poderes Executivos e Legislativo do município (leis, decretos, portarias, despachos, resoluções, comunicados, licitações) são publicadas no Diário Oficial da Cidade (DOC), de terça-feira a sábado.

⁹² Osvaldo Pires Holanda em depoimento citado.

Se compararmos esse trecho do depoimento com o trecho anterior, observamos que este demonstra, através de suas vivências as transformações ocorridas no bairro que em 1945, ano em que veio para São Miguel Paulista, havia um comércio diminuto, poucas casas e, “*uma escuridão terrível*” e que o bairro atual que adquiriu “*foros de cidade*” e a percepção que ele tem do bairro de tempos antigos e dos tempos atuais. Em sua fala, Osvaldo situa a Capela, no período de sua chegada, pelo que ela significava, como centro do bairro, onde se realizavam os eventos que atraíam a população e o crescimento do bairro, as modificações nos costumes. O aumento da população e o crescimento da cidade reduzem o espaço quantitativo. No bairro, novas paisagens, vitrines, indústrias, vão se apossando do lugar que ocupava a Capela de São Miguel Arcanjo e outros interesses centralizam a atenção dos moradores.

O Plano Regional Estratégico (PRE) da Subprefeitura de São Miguel Paulista, do ano de 2004, traz esclarecimentos importantes que permitem buscar o sentido de São Miguel Paulista em relação à cidade de São Paulo. Esclarece o PRE que o pólo regional da Subprefeitura de São Miguel Paulista é o Distrito de São Miguel, onde estão concentrados os setores comerciais e de serviços. Tem menor número de habitantes e, desde a década de 1980, a taxa de crescimento populacional vem diminuindo e, com o crescimento da ocupação populacional em áreas além de São Miguel, a leste, como Itaim Paulista, Guaianazes, Itaquaquecetuba, transforma o centro de São Miguel em local de intensa circulação e passagem.⁹³

Sobre o PRE da Subprefeitura de São Miguel, Eurico dos Santos encaminhou um Termo de Declaração para a Ouvidoria Geral da Prefeitura da Cidade de São Paulo com os seguintes dizeres:

Na presente data estamos cadastrando sugestão nos seguintes termos: “Em 28/12/2006 compareceu perante esta Ouvidoria Geral o Sr. Eurico dos Santos para reclamar dos erros contidos na publicação Série Documentos, da PMSP-SEMPA, Planos Regionais Estratégicos-PRE, referente a São Miguel Paulista, a saber: pg.6 e 22 as fotos são do Casarão da Fazenda Biacica⁹⁴ e não da Capela de São Miguel como consta; pg.16/18 – são páginas em duplicidade e o mapa de abrangência da SP-MP está incorreto, faltando do Distrito do Jardim Helena, omissão essa encontrada em todos os mapas referentes à região abrangida pela SP-MP; pg.45 – a legenda das fotos indica que a foto central é da SP, mas é uma ponte (deveria ser a da esquerda), e a da esquerda refere-se ao futuro terminal de

⁹³ Planos Regionais Estratégicos (PRE) Subprefeitura de São Miguel – Série Documentos. São Paulo: Secretaria Municipal de Planejamento Urbano, 2004, p. 14.

⁹⁴ A Fazenda Biacica, situada no distrito do Jardim Helena, ocupa uma área de 100 mil m². De propriedade particular, está sem uso há algumas décadas, o que vem comprometendo sua conservação e integridade. O Conpresp reconheceu o valor cultural e ambiental da chácara através do tombamento em 1994, preocupação que Mário de Andrade já expressara em 1937 quando a visitou como técnico do SPHAN. Fonte: Um Olhar sobre São Miguel – Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro. São Paulo: Fundação Tide Setúbal, 2006, ps. 25-26.

ônibus e não Vila Jacuí, como consta; pg.46-47 – a área em destaque nos mapas, refere-se à Subprefeitura de São Mateus e não de São Miguel como consta; pg.49 – na Ficha Técnica consta, como Assessor de Gabinete, o nome da Sra. Zilah Maria Ramalho Teixeira, sendo que, à época da publicação (nov/2004), era o Sr.Evandro Reis, além de, no item Fotos, estar indicado que a publicação refere-se a São Mateus, mas tratando-se de São Miguel Paulista. Declara, ainda, que os erros são imperdoáveis, pois se trata de falta de revisão em publicação de alto custo, publicação essa feita com o dinheiro público”.⁹⁵

A reclamação evidencia a existência de indivíduos que lêem, observam, questionam e tomam decisões a respeito dos veículos usados pelo poder público para se comunicar com os cidadãos. O reclamante demonstra clareza do descuido e desconhecimento das pessoas que elaboram esses materiais, que permitem levar a erros gritantes como os que aparecem na impressão do PRE. Além disso, o reclamante demonstra percepção dos valores e de onde vêm as verbas gastas com esse tipo de publicação. No dia 08 de maio de 2006 Eurico volta novamente à Ouvidoria Geral, solicitando a reabertura da reclamação acima, tendo em vista que mesmo tendo havido esclarecimentos “quanto aos erros cometidos na edição do Planos Regionais Estratégicos, não houve as correções solicitadas”⁹⁶.

Em vários depoimentos, aparece a divisão da cidade de São Paulo em Subprefeituras; assim o Distrito de São Miguel Paulista que envolvia vários bairros acabou perdendo-os para outras subprefeituras⁹⁷ como é o caso de Ermelino Matarazzo que é um bairro mais novo, pertencia a São Miguel Paulista e agora é uma subprefeitura da cidade de São Paulo. Jesuíno argumenta:

Ermelino Matarazzo veio muito depois. Agora tem uma outra história aí, [...] que São Miguel ta perdendo território [...] São Miguel nasceu primeiro que qualquer um em volta aqui[...] quando eu cheguei em São Miguel, lá onde passa o Jacu Pêssego, ali ficava um casarão e ali ficava um funcionário da Prefeitura de São Paulo que era o responsável por São Miguel, ali tinha as máquinas da

⁹⁵ Termo de Declaração protocolado sob o nº O.G. nº 010403/2006 de 28/12/2006.

⁹⁶ Eurico dos Santos em carta à Ouvidoria Geral do Município de São Paulo, protocolo O.G. nº 001416/2005, em 02 de março de 2005.

⁹⁷ A descentralização administrativa em São Paulo teve início em 1965, através do Decreto n.6236, de 13/10/1965 na gestão do Prefeito José Vicente de Faria Lima com a subdivisão do Município em sete Regiões Administrativas, para a execução de obras, serviços, fiscalização e implantação de equipamentos sociais. Em 1969, com o surgimento do Plano Urbanístico Básico, realizado por um consórcio de empresas com a finalidade de melhorar a qualidade dos serviços públicos, sobretudo o atendimento da população, a prefeitura deveria criar órgãos e ampliar gradualmente o número de Administrações Regionais. Assim, a cada gestão administrativa o município foi dividido em administrações regionais, muitas vezes atendendo a interesses político eleitorais do que critérios de planejamento urbano ambiental. Com a aprovação da Lei Orgânica do Município – LOM, em 04 de abril de 1990, os critérios para divisão do Município foram reorganizados e legitimados, ficando estabelecido que a administração municipal deveria ser exercida localmente por Subprefeituras, cujas atribuições e competências, inclusive o número e abrangência territorial, deveriam ser instituídas por lei e ainda que as diretrizes para o planejamento municipal deveriam ser elaboradas pelas subprefeituras e demais órgãos municipais, por meio de amplos processos de discussão com a sociedade civil. Planos Regionais Estratégicos (PRE), Município de São Paulo, *Subprefeitura de São Miguel*, Série Documentos, 2004, p.8.

prefeitura e tudo que precisava... ele era um senhor, Seu Adolfo, me lembro bem ... ele é que... que... a gente ia lá... naquele tempo era tudo de terra, se a rua ficava esburacada, entrava lá, falava com o Seu Rodolfo, ele mandava o trator plana a rua ou carpi as ruas, carpi os matos em volta das ruas ... ele que fazia tudo aqui em São Miguel, esse Seu Adolfo... ele era funcionário da prefeitura na época ... então, lá era o depósito da prefeitura e ele era o responsável, sabe, ali... então tudo isso... Ermelino Matarazzo não existia prá começa ... era São Miguel, depois vinha a estação de Engenheiro Goulart, depois vinha a Penha ... e Ermelino Matarazzo não existia... sabe quando começou existir Ermelino Matarazzo? Quando o Matarazzo montou a fábrica aqui em Ermelino ... que puseram o nome de Ermelino Matarazzo por causa que ele trouxe essa fábrica pra cá...aí é que puseram o nome e a estação Ermelino Matarazzo... porque antes era tudo São Miguel, querida...⁹⁸

O depoente se reporta ao período em que São Miguel Paulista era um bairro com grande extensão territorial, considerado Distrito de São Miguel Paulista e abrangia os bairros que agora pertencem a outras subprefeituras. Em 2002,⁹⁹ território de São Miguel Paulista foi dividido, criando-se as Subprefeituras de Ermelino Matarazzo e Itaim Paulista. O depoimento revela um tempo em que as relações eram mais próximas e os funcionários da Prefeitura eram conhecidos pelo nome e acena para transformações ocorridas, como a montagem da fábrica Celosul¹⁰⁰ que atrai para a região novos personagens com outros interesses, criando novos espaços, com outras denominações.

... hoje, a subprefeitura aí, que você vê ai, antigamente, primeiro foi aí onde eu te contei...depois quando fizeram o mercado de São Miguel a prefeitura passou a funcionar atrás do mercado que hoje é um sacolão ... ali era a prefeitura... daí fizeram a subprefeitura lá, que era a regional... era a regional... tudo era comandado dali, tudo era subdistrito de São Miguel ... Itaim, Ermelino Matarazzo, até chega na divisa de Itaquecetuba, era tudo subdistrito de São Miguel, entendeu... hoje, ali naquele morro ali, é a Vila Curuçá... aquilo ali era a fazenda do Lara Campos uma família tradicional de São Paulo ... ali era a fazenda do Senhor Lara Campos, eles só vinham aqui no fim de semana, andar a cavalo, o diabo a quatro e aonde, não sei se você conhece o Chico Mendes? [...] ali era a casa da fazenda, casa grande, entendeu? E a Curuçá toda era São Miguel ...¹⁰¹

Jesuíno expressa as características físicas de São Miguel quando era distrito e abarcava toda a região que vai até a divisa com Itaquecetuba. Sua narrativa revela disputas, tensões entre os bairros e o poder público municipal. O depoente reclama da falta de participação popular na divisão do município e ainda, a perda de referências que

⁹⁸ Jesuíno Braga, depoimento citado.

⁹⁹ A Lei 13399 promulgada em 01/08/2002 criou na cidade de São Paulo 31 subprefeituras. Fonte: PRE do Município de São Paulo – Subprefeitura de São Miguel Paulista, p.8.

¹⁰⁰ O nome do bairro é uma homenagem ao neto do Conde Francisco Matarazzo que foi um dos diretores do grupo. O bairro Ermelino Matarazzo situa-se na zona leste da cidade de São Paulo e teve um aumento populacional a partir de 1941 quando foi inaugurada uma fábrica das Indústrias Matarazzo, a “Celosul”, única produtora de papel celofane da América do Sul. No início dos anos 70 a Celosul viveu seu ápice para entrar em decadência alguns anos depois, com a crise do Grupo Matarazzo. Foi a partir dessa época que Ermelino Matarazzo foi separado de São Miguel e ganhou administração própria. Hoje a Celosul se mantém ativa mas sob o comando de uma cooperativa.

<<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spem/dados/histórico/000l>>.

¹⁰¹ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

exercem poder simbólico para a população como é o caso da sede da subprefeitura e do Hospital Tide Setúbal.¹⁰² Assim procedendo, ele se coloca como alguém comprometido com as questões que se referem ao bairro.

Hoje, hoje, São Miguel ta terminando aí,[...] então a vila Curuçá agora é Itaim... Da Imperador pra lá é Itaquera, que sempre foi São Miguel... é Itaquera... aonde tá a antiga regional que hoje é subprefeitura pertence a Ermelino Matarazzo pois tiveram o capricho, o Hospital, aí, o Tide Setúbal, sempre de foi São Miguel, foi construído pra São Miguel, que que é hoje, querida...comandado por Ermelino Matarazzo...¹⁰³

E continua: “... tomaram o território de São Miguel... e acaba a identidade querida... quem é que grita? Se aqui só tem forasteiro... quem é que grita? Vou eu grita no meio da rua ?”¹⁰⁴. Revoltado com a incapacidade de organização da população para reclamar daquilo que considera ruim para o bairro, se coloca como uma espécie de guardião, sujeito que grita sozinho frente ao desinteresse de outros que não são do lugar e que, portanto, não se identificam com os interesses do bairro e que acabam sucumbindo aos interesses dos políticos. A referência a “forasteiros” aos que não são do bairro, vieram bem depois, diferentes dele que viveu experiências no bairro desde a infância e, portanto, conhece a sua história.

Um outro depoente, Albertino Nobre, morador em São Miguel desde 1948, natural de Senhor do Bonfim (BA) assim se coloca:

A senhora nem queira saber a minha tristeza quando eu vejo que São Miguel se limita ali a Itaquera Mirim... não... São Miguel ia divisa lá com Ferraz de Vasconcelos, com Poá, com tudo... Itaquá... hoje se restringe aqui a Itaquera Mirim... ali já é Itaim... você vai pra cá termina no Jacu Pêssego... dali pra lá já é Ermelino Matarazzo... São Miguel ficou sufocado... então São Miguel, o que sobrou pra São Miguel foi o Pantanal... começando aqui no Jardim Helena e a Vila Jacui, o resto... cabou... não tem mais São Miguel... é triste... mas o que vai fazer...¹⁰⁵

Esses depoimentos demonstram a valorização do território como marco da importância política de São Miguel na composição da cidade. Ao perder território, entra em jogo a hegemonia de São Miguel frente a outros bairros da região. Albertino, ao assinalar que “*para São Miguel só sobrou o Pantanal*”, refere-se ao Jardim Helena, bairro

¹⁰²O Hospital Tide Setúbal iniciou suas atividades com funcionamento em 1959, precariamente instalado à Rua Beraldo Marcondes em São Miguel Paulista. É um dos primeiros hospitais da região e necessita de reformas e atualização tecnológica. Sua estrutura é insuficiente para o atendimento realizado. www.portal.prefeitura.sp.gov.br.

¹⁰³ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Albertino Alves Nobre 30/01/2007Ex-vereador da cidade de São Paulo. Morador de São Miguel desde 1948 para onde veio como migrante da região de Senhor do Bonfim, no estado da Bahia. Trabalhou na Cia Nitro Química por 34 anos, fato que declara com muito orgulho. Declara ter participado de todas as festas realizadas em homenagem ao padroeiro do bairro, São Miguel Arcanjo e do lançamento da pedra fundamental para a construção da nova igreja em 1952 e da sua inauguração em 1965, depoimento em 30/01/2007.

que compõe a Subprefeitura de São Miguel e que abriga uma das maiores áreas da região submetida ao processo de favelização, que ocorre nas grandes cidades brasileiras e que traz para os bairros os problemas inerentes a esse processo de exclusão social. Este fato parece que, para o depoente, diminui ainda mais a importância de São Miguel perante outros bairros da região.

Segundo o jornal “Diário do Comércio”, em matéria publicada sobre a região por ocasião da comemoração dos 450 anos da cidade de São Paulo,

... não é exagero dizer que os camelôs dominam o comércio local. A consequência de tudo é o aumento da violência principalmente na periferia de São Miguel onde está instalada uma das maiores e mais violentas favelas de São Paulo, a Pantanal.¹⁰⁶

A reportagem repete e reforça estereótipos construídos sobre a favela e seus moradores e os alia à presença de camelôs, indivíduos que exercem atividades informais no bairro. É bom lembrar que o jornal representa a associação de comerciantes legalmente estabelecidos na região e que, por isso, vê nesses moradores indivíduos com práticas que interferem no comércio dos estabelecimentos locais.

No olhar desses dois depoentes – Jesuíno e Albertino – as modificações do bairro ganham diferentes significados. Para Jesuíno, as lembranças de São Miguel Paulista recompõem as ações sociais em torno do bairro: sujeitos que resolviam os problemas de urbanização, a instalação da fábrica em Ermelino Matarazzo, o Mercado Municipal, a fazenda Lara Campos onde se andava a cavalo, o Hospital Tide Setúbal. Já Albertino, ao pensar no São Miguel do passado é compará-lo com o que sobrou para o São Miguel atual, “*sufocado*” por outros bairros e pelo Jardim Helena que concentra grande contingente de população vivendo em precárias condições. Avaliar o que São Miguel perdeu, faz parte do processo histórico de constituição da memória do bairro hoje e representa diversos olhares sobre o bairro, apropriados por diferentes sujeitos e que nem sempre conferem com as explicações e as ações do poder público sobre essas mudanças. As imagens de São Miguel de um tempo passado são construídas por referências materiais e simbólicas que demonstram a grandeza de São Miguel Paulista pelo espaço físico e político que o bairro abrangia; desse modo, esses novos equipamentos surgidos no bairro e o afluxo de outros moradores com interesses diferenciados, e ainda, novos pólos de centralização de poderes

¹⁰⁶Caderno Especial do dia 03/06/2004. “*Diário do Comércio*”. De Anchieta aos novos tempos. Lá vai o Bonde para a Europa do Leste de SP – Penha, Mooca, Tatuapé e São Miguel. Textos de Denise Ramiro. Segundo essa edição, a Distrital de São Miguel Paulista da Associação Comercial de São Paulo foi fundada em 1982. Nesses anos todos tem participado ativamente de vários projetos de melhoria do bairro e regiões vizinhas, como Itaim Paulista, Guaianazes, São Mateus, Itaquera e Ermelino Matarazzo. A atual gestão também trabalha na atração de novos associados e hoje conta com 1650 empresários.

e administração da cidade, dividem o espaço e os interesses com a Capela de São Miguel Arcanjo e a praça, que passam a ter outros valores para os moradores que têm outros locais e outros interesses para se identificarem.

A questão da divisão da cidade em subprefeituras nem sempre é incorporada pelos moradores. Estes continuam a fazer referências a São Miguel, mesmo que os locais já não estejam mais sob sua jurisdição. Um exemplo, é a Vila Curuçá, que pela nova divisão pertence à Subprefeitura de Itaim Paulista e no entanto, abriga o “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel”¹⁰⁷ e a “Casa Brunhosinho”¹⁰⁸ que são equipamentos públicos referentes a São Miguel Paulista e região.

Ao buscar as razões explicitadas pelo poder público para a instituição das Subprefeituras, encontrei como exposição dos motivos o seguinte:

A implantação das Subprefeituras – com as decorrentes descentralizações, desburocratização e desconcentração de equipamentos e atividades, serviços e pessoal – significará uma verdadeira revolução político-administrativa na Cidade de São Paulo, não só em virtude dos ganhos com a simplificação, eficácia e eficiência da gestão da coisa pública, mas, sobretudo, por propiciar efetivos mecanismos de participação popular no governo.¹⁰⁹

Segundo a exposição dos motivos, no Projeto de Lei 546/2001, o poder público demonstra intenções de articular as ações da Subprefeitura com os Conselhos de Representantes, com o Orçamento Participativo e outros mecanismos de participação popular na formulação e implementação de políticas públicas, promovendo no município amplo processo de reformas democrático-populares, consubstanciado no controle social do Estado. Essa descentralização implica em um tratamento diferenciado nas distintas realidades socioeconômicas da cidade, sem deixar de centralizar as diretrizes políticas na área de atuação da Prefeitura, vencendo simultaneamente a ótica estanque da ação do Executivo e a indevida homogeneização de realidades diversas. Além disso, a descentralização em áreas menores propicia a otimização dos recursos públicos, melhorando a qualidade dos serviços prestados, viabilizando a universalização do seu acesso à população, condição para uma qualidade de vida digna na Cidade.¹¹⁰

Segundo a Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras, os critérios que definiram a implementação do projeto de organização da cidade em subprefeituras

¹⁰⁷ O “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel” foi fundado em 05/07/1977 e traz no seu estandarte a Capela de São Miguel Arcanjo. Este assunto será abordado, nesta pesquisa, Capítulo III – Um Exercício do Olhar – Produtos que Evocam a Capela.

¹⁰⁸ Casa de Brunhosinho é uma associação cultural e recreativa sem fins lucrativos, fundada em 1991 em um espaço doado pela família Pantaleão, que veio para São Miguel em 1961. Sobre o assunto ver Capítulo III – Um Exercício do Olhar – Produtos que Evocam a Capela.

¹⁰⁹ Projeto de Lei 546/2001 da Prefeitura do Município de São Paulo – Subprefeituras, Exposição de Motivos, p. 12-13.

¹¹⁰ Projeto de Lei 546/2001. *op.cit.*

foram: respeito aos limites dos distritos, prioridade de implementação nas áreas periféricas, Administrações Regionais como referência, identidade política e cultural dos distritos, atenção para as áreas de preservação ambiental, combinação de áreas com diferentes graus de desenvolvimento, limite em torno de 500 mil habitantes, população flutuante, existência de pólos de atração comercial e de serviços, vias de acesso e sistema viário. De acordo com o critério de escolha, define-se que as ações serão da seguinte maneira: Os subprefeitos serão indicados pelo prefeito, a subprefeitura será a prefeitura da região e haverá um conselho de representantes eleitos em cada subprefeitura.¹¹¹

Sobre essas questões, percebe-se que as explicações dadas pelo poder público para a redistribuição da cidade em subprefeituras e, portanto, mudanças na organização político-administrativa da cidade, são sentidas pelos depoentes que, não observam mudanças qualitativas no atendimento oferecido pelo poder público. Não sentem as articulações entre uma participação popular efetiva e os órgãos administrativos como indicam as razões dadas para a criação das subprefeituras. Há uma distância entre o que um propõe e o que o outro observa e deseja.

Exemplo de conflito que envolve os territórios do bairro, é a denominação da avenida Marechal Tito, que antes era a velha estrada de ligação de São Paulo ao Rio de Janeiro. Segundo o PRE, esta via “tem papel de via arterial aglutinadora de atividades centrais e dos vetores mais dinâmicos das atividades econômicas de comércio, serviços e pequenos estabelecimentos”¹¹² do bairro de São Miguel Paulista. A mudança do nome de Estrada Velha São Paulo Rio para Avenida Marechal Tito traduz conflitos, jogo de interesses e disputas pelos nomes de ruas e avenidas do bairro.

Alguns depoentes fazem referências sobre a Av. Marechal Tito¹¹³ como um nome que foi colocado na antiga Estrada São Paulo Rio por interesses particulares de um vereador da região em homenagem a um líder comunista da Iugoslávia.

Pois é... foi o Aurelino que colocou esse nome aí... um ditador sanguinário... não tem nada a ver com a gente daqui... Marechal Tito¹¹⁴... não, não era da ditadura

¹¹¹ Considerações retiradas de Prefeitura.SP – Critérios de escolha. Prefeitura.sp.gov.br.

¹¹² PRE, p.15, *op.cit.*

¹¹³ O Decreto-lei nº 16880 de 08/09/1980 dispõe sobre a denominação de Av. Marechal Tito a Estrada conhecida por “São Paulo-Rio”, que começa na Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, entre as ruas Beraldo Marcondes e José Dias Miranda e termina na divisa com Itaquaquecetuba, no 7º Distrito – São Miguel Paulista.

¹¹⁴ Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, o Marechal foi um estadista iugoslavo que aderiu ao Partido Comunista Iugoslavo em 1920 tornando-se seu secretário-geral em 1936. Durante a II Guerra Mundial organizou um exército com quase 1 milhão de homens e, em 1943 tomou a direção do Comitê Nacional, foi nomeado marechal, proclamou a destituição da monarquia e a criação da República Federativa Popular da Iugoslávia. Em 1948, a Iugoslávia rompeu com a URSS, continuou socialista mas sem fazer parte do Pacto de Varsóvia.

brasileira, era estrangeiro... não tem nada a ver com São Miguel nem com o Brasil ... era lá da Iugoslávia... Era a antiga São Paulo-Rio... Av São Paulo-Rio tava muito bem... menos Marechal Tito... mas aí são coisas que a gente não consegue... foi triste...¹¹⁵

Sobre o assunto, Izaltino Ribeiro, conhecido como Izal, professor e produtor cultural estabelece a seguinte reflexão:

[...] e essa questão das mudanças de nomes aqui ficou conflitante, porque é assim... você tinha Lajeado que ligava o centro de São Miguel até Guaianazes e a Lajeado se tornou Nordestina, né ... o pessoal fala que as pessoas são contra os nordestinos, não tem nada a ver uma coisa é você homenagear, reconhecer uma qualidade cultural outra coisa é você matar uma identidade também ... ah porque existe um outro bairro Lajeado mas era uma coisa que existia que tinha certa... uma coisa mata a outra, aí, fica assim poxa, ninguém teve coragem de ter chegado ... por que Marechal Tito que era a antiga São Paulo-Rio, durante o militarismo você coloca o nome de um cara que era general militar da cortina de ferro... sei lá até que ponto era comunista de fato? Mas porque não colocaram Nordestina na avenida principal do bairro... aí é que de fato queriam acabar com a memória... quer homenagear, vamos colocar a relação identitária...¹¹⁶

Sobre as denominações das ruas citadas, a atual Avenida Marechal Tito chamava-se Estrada São Paulo-Rio (era a antiga estrada que levava ao Rio de Janeiro e que foi substituída pela Rodovia Presidente Dutra) e a atual Avenida Nordestina chamava-se Estrada do Lajeado. Segundo o raciocínio de Izal, trocar o nome da Estrada do Lajeado quebrou a relação de identidade entre os usuários da via que era conhecida como Lajeado e leva aos bairros de Itaquera e Guaianazes. Por outro lado, para o depoente, colocar Avenida Nordestina, nome que tem a ver com uma presença intensa dos nordestinos na região, no lugar de Marechal Tito também seria uma ação não condizente com o tipo de memória que se pretende perpetuar, visto que é uma das artérias principais do bairro e não receberia um nome de sujeitos sociais que representam uma parcela de moradores migrante, empobrecida e que veio para a região procurando novas formas de sobrevivência. Nesse sentido, o depoente demonstra reflexão sobre como os lugares são apropriados pelos moradores, que memórias se pretende perpetuar e o que é valorizado, de acordo com os grupos que estão no poder.

O mesmo aconteceu com as Ruas Estiva, Extrema e Camanducaia que ficam próximas ao Pronto Socorro Municipal e receberam esses nomes em homenagem ao grupo de primeiros migrantes que vieram dessas cidades do Estado de Minas Gerais para trabalhar na Nitro Química e tiveram seus nomes trocados por nomes de pessoas desconhecidas dos moradores, simplesmente por motivos eleitoreiros.

¹¹⁵ Albertino Nobre, depoimento citado.

¹¹⁶ Depoimento Izaltino Ribeiro, concedido à pesquisadora em 04/09/2004. Professor e produtor Cultural, morador em São Miguel Paulista desde 1965, participante de movimentos sociais da região. Participou do MPA (Movimento Popular de Arte), assunto que será tratado no capítulo II dessa pesquisa: Tempos, Espaços e Memórias: Histórias de São Miguel.

Os espaços do bairro evidenciam nomes de dirigentes políticos que se destacaram em determinadas épocas, escolhas muitas vezes realizadas pela importância do homenageado ou por vontade de pessoas ou grupos que pretendem estabelecer determinadas memórias. A memória institucionalizada não evidencia as batalhas empreendidas por segmentos pouco visíveis na realidade de São Miguel Paulista, ainda que estes, através de seus trabalhos e de suas ações sociais, muitas vezes ocultas, sejam sujeitos que mereçam essas reverências.

Segundo o Diário Oficial da Cidade de São Paulo¹¹⁷ o distrito de São Miguel abriga o Hospital Municipal Tide Setúbal, O Hospital Da Saúde Mental, dois dos cinco Telecentros da região e o Centro de Referência da Criança e do Adolescente, inaugurado em agosto para acolher crianças e adolescentes em situações de risco ou de rua. O centro de São Miguel, nos arredores da Praça do Forró¹¹⁸, é atualmente um importante pólo comercial e residencial, com quatro avenidas principais: Nordeste, São Miguel, Pires do Rio e Marechal Tito. A Estação de Trem, utilizada pela linha F da Companhia de Trens Metropolitanos (CPTM) desde 1994, também está nessa área. Segundo a mesma edição do Diário Oficial, o Jardim Helena é o Distrito com maior índice de exclusão social e com equipamentos públicos de saúde e educação em menor número. Já o distrito de Vila Jacuí, abriga a sede da subprefeitura e a nova Casa de Cultura¹¹⁹ entre outras unidades da prefeitura. As ligações viárias ao sul, as avenidas Águia de Haia e Jacu-Pêssego possuem fluxo intenso de veículos e atuam como vetores na expansão habitacional, sobretudo com o surgimento do metrô Itaquera. É uma região com estruturação viária incipiente e sem articulação entre si, aliada à crescente ocupação habitacional, fruto das diversas etapas de implantação e à falta de equipamentos sociais e de subcentros de serviços. Na parcela norte, devido à ocupação mais recente e ao corte representado pela via férrea e pela limitação oferecida pelo rio Tietê e suas enchentes sistemáticas, a situação é mais precária, tanto no que se refere aos equipamentos sociais, serviços e centros de consumo como no que se refere a uma estruturação urbana, agravada por se constituir em uma longa faixa estreita e isolada que vai de Ermelino Matarazzo a Itaquaquetuba.

¹¹⁷ Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 26/11/2005, p.II

¹¹⁸ O nome oficial da “Praça do Forró” é “Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra” e nela está situada a “Capela de São Miguel Arcanjo” esse assunto será discutido no Capítulo II desse trabalho: Tempos, Espaços e Memórias: Histórias de São Miguel..

¹¹⁹ A Casa de Cultura de São Miguel Paulista passou a chamar-se “Casa de Cultura Antonio Marcos” nascido em São Miguel Paulista, em 08/11/1945 e faleceu em 05/04/1992, foi um ator, compositor, violinista, humorista e cantor brasileiro. DOM 29/08/2007, nº 160, p. 131

Entre tantas lembranças, remotas e recentes, São Miguel de tempos antigos vai entrelaçando-se com o São Miguel atual, por meio daqueles que viveram e vivem, até os dias de hoje, experiências diversas. Refazer as memórias da vida cotidiana desse bairro atrelada à presença da Capela de São Miguel Arcanjo como aglutinadora de ações sociais que ocorrem nesse espaço urbano, apreendendo os significados que os moradores atribuíram às suas experiências, compreendendo que estas estavam impregnadas de outras experiências cotidianas e que, segundo Hall “*podem divergir, considerando a temporalidade, o espaço e a relação social*”¹²⁰, foi preciso entender que o passado expresso nas narrativas é elaborado com base na vivência do presente e, portanto, selecionado e avaliado pelos valores de quem os vivenciou, e que, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, ao menos temporariamente.¹²¹ Nesse sentido, busco refletir sobre as diversas identidades formadas e transformadas continuamente pelos moradores de São Miguel Paulista, assumidas em diferentes momentos e nos diferentes espaços do bairro.

Analisar esse “fragmento da cidade”, se fez necessário para a compreensão dos níveis de determinação que atuam em São Miguel Paulista, que vão da articulação com a metrópole numa dimensão macrorregional, passando por níveis intermediários como os da interligação metropolitana e os da estruturação da zona leste da cidade até às questões mais vividas pelos moradores como: falta de equipamentos sociais; tempo excessivo empregado nos veículos de comunicação de massa; falta de segurança pública e a existência de áreas extensas de ocupação habitacional precária como por exemplo, a região do Pantanal. A esses aspectos soma-se a incapacidade da região de absorver parcelas maiores de sua população economicamente ativa, vinculando a organização do espaço social à difícil interação com outros espaços da grande São Paulo, seja para o trabalho, lazer, estudo ou qualquer outro tipo de experiência que seus moradores necessitam ou desejam realizar.

¹²⁰ Hall, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 13.

¹²¹ Hall, Stuart, *op.cit.*

1.2. Um bairro distante, uma origem remota

“*Da origem rebelde ao descaso*” é o título de um trecho da matéria do jornal Diário do Comércio que dá indicações sobre as condições da Capela no período da publicação do jornal. Sobre sua origem, diz a matéria:

A primeira construção de São Miguel foi uma capela feita em taipa de pilão pelos índios e inaugurada pelos jesuítas em 1622, considerada marco da fundação do bairro, localizado no extremo leste de São Paulo. Muitos povoados catequizados surgiram da mesma forma. O curioso em São Miguel é que a capela, ainda permanece ali, cercada de estabelecimentos comerciais por todos os lados. Tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1938, ela é tida pelos historiadores como um exemplar único da arquitetura colonial brasileira e a construção original mais antiga da cidade de São Paulo.¹²²

Nas reportagens de jornais e revistas sobre a Capela de São Miguel Arcanjo, é freqüente a abordagem do seu aspecto arquitetônico, o caráter de antiguidade, marco da fundação do bairro, por ser construída por índios e o fato de ser tombada pelo IPHAN. A Capela é sempre objeto de reportagem para exaltá-la como símbolo de memória do bairro, da cidade de São Paulo e até do Brasil; para evidenciar seu estado de abandono; ou ainda, para denunciar atos de vandalismos. Recentemente, a Capela de São Miguel Arcanjo foi evidenciada nos jornais locais e na grande imprensa, pelas obras de restauração. No entanto, os sujeitos que fazem parte da dinâmica social que a envolve raramente são evidenciados .

Stella e Bomtempo referenciam que muitos bairros da cidade de São Paulo surgiram da transformação de aldeamentos indígenas em povoados de brancos. Esse fato, largamente encontrado na formação social brasileira, é um importante elemento que caracteriza a origem histórica de muitas cidades brasileiras,¹²³ inclusive do bairro de São Miguel Paulista.

Um dos depoentes, Jesuíno elabora reflexões sobre como vê hoje, o início do bairro, atrelado ao Pátio do Colégio e ao sentido de proteção contra os índios Tamoios:

... e começou a... catequização aqui... agora também querida... (aos sussurros) vou te contar uma coisa... não vai pensando que os índios fizeram aquilo ali... tudo bonitinho porque quiseram, de graça, não... sabe... saiu muita bandeira dali daquele largo da igreja ... deve ter saído muita bandeira dali pra caça índio nas mata... escraviza e traze eles pra trabalha forçado... porque as parede ali querida, tem quase um metro de de... largura... sabe... um metro de largura, naquela altura... tudo de terra socada, querida... é terra que não acaba mais e água pra

¹²² Diário do Comércio do dia 03/06/2004 citado anteriormente.

¹²³ Segundo os autores. A reconstrução da igreja foi inspirada pelo padre João Álvares e executada pelo bandeirante Fernão Munhoz, provavelmente no mesmo local onde havia uma capela mais antiga e que tinha como santo padroeiro São Miguel Arcanjo. As proporções da igreja levantada para substituir a primitiva, se comparada à do Pátio do Colégio, demonstram a importância da região. Na época da reconstrução São Miguel já não era um aldeamento indígena, adquirindo características de povoamento de brancos, daí a necessidade de uma igreja que atendessem a demanda populacional, mais adequada à celebração da liturgia católica .

faze o barro e onde eles iam busca a terra? Aonde eles iam busca barro? O Tietê passava ai em baixo mas pra vim de lá de baixo do Tietê carregando água até ali pra faze barro ... será? Será que os índio ia faze numa boa? Que o índio também não gostava muito de trabalhar não viu ... e principalmente ser escravo... eles não gostavam não... não vai me dizer que o índio fez numa boa aquilo ali não... fez obrigado... fez obrigado... sabe...¹²⁴

O depoente atribui, no relato, aos índios a realização do trabalho mais árduo; demonstra clareza de que os índios foram explorados, escravizados; percebe a dificuldade para fazer esse trabalho de construção cujas paredes “*tem quase um metro de largura*” e que portanto, foi um trabalho penoso. Seu falar sussurrando é como se estivesse desvelando um segredo, um conhecimento importante, que demonstra entender as dinâmicas pelas quais passavam os índios ao serem catequizados pelos europeus. Evidencia reconhecer os detalhes da construção da Capela, a geopolítica da região, o uso do rio Tietê, sua distância até a Capela e a percepção de que, já no início da colonização brasileira, houve tensões entre colonizador e colonizado na ocupação do território e na construção da Capela.

No decorrer da pesquisa procurei não usar categorias culturais prontas para tirar conclusões sobre outras culturas, nem usar de hierarquias frente às diferenças e, além disso, analisei todos diferentes tipos de fontes procurando indícios que levassem a refletir sobre suas ações, desvelando as experiências dos moradores do bairro e das pessoas que se relacionam a ele e à Capela, para representar o cotidiano.

Eis uma frase significativa de dona Lyris, que apresenta a Capela de São Miguel Arcanjo como referência cultural, além de patrimônio instituído:

Ah, eu adoro São Miguel... A capela também, desde que eu me conheço por gente eu vejo aquela capela, nunca foi demolida, nunca, sempre foi assim, fizeram uma reforminha no chão, um médico que morava lá perto de nós, ele fez uma reforma lá, no chão, porque era daqueles tijolos antigos de índio né, e ele fez essa reforma só isso... ela nunca foi demolida, imagine que eu tenho uns parentes, já ouviu falar numa senhora chamada Caló, era minha tia avó, ela era filha do mais velho de São Miguel, o Beraldo Marcondes...¹²⁵

Para Dona Lyris, a Capela nunca foi demolida, foi preservada, em função de ações das pessoas com quem convivia na época e atribui a mudança do piso da Capela como “*uma reforminha*”, referindo-se a esta ação, no diminutivo, de maneira carinhosa como se falasse dos cuidados com sua casa. A depoente estabelece uma relação de afeto com o bairro e com a Capela, valorizando a presença de sua família na história do bairro. Estabelece nas suas lembranças um elo de ligação a um passado que se evidencia através da presença da Capela.

¹²⁴ Depoimento do Jesuino Braga, citado anteriormente.

¹²⁵ Dona Lyris Rodrigues Ruott, depoimento citado.

Seus parentes, conhecidos como pioneiros do lugar, eram importantes na vida social de São Miguel. Seu bisavô, “Beraldo Marcondes” que segundo a depoente era o mais velho de São Miguel, nomeia uma rua do bairro, próxima à Capela de São Miguel Arcanjo. A rua “Beraldo Marcondes”¹²⁶ chamava-se rua 5 e foi renomeada pela institucionalização da administração urbana. Segundo seu Jesuíno, a “rua Beraldo Marcondes principiava na Praça da Igreja e terminava na frente do Cemitério Velho e era conhecida pelos antigos por *rua do Cemitério*”¹²⁷.

Na sua biografia, lida por ocasião da homenagem que recebeu como “Pioneira do Bairro” em 2004 nas comemorações do aniversário de São Miguel Paulista, aparece a interferência da iniciativa privada para a realização de benfeitoria no bairro “*a doação de terra para a construção do cemitério*”. Esta ação demonstra a preocupação dos moradores de então, com suas raízes e a apropriação de espaços e construção de equipamentos públicos no bairro.

Foi o bisavô da Sra. Lyris, o senhor Beraldo Marcondes, quem doou a área para a construção do primeiro Cemitério Oficial em São Miguel que, até pouco tempo existia na rua Daniel Bernardo, antiga rua 9. Esse cemitério era cercado com arames farpados que constantemente eram arrebentados por boiadas que o invadiam, pisoteando todas as sepulturas ali existentes. Antes de sua existência, os mortos eram enterrados no Pátio da Matriz e no interior da Capela.¹²⁸

Sobre o primeiro cemitério existente em São Miguel Paulista, Caldini relata:

Não queriam, não queriam não, derrubaram mas no fim... tava pequeno demais...mas podiam ter conservado e fazer outro cemitério... no lugar fizeram uma escola, fizeram uma escola... teve uma polêmica também na época... o sr. Aurelino... não, ele realmente prestou um grande desserviço embora ficasse quarenta anos como vereador ...¹²⁹

O depoente elabora seu pensamento no sentido da preservação de monumentos do bairro que, segundo ele, não precisavam ser derrubados e revela os conflitos com o poder político local que acaba priorizando ações de acordo com seus interesses, em detrimento dos interesses da maioria dos moradores.

¹²⁶ A Rua Beraldo Marcondes recebeu esse nome pelo Decreto 7094 de 21/07/1967 que dispõe sobre denominação de logradouros públicos a saber: Rua Beraldo Marcondes, a atual rua, que leva o mesmo nome e Rua “5”. Começa na Rua Santa Izabel e termina na Estrada São Paulo-Rio, situando-se entre a Estrada São Paulo-Rio e Rua Arlindo Colaço.

¹²⁷ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

¹²⁸ Trecho da biografia de Dona Lyris Rodrigues Ruott lida por ocasião da cerimônia em homenagem aos pioneiros ocorrida na Catedral de São Miguel, no dia 24/09/2004, dentro da programação dos 382 anos do aniversário do bairro de São Miguel Paulista e dos 450 anos da cidade de São Paulo, publicada no Diário Oficial do Município de São Paulo, de 04/11/2004.

¹²⁹ Depoimento José Caldini Filho, citado anteriormente.

Dona Lyris também elabora reflexões sobre o cemitério e uma capelinha que, segundo ela, existia perto e que durante o mês de maio se realizavam festas:

Tinha uma rua que ia pro cemitério e minha madrinha a Caló, eles dizem Caló... então ela tinha uma capelinha também lá, bem assim, perto do cemitério... ela tinha uma capelinha e todo... maio... faziam festinha lá... tinha a capelinha... essa tiraram ... tiraram porque agora esta diferente... [...] Tiraram o cemitério... quase tiraram a Capela... O cemitério eu senti muito... no cemitério... ficou muita gente minha lá... ficou... o Beraldo Marcondes mesmo, ta lá, tá em terra já, ... nem em pó ... ta na terra... hoje tem escola, lá em cima...fizeram escola, fizeram biblioteca em cima...¹³⁰

Essas falas, indicam a significação do cemitério a partir de relações afetivas e que sua demolição não levou em consideração as experiências e os valores afetivos em relação aos mortos, fatores presentes nas falas dos depoentes. A demolição do cemitério antigo e a construção de escola no seu lugar propiciou uma nova configuração do lugar, assentado num duplo movimento, que de um lado retira o componente territorial das relações afetivas e transforma-o num lugar que deverá ser reapropriado, por de novos usos, pelos moradores; por outro lado, um outro local para o “Cemitério da Saudade” revela, também, as transformações ocorridas no bairro em que novos locais precisam ser criados para atender às demandas do grande fluxo de pessoas e adequar-se a elas.

O jornal “Gazeta do Tatuapé – Zona Leste” publicou na edição nº 1652, na seção “Há 30 Anos – Os principais fatos da região foram:”

São Paulo, 1º a 7 de maio de 1977 – Ano III – nº 105

CEMITÉRIO DEMOLIDO

O Cemitério de São Miguel Paulista, um dos mais antigos de São Paulo, será extinto dentro em breve. Em sua área atual a Prefeitura vai construir uma biblioteca e, provavelmente, a sede da Administração Regional. Para isso, o prefeito Olavo Setúbal assinou a lei para a abertura de crédito no valor de 2 milhões de cruzeiros, importância que será aplicada na construção de túmulos em outros cemitérios.¹³¹

Além dessa notícia, o jornal destaca também, a “Festa em Ermelino”, em comemoração ao “Dia do Trabalho”, ocorrida em 1º de maio de 1977. A matéria publicada, sobre a demolição do cemitério, que foi destaque do jornal à época, não indica nenhuma preocupação com a preservação de espaços com significado afetivo para os

¹³⁰ Depoimento Lyris Rodrigues Ruott, citado anteriormente.

¹³¹ O Jornal “Gazeta do Tatuapé – Zona Leste, fundado em 1974, com linha editorial regional e suprapartidária, prima efetivamente pela cobertura e divulgação de fatos pertinentes à Zona Leste de São Paulo, tendo também, seções de interesse geral como Opinião, Esportes, Turismo, Informática, Receitas, Veículos, Notas Sociais, Feminina, entre outras. O jornal tem uma circulação supervisionada em toda a Zona Leste da Capital, com distribuição gratuita nas bancas de jornais (65%), em edifícios (10%), em postos de gasolina (20%) e nos restaurantes da região (5%). Um ano mais tarde, após a fundação do primeiro jornal do grupo, a empresa, atendendo às expectativas do mercado lançou um segundo título: Gazeta da Zona Leste. O novo jornal surgiu para suprir uma lacuna existente na forma de distribuição e no conteúdo editorial de seu co-irmão. Os dois jornais têm abrangência nos bairros da zona leste da cidade de São Paulo.

moradores. O jornal simplesmente anuncia aquilo que o poder público irá fazer, sem questionar essas ações ou colocar em pauta uma discussão com outros setores da sociedade sobre essas medidas, o que demonstra que dá legitimidade ao poder público.

No vai e vem dessas lembranças e interpretações do passado, percebe-se como o depoimento pessoal está intrinsecamente ligado à própria história do bairro e da Capela. As transformações ocorridas no bairro, a luta ou o sentimento de perda por certos bens “que poderiam ser preservados” revelam as referências culturais que indicam a preservação desses lugares ligadas a laços afetivos com relação ao passado. Surgem as emoções, as sensações, as releituras do passado, a compreensão do presente.

Ao rememorar, Dona Lyris retoma o presente como tempo de mudança, de transformação, em que local foi ocupado por outras pessoas que não conhece, que não pertencem ao seu círculo familiar ou de amigos:

E agora você vê, quando eu vou para São Miguel, não conheço mais ninguém, é só gente do nordeste, só... não conheço mais ninguém... eu tenho muitas amigas lá e também alguns parentes, mas não conheço mais ninguém de pessoas antigas... não existe mais ninguém, morreu todo mundo...¹³²

O afluxo de pessoas diferenciadas no bairro, identificadas por Lyris como “nordestinos” leva a um não reconhecimento dessas pessoas, com as quais não se identifica, porque chegaram ao bairro depois dela, tinham outros objetivos relacionados ao trabalho na Nitro Química ou à procura de local para moradia.

Dona Lyris, ao ficar viúva, foi morar com a sua nora e sua neta no bairro da Penha¹³³ e ao referir-se a São Miguel, demonstra perder as referências que possuía do antigo lugar. Aponta as novas pessoas que vieram morar no bairro, que nem sempre vieram de regiões do nordeste, mas que acabou se generalizando como “nordestinos” e que criaram várias formas de sociabilidade e pertencimento, às quais Dona Lyris não referenda. As transformações pelas quais o bairro foi passando atenuaram esses laços de ligação, valorização e parentesco compartilhados pela depoente.

Se, por um lado, as referências sobre a Capela de São Miguel Arcanjo fazem emergir sentimentos de pertencimento, saudosismo, nostalgia e perda, apareceram também, depoimentos diferenciados sobre o uso da Capela e o afluxo de pessoas de outros lugares para o bairro, que provoca a desvalorização do bem cultural.

¹³² Lyris Rodrigues Ruott, em depoimento citado.

¹³³ A referência expressa mais antiga quanto aos limites do bairro da Penha está registrada no termo de medição de 1769. De acordo com essa medição, a sesmaria de São Miguel confinaria com o bairro da Penha na altura do córrego Ticoatira. BONTEMPI, Sylvio, *O Bairro de São Miguel Paulista*. Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: 1970, p.127.

No depoimento de Izal aparece uma memória que não foi realimentada, não foi compartilhada, difundida e socializada e, associada às transformações físicas e sociais pelas quais o bairro foi passando, possibilitaram a perda desses laços de ligação e valorização do bem cultural em questão e, ainda, permite perceber como a experiência no bairro e a ligação com a Capela mudam através das gerações.

É porque uma coisa curiosa... agora eu vejo isso... que as pessoas que migraram para cá nos anos 60... veio muita gente... ainda não chegou a pegar esse... não chegou a frequentar a Capela... a minha geração, por exemplo, não chegou a ter uma frequência porque a matriz já estava feita e parece que a gente cresceu sem cultivar essa relação... os mais velhos já não, o pessoal frequentava, nas festas...

¹³⁴

O depoente num outro momento colocou a questão da recorrência do assunto “Capela” no bairro:

... sendo sincero para você, o tema Capela, às vezes ele enche, enche as paciências, fica Capela e Nitro Química é muita coisa, foi muita gente que escreveu sobre a Capela, às vezes no mesmo enfoque, então, não que não deva ser tocado, mas é que está um tema meio complicado assim a Cúria fica assim ela regula... um pouquinho... a utilização como espaço social, a Roseli Santaella tem aquele projeto de museu, a Unicsul¹³⁵ cuida mas não cuida muito. A gente entrou lá sábado e tem escola lá... umas brechas que cabem dois dedos, não sei se vocês viram quando passa o trânsito trepida e... bem não há uma política definida mesmo, pra restauração... e usos sociais...¹³⁶

Ao elaborar essas questões o depoente evidencia as relações conflituosas entre o uso social que a Capela, para ele, deveria ter e o modo como os órgãos responsáveis pela sua preservação prestam esse serviço. Para ele, o assunto é recorrente, os temas abordados são sempre os mesmos porque priorizam uma história consentida, enaltecem ou criticam a atenção para com esse bem cultural. Nessas reflexões, Izal está evidenciando que não há uma abordagem que reflita sobre a atuação dos sujeitos sociais com ela envolvidos, que procure alternativas para um uso social, que permita a participação direta dos vários segmentos sociais.

Procurar dar resposta às questões sobre a preservação deste patrimônio histórico singular favoreceu também a compreensão da geopolítica dessa região da cidade, através das transformações ocorridas pela ocupação desses espaços. Neste sentido, observou-se a importância estratégica de São Miguel Paulista nos primeiros anos da colonização, cuja ocupação demonstra que a cidade não se formou apenas a partir do Pátio do Colégio, mas que existiam núcleos populacionais em lugares de interesses estratégicos, seja para defesa

¹³⁴ Izaltino Ribeiro, em depoimento citado.

¹³⁵ A Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul) cuidava da Capela de São Miguel Archanjo até o ano de 2006 quando foram iniciadas as obras de restauração pelo IPHAN, mantendo um funcionário diariamente como segurança da Capela. Informações citadas anteriormente no depoimento de João Feher.

¹³⁶ Depoimento concedido por Izaltino Ribeiro, citado anteriormente.

do território, seja para efetivar a conquista cristã no planalto de Piratininga, ou ainda como núcleo econômico, tendo em vista que a região foi considerada Aldeia de Padroado Real¹³⁷ dado o interesse direto da Coroa Portuguesa pelo local. “Este espaço urbano, distante do centro da cidade de São Paulo, teve um papel sócio-agregador e religioso-defensivo e econômico na história da cidade de São Paulo”.¹³⁸

Diante da expansão populacional da cidade de São Paulo no início do século XX, São Miguel do Ururá começa a sentir os reflexos desse novo tempo. Suas matas começam a ser abatidas para suprir o comércio de madeira e a atividade de extração de areia e das olarias são intensificadas para atender à demanda da construção civil.

Sobre esse período de transformação do bairro, Jesuíno relata sua experiência, no período em que veio morar em São Miguel Paulista, por volta de 1934:

(...) aí o desemprego era grande em São Paulo e ele (o seu pai) arrumou, se empregou lá no no Parque da Água Branca que naquele tempo era mesmo que o ... chamavam de feira de amostra, que ali traziam os animais, planta, criação, pra, pra expor para os compradores, [...] era ali na Água Branca...Ali perto do Matarazzo, né o Parque Antártica. [...] e a Nitro química começou a ser construída... e precisava muito material de construção, areia, então o meu tio com outro senhor aqui, resolveu fazer uma sociedade e botar uma draga numa lagoa que tinha aqui perto do Tietê. O Tietê fazia uma curva ali... e.. jogava, na enchente e jogava toda a areia para fora e formava uma lagoa, então eles montaram uma draga... [...]o meu pai era motorista naquele tempo e meu pai veio trabalhar pra eles... Então o meu pai veio... nós viemos para cá... no, na metade do ano de 34 pra 35... aí, [...]não deu certo a sociedade... meu pai ficou desempregado, mas teve sorte que nesse tempo a Nitro começou a pegar... já tinha a parte toda construída e montada, começou a funcionar... meu pai se empregou na Nitroquímica. Aí nós ficamos aqui...¹³⁹

O modo de viver dos moradores de São Miguel Paulista foi modificado em relação à expansão da cidade de São Paulo que, com o aumento populacional e as mudanças nas relações de trabalho, leva à procura de bairros afastados da região central para construção de moradias e indústrias e, portanto, traz a necessidade de areia para uso na construção civil.

Segundo Caldeira, durante as três primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento da cidade não alcançou a região de forma direta. No ano de 1920, o distrito de São Miguel que incluía Itaquera e Guaianazes abrigava uma população de 4 702 pessoas – segundo o Recenseamento Geral do Brasil – e, em 1925 foram ensaiados os

¹³⁷ O Padroado Real, segundo Boris Fausto consistiu numa ampla concessão da Igreja de Roma ao Estado português, em troca de garantia de que a Coroa promoveria e asseguraria os direitos e a organização da Igreja em todas as terras descobertas. O rei de Portugal ficava com o direito de recolher tributo devido pelos súditos da Igreja conhecido como dízimo, correspondente a um décimo dos ganhos obtidos em qualquer atividade. Cabia à Coroa criar dioceses e nomear bispos. FAUSTO, Boris. História do Brasil, São Paulo: Edusp, 2000, p.8.

¹³⁸ STELLA, Roseli Santaella. Anchieta e a Fundação de São Miguel de Ururá, *Atas do Congresso Internacional – Anchieta 400 Anos*. São Paulo: FJB Editora, 1998, p.329.

¹³⁹ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

primeiros loteamentos ao longo do rio Tietê, mas permaneceram desocupados. O bairro ainda teria de esperar o início dos anos 30 para se expandir. Um dos seus entrevistados conta como era o bairro antes de “*formar a cidade*”: “*as casas e a igreja de taipa, a praça onde todos iam, as festas religiosas, a calma de uma vida pacata de aldeia*”.¹⁴⁰

1.3. Rumo a São Miguel: o bairro na década de 30

1953 – O caminhão não esperou a claridade despontar. Dormindo, uns. Maldizendo, chorando, outros. Calado, eu. A lona marrom cobrindo as pessoas da chuva, do sol e guardando poeira. A Bahia, grande. Minas: serras, lama, ladeiras, o caminhão lotado de gente chapinando terra, voando areia, pedra, por estes caminhos pobres. São Paulo: como nos velhos sonhos de pai, vermelho tal São Miguel, onde aportei em janeiro de tarde com um sol miúdo. A grande fábrica de química me acenando pelos dias seguintes, chamando. Fichado fui. Perto do ano findar, voltei à Bahia em dias de folga. Trouxe Adelina, ela preencheu o vazio de uma mulher.

Roniwalter Jatobá¹⁴¹

Na tentativa de compreender as dinâmicas sociais pelas quais interagem os habitantes de São Miguel Paulista busco acompanhar o surgimento de novos modos de viver neste local, refletindo sobre as narrativas e as vivências de quem as experimentou, num esforço de perceber as transformações no espaço urbano, a partir da década de 30, período em que surgem novas formas de sociabilidade, com mudanças no modo de trabalho, nas construções, no comércio; indicando, assim, os contrastes, os conflitos e novas configurações sociais nesse espaço urbano.

A década de 30 constituiu-se num marco importante. Marcada por lutas na memória dos moradores, por ser carregada de significados e interpretações, e mudanças em relação aos viveres do bairro, leva a observação, a partir desse período, da diversidade de práticas sociais de São Miguel Paulista, quando ali se operam transformações marcadas pela propaganda do “*progresso e desenvolvimento*”, entendidos como industrialização e oferta de empregos.

Nesse processo de transformação do bairro, aparecem outros elementos como a fábrica, o comércio, o aumento populacional, novos interesses que dividiram as ações

¹⁴⁰ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, *op.cit.*

¹⁴¹ JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da Vida Operária*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979, p.33. Nascido em Campanário, norte de Minas Gerais em 22/07/1949, veio para São Paulo aos 21 anos e empregou-se como operário na Karman Ghia do Brasil, em São Bernardo do Campo. Morou em São Miguel Paulista, em frente a uma indústria química e seu cotidiano foi sendo formado pela observação de homens e mulheres, expulsos pela miséria e perseguindo um futuro melhor na cidade grande: os retirantes nordestinos.

sociais que se estabeleceram no bairro. A Capela de São Miguel Arcanjo que até aquele momento centralizava as atividades sociais do bairro passou a dividir essa condição, com outros núcleos de interesse para os quais os moradores se voltavam.

Aroldo de Azevedo reforça essa interpretação, pesquisa de 1945, que aponta para as transformações ocorridas, assim se expressando, “não longe da veneranda igreja seiscentista aparecem as modernas habitações do bairro operário”.¹⁴². Diz mais, “o trecho antigo de São Miguel ainda guarda sua fisionomia própria, contrastando fortemente com os trechos novos, surgidos notadamente em torno das instalações monumentais da Nitro Química Brasileira [...]”:¹⁴³

A foto que segue, aponta para a região da Capela de São Miguel Arcanjo, ainda sem as características de um bairro industrializado e populoso em que se tornaria no decorrer das décadas seguintes, observa-se as ruas de terra, poucas moradias, a Capela praticamente sozinha na praça, sem os elementos que constituiriam o bairro a partir da instalação de indústrias e afluxo de pessoas para a região.



Figura 4 – Exterior da Capela – foto de 1941 – Acervo Unicsul.

¹⁴² AZEVEDO, Aroldo, op.cit. p.130

¹⁴³ AZEVEDO, Aroldo, op.cit.p.129

E Azevedo continua, detalhando suas impressões sobre aquele contexto:

Ao lado da pequena minoria que se dedica ao amanho da terra e à exploração do solo (olarias), vamos encontrar numerosa população que vive em função das atividades industriais ali instaladas, quer diretamente do trabalho nas fábricas, quer do comércio que as mesmas alimentam.

Com efeito, duas grandes fábricas, a “Nitro Química” e a “Celosul” deram uma nota característica à região, com suas monumentais instalações e os bairros residenciais que vieram criar. Sobre a planura da várzea do Tietê, no sopé das colinas, suas altas chaminés e suas estruturas de concreto armado como que anulam e fazem desaparecer as modestas olarias e as pequenas extensões cultivadas.”¹⁴⁴

Os depoimentos de pessoas mais velhas, que trabalharam na Nitro Química ou que moraram no bairro nessa época, trouxeram significados para a pesquisa, relatando por força de suas memórias, o trabalho a que se dedicaram, bem como suas lutas, que ocorreram entrelaçadas com as modificações pelas quais o bairro foi passando.

No período compreendido entre as décadas de 30 e 70, o bairro de São Miguel Paulista viveu a fase de industrialização, quando ali se instalou a Cia. Nitro Química Brasileira do Grupo Votorantin, visando produzir o *rayon*, uma espécie de seda artificial produzida à base de nitroglicerina, com menor custo de produção do aquele decorrente da utilização do fio de seda natural. A Cia. Nitro Química se constituiu a partir da transferência de uma fábrica inteira dos Estados Unidos para o Brasil – a *Tubise Chantillon* – produtora de fios, seda artificial e outros produtos têxteis e químicos, ocorrida em 1935¹⁴⁵, inaugurando, no bairro, sua fase industrial.

Dona Tereza Pilon, que veio para São Miguel em 1948, quando ainda não tinha 18 anos, relata os motivos pelos quais ela e sua família saíram de Quatá (SP) e vieram para São Paulo:

Não, tinha 18 anos... era jovem... vim com meu pai, toda minha família... viemos tudo junto... Porque lá onde que nós morava nós trabalhava assim em fábrica de bicho-de-seda, né...e... fechou... por causa que começou a ... abrir as firmas raion, os fio raion... e naquele tempo quem trabalhava com a seda natural... o fio... fechou tudo... e então nós não tínhamos pra onde ir ... aí viemos pra São Paulo... Graças a Deus... nós viemos pra trabalhar... mas não sabíamos que ia trabalhar na Nitro... aí nós... chegamos aqui numa semana... na outra semana estávamos tudo empregado trabalhando na Nitro... Deus colocou a mão... nós éramos em quatro... cinco... meu pai não trabalhava mais... meu pai ficou numa gurita pra vender esses terrenos tudo aqui... ele que levava a turma... os terrenos tudo aqui foi ele que levou os comprador... não tinha nada de casa... aqui não... aqui tinha só a nossa casa... mais duas casas na frente, só... depois fez um barzinho aí... uma casinha aqui no fundo... o pessoal passava ai

¹⁴⁴ AZEVEDO, Aroldo, op.cit. p. 129.

¹⁴⁵ ROCHA, Antonia Sarah Aziz. *O Bairro à Sombra da Chaminé: um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935 a 1960)* São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação, 1992, p. 2.

no fundo do nosso quintal pra ir lá pra... pra São Miguel... pro centro lá... não tinha portão... não tinha... não tinha muro... não existia... tudo aberto....¹⁴⁶

Tereza Pilon revela as transformações sociais pelas quais vão passando os lugares, estabelecendo as relações entre a cidade de São Paulo e outras cidades do Estado. No lugar onde morava, não havia mais a atividade com o fio da seda natural tendo em vista a instalação de indústria que fabricaria o fio artificial em São Miguel Paulista, produzindo um material mais barato. Daí a necessidade de sua família vir para São Paulo à procura de outras atividades que lhes garantissem o sustento. Nessa dinâmica, a venda de terrenos é uma outra atividade que aparece no seu relato e que mostra a variação de atividades das pessoas, que ao se mudarem para São Miguel Paulista, se apropriaram de outras atividades que não aquelas a que estavam acostumadas e refazem essa dinâmica social, ligadas às transformações pelas quais o bairro passa, em que os loteamentos vão surgindo e dando lugar a casas construídas rapidamente para abrigar os trabalhadores que chegavam. Esse cotidiano relatado evidencia laços de vizinhança e respeito, característicos de locais pouco povoados, bem diferente do bairro hoje que tem características mais semelhantes ao que Caldeira relata: “as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança , e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns”.¹⁴⁷

Na perspectiva da reconstituição das dinâmicas desses movimentos percebo, no depoimento, a migração como projeto familiar; a redefinição da família na apropriação de novo espaço de sociabilidade; a construção da casa própria e o lugar da família, núcleo referencial básico, sendo o trabalho de cada um visto como forma de ajudar a família, em que todos se apóiam.

A inauguração dessa fase industrial concorreu para o crescimento populacional vertiginoso, praticamente estagnado durante séculos, conforme menciona o Jornal “*O Estado de São Paulo*” em matéria publicada em 16 de agosto de 1957:

... entre 1937 e 1939 acrescentaram-se cerca de 500 prédios novos às duas centenas de residências que existiam até aí. A paisagem do bairro começou a ser

¹⁴⁶ Depoimento de Dona Tereza Pilon, concedido à pesquisadora em 06/02/2007. nascida em Quatá (SP) em 1930, moradora em São Miguel há 60anos, frequentadora da Igreja de São Miguel desde que chegou no bairro, exercendo o cargo de secretaria da “Pia União das Filhas de Maria”, foi catequista e participante do coral da Igreja e trabalhou pessoalmente com o Pe. Aleixo Monteiro Mafra. Mora atualmente no mesmo local onde veio morar quando chegou em São Miguel Paulista.

¹⁴⁷ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, *Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000, p. 211.

modificada, tanto pelo incremento dos núcleos habitacionais já existentes quanto pela criação de novos, que se multiplicavam em todas as direções.¹⁴⁸

Rocha, ao discutir a formação da classe trabalhadora da Cia. Nitro Química, aponta para a “instalação da fábrica e também a própria expansão da cidade de São Paulo na década de 30 contribuíram para o crescimento populacional do bairro, pois se dirigiam para São Miguel Paulista não só aquelas pessoas que necessitavam de um emprego, como também aquelas que procuravam um local de moradia mais barata e até certo ponto mais cômoda”¹⁴⁹ e mesmo nesse contexto, a Capela de São Miguel Arcanjo permaneceu como elemento representativo dos anos iniciais de ocupação da cidade, encontrando-se associada ao movimento de expansão do bairro.

Albertino Nobre descreve como veio para São Paulo trabalhar na Nitro Química:

É, eu sou do nordeste... acontece o seguinte, a gente não vem do norte por querer, a gente vem do norte por causa da situação... eu sou da cidade de Senhor do Bonfim da Bahia... Bonfim é apenas 90 km de Juazeiro e Petrolina e hoje é um polo excelente lá da região que é Petrolina ... mas na minha cidade não tem onde acomodar os rapazes que vão chegando a idade para trabalho... então quando eu fiz 18 anos ... eu fiz 18 anos eu vim pra São Paulo através de um amigo me trouxe até São Miguel e aqui meu primeiro emprego foi a Nitro Química ... meu primeiro emprego foi aqui na Nitro Química, onde eu tive a honra de trabalhar trinta e quatro longos anos...¹⁵⁰

Reconhecendo a profunda desigualdade e o lugar desfavorável em que se encontravam os que vinham de outras regiões, principalmente do nordeste brasileiro, é que Albertino se refere à sua vinda para São Paulo, tendo a capital paulista como referência para seu “sucesso”. E, mais adiante, o depoente continua:

E aqui em São Paulo, trabalhando na Nitro Química lutando, casei-me tive a honra de ser casado pelo Pe. Aleixo ... Monteiro Mafra e inclusive naquela Capela famosa de 1622 ...naquela época, a praça hoje Pe Aleixo... e chamava-se Campos Sales ... com mais uma novidade que a estação de São Miguel também naquela época era Baquirivu, não era São Miguel, depois foi que se tornou São Miguel... mas era em homenagem aos índios Baquirivus que habitavam aqui a região de São Miguel e Guarulhos, então pra mim foi uma alegria enorme, sou um dos poucos nordestinos a ... não é vencer na vida... como é que eu digo... a progredir na vida... a triunfar... porque trabalhando na Nitro Química tornei-me advogado, estudei naquela época em Mogi das Cruzes... um sacrifício imenso... me tornei advogado... e de advogado me tornei vereador de São Paulo. Esses é um dos pontos que mais me alegram.¹⁵¹

São Miguel Paulista é traduzido para o depoente como o bairro da cidade de São Paulo que o acolheu, que lhe proporcionou condições de trabalho e estudo, possibilitando

¹⁴⁸ Jornal “O Estado de São Paulo, de 16/08/1957, *Apud* CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros – O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 37.

¹⁴⁹ ROCHA, Antonia Sarah Aziz, *op.cit.* p. 20

¹⁵⁰ Albertino Nobre, em depoimento citado.

¹⁵¹ Idem

seu sustento e seu futuro, vinculados ao orgulho do sucesso profissional e sua importância no processo de trabalho, que lhe garantiram significativas melhorias de condições de vida material. Percebe a Capela como parte dessa experiência de vida, local em que se constituiu parte de sua inserção individual na rede de sociabilidades proporcionada, sendo portanto, um dos lugares de definição de suas identidades; tornar-se vereador da cidade é o ápice para ele de uma trajetória bem sucedida.

As representações sobre a mobilidade social têm no relato de Albertino, algumas características que Caldeira salienta em sua obra. Em primeiro lugar, o instrumento para melhorar de vida é o trabalho, ou seja, o meio pelo qual se obtém dinheiro para manter-se. Por outro lado, apenas o trabalho não dá essa garantia e precisa ser sempre auxiliado por alguns mecanismos que garantam as condições de melhor remuneração, como o estudo e a formação profissional. Além disso, a ajuda divina e a persistência também são elementos que irão ajudar a “*vencer na vida*”.¹⁵²

Rocha descreve o bairro com o advento da Nitro Química:

O Bairro de São Miguel Paulista cresceu com a fábrica. Sua diminuta população composta de algumas poucas famílias que moravam ao redor da antiga capela, começa a se expandir e um novo centro localizado nas proximidades da Estação Rodoviária e da Fábrica começa a se formar. Nesse novo centro o que predomina é o comércio. No início esparso e pouco diferenciado, com o passar dos anos mais consistente e desenvolvido. Junto a ele, as residências casas contíguas, às lojas, aos bares, às farmácias e às padarias.¹⁵³

A autora menciona a expansão do bairro ao redor da Capela, novo centro comercial, junto à estação rodoviária e à fábrica que se apresentam como novos lugares de relações sociais. A Capela e a praça deixam de ser os únicos locais de referência para esses moradores.

Jesuíno rememora um período em que o bairro era composto pela Igreja e casas de pau-a-pique e atribui ao “*progresso*” do bairro, a presença da maior indústria do país no momento, a Nitro Química. A instalação da empresa trouxe o “*progresso*” para São Miguel, entendido como possibilidade de emprego, de aquisição de objetos mais “modernos”, aumento da população e do comércio, instalação da luz elétrica, construção de estradas e ferrovia. É impossível desvincular a presença da Nitro Química e a urbanização de São Miguel Paulista do afluxo de pessoas para a região, vindas com o objetivo de trabalho.

Então isso daqui era mato, quem trouxe o progresso para São Miguel foi a Nitro Química... naquele tempo era a maior indústria do país... foi quando ela

¹⁵² Conforme Caldeira, *op.cit.* p.169.

¹⁵³ ROCHA, Antonia Sarah Aziz, *op.cit.* p. 21

começou a funcionar, se não me falha a memória... porque ela funcionava 24 horas, não podia parar... parece que naquela época já tinha 7 mil empregados... a Nitro Química tinha diversos caminhões naquele tempo eles não compravam ônibus, ela tinha diversos caminhões punha cobertura de lona e dois bancos e ia buscar gente para trabalhar... na Penha, em Itaquera...em Itaquecetuba...¹⁵⁴

O transporte das pessoas, contudo, era quase impraticável e esse problema tornava-se cada vez mais grave. As olarias haviam provocado um incremento populacional e as charretes já não eram suficientes para transportar os moradores até as estações de trem em Itaquera e Lajeado ou até a Penha, onde podiam tomar os bondes elétricos para o centro. Para locomover-se, os habitantes do bairro eram obrigados a enfrentar longas caminhadas.¹⁵⁵

Diante da necessidade do transporte de pessoas para o trabalho na indústria e para facilitar a circulação em diferentes lugares de São Paulo, por volta de 1930 foi inaugurada a primeira linha de ônibus Penha-São Miguel. Em 1932, foi inaugurada a primeira estação ferroviária (variante Poá – Estrada de Ferro Central do Brasil), que passou a ser utilizada pela população do bairro e adjacências.

Nas suas lembranças, Jesuíno consegue visualizar a geopolítica da região, tanto do ponto de vista das vias de rodagem como da linha férrea. Demonstra a importância do trem naquela época, ao citar a quantidade de estações pelas quais passava para se chegar ao Brás que era o ponto final, e ao mesmo tempo, a continuação do acesso outras localidades para além de São Miguel Paulista até Mogi das Cruzes. No entanto, por estrada de rodagem, a próxima localidade era a Penha de França e daí se conseguia chegar ao centro da cidade.

Desse modo vão surgindo, segundo Azevedo, em São Miguel Paulista, resultantes da instalação dos estabelecimentos da “Companhia Nitro Química Brasileira”, bairros novos de traçado pré-estabelecido, com suas habitações em estilo moderno, uma vida ativa, com elevado número de casas comerciais e movimento das ruas. Não longe da estação, estava a Vila Nitro-Química, prolongada pela Vila Americana. Do outro lado da via férrea, encontrava-se a chamada Cidade Nitro-Química, destinada aos operários e continuada a leste pelo Parque Paulistano ainda em formação. Ao longo da Rodovia São Paulo Rio, outras “vilas” operárias também existiam: a Cidade Nitroperária e a Vila Curuçá.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

¹⁵⁵ Conforme CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros – o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. Editora Brasiliense, São Paulo: 1984

¹⁵⁶ Considerações retiradas de AZEVEDO, Aroldo. *Op.cit.*

O Sr. Eurico, que também vivenciou esse período em São Miguel, assim descreve estas vilas:

Na vila Nitro Química moravam os operários especializados, os mecânicos, eletricitas, encanadores, pedreiros, enfim aqueles que tinham alguma especialização. Na vila Nitro Operária moravam os trabalhadores braçais, que faziam o serviço mais pesado. Geralmente não tinha instrução e vinham do norte/nordeste de pau-de-arara. A vila Americana era reservada aos engenheiros, os diretores, funcionários de alto escalão da Nitro Química, geralmente pessoas com nível superior... médicos, químicos. Já o Parque Paulistano era na época a região rural, com chácaras, gado que fornecia leite para a região.¹⁵⁷

Ainda, segundo Azevedo, algumas das “vilas” desse período dispõem de vantagens que outros muitos subúrbios não conhecem: é o caso da água encanada e da luz elétrica, além de centros de recreação e assistência (estádio, clube, restaurante, etc.), equipamentos que reforçam os contrastes existentes na região. Refletindo sobre essas afirmações, as habitações em estilo “moderno”, combinam com um estilo de vida ativa, comércio, movimento nas ruas, clubes, restaurantes relatados pelo autor que, ao mesmo tempo, traduz esse moderno como rejeição ao passado do bairro, em que se configuravam outras relações sociais.

Sobre a presença de vilas operárias ou casas de moradias dos trabalhadores em locais próximos à Indústria Nitro Química, pode-se pensar sobre as condições de habitações melhores e mais estáveis, que permitiam fugir dos cortiços, moradia da grande maioria dos trabalhadores, que não contavam com habitações fornecidas pela indústria, aliadas ao controle e regulamentação da vida operária fora do recinto da fábrica. Em primeiro lugar, a empresa era altamente perigosa, segundo relato dos moradores, exigindo a presença de funcionários a qualquer momento em que ocorresse algum acidente. Por outro lado, os relatos indicam como era difícil o transporte até São Miguel Paulista; a presença dos operários em bairros próximos facilitava a locomoção e atendia aos interesses da indústria. Além disso, a vida operária era controlada também nas vilas operárias por meio da creche, da escola, dos equipamentos de lazer, sendo os costumes policiados por um bom desempenho e produtividade no trabalho. A disciplina do interior das fábricas era estendida para fora delas, nas vilas que constituíam um prolongamento do universo fabril.

Paulo Pontes relata na sua pesquisa sobre as lutas operárias na empresa Nitro Química, a existência de um completo aparato social dentro da empresa:

A partir dos anos 40, a Nitro estruturou um aparato assistencialista para seus trabalhadores e, em muitos casos, para a população de São Miguel. Moradias em

¹⁵⁷ Eurico dos Santos, em depoimento para a pesquisadora em 08/06/2007.

vilas operárias, serviço médico e prevenção de acidentes, berçário e assistência à infância e gestantes, cooperativa, jornal da empresa, restaurante, clube de esporte e lazer e Escola Senai compunham uma ampla gama de benefícios que no início da década de 50 foram centralizados em um único setor diretamente ligado à diretoria geral da empresa denominado Serviço Social.¹⁵⁸

Segundo Pontes, os benefícios sociais apareciam como uma marca registrada da companhia para os trabalhadores, elemento fundamental que legitimava a dominação e compensava a condição de periculosidade em que viviam os trabalhadores; era também uma forma de aumentar a produtividade garantida pelo bem estar dos empregados.

Com o mapa do local na cabeça, Jesuíno identifica experiências do que não existe mais e que só o presente vivido faz voltar ao passado:

No meu tempo de garoto, tinha um ônibus que ia até na Penha o bonde fazia... fazia a volta ali no largo da Penha, Largo Oito de Setembro... ele fazia o balão ali, e o ponto do ônibus São Miguel era ali, na rua Penha de França... então tinha o ônibus de São Miguel até a Penha de França, se quisesse ir pra cidade ou você tomava um ônibus na Penha pra a cidade ou então você ia de bonde... era o transporte que tinha. Quando chovia não tinha ônibus em São Miguel pra Penha porque o ônibus não conseguia chegar na Penha, porque era tudo terra... a estrada era tudo terra... Então tinha um núcleo que era São Miguel, pra lá não tinha mais nada, o outro núcleo era a Penha... Era a Penha, era a Penha... e por estrada de ferro, tinha São Miguel, Engenheiro Goulart, Engenheiro Trindade que é a Penha, depois vinha Quarta Parada que é a Quarta Parada ainda, não, vinha a Quinta Parada, depois a Quarta Parada ... depois o Brás, que era o ponto final do trem. Era isso aí, naquele tempo... e daqui de São Miguel pra lá, tinha Itaim, Itaquaquecetuba, Manoel Freire, Brás Cubas e Mogi das Cruzes e Jundiapéba e Manoel Feio.¹⁵⁹

Sobre essas experiências, o Sr. Jesuíno registrou no seu livro de memórias e enviou-me por correio seus escritos:

No ano de 1927 meu tio Paulo Braga monta em São Miguel a primeira oficina mecânica, localizada próxima à Praça da Igreja para conserto de automóveis e outras máquinas usadas na época.

Existia na estrada de Bom Sucesso uma fazenda[...] de propriedade da família Franco [...] era o ano de 1929 – este senhor Estevão Franco convida meu tio Paulo para comprar um ônibus e tirar licença de uma linha Penha-São Miguel, o senhor Paulo não aceitou o convite. Achava ele que era perder dinheiro pois São Miguel não tinha população para sustentar uma linha de ônibus e a estrada era muito ruim, quando chovia era intransitável. O senhor Estevão chamou outro amigo motorista Sr. Antonio que aceitou o convite. Compraram este ônibus que você vê na foto em 1930.

No começo eram duas viagens por dia e dividiam cada um fazia uma viagem [...] quem saía de São Miguel para o centro da cidade era um sonho realizado, não existia outra condução. No ano seguinte, estes pioneiros compraram outros ônibus.[...] Não demorou muito para meu tio se arrepender. Em 1935 com a construção das obras da Nitro Química a Prefeitura de São Paulo se interessa pela manutenção da estrada com homens sempre conservando. Neste ano de 1935 os pioneiros já tinham 10 ônibus na linha pois houve uma explosão na população de São Miguel que não parou mais de crescer e a empresa de ônibus acompanhou. E meu tio sempre se lamentava nunca esqueceu. Dizia ele, foi a

¹⁵⁸ FONTES, Paulo. *Op cit* p.69.

¹⁵⁹ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

maior burrada que fiz na vida e se condenava dizendo, “o pior é que eu tinha o dinheiro”.

Recordo-me do nome dos primeiros motoristas não tinha cobrador, era bilhete o motorista cobrava e dava o bilhete, o nome dos primeiros.

Sr. Estevão e Antonio, os donos, Sr Luiz, Miguel, Armando, Romeu. Este Sr. Romeu era esposo da Sra Lyris. O Sr. Romeu se aposentou na empresa. Teve dois filhos, colocou-os na empresa aprenderam a profissão e aposentaram-se. Os três são falecidos e há pouco nos deixou a Sra. Lyris.

São Miguel, 11/06/2007 – Jesuíno Braga¹⁶⁰

Ao escrever suas lembranças em função de experiências significativamente vivenciadas, atreladas às relações de parentesco, Jesuíno traduziu um processo vivenciado e contado pelo seu pai e seu tio. Os episódios narrados são selecionados no tempo presente, com as recentes incorporações sociais vividas e emergem da necessidade de fazer com que não sejam esquecidos. Na sua narrativa, Jesuíno consegue evidenciar as dinâmicas sociais pelas quais a localidade passa em função das necessidades que as transformações do bairro vão exigindo. No seu relato, emergem as relações pessoais, os acordos financeiros, as necessidades do bairro e suas transformações. Aparece ainda, a praça da Igreja como local de inter-relações com os bairros vizinhos, especialmente com a Penha, para onde se dirigiam os ônibus. Outra questão para reflexão é a limpeza e conservação da estrada pela prefeitura, para atender às necessidades do bairro, geradas pelo funcionamento da Nitro Química, que exigia uma maior funcionalidade no local, com ruas e estradas melhores conservadas para maior fluidez dos veículos e pessoas.

Eurico dos Santos também relata essas experiências relacionadas ao seu tempo vivido entre os anos de 1954 e 1958.

Eram dois ônibus – um que ia de São Miguel até a Penha e outro que voltava da Penha até São Miguel. O local de partida de São Miguel era na “Praça Um” que hoje é a “Praça Getúlio Vargas Filho” (que foi um dos primeiros engenheiros da Cia Nitro Química). Era também conhecida como “Praça das Promessas” Porque o local onde os políticos faziam seus discursos à época das eleições. Na praça, havia uma pequena oficina, com tambores de água para por nos radiadores dos ônibus e óleo para a manutenção, além de borracheiro e outros equipamentos para a manutenção e conserto dos ônibus.

O transporte coletivo melhorou um pouco, porém, as vias de acesso não favoreciam, eram de terra e quando chovia colocavam correntes nos pneus para não derrapar. Quando o ônibus quebrava tinha que esperar comunicação com a empresa, que era a “Empresa Auto Ônibus São Miguel”, que existe até hoje. Para a comunicação, geralmente o cobrador ou o motorista pegava o ônibus que vinha em sentido contrário para avisar sobre o incidente e trazer socorro. Às vezes o motorista e o cobrador não abandonavam o local. Esperavam que passasse um outro veículo para dar o recado na empresa. Os motoristas e os cobradores usavam farda de brim cáqui, quepe e gravata.¹⁶¹

¹⁶⁰ Jesuíno Braga, em correspondência com a pesquisadora.

¹⁶¹ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

Essas relações com outros bairros, relatadas por Eurico, ocasionadas principalmente pela necessidade de atender à demanda de trabalhadores para a Cia. Nitro Química, estão relacionadas com outras experiências sociais que envolviam os trabalhadores, como relata Jesuíno Braga:

... Mas aí, o que que acontecia... muito desastre aí... e os paulistas já não queria mais trabalhar e começou a faltar gente... e o que que o Ermírio de Moraes não esse Antonio, esse Antonio é do meu tempo... O pai do Antonio, o Dr. Ermírio, aí o que que o Dr. Ermírio fez, ele mandou buscar gente no nordeste, pegou uns caminhões... aqui tinha... naquele tempo era linha de tiro né, podia servir o exército e podia servir... fazer a linha de tiro... era o tiro de guerra e, naquele tempo... tinha um sargento aí que fazia o tiro de guerra em São Miguel e o Ermírio de Moraes pegou ele e os caminhões e pagava pra ele pra ir pro nordeste trazer gente de lá para trabalhar aqui e toda semana chegava pau-de-arara... toda semana, e foi... por isso que eu te falo que aqui, só tem forasteiro... querida, sabe... só tem forasteiro... É porque aí as pessoas vão chegando e não tem identidade com o lugar, né, não são daqui...¹⁶²

O depoente revela São Miguel atrelado às suas experiências de vida, ou seja, a instalação da Nitro Química, a necessidade de mão-de-obra para suprir o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, à vinda de pessoas “forasteiras”, sem nenhum vínculo com o local, referindo-se aos nordestinos, sujeitos nem sempre bem vistos, nas representações dos moradores antigos, que traziam junto com as condições de locomoção “nos trágicos paus-de-arara”, a imagem dos lugares de habitação a eles destinados, geralmente barracos, cortiços ou qualquer terreno baldio, que abrigariam inúmeras famílias. Esses migrantes evidenciam experiências culturais inteiramente diversas daquelas que o depoente valoriza, expressando estigmas que marcam a vida dos nordestinos.

Os acidentes provocados pela explosão, ocorrida na Nitro Química, citada por Jesuíno, “são cantados em verso e prosa (de um modo bem nordestino) pelas ruas e bares de São Miguel Paulista”:¹⁶³

Terrível explosão sacudiu
A Nitro Química Brasileira
Juntamente com todo pavilhão
Foi pelos ares a caldeira
(...)
No dia 18 de junho,
No dia de quarta-feira,
Eram 12 horas e dez minutos,
Eu estava em uma cadeira
Quando ouviu-se um grande estrondo
Que foi notado redondo
Na Nitro Química Brasileira.
[...]
Que abalou Baquirivu
Vitimando dezoito operários
Todos eles se achavam

¹⁶² idem

¹⁶³ FONTES, Paulo. *Op.cit.*, p.41.

Firmemente em seus horários
 Sem pensar em tal sorte
 Encarando estava a morte
 Prá nossos correligionários
 [...]
 Supõe que seja manipulação
 De ácido em demasia
 Que causou a explosão
 Se fosse menos não fazia
 Isto mesmo tenho pensado
 Nesta minha poesia.¹⁶⁴

O modo de relatar o acontecimento pela da literatura de cordel demonstra a apropriação de lugares e experiências vividas por outros indivíduos, que chegaram ao local e possuem outras formas de expressar seus sentimentos e revelar os conflitos do cotidiano do bairro.

Caldeira alia o aumento populacional, também a outros fatores que dizem respeito à cidade de São Paulo como um todo. Diz a autora: o início da expansão de São Miguel pode ser vinculado a um fator local, a instalação da Nitro Química, porém a partir da década de 40 o crescimento de São Miguel não pode ser dissociado do crescimento da cidade de São Paulo. Para São Miguel iam as levas de migrantes que chegavam à cidade, sobretudo, à procura de um local de moradia. A autora atribui a expansão a partir de 1940 ao “*fenômeno dos loteamentos*” que vai marcar definitivamente a paisagem, provocando o surgimento de inúmeras “*vilas e jardins*” sem qualquer infra-estrutura, a não ser o arreamento precário.¹⁶⁵

Um depoente, José Vitorino dos Santos, 80 anos, veio da cidade de Barbalha (CE) de pau-de-arara, em 1951; trabalhou na Nitro Química por 29 anos e numa imobiliária por 23 anos tendo, conseqüentemente, dupla jornada de trabalho. Conta como veio para São Miguel, acompanhado da mulher:

Não, eu tinha um cunhado que trabaíava aí... e me chamou, né? Eu casei e aí ele me chamou pra vim pra cá, né... e veja só, eu disse eu quero ir, né... a muié veio grávida e quando chegou aqui foi janeiro e em março ela ganhou nenê... a menina, é essa que tá aí... eu vim de pau-de-arara... e ela também... veio em cima do caminhão... quando tinha que descê do caminhão, né eu pegava ela assim... aí depois tinha que pô de novo em cima do caminhão... ela era baxinha e com a barriga grande, né ...Gastemo oito dias... saímos de lá no dia 22 de dezembro de 51 quando chego no dia 29 de dezembro de 51... nós chegemo aqui ... Parava, dormia... as vezes a gente não tinha dinheiro pra pagá a pensão, o hotel, né... a gente dormia no acolchoado... botava lá, debaixo do caminhão... quando o dia clareava, acordava...¹⁶⁶

¹⁶⁴ Cordel: A Grande Explosão da Nitro Química Brasileira, Baquirivu, 15 de agosto de 1947, São Paulo.

Apud FONTES, Paulo, *op.cit.* ps. 41-42.

¹⁶⁵ Considerações baseadas em Caldeira, *op.cit.* p.39

¹⁶⁶ José Vitorino dos Santos, natural de Barbalha(CE) nascido em 08/04/1927, foi um dos primeiros moradores do Jardim São Vicente, São Miguel Paulista, trabalhou na Nitro Química por 29 anos, empresa na qual se aposentou. Relata quais eram as dificuldades para os moradores construírem suas casas, como conseguiu

Esse relato das experiências de José Vitorino indica o apoio dos laços de parentesco no caminho até a cidade grande. O querer vir para São Paulo significa querer mudar de vida, ter acesso aos direitos sociais e, principalmente, ao trabalho como meio de garantir a sobrevivência. O enfrentamento das maiores dificuldades dos oito dias de viagem são relatados com naturalidade, como parte do processo de mudança.

O depoente, hoje viúvo, foi um dos primeiros moradores do Jardim São Vicente, bairro pertencente a São Miguel Paulista e ainda trabalha na mesma imobiliária “*para não ficar em casa parado*”; continua relatando como foi experiência ao chegar no bairro e conseguir moradia:

é, eu cheguei aqui, mais ou menos... não to lembrado, mais em 55 ... foi em 55 mesmo... se falta não fais má não, né? Em 55 eu cheguei aqui no Jd S Vicente... no começo eu ficava na companhia, né.. depois fiz um barraquinho lá ... e fiquei morando lá e tô até hoje...Naquela rua, Afonso Mamede...É.. a casa... uma casinha, pequenininha mais é uma casinha...Aí aumentei, com o tempo e... depois com dez anos, já tinha uma casa, né...Dois filhos... nasceu mais um com dois meses morreu, né. Depois nasceu mais um... e morreu...E os dois filhos vevi comigo, na minha casa... a filha casou, mas mora aqui nessa rua, lá no ultimo... e o meu filho mora comigo... ele tem a casinha dele e eu tenho a minha ... eu moro sozinho...É ela faleceu, vai completa 9 ano agora ... é... e eu fiquei numa saudade danada idade muito avança, né... já tou com 80 anos... não vou casa mai não...¹⁶⁷

Essas experiências de procurar trabalho e arrumar moradia, em que estão presentes representações que expressam uma alteração de padrões culturais, indicam um processo de nova sociabilidade pelo qual passou o depoente e seus familiares, na fuga dos aluguéis. O depoente relata a construção da casa própria, à custa de muito sacrifício e energia de uma vida inteira. A fala do depoente demonstra que a obtenção da moradia assinala o sucesso do migrante na cidade grande.

E continua seu relato:

Aí eu cheguei aqui... assim que cheguei, cheguei no dia 22 de dezembro... de 51... quando era 25 de janeiro de 52 comecei trabalha na Nitro ... trabalhei até... 29 anos, né... aí me chamaram pra acordo... É mais ou menos... 79, é 79... quase 80, né.. Aí cheguei aqui e trabaieie e comprei o material lá na Companhia mesmo, né e fiz o barraquinho que eu falei pra você... Deu o material e eu que fiz, eu mesmo... porque eu não sabia trabaia com isso aqui ...e fui pegar o cimento com a mão... cimento com areia misturado...com a mão, né... rebocando, né a parede... mas me estourou a mão todinha... passei 15 dias...17 dias no seguro de empregado com a mão na carne pura... por causa... não sabia... nós fazia lá de barro, né... Não sabia... nós fazia lá de barro, né ... podia pegar a criançada e enchia ... é pau-a-pique... amarra assim, até em cima, né, e

dinheiro para a compra do terreno e o trajeto do local onde mora para a fábrica. É viúvo, tem dois filhos, mora no bairro há 56 anos. Atualmente cuida de um imóvel no jardim São Vicente que está à venda, mostrando-o e encaminhando as pessoas interessadas para a compra. Nesse local o depoimento foi concedido em 02/02/2007.

¹⁶⁷ José Vitorino dos Santos, em depoimento citado.

enchia de barro... E aí o cal comeu a mão ...Aí eu fiquei no seguro... e aí mas depois eu fui aprendendo e fui fazendo, não pus mais a mão no cal... tem a colher, né ... depois eu fui aprendendo até terminar a casa... ia subindo e rebocando...Foi, eu pagava aluguel... eu pagava duzentos e vinte , duzentos e cinquenta, não to lembrado... porque morei lá na Vila São Silvestre, tem uma vila aqui em cima que chama S Silvestre e passei um ano ou dois lá... aí e fiquei morando lá, e aí com um ano e pouco eu vim pra qui... Antes de terminar... só cubri, peguei levantar os tijolos... depois é que fui rebocar.... já, já tava morando... porque pra pagar meu salário não dá... não sei se era mirreis ou era cruzeiro... ai não dava... Não tinha nada, nem asfalto, nem água, nem nada... No poço... furamos o poço... depois com o tempo... depois veio um japonês lá da avenida e emprestou a luz... só a luz... a água não... pagava por mês pagava pra ele... não era lá pra Light nada disso... depois que nós pagava ele ia intalar lá... sofri muito aqui... mas achei melhor que no Ceará... no Ceará a gente sofria mais...¹⁶⁸

Ao recordar José Vitorino ou “o Compadre” como todo mundo o chama, recorda a busca de novos lugares, sem infra-estrutura, menos equipados e por isso, mais acessíveis aos seu recursos. Relata experiências que demonstram os impactos da chegada a um mundo diverso do seu, em que se defrontam padrões de conduta com os quais não estava habituado. Para viver na cidade, o depoente usa como base sua cultura rural de fabricação de moradia, a auto-construção da casa própria, que demonstra aprendizagem e luta para inserir-se na vida urbana. As narrativas do “Compadre” explicitam a tensão humana implicada na busca e construção de um lugar para morar e a necessidade de suprir esse lugar de luz elétricas e água, experiências que o depoente foi superando apesar de sofrer muito. No entanto, esse sofrimento é, por ele superado, pelas conquistas evidenciadas no depoimento, daí achar que no Ceará “sofria mais”

Roniwalter Jatobá, consegue expressar no romance “Filhos do Medo” a satisfação do personagem João, ao pensar na sua propriedade, um cantinho em São Miguel para ficar com sua família, sem pagar aluguel.

De longe, a vila de São Miguel é bela... [...] E ali estava São Miguel. Do alto do morro a vila aparecia em toda a sua extensão, as curvas do rio Tietê desembocando no vale aberto, e bem próximo, se repartindo em dois. Perto da vila o rio unia as duas partes e subia com suas águas sujas e podres de resíduo das indústrias.

[...] Aqui está São Miguel inundada de claridade. Dentro da cabina João sentiu-se importante quando o caminhão começou a rodar pelas ruas da vila, o braço pendido fora da janela, o cigarro aceso se queimando ao vento.

- Só por ser meu, aqui é muito melhor! – disse para si próprio olhando o sorriso satisfeito de Elvira como se ela estivesse escutando o seu pensamento.”¹⁶⁹

Nesse sentido, observo que o bairro de São Miguel Paulista sofreu as transformações radicais relatadas e a Capela de São Miguel Arcanjo, que à época era a “Igreja” do bairro, apesar de ainda se configurar como elemento centralizador de ações

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ JATOBÁ, Roniwalter. *Filhos do Medo – Um Romance Suburbano*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978 p.90-91.

sociais, como festas, rituais religiosos, procissões, encontros, também divide esse espaço com novos elementos culturais resultantes do afluxo de pessoas diferenciadas para o bairro, além de novos lugares de convívio, como a indústria, escola, clube, berçário.

Assim, São Miguel Paulista desse período, representou para muitos, o bóia fria, o ex-camponês que virou metalúrgico ou peão de obra que se perdeu na cidade grande, a promessa de moradia, emprego e melhor qualidade de vida.

1.3.1. Da Igreja à Capela

... o Padre Aleixo era um líder ... através da sua palavra... ele era um homem iluminado, o Padre Aleixo... ele quando falava todo mundo ficava quieto... que nem o canto do uirapuru... não tinha um pio... a igreja e o padre se confundem ...
Albertino Nobre

Um visitante da Capela de São Miguel Arcanjo, morador de São Miguel Paulista acompanhado de seu filho de oito anos, informou que aos sábados gosta de levar o filho para passear e que veio até a Capela para trazê-lo para ver “*uma parte da minha infância*”, e continua, “*Nasci, nasci em São Miguel. É o marco da existência né, do bairro... é São Miguel lembra a Capela... é a referência de São Miguel..*” ¹⁷⁰. Esse depoimento colhido na espontaneidade de uma visita à Capela, tanto da pesquisadora quanto do visitante, revela que as ações dos sujeitos sociais às vezes podem se diferenciar das “*verdades*” consagradas, quando revelam o desconhecimento, a falta de interesse da população pela Capela e que, as experiências sociais anteriormente vividas, são realimentadas e perpetuadas por pequenas ações como as descritas acima, que indicam a valorização da Capela como marco da existência e referência do bairro.

José Caldini Filho, relembra:

São Miguel indígena né, o núcleo indígena ali... tinha uma Capela... e a cidade cresceu em torno aí da pracinha, né...a pracinha e foi... só tinha a capelinha, depois aí, tinha aquela... acho que 12 casas no larguinho da igreja, lampiãozinho a querosene eu lembro... ¹⁷¹

No ato de relembrar, Caldini mistura experiências vivenciadas, como as casas, o largo, o lampiãozinho a querosene; com relatos e experiências que ele próprio não

¹⁷⁰ Depoimento gravado no interior da Capela de São Miguel Arcanjo, concedido por Ronaldo Araújo Calixto, 48 anos, visitante da Capela, nascido e morador em São Miguel Paulista, acompanhado de seu filho de 8 anos, no dia 03 de setembro de 2005.

¹⁷¹ José Caldini Filho, depoimento citado.

vivenciou, mas que se apropria como se fizesse parte de sua história, como se tivesse vivenciado o acontecimento que faz parte de sua memória.

As lembranças comuns de antigos moradores, marcadas em seus relatos, fotos e objetos fortalecem as memórias de outros sujeitos, que as recompõem apoiados nas lembranças dos antigos, que se encantam com a São Miguel existente e que viram mudar.

Essas lembranças vão evidenciando traços que se redefinem em meio a novas práticas e, nesse vai e vem de lembranças, percebe-se como o depoimento pessoal esta intrinsecamente ligado à própria história de São Miguel Paulista:

... toda a comunidade... ali antigamente... era o ponto dos namorados, não tinha onde ir em São Miguel, então à noite se reunia ali e ficavam conversando ali...ou então ia na estação ver os trens chega e passa, porque também trem quase não tinha naquela época... era... era ... passavam em São Miguel, três trens por dia, um de madrugada, outro duas hora da tarde, outro seis horas da tarde, era a hora que a turma ia na estação... Não tinha correio, o correio era na estação... você queria saber se tinha carta para você, ce tinha que ir na estação, perguntar, lá é que ficavam as carta, não tinha correio... e quando você queria endereçar uma carta, você endereçava também pela estação... às vezes, a carta nem chegava... [...] ou quando você, igual no caso da minha mãe que o pai dela morava em São José do Rio Preto, a minha mãe ia no correio, ia na estação... toda semana sabê se tinha alguma carta pra ela...¹⁷²

Ao rememorar, Jesuíno revela uma dinâmica social traduzida pelo movimento das pessoas que chegam e que vão pelo trem, das correspondência entre os parentes, dos encontros na praça, nas idas até a estação e a Capela como o centro social, a igreja do local, o lugar dos encontros e das despedidas, dos namoros e das conversas, também evidenciados por Caldini.

Entre tantas lembranças, passando por ou partindo da Capela, outros lugares assumem importância no depoimento e fazem parte do cotidiano lembrado pelo depoente: a estação de trem, a fábrica, o rio Tietê, os bairros vizinhos, os laços de parentescos, as relações pessoais e as ações que se engendravam nesses locais, o que demonstra a significação da história pelos depoentes não reduzida à Capela, mas contextualizada numa rede de relações, que remetem a outros elementos do bairro.

Esses elementos do bairro têm sua importância vinculada a determinado tempo, com movimentos específicos, que se transformam à medida que outros moradores e outros tempos vão surgindo. As experiências de outros sujeitos, ao longo do tempo, perdem lugares em favor de outras experiências nem sempre validadas pelos moradores que lá estavam, gerando tensões que revelam disputas pelos espaços do bairro.

¹⁷² Jesuíno Braga, em depoimento citado.

Canclini faz discussão a respeito desses processos socioculturais, que define por hibridação, “*nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*”.¹⁷³

Dessa forma, novas experiências resultantes dos processos migratórios serão aglutinadas em torno do bairro, da Capela e da praça; trarão suas vivências e experiências, usando de estratégias de reconversão para reinseri-las em novas condições, revendo e construindo seus saberes para viver nesse novo local, nesse bairro que faz parte da cidade de São Paulo.

Alguns moradores reassumem lugares e significados importantes ao relembrar. João Feher, zelador da Capela durante dez anos, refere-se a ela com afeto. Acostumado a receber visitas diárias de pessoas interessadas em conhecer a Capela e devotos de São Miguel Arcanjo, tem histórias importantes para contar. E ele conta:

Isso, tem uma senhora de idade, também da Inglaterra ... turista, né... e ela veio junto com o professor... então eu ficava mostrando, explicando pro professor e ele traduzia pra ela ... e ela tirou muitas fotos... qualquer detalhe que eu mostrava assim ela fazia questão de tirar fotografia... aí nós fomos mostrar pra eles pro lado de fora... ali tem o jardim ... um pedaço ali que não tinha nada plantado e só tinha terra, né... e ao lado tinha um saquinho de supermercado mas tudo sujo empoeirado, fazia meses que tava ali abandonado, né... ela se agachou, começou limpar e tal... aí eu falei pro professor: - Pergunta pra ela o que ela quer com aquele saquinho do supermercado? Aí ela tava dizendo o seguinte, ela me falou que além das fotografias que ela tirou... que ela queria levar um pouquinho de terra também ... se eu desse permissão... eu falei: - Ah, pois não, eu tenho saquinho de supermercado limpo, né... arrumei pra ela... pus dois meados de terra... ela ficou tudo contente ... então ela levou um pouco de terra daqui de São Miguel pra Inglaterra... Muito bonito isso aí, né ...¹⁷⁴

Ao relatar suas lembranças, emergem experiências que são traduzidas com grandiosidade pelo depoente, que constrói no campo das significações os valores que dão sentido a essas experiências. E continua:

Mas infelizmente não é todos que pensam assim. Ela é vítima de vandalismo, de apedrejamento, quantas vezes eu cheguei aí de manhã encontrei janelas arrebentadas, portas laterais arrebentadas. Já teve até pessoa assim, um senhor aí falou pra mim: - É, o governo devia demolir esse prédio aí, isso é um casarão antigo ... e podia construir uma escola. Eu falei: _ Olha, mas tem tanto espaço pra se construir escola, o senhor não sabe o valor que isso aí tem pra gente. Ele falou: - Pra mim não tem valor nenhum, isso aí é um casarão antigo. Eu falei: -

¹⁷³ CANCLINI, Nestor García. *Op.cit.* p.XIX. O autor esclarece que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridações, razão pela qual não podem ser chamadas de fontes puras. Uma forma de descrever esse trânsito do discreto ao híbrido, e a novas formas discretas, é a fórmula “ciclos de hibridação” proposta por Brian Stross, segundo a qual, na história passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, e depois a outras relativamente mais heterogêneas, sem que nenhuma seja “pura” ou plenamente homogênea.

¹⁷⁴ João Feher, foi zelador da Capela de São Miguel por 11 anos, tendo com esta uma relação afetiva muito grande. Nesse período, desenvolveu ações no sentido de preservá-la e divulgá-la, esclarecendo as pessoas sobre sua importância, distribuindo folhetos explicativos, cuidando de sua limpeza, colhendo assinaturas. Depoimento concedido no dia 14/06/2005.

Bom, dá licença, não tem diálogo com o senhor... que já vi que o senhor não entende, né... enquanto que o senhor acha que isso é um casarão, muita gente... ne...¹⁷⁵

O depoimento revela valores antagônicos dados à Capela. Enquanto um acha que ela tem que ser preservada e luta para isso, outro valoriza e até leva um pouco de terra para outro país, existem outros que não lhe atribui valor algum. São valores diferenciados sobre a preservação da Capela, que possibilitam entender a forma como os sujeitos sociais atribuem sentidos a ela, demonstrando aspectos diferenciados da construção da vida urbana.

A referência mais antiga sobre a Paróquia de São Miguel Arcanjo diz que ela foi criada em 1779 e pertenceu ao clero secular¹⁷⁶. Em 1908, foi anexada à Paróquia de Penha de França¹⁷⁷. Na década de 30, a Paróquia de São Miguel Arcanjo foi recriada pelo Arcebispo de São Paulo, mas ainda não tinha um vigário residente. Jesuíno se recorda dessa época e relata:

Então naquele tempo, quando terminou a reforma da igreja... que eles começaram a reforma em 38... isso eu me lembro, eu tinha oito ano, eu tinha entrado no grupo escolar, fazia um ano que eu tava no grupo escolar... e então, quando eles terminaram em 1940 é que como o frei Leão parece que gostava da ... e a gente também gostava do frei Leão... porque naquele tempo só tinha trem, acho que ele vinha de trem... porque quando corria o boato aí que o frei Leão tinha chegado, a molecada corria tudo pra, pra encontrar o frei Leão, pedia a benção pra ele, mas sabe por que? (risos) A troco de bala, né querida... (risos) Porque a gente pedia a benção e ele dava bala, então pra nós era uma festa, então todo mundo gostava do frei Leão, sabe... era o único que vinha aqui de vez em quando... e aí nomearam ele como primeiro pároco da igreja de São Miguel... Infelizmente ele ficou um ano só,,, ele ficou parece de 38 a 39...¹⁷⁸

O depoente rememora a questão da falta de sacerdote no bairro, ligada às suas experiências infantis. Essas lembranças trazem outros significados em sua vida, especialmente por se tratar de tempos da infância, pela religiosidade, que a presença do frei poderia significar pela proximidade, pelo agrado e convívio afetivo, que o frei demonstrava para com as crianças. Há no relato a evidência da dinâmica social no bairro, com a vinda do frei “de vez em quando”, a recepção das crianças e a nomeação do frei como primeiro pároco da Igreja. Além disso, o depoente apóia suas lembranças em outros fatos vividos por ele, como a “reforma” da igreja em 38 e sua entrada no grupo escolar.

¹⁷⁵ Jesuíno Braga em depoimento citado.

¹⁷⁶ Conjunto de sacerdotes que não pertencem a nenhuma ordem religiosa em particular. HOUAISS, Antonio e outros. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 739.

¹⁷⁷ Considerações baseadas em: ZAMPIERI, Wilson João e AVELAR, Cezar Imamura (coords.), *Padre Aleixo Monteiro Mafra, O Pastor das Almas de São Miguel Paulista*. São Paulo, Unicsul, 2000, p.49.

¹⁷⁸ Jesuíno Braga em depoimento citado

Confirmando o relato de Jesuíno, a paróquia voltou novamente a ficar sem vigário em 1939 e somente voltou a ter um vigário residente com a posse do Padre Aleixo Monteiro Mafra em 02 de março de 1941. A Igreja Matriz de São Miguel Paulista era a velha Capela de São Miguel Arcanjo construída em 1622, que não comportava todos os fiéis e obrigava o Pe. Aleixo a realizar diversas missas dominicais. O bairro possuía cerca de oito mil habitantes quando o sacerdote assumiu a paróquia e dez anos depois já eram quase quarenta mil habitantes. Era preciso pensar, urgentemente, na construção de uma nova Igreja Matriz que atendesse à realidade dos novos tempos.¹⁷⁹

No Livro do Tombo da Paróquia de São Miguel Arcanjo, o bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, deixou registrado em 1947:

Visitei a velha igreja matriz e suas dependências. Mais do que igreja paroquial, ela é antes, deveras, monumento histórico, por isso mesmo quase inadaptável ao movimento da cidade. Esperamos em Deus, logo que termine a demanda relativa ao terreno ao lado da residência paroquial, se possa cogitar da construção de uma nova matriz mais adaptada ao surto de progresso desta paróquia e menos sujeita à vigilância e ingerência do Patrimônio Artístico Nacional. Fiz crismas na Matriz em número de 539.¹⁸⁰

O registro acima permite perceber como a Capela não dava mais conta de atender toda a população de São Miguel Paulista. A construção de nova matriz, no entanto, dependia da resolução de pendências em relação ao terreno que deveria abrigá-la e permite concluir que a atuação dos órgãos de preservação, de certa forma foi um elemento que barrou a demolição da Capela para em seu lugar ser construída uma “*matriz mais adequada ao surto de progresso*”¹⁸¹, ou seja, mais adequada ao processo de industrialização do enorme crescimento populacional do bairro.

No dia 13 de janeiro de 1952, Pe. Aleixo finalmente assentou a pedra fundamental da nova Igreja Matriz. Sobre a construção da nova Igreja, Albertino relata:

... e também não haveria a nossa catedral sem o Pe. Aleixo... ali, aquilo lá. [...] a igreja, a catedral era um sonho do Pe. Aleixo... porque o bairro foi crescendo e a Igreja não cabia mais ninguém... ficava do lado de fora ..então começou gente não ir mais na missa... porque naquele tempo tinha muita garoa e chovia constantemente... e o pessoal ficava do lado de fora e não ia na igreja, porque ficava na garoa ... então começou a diminuir, então o Padre... o sonho dele era ter aquilo lá ...[...]ele já tinha noção especial de que aquilo ia acontecer mesmo.. [...] e hoje já esta pequena ...¹⁸²

¹⁷⁹ Considerações baseadas em: ZAMPIERI, Wilson João e outro, *op.cit.*

¹⁸⁰ Termo de visita do Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo D. Antonio Maria, São Miguel, 04/11/1947, apud ZAMPIERI, Wilson João e AVELAR, Cezar Imamura (coords.), *op.cit.* p. 86-87.

¹⁸¹ ZAMPIERI, Wilson João e AVELAR, Cezar Imamura (coords.), *op.cit.* p. 87.

¹⁸² Albertino Nobre em depoimento citado.

Albertino visualiza que a construção da Igreja dependeu do poder de liderança e da relação de proximidade do Pe. Aleixo com os moradores, experiência compartilhada com outros depoentes, que demonstram a presença intensa do padre nas atividades da Igreja:

... no... último dia da Quaresma ... parece que de sábado pra domingo tinha Procissão do Encontro às 5 horas da madrugada... Então uma saía com a Nossa Senhora e a outra saía com Jesus ... Então... os dois se encontravam ali na igreja...[...] É, lá em cima ... Então o Padre Aleixo... geralmente fazia pregação de lá... Pro público lá fora que chegava da procissão e fazia o encontro de Nossa Senhora com Jesus... e ali tinha... aquele homem era... era... fora de série ... pra falar era fora de série... tinha gente que chorava... principalmente nessa procissão... e eu gostava, eu não via a hora que chegava... esse dia pra mim ouvir o Padre Aleixo falar ... ah... eu não perdia ...[...] Nossa Senhora... o que o homem falava... o que o homem falava...o homem conhecia a Bíblia...além de conhecer a Bíblia, ele tinha o dom da palavra ... que ele floreaava aquilo ...sabe, além dele ser conhecedor da causa, ele ainda jogava com o dom que ele tinha ... e não tinha quem agüentasse, sabe... não tinha quem agüentasse [...] Ou então quando a procissão se encontrava em outro local, levavam e montavam um palanque e ele falava do palanque... outra coisa que sumiu da igreja...¹⁸³

Jesuíno, que também vivenciou essas experiências relata sobre o dom da palavra que possuía o Pe. Aleixo e as atividades que liderava e, ainda, lembra o palanque, um outro bem que sumiu da Igreja e que Jesuíno rememora, fazendo cobrança sobre quem vai prestar contas dessas coisas que pertencem ao patrimônio público. O depoimento sinaliza as condições de sociabilidade do bairro, voltadas para atividades e festas religiosas que eram concentradas em torno da Capela de São Miguel Arcanjo.

No dia 29 de março de 1964, Pe. Aleixo foi afastado da Paróquia de São Miguel Arcanjo pela Cúria Metropolitana, após 23 anos de serviços prestados. Jesuíno lembra esse fato:

... acho que veio em 40 prá cá, porque o frei Leão foi embora em 30... bom, acho que a igreja ficou abandonada sem padre, acho que mais ou menos um ano se eu me recordo assim, aí veio o padre Aleixo. De quarenta, ele morreu em cinqüenta e pouco. Se eu não me engano... porque fundou essa igreja aí, em 53 e depois deu uma bagunça aí, que condenaram o padre Aleixo... Não sei, eu não sou ninguém pra falar, mas... condenaram o padre Aleixo por uma coisa que ele não devia, porque nesse ponto ele era muito honesto, o Pe. Aleixo. Ele começou a construir essa igreja que não era catedral, ele começou a construir essa igreja, e... a comunidade toda contribuía, e quem casava naquele tempo, que só tinha a matriz antiga... quem se casava naquele tempo já deixava uma doação, eu mesmo fui um deles, eu me casei em 54... e já o padre Aleixo tinha iniciado a igreja em 53 e eu mesmo já deixei doação.¹⁸⁴

Ao rememorar essas experiências, Jesuíno revela tensões dentro da Igreja. O depoente não fala o motivo pelo qual o Pe. Aleixo foi afastado, mas deixa antever que houve alguma questão financeira, ao relatar que todos contribuíam, e que o padre foi

¹⁸³ Jesuíno Braga em depoimento citado.

¹⁸⁴ Idem.

afastado injustamente. Essa questão é recorrente em outros depoimentos, como de Dona Tereza Pilon:

... foi assim... tinha um professor aqui... ele se juntou com ... um padre... aí... um padre Segundo... esse padre Segundo tava lá na vila Medeiros... então esse professor queria a sala da catedral aí... que ainda não tava terminada... pra dar aula... aí o padre Aleixo falou que a sala que estava construindo era para a residência dos padres que ajudava ele aqui, né... ai ele foi lá e foi fala que o padre Aleixo tinha negado ... Professor Alcides se não me engano... ele foi lá e foi fala pro cardeal lá de São Paulo que o Padre Aleixo tinha negado... mas ele não tinha negado por negar... ele falou que não tava pronta mas que era pros padres... que vinha ai ficar lá... aí parece que falaram mais coisa lá que não devia falar... não sei o que que falaram lá... só sei que chamaram ele lá e pediu a... e mandaram ele ... ali pra Ponte Rasa... na Igreja... lá no morro... lá não sei aonde... Nossa Senhora Aparecida... ali na Ponte Rasa... onde tá o Padre Sabé hoje... depois como ele ficou lá e ficou muito triste e tava ficando cada vez mais triste... então a turma foi lá outra vez com... pelo menos pusesse ele na Curuçá... aí o Padre ... o bispo autorizou pra ele vim pra Curuçá... ai ele movimentava a Curuçá... mas deu derrame...¹⁸⁵

Nesse relato, entrecortado por reticências (a voz da depoente muda de tom e amiúda-se, revelando ao pesquisador um sentimento de tristeza) importa perceber que, discordâncias, controvérsias e polêmicas foram geradas no período da construção da Igreja Matriz; o aparecimento de outra congregação, provavelmente com outros interesses, revelando as disputas de poderes e os conflitos que emergem nas memórias, revelando-as como um campo de divergências e antagonismos.

... porque o povo não cabia mais na Igreja pequena lá, na Capela que era dos índios, né... ai ele chamou os padres. de Poá pra ajudar ele aqui, porque ele também já não agüentava mais, era muita gente... depois aí trocou... quando a Igreja já estava quase coberta a... o... ele foi ... ele foi chamado pra deixar a paróquia... já estava na cobertura... porque eu pertencia... durante 3 anos eu pertencia a comissão de obras da catedral eu era secretária. Então o movimento tudo que saía eu que registrava... o movimento tinha ai de construção tudo eu registrava no livro... uma vez por mês a gente tinha reunião com o padre e com a comissão. A comissão era das irmandades ... tinha uma comissão antiga da Igreja, mas como aquela comissão era muito vagarosa ... então o Pe Aleixo sugeriu que dentro das irmandades... porque tinha bastante irmandade aqui, né... sugerisse uma comissão pra ajudar mais aqueles lá que tava parado. E fundou essa comissão. Era tudo que pertencia a diretoria das irmandades aí formou uma comissão de diretoria das irmandades.¹⁸⁶ todas as irmandades que trabalhavam ... O padre pediu pro povo se reunir e a gente que era da diretoria passava pras irmandades o que passava na diretoria e fazíamos campanha... campanha do tijolinho... campanha do telhado... campanha dos vitrais e assim foi indo que foi construindo a catedral... agora depois que chegou os padres Josefinos aqui, era uma irmandade... e começaram a trabalhar, né... ai era diferente...¹⁸⁷

¹⁸⁵ Tereza Pilon, em depoimento citado.

¹⁸⁶ Segundo Dona Tereza Pilon., em depoimento citado. as irmandades que haviam na Paróquia de São Miguel Arcanjo eram: Cruzada Eucarística, Pia União das Filhas de Maria, Marianinhos, Congregados Marianos, Apostolado da Oração, Legião de Maria, Irmandade do Santíssimo Sacramento, Vicentinos e Damas de Caridade.

¹⁸⁷ Idem.

O relato da mesma depoente aponta para as transformações do bairro gerando outras necessidades para atender ao aumento da população, a que a Igreja de São Miguel Arcanjo não dava mais conta de atender. Por outro lado, demonstra as experiências sociais que são forjadas em torno da Igreja, com a participação dos moradores e fiéis organizados para as campanhas em função da nova construção. Dona Teresa Pilon relata essa transformação:

É, quando chegamos aqui tinha a capela pequena, nem enchia de gente a capela ... a capela ficava pela metade e olha lá... quando tinha o Pe Aleixo... ai o Pe Aleixo... começou a aumentar... começo a vim gente da parte do norte, trabalhar na Nitro... então começou a Igreja ficar pequena... aí quando a Igreja ficou pequena Pe Aleixo achou que devia fazer uma Igreja, mas ele nunca pensava que ia ser uma catedral.. nunca pensava.... assim mesmo ele foi ... um sacerdote de muita coragem... sim... pra aceitar uma construção desta aqui naquele ano... que era dos 50 mais ou menos... ele foi um herói...bem dizer... porque aqui era pobre... alias é um pouco pobre ate hoje, mas agora melhorou muito..... mas era pobre mesmo... e ele aceitou essa construção ... quer dizer a estrutura da construção...¹⁸⁸

O aumento da população provoca transformações nas formas de viver no bairro. A Igreja, que pelo relato de Dona Tereza quando esta chegou ao bairro não enchia de gente, por volta de 1950 já não conseguia acolher toda a população no seu recinto, tornara-se pequena. Dessa forma, impõem-se a necessidade da construção do novo templo, maior e com possibilidade de acolher melhor a população de São Miguel Paulista, que aumentara significativamente.

O Padre Aleixo, em vários depoimentos, é sinônimo de coragem, luta, determinação, o que evidencia o questionamento em relação a determinados setores da Igreja que o transferiram de paróquia sem uma explicação convincente para os moradores.

No período relatado, a vida dos moradores girava em torno das atividades religiosas da Igreja: freqüentar às missas, rezar o terço, fazer parte de uma irmandade, fazer caridade ao próximo. O próprio calendário anual era religioso; comemorava-se o dia dos santos com rezas, novenas, procissões, festas e quermesses, que contavam com a participação de grande parte dos moradores. A Praça Campos Sales era um espaço público, onde de fato tecia-se uma série de atividades religiosas e sociais. Nela aconteciam as festas dos santos, lugar em que as pessoas passeavam e procuravam se encontrar para conversar e, no caso dos jovens, talvez iniciar um flerte ou namoro.¹⁸⁹ Hoje, ainda existem festas que percorrem as novas historicidades vivenciadas no bairro, como as quermesses no mês de junho e julho e a festa do Aniversário do Bairro em

¹⁸⁸ Teresa Pilon, em depoimento citado.

¹⁸⁹ Considerações baseadas em ZAMPIERI, Wilson João e IMAMURA, Avelar Cezar, *op. cit.* p. 42.

setembro, em que também se homenageia o padroeiro do bairro, São Miguel Arcanjo. Essas manifestações atuais são marcadas por outros elementos que revelam novas práticas sociais, porém trazem características pretéritas que demonstram a importância que esses momentos de devoção, lazer e sociabilidades tiveram na vida desses moradores, revelados em suas memórias, reinscritos no movimento histórico de experiências compartilhadas.

Para alguns depoentes a autoridade maior do bairro nesse período compreendido entre os anos 30 e 70, era o pároco. Todos recorriam a ele quando necessitavam de um conforto, ministrar a extrema-unção ou rezar no falecimento de um parente ou amigo. Era também procurado para realizar casamento ou batizado, ou mesmo dar a bênção por algum motivo festivo. O pároco servia de árbitro para apaziguar desavenças familiares ou aconselhamento, quando solicitado. As relações sociais, forjadas no âmbito privado, estabelecem ações e mecanismos entre os moradores do bairro para solucionar ou amenizar seus conflitos e tensões dentro do âmbito familiar e perpassam por relações de poder delegadas à intermediação do pároco.

... ai o Pe Aleixo foi pra a Ponte Rasa ... na Igreja Nossa Senhora Aparecida...depois ele ficou doente... ai voltou aqui pro Curuçá... ele ficou uns tempos ai na Curuçá ... o Pe Aleixo.. até...uns anos ai... mas deu derrame nele ... deu derrame e ele ficou mau no hospital muitos ... muito tempo... um hospital que era de Santa Terezinha aqui.. Era da Nitro... era da Nitro,... aí que ele faleceu... agora dia 11 desse mês vai fazer aniversario de morte... acho que é quarenta anos de falecimento dele... ele nasceu dia 11 de fevereiro e morreu dia 11 de fevereiro às 6 horas da tarde... um padre bom, trabalhador, bondoso, caridoso, muito bom... bom mesmo... nossa, tinha gente que vinha da cidade pra ouvir o sermão dele... tinha o dom da palavra ...não tinha microfone, não tinha nada, nada... ele falava aí na praça aí ... pública aí e de longe se ouvia a voz dele... nossa não tinha como... um dos melhores padres que falava sobre o evangelho era ele... sobre a Igreja...¹⁹⁰

A depoente destaca méritos do padre que parecem perdidos no tempo presente, com moradores atuais que não conviveram com o sacerdote. Para seu Jesuíno, o fato dele ser velado na “capelinha” e não na Catedral que já havia sido construída, deu-se porque a Capela era o “xodó” dele durante os 23 anos em que esteve em São Miguel.

Por homenagem aos anos que ele ficou na velha Capela, o que foi muito justo. A praça ficou totalmente tomada, porque dentro da Igreja só cabem mais ou menos umas duzentas pessoas. E depois, não veio gente só de São Miguel, veio do Itaim, Ermelino Matarazzo, Lageado, Itaquera. Todos conheciam o Pe. Aleixo... e naquele tempo era mesmo São Miguel, tudo pertencia a São Miguel. A igreja mais próxima era a da Penha, depois a de Poá e Itaquera.¹⁹¹

Padre Aristides também relata como ocorreu o anúncio do falecimento do Padre Aleixo:

¹⁹⁰ Depoimento de Tereza Pilon, citado anteriormente.

¹⁹¹ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

Não tinha nenhum(sacerdote), só tava eu aqui. Ai o que eu fiz? Tinha um cara famoso que tinha um auto falante muito bonito, ele vai lembrar o nome, como ele chama? Nelson Bernardo, e eu peguei, fui na casa dele e falei: “Nelson Bernardo, fiquei sabendo a notícia que o Pe. Aleixo morreu lá no hospital Sta Terezinha, pega esse auto falante, e vamos fazer um barulho agora!” Ai eu peguei, saí com ele com microfone na mão, falei: “Atenção povo de S. Miguel, papapapá [...] e foi o maior volume concentrado na história de S. Miguel... de pessoas, porque a morte dele, eu acho que foi o início da redenção da história de São Miguel Paulista, porque ele se tornou o ícone, a igreja era um ícone pra ele e ele era um ícone pra igreja.”¹⁹²

Os relatos demonstram o significado afetivo que o Padre Aleixo tinha para os moradores de São Miguel Paulista e para a região e que permaneceu associado à praça e à Capela. O nome da praça, até então Praça Campos Sales, após sua morte passou a chamar-se Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra o que indica a busca de perpetuação da memória relacionada ao pároco e à Capela. Esse espaço sagrado, lugar dos encontros, das festas, das celebrações, dos funerais indica e registra o caráter agregador da Capela. Em torno dela, os moradores se reuniam, se envolviam, se identificavam.

¹⁹² Depoimento de Aristides Pimentel em 30/01/2007 em sua residência em São Miguel Paulista. Ex sacerdote da Igreja Católica, morador de São Miguel Paulista onde foi vigário auxiliar da Diocese de São Miguel Arcajo. É proprietário de um restaurante na região central de São Miguel e ministra aulas de filosofia na Universidade Mogi das Cruzes. Confecciona maquete em gesso e resina da capela de São Miguel, ato que lhe remete à época em que morou na Itália e que, segundo ele, em toda a Europa há esse costume de fazer réplicas dos monumentos. Escreve a cronologia da história de São Miguel, baseada na obra de Sylvio Bomtempo e atualizada segundo sua experiência e também, uma autobiografia.

CAPÍTULO II

TEMPOS, ESPAÇOS E MEMÓRIAS: histórias de São Miguel

“Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data, o senhor mesmo sabe”.

Guimarães Rosa

Neste capítulo procuro entender como se processam as interlocuções que elegem a Capela de São Miguel Arcanjo como patrimônio cultural, estabelecendo reflexões sobre como as políticas de preservação e as propostas de intervenção são discutidas e compartilhadas pelos sujeitos sociais com ela envolvidos. Busco, no interior das práticas e embates cotidianos, a iluminação das questões sobre esse patrimônio por experiências diversificadas, destacando como foram delineadas as políticas de preservação desse bem cultural e os desdobramentos e meandros do atual projeto de restauração.

As discussões do capítulo buscam identificar como esse bem cultural conseguiu sobrepujar a tendência devastadora dos bens que representavam o período colonial da qual foi alvo a cidade de São Paulo, no início do século passado. Tombado no momento de criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)¹⁹³ representou, em contraposição a necessidade de manter elementos desse passado colonial dentre os monumentos remanescentes que poderiam representá-lo. Para responder à questão inicial, que versa sobre como e porque este bem foi preservado e às outras questões levantadas, procuro estabelecer um diálogo entre os atos oficiais e as dinâmicas sociais que permitiram a permanência desse bem cultural.

Um outro ato oficializou o tombamento da Capela pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do Estado (Condephaat). Segundo

¹⁹³O SPHAN foi organizado pelo Decreto nº 25, de 30.11.1937. Em 1946, foi transformado em Diretoria, sob a sigla DPHAN; em 1970 passou a ser Instituto – IPHAN, e nove anos depois, como Secretaria voltou a ser SPHAN. Em 1981, mantendo essa sigla, transformou-se em Subsecretaria e, em 1990, passou a denominar-se Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (IBPC), voltando a ser, em 1994, Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN conforme RODRIGUES, Marli. *Imagens do Passado – a instituição do patrimônio em São Paulo 1969-1987*. São Paulo: Unesp, 2000, p.26. E ainda, segundo CASTRO, Sonia Rabelo. *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: Renovar, 1991, p. 1, “o Decreto-lei 25/37 é a primeira norma jurídica que dispõe, objetivamente, acerca da limitação administrativa ao direito de propriedade”.

Rodrigues, “o Condephaat foi criado no momento em que se acelerava a expansão do consumo e cultura de massas no país”¹⁹⁴ e absorveu a organização ortodoxa do IPHAN, propondo-se a salvar a cultura nacional da destruição; as ações do Condephaat voltaram-se para a valorização da história oficial que evidencia o poder público institucional. Desde meados da década de 70, porém, renovou-se uma discussão sobre preservação e tombamento, sendo este órgão o pioneiro no tombamento e preservação de áreas naturais. Assim, o patrimônio passou a ser entendido como o conjunto da cultura material levado em consideração pela memória social.¹⁹⁵

A Capela de São Miguel Arcanjo foi um dos bens tombados pelo Condephaat, nessa ocasião, juntamente com outros bens já tombados pelo IPHAN. Tombada em 1974, embora sendo um monumento representativo do período colonial e memória em pedra e cal, inseriu-se nessa nova concepção preservacionista, que vê o tombamento como medida de proteção ao meio ambiente e a preservação como um direito social. Tombada, também, pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), órgão colegiado de assessoramento cultural integrante da estrutura da Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo e trata da preservação de espaços urbanos significativos a nível da identidade cultural. Busco, dessa forma, compreender como são articuladas as ações dos órgãos públicos e a preservação desse bem cultural, como direito social dos frequentadores da Capela e moradores do bairro de São Miguel Paulista.

Discuto também, as ações da Igreja Católica no sentido de preservar seu patrimônio cultural (Necessidade e urgência da inventariação e catalogação do patrimônio cultural da Igreja da “Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja- Cidade do Vaticano” e “Comissão para os Bens Culturais da Igreja – Arquidiocese de São Paulo”). Merecem atenção ainda, outras práticas que constituíram as histórias de São Miguel, como a “Festa de São Miguel Arcanjo e o Aniversário do Bairro”, o “Movimento Popular de Arte” (MPA), a experiência da “Câmara Distrital Simbólica” e a “Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra”, na tentativa de compreender como a multiplicidade de vivências e lutas que engendram a formação social, articuladas às ações dos órgãos públicos, se

¹⁹⁴ RODRIGUES, Marli. *Imagens do Passado – A instituição do patrimônio em São Paulo – 1969-1987*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial/Fapesp, 2000, p. 57.

¹⁹⁵ Conforme Rodrigues, “tecida sob o argumento da perda, buscando a continuidade do que considerava autêntico[...] essa ortodoxia, [...] valorizava a esfera pública como normativa, orientadora de uma ética [...] o SPHAN fora organizado nos moldes de uma academia, na qual a estratégia de documentação permitia comprovar os valores históricos e estéticos nacionais e universais, o que revestia os tombamentos de um caráter de utilidade pública. RODRIGUES, Marli, *op.cit.* p.57

constituíram e formam elementos significativos para a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo.

Pelos depoimentos e ações, procuro estabelecer a interlocução do que considero “outras histórias e memórias” com aquelas registradas pelos órgãos públicos. Busco entender como essa Capela, considerada Patrimônio Cultural, é percebida, assumida ou combatida pelos moradores e outras pessoas envolvidas com ela e, dessa forma, ampliar a idéia da produção histórica para além dos limites da escrita da história acadêmica.

2.1. Descortinando outras cenas

2.1.1. A Capela restaurada... uma delícia

“São Miguel e Embu concluídos e uma delícia. (...) O caso de São Miguel é que se complicou deliciosamente. Se descobriu que toda a ala da esquerda da igreja era moderna, e dantes tudo estava ao ar-livre com um tapamento apenas de madeira colorida verde-mar que vai até o teto. É originalíssima e uma delícia.”¹⁹⁶

Mário de Andrade

Em correspondência com o amigo Paulo Duarte¹⁹⁷, à época em que havia deixado a chefia da Divisão Cultural do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, Mario de Andrade¹⁹⁸ revela um sentimento de alegria pela conclusão da restauração da Capela de São Miguel e Embu, frente a tristeza que demonstra, em outros momentos da correspondência, pelo seu afastamento do “Departamento de Cultura”, como define Paulo Duarte: “o seu, o nosso Departamento de Cultura, que todos nós vivíamos ia começar a agonia. Havia apenas um mês que nascera o Estado Novo e já era possível antever o que seria de destruição espiritual”¹⁹⁹. A expressão do poeta e sua trajetória de luta na preservação de bens, costumes e culturas indicam o valor que atribui ao bem cultural, um dos primeiros tombado pelo SPHAN em 1937. Indica, ainda, o contexto de surgimento e

¹⁹⁶ DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, Hucitec, 1985, p.134.

¹⁹⁷ Paulo Duarte, convidado a ocupar o cargo de chefe de gabinete da gestão de Fábio Prado, nomeado prefeito da cidade de São Paulo pelo governador Armando Sales de Oliveira em 1935. Conforme NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Por um Inventário dos Sentidos*. Mario de Andrade e a concepção de inventário. Tese de doutorado em História PUC, São Paulo, 2002, p. 176-177.

¹⁹⁸ Mario de Andrade foi convidado pessoalmente por Paulo Duarte para ocupar os cargos de Direção e Chefia da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo. Idem, p. 177.

¹⁹⁹ DUARTE, Paulo. *Op.cit.* p.126

consolidação do órgão preservacionista em uma conjuntura muito peculiar como afirma Gonçalves:

A década de criação do SPHAN caracterizou-se, no plano econômico, por um quadro otimista, impulsionado por uma ainda incipiente, porém promissora, industrialização. Associado a este contexto favorável, figurava um direcionamento político cuja ideologia calcava-se na afirmação dos valores nacionais e na reformulação da sociedade através da construção de uma identidade nacional, e cujas bases deveriam apoiar-se na segurança nacional e na educação “como projeto estratégico da mobilização social”²⁰⁰. Era o Estado promovendo o desenvolvimento da nação, e a palavra-chave era modernização.²⁰¹

A elevação da Capela de São Miguel Arcanjo ao status de patrimônio tombado e, portanto, reconhecido oficialmente como um bem a ser preservado, coincide com a criação do SPHAN, com a instituição do Estado Novo em 1937 e, ao mesmo tempo, com a época em que as concepções sobre patrimônio são adotadas pelos intelectuais paulistas, que a partir dos anos 20 e 30 se debruçaram sobre a realidade brasileira, buscando apreender e revalorizar os elementos constitutivos da identidade cultural do país. No contexto em que o Estado brasileiro começou a por em prática a tarefa de proteção ao patrimônio, ganha projeção a memória nacional, em especial a arquitetura brasileira, com o tombamento de bens construídos até o século XVIII, sendo o barroco e a produção material dos colonizadores considerados a essência da brasilidade.

Segundo a historiadora Roseli Santaella Stella:

A capela de São Miguel foi o primeiro bem tombado²⁰² pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1938, pessoalmente indicado pelo diretor, o arquiteto Luís Saia, que ainda dirigiu as obras de restauração entre 1939 e 1940.²⁰³

A Igreja de São Miguel, juntamente com o Convento de Embu, inauguraria, então, os procedimentos de trabalho, as soluções técnicas e o perfil conceitual que nortearia as futuras intervenções realizadas sob a direção de Luís Saia.²⁰⁴

Para além da História Oficial, ao escutar as memórias sobre a restauração ocorrida em 39, Jesuino relembra:

²⁰⁰ ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. Um estado completo que jamais existiu. São Paulo: USP-FAU, doutorado em Arquitetura, 1993, *apud* GONÇALVES, Cristiane Souza. *Restauração Arquitetônica: A Experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007, p. 29.

²⁰¹ GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.*, p. 29.

²⁰² O tombamento significa um conjunto de ações realizadas pelo poder público com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados. (Tombamento e Participação Popular, DPH, São Paulo, 2001, p.11). Tombamento da capela – IPHAN – Processo n° 180/T, inscrição 211 – fls. 38 (21/10/38). Livro História – Livro Belas Artes.

²⁰³ STELLA, Roseli Santaella, Anchieta e São Miguel: Fundação e Capela – Encontro com Canárias no Aniversário da Cidade de São Paulo. São Paulo: Etcetera ed. 2002.

²⁰⁴ Considerações baseadas em GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.*, p. 65.

Eu morava ali na praça... ali era o nosso campinho de futebol da molecada... era tudo plaininho, né... e onde tinha essas gramas silvestres e... então a gente fazia o campo de futebol ali. E na restauração... olha... aquela restauração... jogaram tanta coisa que não deviam ter jogado fora, dali de dentro, sabe...isso ninguém conta... isso ninguém conta... mas até osso humano de lá de dentro da igreja tiraram e jogaram no lixo. Isso eu sei porque eu fiquei chutando osso... sabe o que que é moleque, aquela brincadeira de moleque de pegar as coisas e um jogar no outro... o que tinha de batina de padre e pedaço de osso de perna, sabe... e um andava jogando, (risos) principalmente se pegasse um mais medroso... pra Cristo, então era nossa brincadeira quando tavam restaurando essa igreja... [...] Então, eu vou visitar a igreja do Pátio do Colégio, né e lá eu vejo um pedacinho da batina do Anchieta, né ... e quanta batina nós jogamos fora aqui e sabe lá de quando era de quem era e foi tudo jogado no lixo aí... eles tiraram de dentro da igreja, sabe na restauração ... isso eu sei porque eu brinquei com isso... era coisa histórica que deviam ter pegado... era relíquia, meu Deus.²⁰⁵

Ao recordar, Jesuíno demonstra arrependimento de não ter aproveitado ou guardado certos objetos que hoje considera relíquias, atribuindo-lhes um valor diferente de outrora, quando brincava com elas e não as guardou. Seu relato mostra um movimento específico de experiência vivida, que com o tempo foi se transformando e adquirindo outros significados. Os valores atribuídos aos objetos mudaram em função do tempo vivido e têm relação com a infância, as brincadeiras e, portanto, com os momentos de alegria e medo que essas experiências, segundo ele, proporcionavam. É possível identificar em sua fala, uma crítica veemente aos órgãos de preservação que jogaram no lixo “*relíquias*” que faziam parte daquela história e que Jesuíno só consegue visualizar a partir do presente.

Então deviam ter pegado... guardado, mas sabe como que é, né... a cultura do povo naquele tempo, até hoje já é ruim, que dirá naquele tempo, uns sessenta anos atrás... você faz idéia, principalmente quem vinha trabalhar, tudo piãozada, tudo analfabeto... e acho que os dirigente também pouco ligaram... - Só a arquitetura, é o que interessava... e que hoje, depois de quarenta pra cá, eles estão deixando cair querida, sabe... tão deixando cair..... naquele, naquela época, naquela época é que nomearam, quando terminou a reforma da igreja... (...) Então naquele tempo, quando terminou a reforma da igreja... que eles começaram a reforma em 38... isso eu me lembro, eu tinha oito ano, eu tinha entrado no grupo escolar, fazia um ano que eu tava no grupo escolar...²⁰⁶

Nesse caminho, refaz as lembranças daquela época, misturando sentimentos de um tempo em que, para ele, não houve preocupação com as “*coisas*” que não foram recolhidas, guardadas para um tempo futuro, destacando o pouco interesse dos dirigentes, dos moradores e até mesmo dos membros da Igreja com os objetos que hoje considera “*relíquias*”. Infere sobre o interesse dos órgãos públicos na época, pelo patrimônio arquitetônico “*só a arquitetura é o que interessava*”, ou como relata Nogueira,

²⁰⁵ Jesuíno Braga, depoimento citado.

²⁰⁶ Jesuíno Braga, em depoimento citado.

“*Patrimônio de Pedra e Cal*”²⁰⁷, imprimindo na sua fala, a percepção daquilo que o poder oficial consagrava na época. Na verdade, o depoente demonstra um saber que reitera as discussões feitas sobre as concepções de patrimônio que permearam as políticas dos órgãos responsáveis por essa preservação, demonstrando para o pesquisador, a importância, como afirma Brites, de “reconhecer nos trabalhadores a condição de sujeitos e produtores do conhecimento”.²⁰⁸

O período em que foi criado o IPHAN, até 1967, dirigido por Rodrigo de Melo Franco Andrade, é conhecido como “*fase heróica*” e marcado por um momento de definição, estruturação e conceitualização da instituição, com centenas de bens tombados pelo país²⁰⁹. A memória do país foi pensada segundo a concepção desta instituição e a Capela de São Miguel Arcanjo, um bem cultural tombado logo após a criação desse órgão, é exemplo vivo da política de preservação vigente à época.

Nesse período de 30 anos, destacaram-se no SPHAN as atividades em favor da preservação de bens culturais isolados, que foram estudados, documentados consolidados e divulgados. Observa-se como preocupações iniciais do órgão responsável, o tombamento e a preservação de bens móveis e imóveis que representavam os poderes instituídos, ou seja, poder político, militar e religioso. Foi um período em que, “sob a pressão do tempo perdido, de séculos de abandono e da carência crônica de dinheiro e de recursos humanos, a instituição em seus primeiros anos de vida, teve que redobrar os esforços para dar conta da tarefa a que se propunha.”²¹⁰

O arquiteto Luís Saia refere-se à Capela de São Miguel Arcanjo e da Freguesia de Nossa Senhora da Escada como “dois exemplares da arquitetura tradicional que foram minuciosamente analisados, centímetro por centímetro, na ocasião das obras neles

²⁰⁷ NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *O serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan e a redescoberta do Brasil: sacralização da memória em pedra e cal*. São Paulo: PUC, 1995. Mestrado em História Social

²⁰⁸ SILVA, Olga Brites. Memória, preservação e tradições populares. In *O Direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p.18.

²⁰⁹ No Primeiro Relatório enviado ao diretor, Rodrigo M.F.Andrade, em 16 de outubro de 1937, Mário de Andrade inclui a lista de monumentos significativos do Estado de São Paulo, acompanhado de documentação fotográfica e ensaio de ficha de tombamento. Neste primeiro levantamento foram mapeados mais de quarenta exemplares de edifícios religiosos, entre eles a Igreja de São Miguel, em São Paulo; a Capela de Santo Antônio, em São Roque; a Matriz de São Luiz de Paraitinga e a de Santana do Parnaíba; a Capela do Pilar, em Taubaté; pouco mais de uma dezena de casas de cadeia e fortes, no litoral; e pouquíssimos exemplares da arquitetura civil, visivelmente menos detalhados. Aparecem ainda listados os conjuntos urbanos de Iguape e Cananéia. GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.*, p.53

²¹⁰ Publicação SPHAN nº 31, *op.cit.* p. 28

executadas pelo SPHAN”²¹¹. Mário de Andrade assim descreve a Capela de São Miguel Arcanjo, considerando-a “*uma das relíquias históricas do Estado*”:

Ameaçando ruína, foi com certa inteligência reformada em 1927, reforçando-se-lhe a taipa com uma esteira de lajes de Itu. Já não se poderá dizer o mesmo quanto à pintura interna, que foi desastrosa [...] Situada na localidade de São Miguel, à beira da estrada de rodagem Rio-S.Paulo, esta igreja valiosíssima sofreu recentemente a perda uma cômoda antiqüíssima e da porta entalhada da sacristia, vendidas pelo padre que dela tomava conta. Esta igreja já foi fotografada por este Serviço. Envia-se como anexo (foto nº 1) apenas o entalhe da mesa de comunhão quer bem prova sua antiguidade [...] Ver-se-á na foto da fachada a data de 1622.²¹²

Os olhares de Mário de Andrade e de Luís Saia indicam uma preocupação com a preservação desse bem cultural, ainda que seja com a sua arquitetura, demonstrando a visão preservacionista existente à época, cuja intervenção era voltada, segundo Gonçalves “para o estudo das técnicas utilizadas na recomposição e reintegração dos elementos, para as consolidações estruturais, enfim, para a recuperação física dos materiais e dos sistemas presentes naqueles edifícios”.²¹³ Desse modo, a preocupação era com a intervenção num imóvel de origem colonial garantindo sua estrutura física, “minuciosamente analisada” e seus bens imóveis como a porta e a cômoda, ou seja, a questão da antiguidade da edificação, justificando a idéia de seu tombamento e sua inclusão no primeiro levantamento de bens passíveis de inscrição no Livro do Tombo do SPHAN e, ainda posteriormente, sua restauração, em 1939.

A análise do processo de tombamento que tornou a Capela um monumento protegido por lei federal e a bibliografia referente a atuação do órgão de preservação desse período indicam a ausência de alguns setores, que ficam à margem do processo como por exemplo, os moradores da região nas decisões sobre a preservação e o tombamento desse bem. Indica, ainda, pouca definição sobre os motivos dessa escolha, tendo em vista que é bem sumário, constando as fls. 38 um resumo da história da Capela e da origem do bairro como justificativa para seu tombamento.²¹⁴ Gonçalves reitera que “sem dúvida, sua

²¹¹ SAIA, Luís. Morada Paulista. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, p.19. a Igreja de Nossa Senhora da Escada, construída em 1652, situa-se no município de Guararema – SP e é uma das poucas igrejas que possui a imagem de São Longuinho, santo popularmente conhecido por ajudar as pessoas a encontrarem objetos perdidos. Ao encontrá-los a pessoa deve dar “três pulinhos para São Longuinho”.

²¹² ANDRADE, Mário de . Mário de Andrade: *Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936-1945*. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró-Memória, 1981, *apud* GONÇALVES, Cristiane Souza. *Restauração Arquitetônica: A Experiência do SPHAN em São Paulo, 1937-1975*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007, p. 66.

²¹³ GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.*, p. 61.

²¹⁴ A pasta referente ao processo de tombamento (n.180-T-38) foi localizada no arquivo central do IPHAN (ANS/RJ), porém não constam informações sobre a Igreja de São Miguel, conforme relata GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.*, p. 67.

antiguidade foi fator preponderante para a sua inscrição, com consequências diretas para o partido adotado e para as opções tomadas durante a fase de obras”²¹⁵ É importante lembrar, que mesmo não sendo evidenciadas pelos órgãos públicos, os moradores de São Miguel Paulista elaboraram e elaboram ações para a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo.

Neste contexto, algumas questões podem ser discutidas sobre a preservação do bem cultural em estudo. Em primeiro lugar, a intensa urbanização que ocorreu no Brasil no início do século XX, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, provocou a destruição de parte considerável dos acervos culturais dessas cidades, antes da criação do SPHAN, principalmente dos bens imóveis das regiões centrais que precisavam ser remodeladas para atender às necessidades das “cidades modernas”, muito a gosto dos que queriam “europeizar” a cidade, “assim, os núcleos e acervos urbanos que se conservaram íntegros, na época de sua fundação. eram os correspondentes a cidades e bairros que, de alguma forma, haviam ficado estagnados, pelos mais diferentes motivos”²¹⁶

A Capela de São Miguel Arcanjo tombada no momento de criação do SPHAN representou a necessidade de manter elementos do passado colonial dentre os monumentos remanescentes que a ele poderiam representar, demonstrando a preocupação do órgão de preservação para com o reforço de uma identidade nacional, que representava homogeneização das experiências sociais, debruçando-se sobre o caráter arquitetônico dos bens tombados no período. Apesar do valor histórico da Capela ser o fator preponderante para sua preservação, são visíveis as lacunas na documentação hoje existente nos arquivos do IPHAN, relativas às pesquisas históricas e aos documentos que pudessem elucidar as questões referentes à construção e às alterações sofridas pelo imóvel.²¹⁷

Dentre os motivos da preservação de sítios urbanos, a publicação do SPHAN²¹⁸ que trata da proteção e revitalização cita a marginalização do patrimônio cultural, no processo de desenvolvimento das vias de penetração e a sua substituição por outros núcleos de interesse; ou ainda, uma degradação do uso dos monumentos devido a mudança do nível sócio-econômico de seus ocupantes. Nesta linha de raciocínio, encontrei nas pesquisas sobre a localidade de São Miguel Paulista, registros que indicam um período de estagnação do bairro entre 1798 e 1891, assinalando o final do século XVIII e o início do

²¹⁵GONÇALVES, Cristiane Souza, *idem*, p. 72. A autora refere-se ao tombamento em 1937 e à obra de restauração sob a qual passou a Capela de São Miguel Arcanjo, entre 1939/41.

²¹⁶ Considerações baseadas em “ Publicação SPHAN nº 31, p.30.

²¹⁷ Conforme GONÇALVES, Cristiane Souza, *op.cit.* p.72.

²¹⁸ BRASIL, Ministério da educação e Cultura. SPHAN, nº 31. *Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural No Brasil*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, p. 30.

século XIX como a perda de todas as características de aldeamento indígena, sendo os índios dispersados e abandonados à própria sorte. Bomtempi registra, que por volta de 1850, por ordem do ministro Imperial “mandavam-se incorporar as terras dos índios no patrimônio nacional, por não existirem os aldeamentos, diante da dispersão dos índios²¹⁹”.

Segundo Leonardo Arroyo, “A igreja de São Miguel foi testemunha silenciosa de vários séculos da história, sobrevivendo para a festa diária dos olhos de hoje que a podem contemplar na sua tranqüilidade e no sossego das suas paredes brancas atingidas pelo pó.”²²⁰ O autor analisa que o “Registro Geral da Câmara de São Paulo” informa que em 1678, Barueri, Pinheiros, São Miguel e Conceição, tinham “suas igrejas com todo o necessário para celebrarem os sacramentos”.²²¹ Mais tarde, a situação mudara e o autor informa que em 1691, na sessão da Câmara de 23 de setembro, o procurador do conselho requeria, especificando as igrejas de São Miguel e Nossa Senhora da Conceição, que visto estarem aforando-se²²² as terras dos índios era justo que o foro se aplicasse para reparo das igrejas daquelas aldeias porque estavam em falta de tudo, principalmente de telha.²²³

A análise destes registros aponta para a preocupação com a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo no século XVII, atingida pela crise que assolou as igrejas que ficaram sem a tutela dos jesuítas, expulsos da colônia em 1640 e sem párocos, porque os clérigos não queriam ser vigários sem cônica²²⁴. Os franciscanos assumiram a igreja de São Miguel Arcanjo no início do século XVIII sob o pagamento de 25 mil réis anuais e sua assistência perdurará por muitos anos, com alguns intervalos, de acordo com as possibilidades econômicas e as conveniências das autoridades civis.²²⁵

Sylvio Bomtempi, refere-se ainda à obra de Frei José Mariano da Conceição Veloso, superior da aldeia de São Miguel em 1781, entregue às tarefas de “arruá-la,

²¹⁹ BOMTEMPI, Sylvio. *Op.cit.*p.126.

²²⁰ ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo – Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade.*Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954, p.62.

²²¹ *Registro Geral da Câmara de São Paulo*, Vol III, p.169, Publicação do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura da Prefeitura, São Paulo apud ARROYO, Leonardo *op.cit.*

²²² Segundo a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, o aforamento (ato ou efeito de aforar) é um contrato pelo qual o proprietário transfere o domicílio útil de um imóvel a outra pessoa, ficando esta obrigada a pagar-lhe anualmente o foro; emprazamento. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p.97.

²²³ *Atas da Câmara de São Paulo*, vol.VII, p.407, Publicação do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo apud ARROYO, Leonardo *op.cit.*

²²⁴ Pensão que os párocos recebiam para seu sustento. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p.1564.

²²⁵ Considerações baseadas em BOMTEMPI, Sylvio, *O Bairro de São Miguel Paulista*. Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: 1970.

melhorá-la e findar a reforma da igreja”, fato encontrado em cartas enviadas ao vice-rei em 1781.²²⁶

É possível observar que, ao longo do tempo, a Capela de São Miguel Arcanjo sofreu ações de órgãos públicos e também dos moradores que permitiram sua preservação e transformação e que, apesar das mudanças ocorridas com a saída e entrada de determinadas instituições e poderes para conduzir as ações da Igreja, a vida urbana do bairro permanece e se transforma.

A Capela de São Miguel Arcanjo não possui importância somente como patrimônio instituído, testemunho histórico de uma época remota, mas também como referência cultural para os moradores do bairro de São Miguel. É o único exemplar existente de capela alpendrada, que sobreviveu dentre muitas outras construídas na cidade de São Paulo e arredores nos primeiros tempos da colonização e constitui-se em um exemplo da arquitetura jesuítica e colonial do século XVII. A banca de comunhão em jacarandá esculpido foi considerada pelo arquiteto Lúcio Costa²²⁷ “como das mais antigas e autênticas expressões conhecidas de arte brasileira” e segundo Stella,²²⁸ sugere semelhanças com construções típicas espanholas e hispano-americanas. Daí o valor do monumento não apenas pelo que representou no passado, mas também pela relação entre o segmento que o produziu e outros setores sociais.

A Capela de São Miguel foi um dos bens tombados pelo Condephaat, em 1974, juntamente com outros bens já tombados pelo SPHAN. As ações do Condephaat se voltaram para os bens de interesse estadual e estiveram relacionadas à história sócio-econômica e à arte da terra paulista. A proposta levava em consideração não apenas o período colonial como também outros períodos, como o da cafeicultura e industrialização e significou um avanço ao incorporar fases mais recentes da história ainda vivas na memória urbana. Segundo Lemos, as idéias de Hügues de Varine Bohan trouxeram maior compreensão sobre a complexidade e a amplitude de ações preservacionistas, posto que encaravam a problemática do patrimônio cultural de modo abrangente, arrolando os elementos pertencentes à natureza e os conhecimentos, as técnicas, o saber-fazer e os bens

²²⁶ Sobre o assunto, ver *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo* Vol.XLIII, p.390-391 e 399.

²²⁷ ARROYO, *op.cit.* 1954,p.66

²²⁸ STELLA, *op.cit.* 1992, p.697

culturais que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos, construções, obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer.²²⁹

Um outro órgão de preservação que contempla a Capela de São Miguel Arcanjo é o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp)²³⁰. Segundo Fenelon, dentro de sua política de atuação, o Conpresp tem como premissa desmistificar o instrumento legal do tombamento. Para o órgão, tombamento não significa congelar, cristalizar ou perpetuar modos de organização do espaço urbano com suas edificações e usos. A postura desse Conselho pressupõe que o tombamento deve ser um instrumento maleável e articulado com a dinâmica da cidade, na medida em que trata da preservação de espaços urbanos significativos em nível da identidade cultural.²³¹ Segue, portanto, as resoluções da ONU e da UNESCO no privilégio ao tombamento por manchas, sempre que possível, e não de edifícios isolados.

Mudanças teóricas e práticas no campo da preservação procuram estabelecer o que Cíntia Nigro Rodrigues denomina de “processo de democratização do patrimônio”²³² e que se refere a própria Constituição Brasileira, quando adota a denominação “patrimônio cultural” no lugar de “histórico, artístico, arquitetônico”, indicando uma abrangência maior de elementos que vão compor o patrimônio cultural. Desta forma, o artigo 216 seção II – DA CULTURA²³³, demonstra esta ampliação dos bens culturais a serem preservados, apontando para a constituição do patrimônio cultural brasileiro como sendo os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto.

Ainda no artigo 216, a Constituição Brasileira no seu parágrafo 1º registra o “poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação”.²³⁴

²²⁹ BOHAN, assessor da internacional da Unesco, atuou em lugares os mais diversificados, principalmente os do terceiro mundo. LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.8-9.

²³⁰ O Conpresp, criado através da lei 10032 de 27/12/85, e alterado pela lei 10236 de 16/12/86, é o órgão colegiado de assessoramento cultural integrante da estrutura Secretaria Municipal de Cultura, composto por representantes de várias secretarias e entidades da sociedade civil. A Capela de São Miguel Arcanjo é tombada pelo Conpresp, através da resolução 05/91, publicação DOM de 19.04.91, que traz os bens tombados pelo Condephaat para o Conpresp.

²³¹ Conforme FENELON. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In *O Direito à Memória – Patrimônio histórico e cidadania*. DPH, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: DPH/SMC, 1992, p.33.

²³² RODRIGUES, Cíntia Nigro. *Territórios do Patrimônio – Tombamento e Participação Social na Cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, p.15.

²³³ BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Rideel, 2002, p. 98.

²³⁴ BRASIL. *Op.cit.*

Ao definir a proteção do patrimônio cultural brasileiro como função do poder público e da comunidade a Constituição Brasileira também estabelece outros mecanismos de intervenção para a preservação do Patrimônio Cultural Nacional e não apenas o tombamento. Assim, Luis Muniz Rocha Filho aponta, nos seus estudos sobre o tombamento como proteção ao patrimônio cultural, o interesse na preservação da memória nacional que recai sobre toda a sociedade de forma indeterminada, considerando que:

Ao estabelecermos como dever do Poder Público, com a colaboração da comunidade, preservar o patrimônio cultural, a Constituição Federal ratifica a natureza jurídica de bem difuso, porquanto este pertence a todos. Um domínio preenchido pelos elementos de fruição (uso, gozo do bem objeto do direito) sem comprometimento de sua integridade, para que outros titulares, inclusive os de gerações vindouras, possam exercer também com plenitude o mesmo direito.²³⁵

Dessa forma, democratizar o patrimônio significa entendê-lo como prática social e cultural de diversos e múltiplos agentes. No social, esta luta se concretiza entre diferentes sujeitos históricos, assumindo formas diversas e resultando em diferentes memórias. Assim, aproximar pesquisadores, estudiosos, acadêmicos, trabalhadores, operários, religiosos na discussão desse tema, provocará um entendimento de como os valores se transmitem e são apropriados pelos moradores de São Miguel Paulista e pelas pessoas que se relacionam com a Capela de São Miguel Arcanjo.

A Capela de São Miguel Arcanjo contou, até o momento do início de sua restauração em 2006, com a proteção da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul) que mantinha um funcionário, o Sr. João Feher, para garantir a sua segurança e alguns cuidados como limpeza, varrição e atendimento ao público. Até então, ela era aberta e recebia visitação de pessoas interessadas em conhecê-la e fiéis devotos de São Miguel Arcanjo, como o próprio senhor João nos conta: “Abro de segunda a sexta das oito às quatro, às dezesseis horas e sábado é das oito às doze. Aí quando é seis e meia eles abrem novamente pra celebrar a missa, né... às dezenove horas”.²³⁶ Até ser fechada em virtude do processo de restauração pelo qual está passando, a Capela de São Miguel Arcanjo era usada para celebrações litúrgicas, visitas, cursos, reuniões pelos moradores do bairro, visitantes, religiosos, outras entidades. Após o início da restauração da Capela, o Sr. João foi dispensado desse trabalho, acontecimento que indica a pouca preocupação com os laços afetivos que estavam relacionados a esse bem cultural. O Sr. João, que sempre se preocupou e lutou para que a Capela fosse restaurada e, portanto, preservada, acabou perdendo o trabalho

²³⁵ FIORILLO, Celso Antonio Pacheco, Curso de Direito Ambiental Brasileiro, p.212-213. apud ROCHA FILHO, Luis Muniz Rocha. *Tombamento: Instrumento de Proteção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: PUC, 2005. Mestrado em Direito do Estado p.121.

²³⁶ Relato do Sr João Feher, em depoimento citado.

que fazia há anos e pelo qual tinha o maior envolvimento, como demonstram alguns trechos do seu depoimento. A restauração desse bem garante a refeitura das paredes de taipa ou adobe, os ornamentos dos altares, porém deixa de lado o tecido que mantinha aquele monumento, isto é, as relações humanas lá estabelecidas que eram, em grande parte, garantidas pela presença simpática do Sr. João. A valorização desse bem cultural pode ser percebida pelos seus relatos, visto que diariamente estava a postos recebendo as pessoas que visitavam a Capela:

Sobre o caso da restauração, isso há uns seis anos atrás, sempre o professor Abelar, um professor de história aí da Unicsul, ele vinha sempre aqui, né e o professor Wilson também. Agora o professor Wilson não tem vindo mais porque ele separou da diretoria da Unicsul. Ele sempre falava pra mim: - É essa igreja precisa ser restaurada mas pra uma pessoa sozinha arcar com a despesa é grande, tal. Aí um dia eu falei pro professor Avelar, eu falei: - Olha, uma pessoa interessante, seria se vocês pudessem entrar em contato com o Roberto Marinho, a gente vê sempre ele inaugurando obras históricas e tudo né. Eu falei, eu não tenho, eu sou um peão, eu não tenho como entrar em contato com ele. Por exemplo, uma empresa, vamos supor, uma universidade, vocês tem como entrar em contato, ainda mais sendo uma escola, uma universidade, né. Aí ele falou pra mim: - Ah, nós já tentamos duas vezes mas não conseguimos. Aí eu falei pra ele: - Mas tenta, duas vez não deu certo, tenta a terceira, quarta, quinta, sexta vez, até ...²³⁷

Os dois personagens do depoimento sentem a necessidade da restauração e a persistência diante das dificuldades que se apresentam para esse tipo de iniciativa na nossa sociedade e, ainda, João apresenta proposta para se efetivar a restauração demonstrando como as pessoas elaboram soluções que, segundo seu modo de pensar, resolverão os problemas sociais apresentados no seu cotidiano.

João Feher continua seu relato, atribuindo importância aos visitantes, mostrando como vinham de longe para visitar a Capela e a sua forma de resolver as dificuldades postas no momento, procurando através de relações sociais estabelecidas no momento, encontrar, novos códigos para se comunicar:

Então, nesses nove anos e meio que eu estou aí, tenho recebido assim, muita gente assim de muitos países, né. Por exemplo, de Portugal já tiveram aí bastante gente, da Itália, da Espanha, até da Alemanha, né. Por incrível que pareça. No ano passado chegaram três pessoas, uma senhora com a filha e o genro da Alemanha. Eles mal sabiam falar o bom dia, né. E aí, eu mostrando, gesticulando no modo da gente movimentar ... eles estavam me entendendo e eu também entendendo eles, aí depois de um certo tempo eu dei sinal pro rapaz dizendo se eles teriam uma máquina fotográfica ou filmadora, aí ele deu sinal se podia. Eu falei que sim, aí ele levou uns dez minutos, voltou com a máquina fotográfica, começaram a tirar as fotos, eu mostrando as partes principal e... aí, eles tiravam entre eles... aí uma certa hora eu dei sinal se eu podia tirar dos três, né... aí eles entenderam, aí eu tirei várias fotos dos três, aí eles pediram pra que eu participasse também, tiraram foto minha, então foi um dia muito bonito... muito gratificante... a gente sendo assim, zelador, a gente fica muito contente

²³⁷ João Feher em depoimento citado.

quando recebe pessoas assim, né ... e todos acham que é uma construção muito bonita ...²³⁸

Preocupado com os visitantes que fotografam a Capela, a fotografia adquire para ele, um sentido de vestígio do real que será eternizado e até mesmo, levado para outro país. Em outro relato, o Sr. João evidencia que nem sempre as pessoas valorizam a Capela como ele:

Mas infelizmente não é todos que pensam assim. Ela é vítima de vandalismo, de apedrejamento, quantas vezes eu cheguei aí de manhã encontrei janelas arrebentadas, portas laterais arrebentadas. Já teve até pessoa assim, um senhor aí falou pra mim: - É, o governo devia demolir esse prédio aí, isso é um casarão antigo ... e podia construir uma escola. Eu falei: _ Olha, mas tem tanto espaço pra se construir escola, o senhor não sabe o valor que isso aí tem pra gente. Ele falou: - Pra mim não tem valor nenhum, isso aí é um casarão antigo. Eu falei: - Bom, dá licença, não tem diálogo com o senhor... que já vi que o senhor não entende, né... enquanto que o senhor acha que isso é um casarão, muita gente... ne...²³⁹

A entrevista com o sr. João ocorreu no interior da Capela de São Miguel Arcanjo e nesse dia, estava lá uma pessoa limpando os seus bancos (passando pano, tirando pó) que o sr, João identifica como um amigo, Rafael, conhecido desde que veio cuidar da Capela há quase dez anos e que o acompanha desde então.

... Até as quatro horas quando a gente precisa sair, então ele sai, né. E é até bom que ele... faz companhia pra mim assim, né? [...] Eu sempre dou um lanche pra ele, né... eu trago lanche, né... eu faço hora corrida eu não paro pra... sair pra almoçar... então eu já trago o lanchinho de casa e já dou uns dois lanchinho pra ele e... duas três vezes por semana eu dou um dinheirinho também pra ele passar o fim-de-semana, coitado... quanto ao mais aonde ele dorme ali perto do pronto socorro, lá do Tide Setúbal... tem várias igrejas, assim... cada dia é uma, né... à noite eles distribuem marmiteix pro pessoal e... como ele é uma boa pessoa mesmo... o pessoal lá do pronto socorro, médicos, enfermeiros dão assim um dinheirinho ou dão roupinha pra ele... e ele vive assim...²⁴⁰

Esse relato descortina outros horizontes que vão além do uso da Capela como lugar sagrado ou de fruição de seus objetos e de sua arquitetura. Demonstra existirem outras relações sociais cotidianas e apontam para uma troca de sociabilidades que passam por laços de solidariedade e companheirismo. Além disso, o relato dá visibilidade a outros moradores do bairro, pessoas excluídas dos direitos sociais mais elementares como a moradia e a alimentação e que, no entanto, conservam, limpam e, portanto, preservam. É um uso diferenciado. No dizer do sr. João, “*a Capela é a casa dele durante o dia...*”

Ele diz que se sente bem aqui... aqui ele diz que encontra paz aqui, ne ... pessoas boas... e ficando lá... no pronto-socorro só tem alcoólatras, usuários de drogas... agora à noite, coitado ele é obrigado ficar lá... então lá. Então, lá os guardas como conhecem ele, eles abrem uma exceção ... e ele é a única pessoa

²³⁸ João Feher, em depoimento citado.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

que pode ficar sentado onde tem o pessoal que espera a vez da chamada pra ir no médico... ele fica sentado e dorme assim, sentado coitado.²⁴¹

As relações sociais vividas na dinâmica social vão ultrapassando a Capela e a praça direcionando-se para outros equipamentos do bairro, como o pronto-socorro e a outras pessoas como guardas, usuários, funcionários. Além disso, oportunizam ao olhar não só a interpretação das fachadas, dos prédios e dos espaços públicos mas o caráter de mobilidade e marcas de conflitos, que caracterizam as relações sociais.

Foram tomadas, recentemente, medidas no sentido de angariar recursos para promover a sua restauração da Capela de São Miguel Arcaño, por meio do Ministério da Cultura que publicou portaria²⁴² autorizando o proponente da restauração a captar recursos mediante doações ou patrocínio através da Lei Ruanet²⁴³, sob a forma de incentivos fiscais. Esta proposta de restauração tem como proponente a “Associação Cultural Beato José de Anchieta”²⁴⁴, entidade civil, cujo objetivo geral “é resgatar, preservar e divulgar o patrimônio cultural da Diocese de São Miguel Paulista”.

Este templo religioso pertence à Diocese de São Miguel Paulista, que também toma medidas no sentido de sua preservação, como o lançamento do projeto de restauro realizado em cerimônia no dia 18 em setembro de 2005, iniciado com o discurso da gerenciadora do projeto pela empresa Format:

Boa noite a todos autoridades públicas presentes. A empresa Format tem um orgulho muito grande de poder participar desse projeto. Participamos do projeto da Catedral da Sé, que foi um dos projetos mais bem sucedidos de São Paulo como projeto cultural, onde foi montada uma equipe executiva, sob coordenação de Dom Cláudio para que os trabalhos pudessem acontecer a contento. Essa mesma experiência, Dom Fernando legal, conversando com Pe. Geraldo nos convocou pra que nós também aqui em São Miguel cuidássemos com esse mesmo olhar de profissionalismo da restauração de uma igreja como patrimônio da cidade e como patrimônio religioso e que nos pudéssemos também reproduzir o processo tão bem sucedido da Catedral da Sé. Formou-se uma comissão nos mesmos moldes onde ... participava como participa hoje aqui, a Concrejato como executora das obras, a Format na qualidade de gerenciadora e viabilizadora financeira junto com essa equipe, Pe. Geraldo que agradecer por esse evento também estar acontecendo, pelo apoio de todos que participam da comissão e todas as pessoas que tem a vontade de transformar a

²⁴¹ Idem.

²⁴² Portaria nº 176 de 26 de abril de 2005 do Ministério da Cultura, em cumprimento ao disposto no parágrafo 6º do art. 19 da Lei 8313, de 23 de dezembro de 1991 – aprova os projetos culturais relacionados a esta portaria, na forma prevista pelo parágrafo 1º do art.18 e no art.26 da Lei 8313/91, alterada pela Lei 9874/99.

04.2640 – Restauração da Capela de São Miguel – Associação Cultural “Beato José de Anchieta” CNPJ/CPF: 06.075.379/0001-85 – Processo: 01400.004128/04-34 – SP – São Paulo. Valor do Apoio R\$ 3.039.656,57 – Prazo de captação: 25/04/2005 a 31/12/2005.

²⁴³ Lei Rouanet (Lei 8313/91) Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura” (PRONAC), cuja finalidade é canalizar recursos para os projetos culturais. (WWW.cultura.gov.br/corpo.php)

²⁴⁴ “Associação Cultural Beato José de Anchieta” (ACBJA), CNPJ: 06.075.379/0001-85, ver nota de rodapé nº 32.

Capela de São Miguel Paulista não a Capela de São Miguel, mas a Capela de São Paulo e a Capela do Brasil. Essa é a nossa expectativa nesse projeto. Começamos isso há dois anos, iniciou-se chamando arquitetos, muitas reuniões até chegarmos ao projeto que o IPHAN aprovasse.²⁴⁵

Na apresentação do projeto e mesmo na análise do processo, não houve proposta de interação entre os moradores e a equipe técnica responsável pela restauração. Desse modo, observa-se a memória social tratada como elemento externo a essa relação patrimônio/preservação/restauro, o que demonstra o quanto a restauração atual desse bem não expressa outras experiências sociais. A preocupação com o preservação segue critérios estéticos, detalhados no memorial descritivo, fundamentadas por laudos do estado de conservação, análises laboratoriais e prospecção arqueológica, visando identificar antigas reformas e restaurações executadas, indicando a evolução dos sistemas construtivos e materiais empregados nas paredes e pisos, porém não se percebe nenhuma ação visando a participação dos moradores do bairro, além da formação da associação para viabilizar a concretização do restauro.

Assim, a gerenciadora do projeto de restauro continua seu discurso analisando as maneiras de angariar recursos para viabilizar a restauração, ressaltando os benefícios no investimento de capital pelas empresas na preservação desse bem cultural, sem demonstrar qual seria o papel e a participação dos usuários, ou ainda, quando seriam ouvidos para relatarem suas experiências e aspirações.

Essa Capela é tombada e é uma Capela que é a menina dos olhos do IPHAN porque foi o primeiro monumento tombado pelo Iphan. Conseguimos a aprovação do projeto, pelo IPHAN que acompanhou conosco todo esse processo e encaminhamos a Brasília. Brasília esse ano aprovou o projeto através da lei de incentivo do Pronac que é a lei Rouanet o que possibilita as empresas investidoras nesse projeto possam debitar do imposto de renda a quantia que eles colocarem no projeto, ou seja, as empresas privadas ou estatais se colocarem 10 reais no projeto, vão poder abater 10 reais do seu imposto de renda. Isso para as empresas significa que eles vão poder agregar no valor o potencial que é o valor do patrimônio histórico nosso a Capela de São Miguel À historia da sua empresa sem fazer investimento, simplesmente, tirando de um lado e colocando no outro. Acho que esse é um grande recurso de apoio à cultura e ao patrimônio nacional.²⁴⁶

Da mesma forma, o discurso do engenheiro diretor da área de patrimônio histórico da Concrejato revela a importância arquitetônica do bem a ser restaurado, sua originalidade e permanência durante todos esses anos, mas não dá visibilidade às pessoas

²⁴⁵ Trecho da palestra proferida por Sra. Rosana de Lellis Gerenciadora do projeto cultural pela Format, por ocasião da Cerimônia realizada no interior da Capela de São Miguel Arcanjo, 18 no dia de setembro de 2005 em comemoração aos 386 anos de São Miguel Paulista apresentando o projeto de restauro da Capela liderado pela Diocese de São Miguel Paulista. Gravado pela pesquisadora.

²⁴⁶ idem

que com seu trabalho e ações cotidianas, fizeram com que este bem cultural permanecesse até os dias de hoje:

A gente já ta desenvolvendo um trabalho há muitos anos e... um dos trabalhos mais importantes que nos já executamos, foi justamente a restauração da catedral da Sé e que propiciou realmente que a gente pudesse estender esse nosso trabalho, culminando com esse trabalho que foi feito aqui. A Catedral da Sé arquitetonicamente é diferente o trabalho, a arquitetura dessa igreja, que ela não é a ostentação, né... o que tem a catedral, a imponência da catedral... ela tem a simplicidade... e essa Capela ela foi anterior até a idade do bairro ela realmente ela foi construída em cima das ruínas de outra igreja que foi construída em 1560. [...]e essa Capela ela permaneceu ao longo de de 400 mais de 400 anos, nesse estado que ela tá, com todas as ... a maioria do que ela tem de peças e arquiteturas são originais e ela ter permanecido, não ter sido destruída acho que já vale realmente uma análise de toda a sociedade, da comunidade como um todo de que realmente, dentro de São Paulo essa igreja sendo a mais antiga a gente tem a necessidade realmente como comunidade da gente trabalhar pra preservá-la, porque realmente ela passou quase toda a história do país do Brasil, né quase da idade do Brasil, ela foi toda ela rodeada por construções, quase foi engolida por elas e na realidade o que a gente quer é justamente resgatá-la ... ela como a figura principal aqui da praça, do entorno e que irá gerar a partir dessa restauração uma nova configuração desse entorno, da praça, do bairro porque ela será originária de todo esse processo, com certeza ...²⁴⁷

Na fala do engenheiro, há algumas menções da sociedade e da comunidade, porém não há demonstração das formas de participação dos moradores, de preocupação com suas opiniões ou consultas para verificar aquilo que realmente querem para a Capela e para a praça, como usuários que realmente são desses espaços urbanos.

Sobre o entorno da Capela, ou seja, a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, o projeto prevê algumas demolições: caramanchão, canteiros e palco. Todos os elementos que se apresentam como barreiras visual ou física, que estão fora de contexto e que possibilitam a criação de ambientes escondidos serão demolidos para melhorar a legibilidade da área, dando maior enfoque ao elemento construído que deveria ser o principal equipamento da praça, a Capela. Desse modo, com a preocupação de ressaltar o elemento construído, “o principal equipamento da praça, a Capela” o projeto não levou em consideração outras formas de manifestações, como as apresentações dos grupos de tocadores de forró, representantes de grupos sociais migrantes, que também ocupam esses locais a partir da década de 30, desconsiderados nesse processo de revitalização da praça.

²⁴⁷ Discurso pronunciado pelo engenheiro Ronaldo Rich, executor das obras de restauro pela Concrejato por ocasião da Cerimônia realizada no interior da Capela de São Miguel Arcanjo, no dia 18 de setembro de 2005 em comemoração aos 386 anos de São Miguel Paulista apresentando o projeto de restauro da Capela liderado pela Diocese de São Miguel Paulista. Gravado pela pesquisadora.

O palco que havia na praça e mesmo o caramanchão ao serem subtraídos deixaram a praça mais limpa, porém sem o encanto das árvores e vegetação que a compunham²⁴⁸.

As ações da Diocese de São Miguel Paulista, no sentido de tomar medidas para restauração e, conseqüentemente, para a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo, vão ao encontro das orientações da Igreja Católica, entidade detentora da propriedade de vários bens culturais validados pelos órgãos de preservação do patrimônio cultural, que tem tomado medidas para a conservação desses bens com publicações e orientações destinadas à formação de presbíteros, atentando para os bens culturais, formação de bibliotecas e arquivos eclesiásticos.²⁴⁹

Demonstrando o reconhecimento da necessidade de proteção dos bens da Igreja Católica nas diversas modalidades culturais, o Papa João Paulo II promoveu ação para criar a “Comissão Pontifícia para os bens culturais da Igreja”²⁵⁰, dirigindo sua atenção à inventariação e catalogação dos bens culturais que pertencem às entidades e instituições eclesiásticas a fim de tutelar e valorizar o ingente patrimonial histórico e artístico da Igreja.²⁵¹

Dessa forma, a Arquidiocese de São Paulo orientou os Bispos Auxiliares e os Vigários Episcopais para o funcionamento nas Igrejas de “Comissão de Bens Culturais” com uma tríplice finalidade: 1) proteger os bens artísticos, arquivísticos e bibliotecários da Igreja, evitando sua deterioração ou sua depreciação; 2) orientar e formar as pessoas eclesiásticas ou leigas, a respeito do valor destes bens; 3) orientar os atuais projetistas e outros profissionais, na produção de novos elementos da arte litúrgica e dos demais bens culturais da Igreja, a fim de que as construções e reformas de templos, a organização de arquivos e bibliotecas, as composições musicais e tudo mais que se refere a bens culturais, sejam feitas dentro de critérios e técnicas apropriadas e assim, sirvam sempre melhor, ao povo de Deus.²⁵²

Assim, a Igreja Católica seguindo um movimento mundial de busca da preservação do patrimônio cultural conclama seus porta-vozes para a urgência de cuidarem do patrimônio que, “para além da “tutela vital” dos bens culturais, é importante

²⁴⁸ Projeto sob a responsabilidade da Associação Cultural Beato José de Anchieta, aprovado pelo IPHAN, em ofício 269/04-9ª SR/SP- IPHAN de 03 de maio de 2004.

²⁴⁹ “A formação dos futuros presbíteros para a atenção dos bens culturais” de 1992; as “Bibliotecas Eclesiásticas” de 1994; “A função Pastoral dos Arquivos Eclesiásticos” de 1997.

²⁵⁰ A Primeira Assembléia Plenária desta comissão ocorreu em 12 de outubro de 1995.

²⁵¹ Conforme Carta Circular “Necessidade e Urgência de Inventariação e Catalogação do Patrimônio Cultural da Igreja” da “Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja”, Palazzo Della Cancellaria, 00120 Citta Del Vaticano, 08/123/1999, p.5.

²⁵² Conforme “Comissão para os Bens Culturais da Igreja – Arquidiocese de São Paulo”, de 26/09/2000.

a sua “conservação contextual” uma vez que a valorização deve ser entendida no seu conjunto”, considerando que, a função cultural e eclesial que, incessantemente, caracteriza os mesmos bens culturais da Igreja representa o melhor suporte para a sua conservação.²⁵³

Nessa época de intensificação do crescimento econômico e integração internacional que coincidente com um momento de ruptura que vem atravessando a Igreja Católica e com a abertura de novas formas de percepção e interpretação do universo religioso, há um interesse da Igreja Católica em seus bens patrimoniais. Esse debate é resultado de novas políticas patrimoniais engendradas na sociedade que põem em evidência mecanismos de preservação de bens culturais, como a Capela de São Miguel Arcanjo.

A preservação da Capela de São Miguel Arcanjo é amparada pela legislação específica de 37, somada a instituição estadual de preservação na década de 70 e pelo conselho municipal na década de 80. Por outro lado, a questão do tombamento e da preservação, torna-se ineficaz se estiver dissociada das demais diretrizes da políticas urbanas, articuladas com as lutas pela qualidade de vida, preservação do meio ambiente, direito à pluralidade e cidadania cultural.

Desse modo, o interesse pela defesa da Capela de São Miguel Arcanjo decorre da necessidade de manter laços com o passado, com ações que partem do presente, entendendo que quem preserva é o sujeito histórico, indivíduo exposto, vulnerável, mas também capaz de agir. É importante que usos dinâmicos permitam que o patrimônio ganhe vida e a opção pela recuperação desse patrimônio cultural terá que atender às necessidades sociais, transformando os moradores da região em protagonistas que têm direito à preservação desse bem, único meio para evitar a perda definitiva do patrimônio, lembrando que a perda de um bem cultural acarreta a perda do conhecimento a ser transmitido para as gerações futuras.

²⁵³ Conforme Carta Circular “Necessidade e Urgência de Inventariação e Catalogação do Patrimônio Cultural da Igreja” da “Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja”, Palazzo Della Cancelleria, 00120 Citta Del Vaticano, 08/123/1999, p.7.

2.2. Desvendando outras práticas

2.2.1. Movimento Popular de Arte

*“Tem gente por aí,
Vivendo que nem bicho,
Fuçando comida,
Na lata de lixo.”
Akira*

Numa perspectiva de buscar os sentidos das produções artísticas nas políticas culturais da cidade e refletir sobre experiências realizadas em São Miguel Paulista, buscando como isso se expressou no bairro, espaço para estas manifestações, e como se cruzou com a problemática do patrimônio é que merece atenção, nessa pesquisa, o Movimento Popular de Arte (MPA). Surgido no ano de 1978 no bairro de São Miguel Paulista, era formado por artistas que buscavam espaço para apresentar suas produções: músicos, atores, poetas, artistas plásticos, professores que se reuniam para mostrar a produção cultural existente no bairro, com apresentação de shows musicais, peças teatrais, brincadeiras infantis, varais de poesia, mostras de pintura e fotografia, filmes ao ar livre que eram exibidos nas praças de São Miguel Paulista.

Arantes e Andrade²⁵⁴ relatam que no ano de 1978 foram encarregados de uma pesquisa pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, preocupada em traçar uma nova política de “revitalização” dos sítios de valor histórico e/ou artístico sob a sua tutela, localizados em bairros populares: “uma pesquisa sobre a produção artística popular na região de São Miguel Paulista, a qual nos proporcionou o contacto com diferentes artistas (músicos, poetas, pintores, bailarinas, atores e fotógrafos) que, em condições extremamente adversas, têm procurado desenvolver e divulgar seus trabalhos”.²⁵⁵

Aliada a essa proposta, colocava-se a questão da revitalização de edifícios de interesse histórico e, no caso de São Miguel, a Capela de São Miguel Arcanjo.

Arantes, no entanto, reflete sobre a concepção de arte e de cultura que embasava a proposta:

Esse trabalho partia do pressuposto que a meu ver era falso. Os que me convidavam a fazê-lo consideravam a área onde se localizava esse bem, a Zona

²⁵⁴ Antonio Augusto Arantes, pertencia na época ao Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas e Marília Andrade ao Departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

²⁵⁵ ARANTES, Antonio Augusto e ANDRADE, Marília. A Demanda da Igreja Velha: Análise de um Conflito entre Artistas Populares e Órgãos do Estado. *Revista de Antropologia*, Separata do volume XXIV. São Paulo: USP, 1981 p.98.

Leste de São Paulo, uma área culturalmente muito pobre, com uma produção local praticamente inexistente ou muito insignificante. E havia quase como um corolário dessa concepção, que seria necessário, efetivamente, criar a possibilidade de se desenvolverem formas de produção artística, enfim, incentivar a produção artística e as formas de expressão de maneira geral nessa faixa da população.²⁵⁶

Observa-se que, para Arantes, a concepção da Secretaria da Cultura é de que não havia em São Miguel Paulista formas de produção artística e de expressão, porém não foi preciso muito tempo para que o pesquisador lá encontrasse uma gama de experiências sociais diversificadas, contrariando concepções pré-estabelecidas do órgão responsável pela cultura na cidade, que subestimava as experiências pessoais e sociais dos moradores de São Miguel. No histórico do Movimento Popular de Arte, encontrei que a pesquisa realizada pelos antropólogos da Unicamp, “visava encontrar uma fórmula de dinamizar a ocupação da Capela Histórica de São Miguel Paulista, acabou por contactar e detonar o processo de aglutinação de diversos grupos e artistas individuais existentes na região.²⁵⁷ Assim, a Capela de São Miguel Arcanjo abrigaria essas ações sociais que aglutinaria artistas e moradores de São Miguel Paulista em torno dessas experiências.

Desse modo, a partir das discussões mantidas durante os contatos e da disponibilidade da Capela, surgiu o interesse dos artistas em realizar uma mostra de arte e no bojo das discussões, a necessidade de união constante, nascendo assim o MPA.²⁵⁸

Sacha Arcanjo, cantor e compositor, participante do MPA e atualmente coordenador cultural da “Oficina Cultural Luís Gonzaga”, relata o seguinte:

No início foi o seguinte, nós fizemos um abaixo assinado solicitando um uso específico, um uso artístico (da Capela) ... que era idéia de manter exposições... essa coisa de lançamento de livros... leitura de recitais lá dentro e... música... mas não música com equipamento de som, nada disso... música com a qual a gente pudesse auferir o espaço... sei lá... canto coral, voz de violão, uma coisa maneira... teatro, entendeu... mas daí não foi possível.²⁵⁹

²⁵⁶ ARANTES, Antonio Augusto. (org.) *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.150.

²⁵⁷ MPA – *Projeto de Ocupação da Capela Histórica de São Miguel Paulista*. São Paulo: USP, 1981 p.10.

²⁵⁸ Considerações baseadas em: MPA – *Projeto de Ocupação da Capela Histórica de São Miguel Paulista*. São Paulo: USP, 1981 p.10.

²⁵⁹ Sacha Arcanjo, cantor e compositor, 57 anos, Coordenador Cultural da Oficina Cultural Luís Gonzaga, em depoimento para a pesquisadora em 06/02/2007. Veio para São Miguel Paulista em 1966, nasceu em São Gabriel (BA) em 1949. Cantor e compositor, participou do MPA (Movimento Popular de Arte) junto com Antonio Augusto Arantes, participa das discussões sobre as prioridades culturais da região, principalmente as programadas pelo Fórum Cultural de São Miguel Paulista. A Oficina Cultural Luís Gonzaga é localizada em São Miguel Paulista, a oficina leva o nome do compositor Luiz Gonzaga, o rei do baião (1912-1988). Reforçando os laços com a comunidade, a Oficina tem atuado intensamente com cursos externos, programando atividades em escolas, associações, salões comunitários e outros espaços culturais da região. São Miguel é um bairro de forte presença nordestina; essa característica sempre se reflete na programação, com cursos de dança, música, teatro e folclore dedicados à expressão cultural do Nordeste. <http://www.assaoc.org.br/oficinas/capital/luizgonzaga.php> - Acesso dia 24/092007.

O jornal “Folha de São Paulo”, publica que a experiência da Capela deu certo, segundo os artistas, atraindo mais de quatro mil pessoas e “mostrando que a arte produzida pela população de uma localidade visando seus problemas identifica o homem dessa região com seu meio e possui grande penetração mesmo que não haja muita divulgação”²⁶⁰. O êxito foi admitido pelos próprios antropólogos que registraram uma frequência maior que no Teatro Martins Pena, na Penha, onde grupos profissionais atraíram no máximo 2800 pessoas em igual período.

Sposito, em estudo feito sobre o movimento, relata que “ao encerrar-se a Mostra a Igreja Velha é fechada novamente, a discussão de sua preservação volta a ser para o DPH²⁶¹, uma questão de domínio das instâncias competentes – a Igreja Católica e o próprio DPH. Enquanto pesquisador, Arantes terminou aí a sua tarefa, porém, o movimento do qual ele foi um importante protagonista já havia se consolidado.”²⁶²

Apesar disso, os integrantes do movimento continuaram se reunindo nas casas de um ou outro artista e, por vezes, ao ar livre nas praças e ruas da cidade, com gente como Akira, 28 anos, borracheiro, Artêmio, 19 anos, gráfico, poeta e ator, Edson Gordo, poeta e escriturário. Aos poucos eles foram definindo claramente seus objetivos, na explicação da “Folha de São Paulo”:

Revitalizar a arte popular como forma de resistência aos padrões culturais alienantes, impostos pelos meios de comunicação de massa”, “abrir canais de participação à população na produção artística e cultural da periferia”, “abrir espaço de apresentação da arte em ruas, praças, jardins, entidades de bairro e onde mais for possível, fazendo das apresentações um ponto de reflexão da realidade cultural do bairro [...] criar uma sede [...] apoiar outros grupos ou movimentos cujas atividades concordem com os objetivos do MPA.²⁶³

Esses movimentos culturais são frutos das transformações ocorridas nos anos posteriores à década de 30 (conforme capítulo I) que alteraram as condições de vida, de trabalho e as relações sociais, com o advento da industrialização e o aumento da migração no bairro. Esse processo de transformações sociais se faz sentir nas mudanças de atividades, no modo de organização para realizá-las e nas disputas pelo uso e controle dos espaços, nas produções e organização das atividades artísticas e de lazer no bairro. Da

²⁶⁰ Jornal “Folha de São Paulo” de 05/04/1981

²⁶¹ DPH – Departamento do Patrimônio Histórico – órgão da Secretaria Municipal de Cultura, é responsável pela preservação de documentos históricos, administração das casas históricas, bem como do acervo de bens moveis e dos documentos em suporte fotográfico, além da salvaguarda do patrimônio histórico e cultural. É o órgão técnico de apoio ao Conpresp, conselho responsável pela aplicação da legislação municipal de tombamento. Realiza pesquisas e pareceres que instruem os pedidos de tombamento, além de aprovar e orientar as intervenções em bens protegidos.

²⁶² SPOSITO, Marília Pontes (coord) Memória do Movimento Popular de Arte do Bairro de São Miguel: Cultura, Arte e Educação. São Paulo: USP – FFCL, 1987, p. 64.

²⁶³ Jornal “Folha de São Paulo” 05/04/1981.

multiplicidade de vivências e lutas que engendram a formação social, a experiência desses artistas foi se constituindo e surgindo propostas de projetos para realização das ações. Da proposta de revitalização dos sítios antigos de São Paulo, surgiu a idéia de aproveitamento das manifestações existentes nas praças de São Paulo, para fazerem parte de um projeto maior. Sacha relata:

... depois de uns quatro ou cinco anos de manifestações começou a pintar a idéia do Anhembi, na época Paulistur, hoje SP Turis, né? Então na época a Paulistur era com João Dória o presidente da Paulistur, com a idéia de: onde que tem o que na cidade? Então fomos pesquisar São Paulo, tinha o Bar do Chorinho que era na Rua Pinheiros e tinha uma esquina onde rolava chorinho, ali ficou, o Anhembi montou uma estrutura lá que acabou virando Rua do Choro. Aí, pesquisaram, tinha um lugar, na Praça da Aclimação, que de vez em quando tinha um show de Rock, aí eles investiram lá e virou Praça do Rock e São Miguel, por conta dessa manifestação nossa, acabou sendo criada a Praça do Forró.²⁶⁴

O jornal “O Estado de São Paulo” do dia 28/08/87, em matéria intitulada “S.Miguel, o Nordeste em S.Paulo” assinada por Gilberto Nascimento, traz um panorama do bairro aliando-o à região nordeste do Brasil “- a maior parte da Bahia como garante o escrivão José Roberto Bonizi, do Cartório de Registro Civil”²⁶⁵. Na reportagem, o jornal aborda a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra como o lugar onde os nordestinos podem dançar forró nas noites de sábado. Segundo o jornal, “ali desde maio de 84 funciona a “Praça do Forró”, organizada pela Prefeitura. É uma das poucas opções de lazer do bairro, já que o único cinema - Cine Lapenna – foi transformado em sede da Igreja Universal do Reino de Deus”²⁶⁶.

A mesma matéria indica os usos diferenciados da praça, a organização dos moradores para se apropriarem e evidenciarem seus costumes, o apoio dos órgãos municipais nesse processo e, ainda, a reutilização de um espaço próximo à praça apropriado para outras funções, no caso o prédio onde funcionava o cinema que passa a ser templo religioso e aborda as atividades artísticas organizadas pelo MPA. De acordo com o jornal, “o hábito de dançar na praça teve início em 1978 [...] através do MPA. Um palco improvisado, um microfone, algumas caixas de som emprestadas de amigos e os instrumentos simples eram suficientes para atrair multidões”²⁶⁷.

Para Izaltino Ribeiro, conhecido por “Izal”, 52 anos, professor de História da rede pública estadual, que veio morar em São Miguel com dez anos de idade, preocupado em

²⁶⁴ Sacha Arcanjo, em depoimento citado.

²⁶⁵ Jornal “O Estado de São Paulo” de 28/08/87 – S. Miguel,. O Nordeste em São Paulo.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ Idem.

registrar a história de São Miguel, especialmente do MPA, aponta dois momentos diferenciados de intervenção na praça:

... o primeiro com esse processo que é da Secretaria da Cultura Municipal, bancado pela Unicamp, que é o projeto lá do Arantes... nessa primeira intervenção houve um fato interessante, houve uma consideração... e uma resignificação de agentes históricos mesmo, dos que ocupavam a praça, ou seja, a gente pega fotos antigas que tem lá na Unicsul, tem o cinema onde é hoje a Igreja Universal, o cine Lapenna ... tinha só a praça, ali não tinha aquela avenida, então, o desenho aéreo a praça tinha um parque infantil, sempre que eu conversei com as pessoas ai eles falam que estudaram lá, tinha famílias, tinha coreto, lambe-lambe, esse lambe-lambe ficou até o MPA, ficava rolando as coisas, aquela barulheira da turma na praça e ele lá ... nesse sentido, esse pessoal, faziam apresentações na praça, mas não era assim... nada suntuoso ... tocava, brincava, e ia embora... e, quando houve essa intervenção que fez que surgisse o MPA essa manifestação resgata tudo isso, ajuda a resgatar tudo isso... e isso contribuiu também para que a praça fosse chamada Praça do Forró... na verdade, pelo uso...²⁶⁸

Ao elaborar sua reflexão, Izal demonstra um entendimento claro de que o espaço adquire significado pelo seu uso e pelas relações que nele se estabelecem. Aparecem o espaço urbano e os sujeitos que nele interferem de forma ativa, nas mais diversas atividades diárias.

Num outro momento, refletindo sobre a reforma da praça acontecida no início de 2007, da qual retiraram algumas árvores para que a praça ficasse “mais clara” e colocaram vários bancos, Izal continua:

...eu to percebendo assim, tomara que não, mas por exemplo, vai colocar feira? Vai fazer eventos? Se você não resignificar, ir lá buscar essas coisas que aconteceram, estará negando ... e não vai ter vida a praça... não vai ter a função que algumas pessoas querem... então, um monte de banco que tem lá ... as pessoas vão sentar ali, de dia e esperar o que? ²⁶⁹

Na verdade, os argumentos do depoente, ao comparar os dois acontecimentos, o uso da praça pelo MPA, iniciado em 1978, e a sua reestruturação, ocorrida em 2007, sinalizam para diferentes modos de se pensar a cidade. No primeiro movimento, a praça e o bairro eram pensados pelo uso de seus moradores, dos seus modos de expressão, de ações para eles significativas. Neste segundo, em 2007, não houve participação popular e nem foi pensado seu uso pela população. Os bancos foram colocados, as árvores retiradas, porém as atividades sociais que poderiam acontecer não entraram no bojo das discussões;

²⁶⁸ Izaltino Ribeiro, em depoimento à pesquisadora em 06/02/2007. Produtor cultural da Casa de Cultura Municipal, professor de História da rede pública estadual, veio morar em São Miguel com dez anos de idade. É um sujeito preocupado em registrar a história de São Miguel e, junto com outras pessoas, organiza o material oriundo do MPA (Movimento Popular de Arte), coleta de depoimentos, montagem de filmes, organizando reuniões para a formação de um centro de memória em São Miguel. Nascido no Paraná em 1954. Participa de reuniões para discussão sobre os usos sociais da Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, junto com a associação “Amigos da Praça do Forró” assunto tratado no próximo item deste capítulo.

²⁶⁹ Izal Ribeiro, em depoimento citado

isso não significa que não haverá, na praça, qualquer manifestação, porque os moradores arrumam formas de se apropriar dos locais e fazer deles espaço para suas ações.²⁷⁰

O Diário Oficial da Cidade de São Paulo, do dia 26 de novembro de 2005, traz uma reportagem que se intitula “*São Miguel. De Anchieta a Piassi, histórias dos confins da Zona Leste*”. O título da matéria faz referência à família Piassi, proprietária do “Restaurante Piassi”, no entroncamento da Av. Marechal Tito e Av. Nordeste, instalado no mesmo local há 50 anos.

A história de São Miguel Paulista, bairro no extremo leste da cidade de São Paulo, passa pela praça que, oficialmente tem o nome de um religioso e, popularmente, de um estilo musical brasileiro. É a Praça Padre Aleixo Mafra, mais conhecida como Praça do Forró. Além de conter a Capela de São Miguel Arcanjo, reconstrução da igrejinha que foi o marco do bairro em 1560, a praça também foi palco de muitos shows nas últimas décadas e de manifestações do Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista, criado na década de 70 por um grupo de amigos (Edvaldo Santana, Osnofo, Sacha Arcanjo, Akira Yamasaki e Zulu de Arrebatá, entre outros).²⁷¹

O veículo oficial de notícias sobre a cidade indica, no título de sua matéria, um adjetivo pelo qual São Miguel é conhecido: sua distância do centro da cidade. Mesmo atualmente, com outros meios de transporte, metrô vindo até Itaquera já próximo a São Miguel, o local ainda é apresentado como “confins da Zona Leste”. Uma outra questão que a reportagem evidencia é a data de construção da Capela. Spósito nas reflexões sobre o MPA, aponta essa “controvérsia, sobre a construção da Capela Histórica que, oficialmente, data de 1622”.²⁷²

Nas reflexões da autora a Capela de São Miguel Arcanjo pode ter sido construída muito antes de 1622. Justificando, Spósito cita o Padre Helio Viotti, que aponta a construção da Capela com auxílio de índios em 1585 e o Pe. Serafim Leite que também sugere a construção ainda no século XVI, indicando que o nome de São Miguel aparece nos catálogos da Cia de Jesus, em 1586, estando à sua frente o padre Diogo Nunes.²⁷³

Embora a primeira atividade do MPA tenha sido a Mostra de Arte, realizada na Capela em 1978, Arantes e sua equipe fizeram um trabalho anterior no sentido de

²⁷⁰ Sobre a discussão do uso atual da praça, ver item 2 desse capítulo: A Mesma Praça – Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra x Praça do Forró.

²⁷¹ Diário Oficial da Cidade de São Paulo de 26/11/2005. São Miguel. De Anchieta a Piassi, histórias dos confins da Zona Leste.

²⁷² SPOSITO, Marília Pontes (coord), *op.cit.* p.7.

²⁷³ Considerações baseadas em SPOSITO, Marília Pontes (coord), *op.cit.* p. 8. Sobre o assunto, ver ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo* - introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo e suas relações com a crônica da cidade. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1954. Rosel Roseli Santaella Stella, historiadora que faz pesquisas sobre o bairro de São Miguel Paulista, também afirma já ter “comprovação documental fazendo referência à capela primitiva, dando conta que aqui existiu uma outra edificação e de que São Miguel foi fundada efetivamente em 1560.” In: Revista Mensal dos “*Arautos do Evangelho*” Ano III, nº 36, Dezembro/2004, p.39.

conhecer a produção cultural da região e possibilitar a criação de uma rede inicial de relações entre os diferentes grupos e pessoas. Arantes reuniu, à princípio grupos diferenciados entre si e significativos na produção cultural do bairro: poetas, músicos, atores, estudantes e membros da escola de idioma Esperanto²⁷⁴. Nesses encontros decidiu-se o objetivo do grupo de fazer um projeto de ocupação da Capela e explicitar a sua concepção de uso.

Interessante notar, que esse processo de aglutinação em torno de um bem cultural, no caso a Capela de São Miguel Arcanjo, evidencia a dimensão da luta pelo seu uso: A desmistificação desse espaço, a dessacralização do espaço sagrado, sem que os moradores tivessem nesse processo perdido a sua religiosidade e a interação com o Estado mediante reivindicações junto aos órgãos públicos de equipamentos básicos como luz elétrica, água, bancos, para o funcionamento desse espaço.

Arantes, em publicação sobre o MPA, argumenta que, embora a pesquisa e a Programação Experimental tivessem sido realizadas com o patrocínio da Secretaria da Cultura, a emergência de um grupo de artistas com objetivos, planos de trabalho e reivindicações específicas, aparentemente, transgrediu os limites da proposta de apoio, gerando impasse e conflito em torno da posse da Capela. Desse modo, após expirar o prazo de um mês, as portas da igreja foram fechadas, a luz cortada e condicionou-se o prosseguimento das atividades na Capela, a um abaixo-assinado e à exigência de que o Movimento se constituísse como pessoa jurídica. O autor analisa, também, que as relações de poder entre os grupos envolvidos indicaria, à primeira vista, que os artistas estariam totalmente desprovidos de recursos para barganhar a utilização da Capela. Após várias reivindicações e busca de alternativas, estabeleceu-se entre eles a consciência de que o caminho não seria no apoio que qualquer instituição pudesse oferecer, mas a busca pelo esforço coletivo, com o apoio de grupos artísticos congêneres e de suas próprias bases populares. Além disso, o processo de disputa da Capela proporcionou aos artistas uma forte identidade grupal, e a percepção de que o seu objetivo primordial não deveria ser a posse de um local privilegiado, e sim o fortalecimento do grupo e a aquisição de maior poder de barganha.²⁷⁵

Desse modo, ainda segundo Arantes, “o processo relatado me parece mais significativo [...] do que propriamente o que finalmente foi produzido, foi apresentado

²⁷⁴ Considerações baseadas em SPOSITO, Marília Pontes (coord), *op.cit.* p.59 O “Esperanta Klubo” foi fundado em São Miguel Paulista em 1949, tendo como um dos fundadores o Sr. Osvaldo pires Holanda, um dos depoentes dessa pesquisa.

²⁷⁵ Considerações baseadas em ARANTES, Antonio Augusto e ANDRADE, Marília. *Op. Cit.* p. 104.

como produto final. [...] O eixo das preocupações se desloca do produto para a produção, e o agente da produção é o produtor.²⁷⁶

Para Arantes, a questão da utilização da Capela perpassa o “lugar que ela ocupa no espaço político-administrativo da cidade”²⁷⁷. Para o autor, é um cruzamento difícil entre a Administração Municipal, a Cúria e os moradores do bairro, com os quais a comunicação é não é fácil, porque passa pela exclusão evidenciada na história da praça. Desse modo, o MPA como grupo que buscava sua autonomia e liberdade de expressão, gestão autônoma de um centro popular de cultura e, por outro lado, os órgãos públicos, com o interesse concentrado em torno da legitimação e incorporação da Capela ao seu acervo, demonstram o difícil cruzamento.

Essas experiências relatadas nos idos dos anos 80, evidenciam disputas entre setores sociais pela apropriação dos espaços do bairro e, ao mesmo tempo, criam novas significações para aquele espaço, que acabam mudando as representações que se tem sobre ele. Segundo Arantes, “essas redes dispersas, acabaram se constituindo um movimento, uma entidade política no bairro, uma entidade que ocupou, durante algum tempo, o cenário político do bairro e que soube se manter à margem das manipulações eleitoreiras”.²⁷⁸

Assim, a configuração desse território se dá a partir de práticas dos moradores na busca de constante reapropriação dos espaços do bairro e indica embates, conflitos, acordos e resistências. Pensar nos usos da praça e da Capela, significa refletir sobre as vivências cidadinas de forma singular, nas relações sociais que aí se estabelecem e nas medidas de intervenção nesse espaço, visando desmontar grupos sociais e suas práticas não condizentes com a imagem da praça e a presença da Capela, evidenciando, entretanto, que esses segmentos não se tornaram simples contempladores de ações intervencionistas. Por este caminho, é que reflito no próximo item sobre a significação da praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, hoje, seus usos no presente, a capacidade de articulação com redes informais, com que se produz no dia-a-dia a cultura; em rede de memórias que se estabelece nesses espaços, ou seja, aspectos mais sutis que merecem atenção, além dos lugares significativos e suas construções.

²⁷⁶ ARANTES, Antonio Augusto. (org.) *Op.cit.* p.164.

²⁷⁷ Idem, p.167.

²⁷⁸ Idem, p.173.

2.2.2 A mesma praça: Padre Aleixo Monteiro Mafra X Praça do Forró

*Era um vai e vem, um vai e vem...
Dona Lyrís*

Nas reminiscências e interpretações do passado encontram-se elementos que fazem atentar para as mudanças, para ações sociais e para conflitos presentes nas diversas dimensões da vida urbana do bairro de São Miguel Paulista, especialmente as que se deram em torno da Capela de São Miguel Arcanjo e do espaço em que se localiza a praça no seu entorno. No dizer de Fenelon, “atentos às diferenças sociais que configuram o presente, é preciso refletir que tal aproximação a partir da categoria memória[...] carrega sempre uma abordagem política de insurgir-se contra idéias e práticas que buscam destruir experiências de sujeitos históricos em nome de uma memória única e que, por isso mesmo, acaba por tornar-se oficial na construção da unidade social e política, que trabalha sempre no interesse de suprimir a pluralidade e as diferenças do presente.”²⁷⁹ Sobre a praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, D. Lyrís se recorda:

Ali onde agora é a Praça do Forró era um parque infantil, isso eu me lembro perfeitamente... Tinha fútil (footing), naquela época... de ficar passeando, né... os homens ficavam parados de um lado e de outro e as mulher passeavam e ficavam paquerando, como dizem hoje. Só que era diferente, era fútil, lá na praça, do lado da igreja. Tinha o cinema, né... onde agora é a Igreja Universal... ela ia direto ate ali, então ia até... e atravessava por trás da igreja, então é onde tinha os passeios, era um jardim, né... Era um vai e vem, um vai e vem...²⁸⁰

Dona Lyrís avalia o tempo passado através da existência do lazer público: o passeio pela praça pública, o flerte, os namoros, o cinema da época, o que reflete sua percepção sobre os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres nos passeios pela praça, que a seu ver eram diferentes dos modos de cortejar hoje, mostrando como novas formas de relações sociais são criadas e produzidas nesse viver urbano. O depoimento evidencia outras instituições religiosas existentes hoje, que competem com a Capela no uso da praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, representando novas configurações religiosas dentro do bairro. A denominação “Praça do Forró”, evidencia o contraste do presente e passado nas lembranças da depoente e a apreensão da paisagem urbana relaciona-se com os momentos vividos por ela, indicando transformações no bairro que apresenta certo cosmopolitismo, um esboço de “modernidade”, entendidos como aumento populacional, transformações dos usos dos espaços e das formas de sociabilidade.

²⁷⁹ FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades – Pesquisa em História*. São Paulo: Olho D’Água, 1999, p.8.

²⁸⁰ Lyrís Rodrigues Ruott, depoimento citado.

Uma outra depoente, Dona Tereza Pilon também se recorda desse tempo em que na praça havia um parque infantil:

Nessa época... era ... a praça tava fechada... era parquinho infantil... e tinha telefone público... só tinha aquele telefone... depois que a ... que começou a instalar os telefones nas casas... só tinha esse telefone aí na praça... quem queria telefonar tinha que ir na praça...²⁸¹

Nas lembranças de Lyris e Tereza aparecem elementos comuns como o parque infantil e a praça, porém Lyris relembra do tempo das relações pessoais trocadas através da presença das pessoas, dos passeios na praça e até do cinema, fato que relembra apoiada em movimentos presentes, como a existência da Igreja Universal no lugar do cinema. Por outro lado, Tereza relembra de outra forma de sociabilidade, o uso do telefone que servia de comunicação com outros locais. O telefone, segundo as lembranças do Sr Jesuíno, pertencia ao parquinho, mas quem precisava telefonar, “não pagava, tirava o telefone do gancho e a telefonista pedia o número”²⁸². Desse modo, o parque infantil além das funções educacionais servia também para outro tipo de prestação de serviço público. A concentração de serviços públicos na praça, como o telefone, o parque infantil e o cinema são referências que davam à praça uma grande importância para os moradores do bairro nas décadas de 50 e 60, uma vez que assumem significados diversos nas memórias de seus moradores. Essas memórias em torno de atividades relacionadas à praça determinam um grau de pertencimento e evidenciam a existência de redes prévias de relações, marcadas pela afetividade, ancoradas no espaço da praça, mediatizadas por um sistema de referência entre os frequentadores que se utilizavam dos equipamentos públicos e os usavam forma de lazer e troca de sociabilidades.

E Dona Tereza lembra também como era o bairro e as mudanças que foram ocorrendo:

Não, quando nós chegamos aqui, não tinha espaço... depois que tirou o parquinho infantil... tiraram o parquinho infantil... aí teve espaço, né... mas primeiro quando nós chegamos era parquinho infantil... não tinha muita gente quando nós chegamos aqui... tinha pouca gente... não tinha muita gente... o sapato ficava com quatro dedos de barro... nenhuma rua era asfaltada... nada ... tinha a estrada que passava aqui, São Paulo-Rio ... essa estrada aqui ... que passa aqui agora... a Marechal Tito... era a São Paulo-Rio ... todos os caminhões, tudo que ia pro Rio passava tudo aqui...²⁸³

Da época em que havia o Parque infantil, o Sr. Eurico dos Santos se recorda. Segundo ele, o nome do parque infantil era “PI 13” e depois passou a chamar-se “Parque

²⁸¹ Tereza Pilon, em depoimento citado.

²⁸² Declarações do Sr. Jesuíno à pesquisadora, em 06/09/2007.

²⁸³ Tereza Pilon, em depoimento citado. A rodovia São Paulo-Rio foi substituída pela Rodovia Presidente Dutra, que dá acesso de São Paulo ao Rio de Janeiro. A São Paulo-Rio atualmente chama-se Avenida Marechal Tito.

Infantil Castro Alves”. Recorda-se que foi parqueano e que fez o discurso da mudança de nome; tinha de 11 para 12 anos e relembra, sem esforço, um trecho do discurso por ele pronunciado: “Há cento e dez anos, no dia de hoje, nascia na Bahia, Antonio de Castro Alves... um dos poucos poetas, talvez o maior poeta do Brasil.... aí já não lembro mais.”²⁸⁴

Eurico relata que, no período em que era criança, a única atividade religiosa que havia em São Miguel Paulista era em torno da Capela de São Miguel Arcanjo; o parque infantil ficava ao lado da Capela, cercado de árvores e depois por uma cerca de madeira. Assim, a atividade religiosa podia ser concebida como uma mediação válida na organização social. A grande força aglutinadora da população de São Miguel Paulista à época, residia nos eventos na Capela de São Miguel Arcanjo. Eram poucos e precários os divertimentos públicos do bairro, de tal modo que as atividades religiosas desempenhavam também, as funções de lazer e diversão pública. Essas atividades eram sempre lideradas pelo Padre Aleixo, a expressão religiosa local, e se situavam na Igreja e nas suas imediações, a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, que nessa época se chamava Praça Campos Sales .

Buscando entender como a cidade se transforma, apreendo do relato de D.Tereza as transformações do bairro com ruas de terra, poucos telefones, pouca gente e, no relato de Eurico, a força de ações sociais, a liderança do Padre Aleixo, os divertimentos e até mesmo, a frequência no parque infantil. Tudo isso em contraposição com um bairro inserido, hoje, no uso de aparelhos eletrônicos e inovações tecnológicas que reduzem o convívio social local, sentido por Tereza: “agora já não conheço quase ninguém porque mudou tudo, né... os velhos já vão indo, né... cada qual pra lá pro céu e... quase não têm mais, né... só os velhos mesmos... mais tem bastante novo, né que chega... e a gente não tem mais muita aquela... amizade”.²⁸⁵ Nas experiências atuais da depoente, apresenta-se em São Miguel Paulista uma população de rostos novos, desconhecidos e numerosos.

Faz parte das lembranças de Eurico, o período em que saiu do parque infantil para trabalhar como auxiliar de eletricista de automóvel no “Auto Elétrico Pacheco” ramo de negócio pertencente à família Pacheco, que existe até hoje em São Miguel. Relata:

Como éramos muito pobres, eu saía do serviço e ia almoçar no parque infantil. Antes do serviço passava no PI para tomar café da manhã e na hora do almoço, também ia almoçar, à tarde ia lancher por volta de 15, 16 horas e o que sobrava davam pra eu levar pra casa.²⁸⁶

²⁸⁴ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

²⁸⁵ Tereza Pilon, em depoimento citado.

²⁸⁶ Sr. Eurico dos Santos, em depoimento citado.

Relembra que, quando o parque infantil foi desativado, um ônibus pegava os parqueanos na praça e os levava até a Vila Curuçá, onde passou a funcionar o PI 13. Em 2003 foi convidado para participar das festividades em comemoração aos cinquenta anos da Escola Municipal de Educação infantil (EMEI) Graciliano Ramos, que é o nome atual do antigo parque infantil, situada atualmente na Vila Curuçá. Problemas e dificuldades pontuam suas lembranças, no entanto, permitem vislumbrar uma rede de relações pessoais que garantia um mínimo de subsistência aos moradores menos afortunados; um certo modo de viver fundado na solidariedade entre as pessoas e instituições e, portanto, um sentimento de que em torno dele havia outras pessoas que se preocupavam e lhe eram solidárias. O senhor Eurico se coloca também como referência no bairro, pelas experiências construídas ali.

Um outro equipamento de lazer que existia na época, na rua que circunda a praça era o cinema. Relembro por alguns depoentes, como Dona Lyris e Sr. Jesuíno e Izal, o Cine Lapenna era também, o local de encontro dos moradores. Hoje, no seu lugar funciona a Igreja Universal do Reino de Deus, mudança que representa como os lugares vão sendo apropriados, vão se transformando e onde se reconhece outros tempos, em que novas paisagens ficam evidentes nas das falas dos moradores.

A Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra recebe atualmente um outro nome, ou como dizem alguns, um “apelido”. Esta praça, em que está situada a Capela de São Miguel Arcanjo, foi durante toda a trajetória do bairro, o lugar da diversão, do lazer, da solidariedade, da fraternidade e ... do conflito.

O nome oficial da praça é uma homenagem ao padre que foi pároco em São Miguel Paulista e que, muito respeitado e lembrado pelos moradores mais antigos, reconhecido como um sacerdote severo, comandante das atividades religiosas e sociais do bairro. No relato de um morador de São Miguel, freqüentador da Capela, observamos que:

Mas ... o Pe. Aleixo... o Pe. Aleixo, o que eu posso lhe falar... da época que eu vinha pra cá ... eu tenho ele na minha memória como um padre severo... a feição dele era uma feição meio ... acho que porque era criança, a gente brincava muito é ou não é, então incomodava aí então levava as broncas, então era ... mas, muito disciplinador, muito bom ... uma figura marcante... é, nesse sentido... marcante... é ele era uma pessoa marcante, né... na maneira de falar... Ah sim, foi... a igreja matriz... depois veio o Pe. Segundo Viotti deu seqüência no projeto ...²⁸⁷

Assim, este morador rememora e interpreta o passado, evidenciado as diferenças existentes nas relações sociais que davam ao padre autoridade para disciplinar os

²⁸⁷ Ronaldo Araújo Calixto, em depoimento citado.

freqüentadores da igreja, até mesmo as crianças. As mudanças dos usos da praça e da Capela se dão tanto no espaço físico como nas relações sociais, hoje mais distantes, individualizadas e que, normalmente, não permitem esse tipo de relação disciplinadora dado o distanciamento entre as pessoas imposto pelo viver urbano contemporâneo. O depoimento revela, também, a dinâmica social existente, em que aparecem novas pessoas, como o Padre Viotti que substituiu o Padre Aleixo, que assumem projetos e dão continuidade às ações ou as reelaboram, segundo seus posicionamentos.

Buscando aqueles que viveram e vivem o bairro, especialmente a partir da década de 50, foi possível perceber significados que a praça oferecia e oferece aos seus habitantes nos diferentes momentos. A própria mudança do nome da praça em 1973, de Praça Campos Sales para Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, indica a intenção de buscar e solidificar no presente ações passadas, que ocorreram em função de um nome significativo para os moradores daquele momento e reavivam esse passado, transformando-o numa memória a ser preservada. A Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra é atualmente conhecida, também, por Praça do Forró. Esta denominação da praça segundo Sacha Arcanjo, ocorreu da seguinte forma:

Em 84 nasceu a Praça do Forró. Que foi dentro desse projeto da Anhembi Turismo... partindo do MPA e aí, até o vereador Valter Feldman na época teve um mandato, junto com o pessoal da Paulistur que era o João Doria Junior e outras pessoas mais, e mais aqui ... então o que aconteceu, todo sábado passou a ter um forró mesmo... as pessoas iam pra lá e rolava... até meia noite ... entendeu?²⁸⁸

E Sacha continua:

Do Anhembi, a estrutura era do Anhembi, cachê, tudo ... era o Anhembi que tocava... Praça do Forró em São Miguel, Praça do Samba em Perus, Praça do Rock na Aclimação, Praça do Choro em Pinheiros, Praça Sertaneja, lá na vila São José na zona sul se eu não lembrar de todas... tinha uma Praça do Pagode, acho...na Praça Brasil, Cohab II e assim, várias praças ...de acordo com as características de cada local ... qual é a manifestação que tem? E aí? Oficializados, não foi... não foi... uma coisa... nós que demos o início mas foi oficializado pelo Anhembi e pela Prefeitura de São Paulo... tinha uma estrutura, entende... quer dizer... não é que a praça ... foi mudada a placa da praça de Pe Aleixo pra Praça do Forró, não... dentro da Praça Padre Aleixo tinha um espaço chamado Praça do Forró... entende...²⁸⁹

O depoimento revela que a Praça do Forró segue uma experiência de reconhecimento das praças, sugerido por diferentes ritmos. Sacha faz essas afirmações em virtude do conflito entre o uso do nome Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra e Praça do Forró. Alguns moradores sentem-se agredidos com o uso do segundo nome, tendo em vista que sempre conheceram a praça com o nome do Padre Aleixo e repudiam outro

²⁸⁸ Sacha Arcanjo, em depoimento citado.

²⁸⁹ Idem..

nome. É o caso de Albertino Nobre que é nordestino, mas não concorda com outra denominação para a praça:

A Praça do Forró... é uma tristeza... chamar aquilo de Praça do Forró... é um a tristeza... é uma tristeza... eu sou nordestino mas eu lhe digo uma coisa... eu me lembro bem quando foi criada aqui a ... então foi triste... e eu acho que tem coisas que não devia ser mexida... eu sou meio tradicionalista nesse negócio... eu acho que tem coisa que tem que deixar como está ... não precisava... tá certo... então eu acho que sou meio tradicionalista ... eu gostaria... um absurdo... um absurdo... praça do forró não tem sentido... a praça tem um nome maravilhoso, alguém que representa ... que representou a nossa comunidade mais de cinquenta anos que é o Pe Aleixo... e não é Pe Aleixo... é Praça do Forró... Praça do Forró é um apelido... pejorativo... um apelido e pejorativo...²⁹⁰

Albertino elabora seu pensamento baseado numa experiência passada que, para ele, deve ser mantida. Ao depoente, que participou de eventos, festas, rituais, explicitados em outros momentos dessa pesquisa, sob a liderança de Pe. Aleixo, fica difícil se desvincular dessas experiências, que se referem ao seu passado no bairro e que representam sucesso em São Paulo. Para ele têm significações afetivas que serão desfiguradas, caso a praça receba outro nome, portanto “forró” não combina com “tradições de origens”, as quais ele valoriza.

Já Sacha Arcanjo, que vivenciou outras experiências, ligadas ao Movimento Popular de Arte, dá outro valor a elas e tem outra opinião a respeito do assunto:

Quem era Pe Aleixo? Era o Pe. Aleixo São Miguelino? Não. O bispo que tá aqui é São Miguelino? Não. O Subprefeito é São Miguelino? Não. Então, qual é? Qual é a discriminação. Por que não pode ser Praça do Forró? É Praça do Forró e ninguém vai tirar, sabe. Vem lá no microônibus “via Praça do Forró” . Vamos bota um vereador pra oficializar: “Praça do Forró” eu acho que é melhor.²⁹¹

Novamente Albertino se manifesta, demonstrando os conflitos existentes sobre o uso do nome da praça e o seu repúdio ao segundo nome, mesmo sendo nordestino e conhecendo o ritmo do forró:

Porque é pejorativo, porque Praça do Forró... Forró é um tipo de dança que se dança em todos lugares... não num lugar específico... forró tem no Itaim, tem no Itaquá, tem na vila ... em Santo Amaro... tem em todo lugar... onde se faz o forró... é uma dança nordestina... da minha terra... é uma dança nordestina... tá certo... e é praticada em todo lugar... mas não tem um lugar específico... porque... uma praça maravilhosa daquela onde tem nossas tradições, nossas origens... e chamar-se praça do Forró...lamento... pode fazer umas aspas aí, “porque praça do Forró não existe” ... sabe o que é... criou um grupo de forró... e trouxe... e colocou... toda semana tinha grupo de forró que apresentava as manifestações nordestinas... até aí ... não tem nada a ver .. aí o povo... não de um modo geral começou a dizer !ah, não lá vamos no forró”, “vamos no forró” e no fim ficou praça do Forró...²⁹²

²⁹⁰ Albertino Nobre, em depoimento citado.

²⁹¹ Sacha Arcanjo, em depoimento citado.

²⁹² Albertino Nobre, em depoimento citado.

Essa disputa pelo nome da praça demonstra que os lugares são apropriados segundo os significados que têm para determinados grupos. Enquanto Padre Aleixo, a praça representa a memória daqueles que fizeram parte de uma época e que encontraram, ao longo do tempo, formação, informação e conformação num universo cultural, cuja figura do homenageado era significativa; por outro lado, enquanto praça do Forró, outras memórias são produzidas nesse espaço público, onde são inscritos outros usos e significados ligados aos grupos populares que se identificam com esse ritmo, trazido pela presença significativa de nordestinos em função do trabalho nas indústrias e que se apropriaram desse espaço para preservação de seus costumes. Dessa forma, o que cada grupo ou pessoa elege como nome mais adequado e o legítima, é o resultado de operações de seleção e combinação, que muda segundo o objetivo de forças que disputam a hegemonia e a renovação ou a permanência de seus pactos sociais.

Sacha se refere ao palco construído na praça em 1990, próximo à Capela que era usado para apresentações musicais de grupos tocadores de forró e outros eventos que havia na praça:

...é tanto, que depois dessa pressão toda, com a reforma da praça, com o nascimento daquele palco que era o maior palco do Brasil em praça pública, entendeu... ele... foi feito aí, já uma pista pra dança, tudo e pra contentar algumas pessoas, foi mudado de praça do Forró pra Espaço do Forró, entendeu... mas não teve jeito, pegou...continuou Praça do Forró...²⁹³

O bairro, dessa forma, transforma-se num espaço polissêmico, donde se pode ouvir/perceber várias vozes que comportam as maneiras de ser de São Miguel Paulista. Constituído por moradores antigos, que em grande parte fazem opção pela permanência e pelos que chegaram, vieram de lugares distantes e querem manter seus costumes como forma renovar suas experiências; pelo poder público, que quer deixar sua marca nesse espaço, através da limpeza da praça evidenciando a Capela; pelos membros da Igreja, que não querem perder a hegemonia desses espaços conquistados anteriormente; enfim, é na dinâmica desse bairro que se condensam vários interesses e perspectivas, que não estão isolados, mas imbricados por saberes e práticas que ora se aliam na reconstrução das mesmas, ora se confrontam tornando-se espaço de luta pela apropriação desses lugares.

Dona Tereza Pilon também se posiciona com relação ao nome e à existência do palco na praça:

...a praça era grande... depois fechou, pois parquinho infantil... depois veio a Erundina, aí e acabou com tudo aí... pôs aquele... trocou o nome pôs Praça do Forró... mas é praça Pe Aleixo, não tem nada de Forró..... ah, fazer Praça do forró na frente da Igreja é um absurdo, né ... eu acho que é um absurdo... Praça

²⁹³ Sacha Arcanjo, em depoimento citado.

do Forró faz lá longe, mas não perto da Igreja, encostado com a Igreja... Praça do Forró... aquele palco é horrível, ela estragou a praça... agora tirou tudo, deu um trabalhão danado.²⁹⁴

Nas memórias de Dona Tereza aparecem as dinâmicas sociais em que os moradores vivenciam as transformações do espaço urbano. A praça tinha parquinho que foi demolido, segundo as lembranças de Eurico. O palco construído posteriormente, também foi demolido. A construção do palco na praça e a mudança do nome, para Tereza significam que aquilo que ela preservava, o nome original da praça e a Capela como centro de tudo se transformou, dando lugar a outras significações para aquele espaço. As atividades realizadas na praça também foram se diferenciando e no lugar das festas religiosas, no lugar do flerte aparece uma outra atividade, o forró que na sua concepção é profano e não pode conviver na praça porque esta para ela, representa o lugar do sagrado da Igreja, da religião. Deste modo, o depoimento demonstra a dificuldade em conviver com outros grupos que agora ocupam o bairro, os nordestinos.

Por outro lado, “Teotônio dos oito baixos”²⁹⁵, natural de Flores (PE), 56 anos, morador de São Miguel Paulista há 33 anos, tocador na praça quando ocorriam eventos para divulgação da cultura nordestina, uma vez por mês, tem outra concepção sobre a mudança da denominação da praça e observa:

Seria melhor ainda... já é conhecida como Praça do Forró, né... Se perguntar Padre Aleixo Monteiro Mafra, ninguém sabe...ninguém sabe... agora se falar lá no Largo 13 de Maio... a Praça do Forró ... em São Miguel... Pronto...²⁹⁶

Neste caso, o depoente tem outra concepção sobre o nome para a praça, que se projeta para fora do bairro de São Miguel Paulista.

O palco que existia na praça foi demolido no programa de revitalização da praça, ocorrido em 2007. Este programa faz parte do projeto de restauração da Capela de São Miguel Arcanjo, ainda em andamento. A praça foi reinaugurada no dia 04/03/2007 e segundo o jornal “Zona Leste News”, a reinauguração se deu “[...] quando o Prefeito Gilberto Kassab, acompanhado de vários deputados, vereadores e diversas autoridades civis e militares – além de representantes de todos os segmentos sociais da região – acompanhou e participou da missa campal conduzida pelo Bispo Diocesano Dom

²⁹⁴ Tereza Pilon, em depoimento citado.

²⁹⁵ João Teotônio de Faria faz parte da “Associação dos Amigos da Praça do Forró” conhecido como “Teotônio dos Oito Baixos”, é um dos poucos tocadores desse instrumento, que segundo ele, está em extinção, tem 56 anos, é morador de São Miguel Paulista há 33 anos. Depoimento concedido à pesquisadora em 26/08/2007.

²⁹⁶ Idem.

Fernando Legal”²⁹⁷. Observa-se nessa ação, a presença da Igreja Católica conduzindo o ato litúrgico e a presença de “autoridades municipais” indicando a participação do poder instituído na praça, agora reinaugurada para atender aos projetos desses órgãos públicos.

Fez parte do processo de reinauguração da praça a demolição do palco e a derrubada do caramanchão que ali existia, bem como a remoção de algumas árvores que, segundo o projeto de revitalização, daria mais visibilidade à Capela. O “Boletim da Subprefeitura de São Miguel – informação à comunidade”, através a manchete: “Uma velha praça, com cara nova, a reforma transformou a antiga praça em um lugar muito agradável”, informa que “Nasceu uma nova praça em São Miguel. O espaço que durante muito tempo abrigou bailes de forró foi totalmente reformado e entregue à população no início de março. [...] As obras eliminaram os desníveis existentes na praça, que atrapalhavam a vida dos idosos e portadores de deficiência. O palco que havia ali foi desmontado e as escadas, retiradas; a praça ganhou bancos, piso de concreto e novo paisagismo. Foi instalado, ainda, novo sistema de iluminação. A reforma transformou a praça em um agradável lugar de lazer.[...]”²⁹⁸

O boletim, nitidamente voltado para a propaganda da atual administração, apesar de logo no início fazer referência “aos bailes de forró”, não faz menção a como ficariam esses eventos após a reinauguração da praça e permite uma pergunta: Esse plano para transformar a praça é um plano para responder a quais exigências? O boletim diz que o local se transformou num agradável lugar de lazer, porém não aborda que tipo de lazer haverá na praça, quais medidas serão tomadas pela administração municipal para torná-la realmente em equipamento social de lazer para os moradores, ou seja, transforma-se a praça para fazer o que dela? Apenas colocar bancos e iluminação, não garante lazer para a população, além disso essas transformações ignoraram completamente grupos sociais que tinham atividades culturais na praça e que ficaram alijados desse contexto de “transformação da praça”. A utilização de uma nova forma de espaço social, para esconder as “ações” do outro, o forró, o nordeste, as manifestações diferenciadas daquelas a que se propõe determinar para o uso da Capela e da praça, é evidente. A “velha praça que se torna “mais limpa”, menos arborizada, representa a solução “moderna” da praça.

Para Izal, essa concepção fica evidente quando afirma:

... hoje a questão é pra mim ... cheira tudo... na base de um projeto eugenista, tipo assim, vamos recuperar a praça mas vamos acabar com os vagabundos ... diferentemente dessa visão que se vê no Arantes, essa na tem essa intenção de

²⁹⁷ Jornal Zona Leste News, Ano XI – edição 169, 1ª quinzena abril 2007, p.6.

²⁹⁸ Prefeitura da Cidade de São Paulo - Boletim da Subprefeitura de São Miguel, março de 2007.

resgatar, de resgatar por exemplo o pessoal que fazia forró, que fazia teatro, do Movimento Popular de Arte, porque não existia equipamentos públicos de cultura, a praça era do povo, outras utilizações pra fazer isso... só que essa visão agora, ela é monetarista e ela não conta com esse acúmulo que já tem, das comunidades, do forró, do MPA, de outras coisas que ... dos usos diferenciados...²⁹⁹

Assim como existem pessoas que eram a favor da demolição do palco, achando que ele “enfejava” a praça e tirava a visibilidade da Capela, outras pessoas foram contra porque o usavam como espaço para lazer e divulgação de suas culturas. Dentre esses moradores, estão os membros da associação “Amigos da Praça do Forró”³⁰⁰ que se sentiram prejudicados com a demolição do palco, porque perderam espaço para suas manifestações culturais.

Desse modo, os papéis sociais, as experiências dos moradores de São Miguel, não são prescritas por uma ordem pré estabelecida, mas inventadas e reinventadas diariamente, nas formas de organização das relações sociais e que, por outro lado, não escapam às tensões cotidianas e expressam relações de dominação e poder.

Segundo “Teotônio dos Oito Baixos”, a associação foi criada “pra poder ter voz ativa, poder entrar nos recintos públicos, tem CNPJ, com sócios, colaboradores”³⁰¹

Ednaldo Queiroz , vocalista do grupo “Brasas do Nordeste”³⁰², aposentado como motorista de ônibus da (Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos) CMTC, natural de Custódia (PE), morador em São Miguel há 47 anos, começa seu depoimento lamentando a derrubada do palco:

Olha, quando foi tirado aquele palco da Praça do Forró, eu vi muita gente chorar ali, inclusive nós... que foi um dos primeiros a fazer apresentação... ficamos muito chocado com aquilo... porque tirou um pedacinho da gente... eu sou do “Brasa do Nordeste”, vocalista do grupo e não só eu, mas o grupo todo ficou muito chocado com isso daí... depois que tiraram o palco, acabou a praça... entendeu... não sei porque fizeram esse absurdo ali na praça...³⁰³

²⁹⁹ Izaltino Ribeiro, em depoimento citado.

³⁰⁰ Associação Amigos da Praça do Forró, fundada em 26/07/2005, CNPJ 07.889.515/0001-33, com sede na Praça Padre Aleixo Mafra, 128, tem como Presidente Cícero Sebastião de Souza (Cícero do Norte) e Vice Presidente Alzira Viana. Cícero do Norte nasceu em Custódia (PE) em 1938. Mora em São Miguel Paulista desde 1960. Sempre aliou seu trabalho como marceneiro e decorador com o trabalho no rádio como assistente de produção e divulgação da música nordestina. Alzira Viana dos Santos, nasceu em Vitória da Conquista (BA) em 1947, mora em São Miguel Paulista desde 1960, é viúva e aposentada, apresentadora e produtora de eventos. Depoimentos concedidos à pesquisadora em 26/08/2007.

³⁰¹ Teotônio dos Oito Baixos, em depoimento citado.

³⁰² O grupo musical “Brasa do Nordeste” existe há 40 anos e há 10 anos mantém a formação atual, com quatro músicos e um vocalista. Lançou em 2007 o cd “Cultura Brasileira”, pela gravadora Pop Music.

³⁰³ Depoimento de Ednaldo Alexandre de Queiroz, nome artístico “Ednaldo Queiroz”, vocalista do grupo “Asas do Nordeste”, morador em São Miguel há 37 anos, natural de Pernambuco (PE), aposentado da CMTC, sempre trabalhando no meio artístico, divulgando a música nordestina, especialmente o forró pé-de-serra. Depoimento em 26/08/2007.

Se para a Subprefeitura de São Miguel Paulista a praça ganhou vida, “se transformou num agradável lugar de lazer”, para o depoente essa transformação tem outro significado: “a praça se acabou” quando retiraram o palco e as apresentações não foram mais possíveis. Por outro lado, Dona Tereza Pilon usa a expressão “e acabou com tudo aí” referindo-se à construção do palco em épocas passadas. Nessa dinâmica, demonstrada por interesses diversos, podemos observar as múltiplas dimensões que ganham as experiências humanas pautadas por valores e interesses também diferenciados que geram tensões entre forças sociais diversas.

Nesses relatos e interpretações, vamos perceber-se um bairro histórico, onde a arquitetura assumia todas as forças simbólicas coletivas. O bairro cresceu em torno de um espaço e de uma construção tradicional, com uma somatória de valores dirigida para um lugar comum, a Capela de São Miguel Arcanjo. Com o advento da Nitro-Química, a vinda de outros grupos oriundos de outros locais do Brasil e mesmo de São Paulo, que trouxeram outras experiências e interesses, a Capela começa a perder essa força simbólica, dividindo com outros bens o destaque que possuía. Nesse sentido, o palco representava um elemento a concorrer com a Capela na evidência desses valores, e tirá-lo, extirpá-lo, significou retirar da praça e negar a existência dos nordestinos. Dessa forma, outros costumes, provindos de outras regiões do país, que também ganharam expressão no cotidiano da cidade, entraram em confronto com o projeto urbanizador da praça, pensado pelo poder público.

Teotônio dos Oito Baixos, se refere à praça quando da inauguração do palco:

Aquilo ali na praça do Forró, era uma mão só, ali, tinha árvores, aquelas árvores bem grandonas... tinha um ponto de ônibus, então, onde tinha o ponto de ônibus é onde tinha os banheiros que fizeram o palco... então aquilo ali foi... teve uma festa muito grande quando foi feito aquilo ali... e, o Cícero do Norte, Alzira Viana, Dr. Zenildo... a gente faz parte da associação do grupo de nordestinos de São Miguel e isso daí tirou um pedacinho da gente... tocava lá no palco... o nosso é forró pé-de-serra³⁰⁴, era o último sábado de cada mês.³⁰⁵

Rememorando as transformações pelas quais passaram a praça e a alegria pela construção do palco, demonstrada pela realização de festa, torna a mostrar seu ressentimento pela destruição de local para tocar seu instrumento, que se traduz na privação de evidenciar sua cultura e na desvalorização de sua pessoa e de seu grupo que

³⁰⁴ O forró Pé-de-Serra, no Brasil e Nordeste, teve como principal representante Luiz Gonzaga, o Rei do Baião como era mais conhecido. Associado à música, a rica poesia de Catulo da Paixão Cearense, Patativa do Assaré, Lourival Batista, Job Patriota, Zé Limeira da Paraíba e todos os contemporâneos forrozeiros que fazem a eterna cena do forró nordestino do pé-da-serra, novos compositores não se rendem a modismos e compõem o forró por pura identificação artística. <http://www.saladereboco.com.br>

³⁰⁵ Teotônio dos Oito Baixos, em depoimento citado.

“tocava lá no palco”. Por outro lado, ao mencionar uma “associação do grupo”, deixa evidente que há resistências contra essas forças sociais contrárias aos interesses do seu grupo social.

Ednaldo Queiroz também observa mudanças na música cantada por ele:

A gente nasceu no forró pé-de-serra, é um forró mais compacto... mais harmonioso... é uma melodia que você consegue entender e gostar daqueles sons que é emitido. Já no forró universitário não, o som... meio... e não bate bem... não cai muito bem... o forró pé-de-serra, se tem letra tem história, se tem melodia é uma melodia agradável no seu ouvido... é aquele tradicional... do – re – mi – sol – lá – si... geralmente sempre conta uma história, seja de amor, seja de coisas, traição...³⁰⁶

Ao mencionar o forró pé-de-serra, Ednaldo se volta para a tradição da música tocada por ele e aponta as mudanças que vão ocorrendo, quando novos grupos, de outras idades, se apossam desse ritmo e imprimem uma marca mais urbana, talvez da grande cidade, usando além da sanfona, do zabumba e do triângulo, outros instrumentos eletrônicos que vão cair no gosto popular dos mais jovens, fazendo o sucesso do chamado “forró universitário”. Um site de informação sobre o forró, diz o seguinte: “Ser autêntico no forró é não mudar o ritmo. O Trio Nordeste já gravou com baixo e bateria, Luiz Gonzaga usou guitarra em *O Fole Roncou*. Tem que ter zabumba, triângulo e sanfona, não importa o que venha na cozinha”.³⁰⁷ Nesse jogo de transformações, vão se misturando o novo com o velho, o residual com o emergente; essa construção híbrida vai se tornando parte da cultura urbana carregada de significados de outras culturas como no caso, a nordestina. Essa imposição de novos elementos na música nordestina faz parte de uma lógica natural em que se envolvem formas de viver e interpretar o meio urbano e, por outro lado, ajuda também a reavivar a cultura nordestina, popularizando-a em outros grupos sociais. O depoente porém, tem dificuldade em perceber essas transformações que ocorrem no ritmo do forró como em qualquer atividade humana.

Os grupos nordestinos que evidenciam a suas culturas impregnada no cotidiano urbano de São Miguel Paulista, demonstram sentimento de tristeza e perda, pela demolição do palco, que simbolizava o lugar do pertencimento, onde faziam aquilo que gostavam, manifestavam sua cultura, se apropriavam do lugar. Alzira, que é produtora de eventos e vice-presidente da “Associação Amigos da praça do Forró”, moradora em São Miguel desde 1960 demonstra no seu relato:

³⁰⁶ Ednaldo Alexandre de Queiroz, em depoimento citado.

³⁰⁷ http://cliquemusic.uol.com.br/br/Acontecendo/Acontecendo.asp?Nu_materia=1940, acesso em 29/08/2007

Lógico! Eu chorei tanto! Eu chorei tanto! Eu chorei tanto... quando ligaram pra mim e falaram.... olha, tinham derrubado o palco... todo mundo chorou... todos os músicos... a gente tem lembrança, tem recordação... aquilo ali gente... ali foi criado muita coisa...³⁰⁸

As memórias que esse grupo quer preservar são outras, trazidas de lugares de onde vieram e diferenciam-se das memórias que outros moradores desejam perpetuar e que remetem a experiências anteriormente vivenciadas. À medida que o bairro foi crescendo, foram ocorrendo mudanças percebidas no jeito de se comunicar, falar, trabalhar, divertir-se, transformando velhos hábitos e costumes, que por vezes, entram em choque com os interesses de “antigos” moradores.

Segundo Alzira Viana, o palco foi construído na administração da Prefeita Luisa Erundina (1989 e 1993) e durante a administração da Prefeita Marta Suplicy (2001 a 2004), grupo começou a fazer eventos com autorização da Casa de Cultura de São Miguel (hoje intitulada Casa de Cultura Antonio Marcos) e da subprefeitura que dava apoio, mandando os equipamentos de som e iluminação. Quando mudou a administração, não veio mais verba para o som... “ninguém proibiu, só não veio mais verba para o som...” e continua: “proibir não proibiram, mas também não fizeram nada, não teve apoio nenhum...”³⁰⁹ e Teotônio completa “ a gente fica triste, né... não tem pessoas específicas pra gente culpar, pra discernir quem é o culpado, né... a gente só sente a falta...”³¹⁰

Esse processo de exclusão se revela no instante em que não houve condições para as apresentações dos grupos no palco da praça e é reforçado quando se efetuam modificações, “revitalizações” de espaços da cidade. No entanto, não se pode pensar apenas nessa perspectiva. Há por parte daqueles que se sentiram expropriados uma resistência velada, que é revelada pela presença do grupo de tocadores num bar em frente à praça, ao lado da Igreja Universal do Reino de Deus, ainda que apertados e sem condições para apresentar seus shows. O local que abriga os tocadores é o bar do “Carequinha”, no qual estive para desenvolver a pesquisa. Lá estavam tocadores, suas famílias, crianças, esposas e mães que foram acompanhá-los e participar desses momentos de lazer. Alguns vieram de locais distantes, como Itaquaquecetuba e Diadema. Apesar da falta de condições para continuarem se apresentado na praça devido à falta de palco, iluminação, instrumentos, o grupo de artistas encontrou uma outra forma de resistência silenciosa. A presença desses músicos demonstra que a retirada do palco e a falta de

³⁰⁸ Alzira Viana, em depoimento citado.

³⁰⁹ Idem.

³¹⁰ Idem.

condições da praça não silenciou a manifestação dos forrozeiros, que continuam articulando ações para permanência e novas elaborações de suas práticas.

Alzira relata o processo de constituição desses grupos musicais, que encontrando espaço para manifestar suas músicas, foram se tornando conhecidos e passaram a se apresentar em outros lugares

... na época da Marta... todo último sábado... antes era de quinze em quinze dia, mas a gente precisa dos músicos, não é?... muitos foram subindo de cargo ali, muitos foram tocar... fora, sabe... aí a Casa de Cultura mandava a gente ... porque a gente... essa associação foi criada por causa dos músicos que foi criado ali... antigamente, não é do meu tempo... eles já tocavam lá, sem luz, sem nada, tocava na raça... o Luizinho de Nazaré, mesmo Diva... e porque essa associação foi criada, por causa disso, agora vem outra pessoas de lá, ah! Não... não desmereceno ele... ele também não pode desmerecê a nós... mas nós não tamo atingindo...³¹¹

Nas tensas relações cotidianas, a depoente vivencia diariamente a luta em prol de direitos sociais de obtenção de espaços para divulgação de sua música; sentidas como discriminação não só para ela como para o grupo todo: “ eu acho isso aí uma discriminação... não só prá mim como prá todo mundo que foi da praça... era multidão de gente, sabe...”³¹² E continua: “... os artistas não recebia nada... nunca recebi nada, eu trabalhava só por amor... amor a cultura nordestina... eu queria mostrar meu trabalho... isso aí já vem de um dom...”³¹³

Uma outra forma de organização e resistência é a criação da associação “Amigos da Praça do Forró”. Com a fundação dessa associação em 2005, os artistas locais, identificados com esse gênero musical procuraram resguardar seus interesses, principalmente no tocante ao uso da praça. O seu uso representa a conquista de espaço para suas manifestações artísticas e significa permanências e sobrevivências que provocam, portanto, maior visibilidade desse grupo no bairro e na cidade, identificados, na maioria das vezes, por serem de outras regiões do país, organizando vivências comuns, que focalizam na música e no ritmo, seus lugares de origem.

Lembrando que o palco onde se produziam as apresentações de grupos de tocadores de forró, ficava na praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, num local próximo a Capela de São Miguel Arcanjo, e que um dos argumentos do projeto de restauro era, justamente dar visibilidade à Capela. Mesmo neste contexto, a Praça do Forró não exclui a Capela de São Miguel Arcanjo. A Capela está lá, é fonte de referência e elemento simbólico que representa relações afetivas dos moradores com o local, mesmo os que

³¹¹ Idem.

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

vieram “depois”, como os tocadores que usavam a praça e dão a ela outra denominação e que fazem referência à Capela como diz Ednaldo Queiroz:

Ninguém mexia não, de jeito nenhum... então quando tinha esses shows grandes, o que que eles faziam... tinha barracas com comidas típicas, artesanato, entendeu... mas nada que fosse debandar pro lado da Capela... o pessoal tinha o maior carinho com a Capela, ninguém mexia... não sei porque isso... não sei porque isso... o show do forró é um negócio sadio ... não tem nada disso daí... eu tô no forró até hoje e nunca tive problema, muita família... muita família...³¹⁴

Alzira também se refere à praça como espaço cuidado pelos tocadores: “ não tava prejudicando a praça, pelo contrário, a gente zelava...” E continua seu desabafo, indicando os mecanismos usados para que as apresentações não acontecessem por falta de condições e a responsabilidade das “autoridades” sobre a questão, apontando que é uma falta de respeito para com ela, que como cidadã, paga imposto e não vê o retorno no momento em que precisa usar um equipamento público por uma vez só no mês:

... e quem vai lá, tocá lá no cru, sem nada... até o poste tirou... eu sou do tipo assim... sou curta e grossa, respeito todas autoridade, sabe... do maior ao menor, com seu cargo, sabe... mas eu acho que todo mundo tem seu direito... todo mundo tem o seu direito e eu vou morrer na tecla... cobrando isso aí... porque eu acho assim... tem dinheiro pra tudo... é imposto por cima de imposto... tudo que tira da gente é cobrado, porque na hora que a gente precisa... uma vez por mês...³¹⁵

E Teotônio continua a fala de Alzira:

Pra nós é uma coisa bonita, eu gosto, me sinto bem... cada música tem seu público... as pessoas me recebem muito bem... mas cadê o nosso espaço... eu toco oito baixos, oito baixos toca sozinho, só toca... o que a gente reivindica lá, não é o palco... é que tenha um lugar pra gente... um lugar pra gente fazer nossos eventos... ficava lotado de gente, crianças... nunca atrapalhou nada... tem muito espaço... infelizmente não tá tendo nada... já faz um tempinho...³¹⁶

Dessa maneira, Alzira e Teotônio elaboram seus depoimentos relatando os embates que se tornam visíveis quando um determinado grupo, no caso o poder público, procura tornar sua leitura da cidade e do bairro a única possível e indica que os espaços da cidade são hierarquicamente estabelecidos para atender às exigências dos grupos de maior destaque na sociedade local.

A Roseli, eu participei de muitas reuniões com ela, ela falou que fazia questão daquela praça ser desativada porque ali tinha ossos mortais de índios, que antigamente ali só tinha índio, sei lá...mas é que nem eu falei nas reuniões... se ela queria que esses ossos fossem desossados, porque não pediu antes quando fez o palco... né... porque não pediu antes a exumação deles... sei lá, se ela sabia que ali tinha índio enterrado, sabe... inclusive eu falei pra ela um dia... Roseli... me desculpa, me perdoe, mas se você tem esse patrocinador e faz muitos anos que tem esse processo, porque não pediu no tempo que fez o palco, que talvez a

³¹⁴Ednaldo Alexandre de Queiroz, em depoimento citado.

³¹⁵Teotônio dos oito baixos, em depoimento citado.

³¹⁶Idem.

praça hoje não precisava nunca mais mexer... porque a praça foi mexida por causa disso aí... agora não sei se achou osso, sei lá se achou... ou não...³¹⁷

Pelo depoimento, podemos apreender os significados das transformações do bairro como campo privilegiado para examinar as forças sociais que aí se desenrolam, principalmente daqueles que sofrem os impactos destas propostas, como no caso de Alzira, quando postas em prática. Observa-se o contraponto entre a visão de um morador que busca a expressão de um passado a ser alcançado através de restos deste, em ossos e vestígios antigos e, de outro lado, das expressões de segmentos sociais que buscam nesses mesmos locais, espaços para suas práticas sociais e com elas perpetuar sua cultura e, ainda, as maneiras como esses moradores se apropriam desse cotidiano urbano, ocupam espaços, inventam projetos e se relacionam com outros segmentos sociais, na busca do que consideram seu direito.

Ah, foi reunião dos grandes, reunião na Câmara dos Vereadô, minha filha, eu enfrentei, na cidade... muita reunião, reunião forte, aí no Salão do Bolacha, aquele salação... reunião forte mesmo... pra mim não tinha importância que tirasse ou não... mas que deixasse um coreto pra gente... só que eles deixou a gente no mundo com a cara...³¹⁸

Nesse movimento de idéias e ações, vão aparecendo formas que expõem a dominação: o poder de um lado e a resistência de outro. Mesmo que esse grupo não tivesse poder de gerência na modificação da praça, em se tratando de seus interesses, procuram os órgãos públicos como a Câmara dos Vereadores, fazendo emergir sua concepção de cidade e o que acham que deveria ser preservado como espaço para suas manifestações: o palco, a praça, as condições para suas apresentações.

... ninguém tava tirando nada de ninguém... olha aí quem é a prova disso, disso aí... há muitos anos, ninguém nunca tiro dez centavos de ninguém... era uma diversão que a gente tinha, caramba... isso aí é uma coisa nordestina... você fique sabendo que aqui na zona leste é... 90% é de nordestino... deixou nós aí... com a cara pra cima... sabe... que nem uns otário...³¹⁹

Locais de lazer, configurados numa forma particular de desfrutá-lo, no qual o encontro, a troca, o reforço dos vínculos de sociabilidade urbana, onde se estabelecem redes de solidariedade, a praça e o palco promoviam ainda, a comunicação e circulação de pessoas entre os bairros da cidade e de outros locais próximos a São Paulo. É o que se observa no relato de Teotônio:

... qualquer morador de São Miguel que conhece aquela praça, com os eventos fim-de-semana, atividade, se perguntar vai falar a mesma coisa que eu... cadê o

³¹⁷ Alzira Viana, em depoimento citado.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ Idem.

lazer... não tem mais... a gente fica... não tem nem o que dizer... porque né... tá faltando... todos daqui de São Miguel... vem convidados de Itapeverica da Serra, Itapevi, Jandira... tem muita gente o nosso grupo... vem, não falta... tem de Santana, Guarulhos... e lá na praça vinham também... eram os primeiros a chegar, quanto mais longe mais cedo chegavam! Agora não tem mais nada, sozinha, só espaço... vamos ver qual é a intenção deles...³²⁰

Alzira relembra como foi o começo do uso da praça pelos artistas, evidenciando a luta e os conflitos existentes, porque interesses diferenciados, por espaços são disputados:

... foi menina, aqui na subprefeitura (o começo)... o subprefeito era o Samuel que tava aí... ele ligou na minha casa... eu vim... mostrei pra ele o jornal, fotos... eu tenho foto da praça, dos eventos, dos maquinários, das mesas... eu tenho tudo... álbuns de fotos, sabe.. isso aí,, tudo foi pra casa de... como é... na câmara dos deputados, levei tudo lá, foi montado um projeto lá também, sabe... mas mudou de secretaria, minha filha, um foi prum lado, outro foi pro outro...³²¹

O relato revela como o poder público lida com as questões culturais de acordo com aqueles que estão no poder. Não há preocupação com a continuidade de projetos ao mudar a administração municipal. Cada prefeito escolhe seu secretariado, que não se preocupa em dar continuidade às ações de outros governos, pelo contrário, geralmente o que vinha sendo feito é esquecido, transformado ou proibido. Ainda sobre o relato, é interessante observar como a depoente se manifesta sobre os materiais que guarda, revelando que tem um arquivo pessoal sobre os eventos, como uma forma de perpetuar essa memória e indica que os eventos na praça ocorriam antes da construção do palco, o que Alzira demonstra pelo material que tem guardado e que também são relatados por Sacha e Izal que fizeram parte do MPA.

Sacha Arcanjo evidencia, no seu depoimento, as intenções de rediscutir os usos da praça evidenciando como, no entanto, em cada lugar novas referências são teimosamente recriadas:

... e aí, assim ... o que será possível, a proposta nossa prá depois dessa reforma é criar uma feira de artes ... criar, não recriar, porque nos já criamos ... não tivemos apoio suficiente, mas nos vamos recriar ... a praça de artes, artesanatos e cultura popular ... a idéia e rediscutir a idéia de feira, conforme a estrutura de São Miguel e da região [...]retomar essa discussão e retomar a idéia a feira porque... a Capela sozinha ela não vai atrair o turista, se a gente recriar e conseguir estruturar a feira eu acho que a feira vai ajudar a atrair esse turista pra São Miguel esse turista, digo não é o turista alemão, o italiano ... o turista pode ser aquele cara que vem lá de Guarulhos e de Mogi, que venha da Penha que venha de algum lugar pra ver a feira e visitar a Capela... ou do próprio bairro... porque as pessoas estão ali na outra rua e ignoram a capela...³²²

³²⁰ Teotônio dos oito baixos, em depoimento citado.

³²¹ Alzira Viana, em depoimento citado.

³²² Sacha Arcanjo, em depoimento citado.

O depoente evidencia que o espaço da praça precisa ser vivido no presente, a partir de vários interesses. Para ele, só a Capela não atrai pessoas; precisa haver implementação de outros usos, outras ações, que evidenciarão a Capela e com ela, comporão esse espaço de forma que ele tenha um uso social.

Essas tensões em torno do uso da praça e do palco tornam-se visíveis por meio de publicações nos jornais, como é o caso da matéria publicada no *Jornal da Tarde* de 23/04/2007, sob a manchete: *Vetada a Praça do Forró. São Miguel Paulista, preservação da capela de 1622 fez a prefeitura acabar com as festanças na área:*

Entre a cruz e a sanfona. Os moradores de São Miguel Paulista, na Zona Leste, vivem o dilema de decidir se a mais famosa praça da região é da fé ou da farra. Se o local deve justificar seu nome oficial, Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, ou abraçar o apelido, Praça do Forró. No último mês de março, a subprefeitura fez sua opção. [...] O palco que existia por lá, em forma de chapéu de couro, foi demolido – e os shows já estão suspensos. [...] A partir de agora a grande estrela da praça é a Capela de São Miguel Arcanjo, uma construção de 1622[...] aliás, foi a preservação da capela a principal justificativa para o fim do forró. Mas um hábito não se muda por decreto. Freqüentadores da praça estão divididos quanto à atitude da subprefeitura. [...] O subprefeito garante que um novo local será destinado ao forró. “Já temos um terreno, às margens da Jacu-Pêssego em vista. É o Parque Primavera que, embora conhecido como parque, ainda não funciona como tal. São 110 mil m2, com espaços para shows e estacionamento”, comentou.³²³

Segundo a matéria, não há possibilidade de se coadunar o uso da Capela com outras manifestações como o forró na praça, ou seja, não se pode disputar com a Capela o lugar; a praça deve ser identificada com a Capela exclusivamente. Segundo o jornal, a opção pelo uso foi da subprefeitura, que demoliu o espaço para as apresentações e encontrou um outro local para as mesmas. O agora denominado Parque Primavera³²⁴, é o antigo Aterro Sanitário Jacuí, segundo a “Secretaria do Verde e do Meio Ambiente e a Subprefeitura de São Miguel Paulista, dependem do laudo técnico da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), para então definir a viabilidade do Projeto Parque Primavera”.³²⁵ De qualquer forma, concentrar as atividades do forró no Parque Primavera, que ainda não está em condições de ser utilizado, é bem mais político e seguro, porque joga para o futuro esta decisão e estabelece espaços definidos para os

³²³ *Jornal da Tarde*, 23/04/2007.

³²⁴ O Antigo Aterro Sanitário Jacuí (lixão) localizado na Av Mímo de Vênus, Jardim Pedro Nunes em São Miguel Paulista, ex-porto de areia, desativado de 1979, e a partir daí, durante nove anos foi decretado como depósito de lixo – aterro sanitário – de toda a cidade de São Paulo [...] No dia 31 de agosto de 1988, diante a grande mobilização e luta da comunidade, o famigerado lixão finalmente foi desativado. *Jornal Pedro Nunes* – nº 73, p.3.

³²⁵ *Jornal Pedro Nunes* – Defendendo a Comunidade, nº 73. Informativo mensal do Jardim Pedro José Nunes, setembro/outubro – 2005 com a manchete: Antigo Lixão está com “Cara de Parque”.

“bailes de forró”, longe de locais como a Praça, julgados não condizentes com esse tipo de manifestação.

Se é evidente que há notória dificuldade em reconstruir as memórias e as tradições, quando elas se plasmam em objetos materiais, como o patrimônio arquitetônico, o que dizer das manifestações menos palpáveis, como as tradições populares³²⁶. Os aspectos dessas reflexões dão a dimensão da complexidade cultural e dos meios utilizados por esses tocadores para se apropriarem dos espaços públicos e como o poder constituído atende a esses interesses. A forma como esse processo de expropriação foi conduzido, revela um conceito de patrimônio que se reduz à preservação das edificações, como é o caso da Capela de São Miguel Arcanjo e não levou em consideração outras manifestações culturais, reveladas pelas formas de expressão dos artistas que divulgam a música nordestina, em especial o forró. Muito embora nesse universo que envolve tensões, esses grupos populares nunca tenham deixado de lutar pelo espaço de onde foram expulsos por projetos políticos, que os excluem das decisões e encaminhamentos sobre o uso dos espaços do bairro e, por meio de suas experiências cotidianas criaram estratégias próprias para desestabilizar as estruturas de poder, em outras palavras, garantir o direito à cidade. Apesar de tudo, articulam-se, pondo em evidência desejos, projetos, expectativas e necessidades. Nesse emaranhado de relações, nos deparamos com memórias em luta, que expõem as contradições e os conflitos advindos de interesses diversificados na constituição do bairro de São Miguel Paulista. As transformações da praça são evidentes; o parque infantil não existe mais; as formas de sociabilidade como o flerte, o passeio nas noites de domingo também não, pelo menos da forma como se davam nos tempos pretéritos; o palco onde se faziam apresentações e shows de forró, também não. A praça da Capela, provavelmente, soterra outras lembranças que não couberam no âmbito dessa pesquisa.

³²⁶ Conforme GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, memória e história dos trabalhadores. In: *O Direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p. 169.

2.2.3. Câmara Distrital (Simbólica) de São Miguel Paulista

*Uma interessante experiência...
Jornal Brasil Semanal*

Na busca de compreender os elementos articuladores que possibilitaram a existência de práticas diferenciadas, plenas de significados do ponto de vista da experiência e identidade cultural, encontro no bairro de São Miguel Paulista formas de ação que mostram como experiências em locais longínquos evidenciam relações sociais que interagem no espaço da cidade. Uma das experiências, segundo a memória de alguns depoentes, do início da década de 1960, é denominada “Câmara Distrital de São Miguel Paulista”. No artigo 1º do seu estatuto, aparece o que é a entidade e quais são os seus objetivos:

... É uma sociedade civil brasileira, de caráter reivindicatório, sem fins lucrativos, de duração por tempo indeterminado, com sede e foro jurídico na Capital do Estado de São Paulo, instalada provisoriamente à Estrada de São Miguel, 9642 e tem por finalidade:

a) Apresentar reivindicações de interesse público junto aos poderes constituídos, colaborar na promoção do bem-estar da comunidade, incentivar todas as boas iniciativas de interesse do Bairro, promover atividades culturais, cívicas, sociais, recreativas, esportivas, enfim, todos os problemas relacionados com a melhoria e o bem-estar do Distrito Eleitoral.³²⁷

Segundo o Sr. Eurico, um dos componentes da “Câmara Distrital” esta era assim organizada:

...as reuniões tinham o mesmo caráter da Câmara Municipal dos Vereadores, era composta por trinta e três “Edis Simbólicas”³²⁸ efetivos e onze suplentes, que deveriam acatar as normas estabelecidas no Regimento Interno da “Câmara Simbólica”. Nas reuniões eram discutidas e aprovadas as solicitações que seriam encaminhadas para os órgãos públicos competentes e depois, o secretário e o presidente controlavam e cobravam as providências³²⁹.

Refletindo sobre essas ações, podemos inferir que um grupo de moradores de São Miguel Paulista, à época, apropriou-se de um esquema de organização da Câmara Municipal como forma de se articular para atendimento das suas necessidades,

³²⁷ A “Câmara Distrital de São Miguel Paulista” tem seu estatuto registrado no Cartório Adalberto Netto, Registro Civil de Pessoas Jurídicas – 3º Ofício em 07/06/1973, com publicação do extrato do estatuto no Diário Oficial do Estado de 07/06/1973. No entanto, há documentos (ofícios, cartas) que indicam seu funcionamento desde 1965.

³²⁸ Edil, na Roma antiga, magistrado encarregado da polícia, da inspeção dos jogos públicos e do abastecimento. Vereador Municipal. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p.2020.

³²⁹ Depoimento de Eurico dos Santos, para a pesquisadora em 18/07/2007. A documentação atual sobre a “Câmara Distrital” pertence ao Sr. Eurico que guardou alguns ofícios e cartas, recortes de jornais e cópias do estatuto e da publicação no D.O.E. Documentação gentilmente cedida, a título de empréstimo à pesquisadora.

estabelecendo estratégias de inserção nos meandros do poder público municipal, para apresentar suas reivindicações. Sr. Eurico relembra, também, que naquela época não havia nem Administração Regional nem Subprefeituras, em São Paulo. Desse modo, a Câmara Distrital facilitava aos moradores evidenciarem suas necessidade ao poder público e representou resposta criativa dada por eles para solucionar os embates cotidianos, por meio de reivindicações dirigidas aos poderes públicos competentes.

O depoente relembra que a Câmara Distrital “foi criada em 1963, porque logo após veio o golpe de 64 e houve uma parada na organização, depois em 65 continuaram, funcionando sem o estatuto até 1973, quando foi registrado no cartório”.³³⁰

No ato da relembração, o sr. Eurico apóia sua memória em outros fatos sociais que aconteceram no país e que foram decisivos para a mudança de rumo da política brasileira, como o golpe de 1964 que instalou a ditadura no país por vinte anos. Deixa claro que nesse momento de ruptura e conflito houve uma parada na organização, demonstrando como os grupos sociais se articulam usando mecanismos para não correrem riscos, num momento em que não sabiam muito bem o terreno que pisavam, mas depois que perceberam que esse tipo de organização não causaria nenhum estranhamento à política vigente, continuaram a se organizar.

O jornal “Brasil Semanal” publicou uma matéria sobre essa experiência, relatando:

Interessante experiência política está sendo feita em São Miguel Paulista. Em vez de um “centro de melhoramentos” à feição antiga, com uma diretoria reduzida, deliberando por conta própria, seus moradores organizaram-se numa Câmara Distrital Simbólica, que funciona nos mesmos moldes das edilidades brasileiras, obedecendo a um Regimento Interno que dita as normas dos trabalhos e estabelece os direitos, deveres e obrigações dos membros da casa. O original Parlamento compõe-se de 21 edis, que debatem, discutem e aprovam ou rejeitam, os requerimentos e indicações feitos pelos seus colegas, a fim de serem encaminhados às autoridades competentes.³³¹

Continuando a notícia, o jornal faz referência às reivindicações em andamento que “dão bem a idéia do grande serviço que a Câmara está prestando à população de São Miguel”: construção de um grupo escolar, na Vila Nova Curuçá; construção de uma ponte ligando a Vila Curuçá e Parada XV de Novembro; restabelecimento da iluminação pública da Praça Campos Sales; reforma do pontilhão sobre os trilhos da EFCB³³² na Vila Nitro Operária; instalação de uma biblioteca circulante; curso de alfabetização de adultos;

³³⁰ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

³³¹ Jornal Brasil Semanal – 4ª semana outubro de 1965 – Uma interessante experiência: A Câmara Distrital (Simbólica) de São Miguel Paulista.

³³² EFCB – Estrada de Ferro Central do Brasil, atual Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) empresa vinculada à Secretaria dos Transportes metropolitanos do Estado de São Paulo.

ampliação do serviço telefônico local; construção do Mercado Municipal de São Miguel Paulista e outras.

Observo que as reivindicações eram voltadas para as necessidades locais demonstrando estratégias para intervenção na construção da cidade, vinculadas àquilo que os moradores ou um grupo de moradores julgavam importantes para a vida social do bairro naquele momento, ou seja, a conquista de melhorias que resultavam, segundo suas concepções, em mudanças positivas na qualidade da vida urbana.

Uma das ações da Câmara Distrital, relatada por Eurico foi a seguinte: Havia em São Miguel Paulista, Eurico não lembra o ano, mas sabe que foi antes de 1973, uma balsa para atravessar as pessoas para o outro lado do Rio Tietê, que foi desativada porque o rio baixou muito e desativaram as olarias. Havia um barquinho que transportava as pessoas e cobrava pelo transporte. Porém o barqueiro só vinha para atravessar, quando havia cinco ou seis pessoas para a travessia e as pessoas ficavam, então, dependendo da sua boa vontade. A Câmara Simbólica solicitou a construção de uma ponte sobre tambores em substituição ao barco, que era arriscado e, além disso, demorado.

Uma outra conquista que Eurico atribui à Câmara Distrital foi a passarela da estrada de ferro Central do Brasil, na Vila Lília. Conta que no local já havia uma passarela utilizada para a travessia dos moradores, em especial dos trabalhadores da Nitro Química porque dava acesso à fábrica. Essa passarela era feita de tubos de ferro que corroíam com facilidade, tinham pouca duração, impossibilitando a travessia. A Câmara Distrital solicitou a ponte de concreto que foi construída, facilitando a travessia dos moradores.

Segundo as lembranças de Sr.Eurico, quem teve a idéia de organizar essa entidade no bairro foi o Sebastião Palmeira Júnior, que no entendimento do depoente, “era um idealista, tinha várias revistinhas sobre São Miguel”. De acordo com o Jornal do Brasil, em junho de 1965 Sebastião Palmeira Junior era o presidente da entidade e André A. Cavaliere Vice-Presidente.

Albertino Nobre, citado no jornal como secretário, diz o seguinte: “lógico... eu participei, Eurípedes Sales, Sebastião Gouveia, o Palmeira, os mais velhos aqui... nós fizemos um movimento aqui ... um movimento jovem... nós éramos jovens vereadores... era o Edil Simbólico”³³³ e lembra que as reuniões eram abertas à população que podia participar, dar sugestões, reivindicar, só não podia votar. O tempo de juventude vem à tona na memória do ex-vereador, através de ações marcadas por esse tempo pretérito e

³³³ Albertino Nobre, em depoimento citado.

enquanto sua vida mudava, para torná-lo e a seus companheiros “os mais velhos aqui” demonstrando que assim como o tempo, suas ações e o espaço em que se realizavam, também se modificaram.

A mudança do nome da Praça Campos Sales para Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, ocorreu por solicitação da Câmara Distrital, no governo do Prefeito Faria Lima (1965-1968), e segundo o Sr. Eurico, os componentes falaram direto com o Vereador João Carlos de Souza Meireles. Aparece novamente, a intenção de perpetuar uma memória afinada com esse grupo de pessoas, que conviveu com o Padre Aleixo e promoveu ações para perpetuar o seu nome através da nomenclatura da praça mais importante do bairro que carrega um bem cultural reconhecido como patrimônio federal. Dessa forma, dá para se perceber as feições urbanas de outras épocas refletindo sobre o bairro hoje, e as dinâmicas das transformações urbanas cruzando-se com as experiências dos moradores.

Sr Eurico lembra-se que criou uma bandeira e o juramento interno, que hoje não existem mais e que o Mercado municipal “Dr. Américo Sugai”³³⁴ também foi uma conquista da Câmara Distrital. Sobre o assunto, o Jornal do Brasil de agosto de 1965 traz matéria intitulada “A Câmara de São Miguel e o Mercado Municipal” que relata sobre a promessa feita pelo secretário do abastecimento do município, em relação à construção de um prédio para o funcionamento do Mercado Municipal de São Miguel Paulista, cancelada pelo sr. Prefeito, com a justificativa de que o preço elevadíssimo inviabilizava a obra e a prefeitura não poderia arcar com esse ônus. Segundo a matéria assinada pela Câmara Distrital de São Miguel Paulista, surpresa maior ocorreu porque fora publicada nos diários da capital, autorização para construção de mercado distrital na Penha, Tatuapé, Brás, Ipiranga, Lapa e outros bairros de São Paulo. A reportagem termina com a Câmara distrital “convidando o povo, que sempre tem cerrado fileiras, na conquista de suas reivindicações para integrar as comissões sociais a fim de tornar realidade, um sonho que vem durando há mais de 15 anos e torturando mais de 150mil habitantes”.³³⁵

³³⁴ O mercado municipal de São Miguel Paulista foi inaugurado em 06/07/1967, durante a gestão do Prefeito Faria Lima. Passou a denominar-se Mercado Municipal “Dr. Américo Sugai” através do Decreto 8874/70, assinado pelo então prefeito Paulo Salim Maluf, sendo uma homenagem póstuma ao homem público que ocupou o mandato de vereador da Câmara Municipal de São Paulo, chegando a exercer o cargo de secretário municipal de abastecimento, tendo falecido em desastre automobilístico. Fonte: Jornal “Saúde & Bem-Estar”, 1ª quinzena de junho de 2007, p.6. O jornal “Saúde & Bem-Estar” leva informações gratuitas a respeito de temas relacionados à saúde aos moradores de São Miguel Paulista e adjacências. É uma publicação quinzenal, com tiragem de 10.000 exemplares. Distribuição gratuita, responsável: Ivo Cordeiro.

³³⁵ Recorte de jornal sem referência, de agosto de 1965, arquivado pelo Sr. Eurico.

A notícia do jornal explicita a luta e o poder de articulação dos moradores de São Miguel Paulista para consolidar suas ações, no sentido de obter melhorias para o bairro e evidencia tensões com outros bairros da cidade na disputa por equipamentos públicos.

Em setembro de 1965, houve pedido da Câmara Simbólica para criação de “linha de ônibus partindo de São Miguel a Pinheiros – Justificativa: Para servir as pessoas que dependem do Hospital das Clínicas, sanando assim, as dificuldades daquelas pessoas que necessitam tomar três conduções para dirigirem-se àquele hospital”³³⁶ e nessa mesma data, a “solicitação de um “pronto-socorro” para atender os chamados em caso de defeitos nas instalações elétricas que são constantes [...] até que cheguem os socorros da Penha”.³³⁷

Uma outra notícia veiculada no jornal, sob o título “Candidato Popular Sempre em Campanha”³³⁸, informa sobre a campanha eleitoral do Deputado Herbert Levy que visitara várias cidades do litoral sul e da Baixada Santista. O jornal informa que encerrando seu programa de visitação, o candidato visitou São Miguel Paulista, distrito de São Paulo em vias de emancipação. Segundo a matéria, o candidato recebeu tributada recepção da Câmara Distrital, cujos componentes destacaram “decidido apoio na sua campanha ao governo do Estado de São Paulo e ainda, a situação de abandono em que se encontra São Miguel Paulista”³³⁹ O candidato, segundo o jornal, assim se expressou: “Congratulo-me, pois, com todos os senhores e afirmo que estou ao lado dos que lutam pela autonomia de São Miguel Paulista, que não pode permanecer nesta situação de abandono.”³⁴⁰ O candidato a deputado refere-se ao Movimento Popular Autonomista (MPA) que, a exemplo de Osasco, pretendia a emancipação política de São Miguel Paulista, no ano de 1964.

Uma das pessoas que deu importante depoimento dessas ações, por ter participado diretamente desse movimento social, foi o senhor Osvaldo Pires Holanda, já citado anteriormente nesta pesquisa. Sr. Osvaldo relata como foi o início desse movimento: “...era o “Movimento Popular Autonomista” porque São Miguel vivia totalmente abandonado dos poderes públicos e nós não tínhamos nenhuma benfeitoria no bairro e isso... preocupava algumas pessoas e... então nós decidimos fazer uma luta pela autonomia ...”³⁴¹

³³⁶ Conforme requerimento ao Sr. Prefeito do Município de São Paulo de 14/09/65.

³³⁷ Conforme requerimento a São Paulo Light S/A de 14/09/1965.

³³⁸ Sobre esse recorte de jornal não há indicação da fonte nem da data do mesmo. Pela citação da matéria, dá para saber que foi na gestão do Prefeito Faria Lima que ocorreu entre os anos de 1965 e 1969.

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Albertino Nobre, em depoimento citado.

A luta pela autonomia de São Miguel Paulista, no início da década de 60, representou a necessidade de organização dos moradores para gerenciar o espaço urbano, apoiados em exemplos de outros recém criados municípios e que alterariam de forma concreta esse viver urbano. Dessa forma procuro entender esse Movimento Popular Autonomista, no espaço em que se situava o bairro de São Miguel, possuidor à época, de grandes indústrias, população que a cada dia aumentava na busca de trabalho e local de moradia e comércio intenso.

Segundo a revista “Historio de Esperanta Klubo Zamenhof”³⁴², o Movimento Popular Autonomista realizou vinte e sete comícios nos principais locais do bairro e desse modo conseguiu mobilizar a população durante dois anos e vinte dias, quando perdeu a última batalha jurídica contra a Assembléia Legislativa do Estado.

Apesar do insucesso, Sr Osvaldo considera que o bairro se “desenvolveu praticamente depois de 64” e a revista *Historio de Esperanta* acrescenta: “felizmente os esforços não foram em vão, pois após aquele movimento as autoridades administrativas que não queriam perder importante colégio eleitoral, despertaram e só então começaram a aparecer os primeiros melhoramentos públicos”.³⁴³

Levando em consideração que a constituição do espaço urbano se dá no conjunto de experiências sociais atuantes de forma articulada e não isolada como ato de apenas uma pessoa ou um grupo de pessoas, é preciso pensar que o depoente não leva em consideração outros movimentos que reivindicavam projetos sociais para o bairro, como por exemplo, a experiência já citada anteriormente da “Câmara Distrital”.

Observando como o bairro foi se transformando desde 1962, época em que chegou a São Miguel Paulista, após 29 dias de viagem, vindo do Ceará, o depoente faz conjecturas sobre a possível emancipação do bairro e evidencia, novamente, a questão da divisão territorial que abarcava os bairros de Ermelino Matarazzo, Itaquera, Guaianazes e Itaim Paulista e que, do ponto de vista do depoente, formariam junto com São Miguel um outro município politicamente independente, a exemplo de outros que hoje fazem parte da Grande São Paulo:

³⁴² Revista *Historio de Esperanta Klubo “Zamenhof”* – Edição Comemorativa do Jubileu de Ouro. São Paulo: São Miguel Paulista, 1999, p.4.

³⁴³ Idem. A revista cita os seguintes melhoramentos públicos: em 23/03/58, foi inaugurada a Escola e Ginásio Municipal Arquiteto Luís Saia; em 15/03/60, a Escola de Segundo Grau D.Pedro I; Mercado Municipal a 06/07/67; Delegacia de polícia a 23/03/69 e, na mesma data a instalação da 2ª Companhia do 2º BPM/M; Distrito Regional da Companhia de Saneamento Básico de São Paulo somente a 27/05/78; Destacamento de Bombeiros a 25/01/81; Ambulatório Municipal em abril de 1982 e a Agência da Companhia de Energia Elétrica só em 17/09/94, anteriormente, até mesmo o pagamento do consumo de energia doméstica, era feito no centro de São Paulo.

... se tivesse passado... tivesse se emancipado... nós hoje seríamos um grande município porque naquele tempo São Miguel era distrito e Ermelino Matarazzo, Itaquera, Guainases e Itaim Paulista eram subdistritos de São Miguel... hoje, nós perdemos todos esses subdistritos que se tornaram distritos e São Miguel ficou menor, muito menor do que era... mas eu conheci São Miguel é... com um comércio é... constituído de três lojas... o resto era pequenos botecos... é, porque só existia uma loja que chamava-se “Para Todos” outra que era “A “Econômica do do Povo” e outra que era “Loja São José” eram os estabelecimentos...³⁴⁴

Através das memórias do Sr. Osvaldo, pode-se perceber, que o pretendido era transformação do espaço e da sociedade perpassados por redefinições nos aspectos políticos, capazes de provocar deslocamento no campo do poder das instituições, e evidenciar diferentes níveis de experiências, voltadas para interesses particulares de cada grupo em confronto. Como aponta Sevcenko: “o espaço é um campo de forças em tensões interativas e arranjos contingentes”.³⁴⁵ E Sr. Osvaldo evidencia no relato esses “campos de forças”

... e a população de São Miguel é... dividiu-se ... porque aqui nós tínhamos dois representantes políticos, dos vereadores... um era o Aurelino Soares de Andrade e o outro Otacílio Bernardes. O Aurelino que sempre foi muito...é... interesseiro pessoalmente...é... não queria a emancipação porque era muito mais vantagem pra ele ser vereador de São Paulo do que futuramente vir a ser é... um vereador de São Miguel. E eles espalharam uma notícia que bairro que influiu muito... é... no ânimo das pessoas... foi que se São Miguel passasse a município o ordenado. O salário dos operários seria diminuído... e naquele tempo São Miguel era um bairro operário e vivia em torno da Nitro Química que possuía naquele tempo um quadro de trabalhadores, é... de sete mil pessoas [...]Então, com essa notícia que a emancipação diminuiria o salário é... o pessoal se dividiu e fizeram uma campanha... além disso existia uma campanha muito forte na... na câmara.³⁴⁶

Nesse sentido, se à princípio o bairro era apenas o ponto de chegada de pessoas vindas de outros lugares atraídas pelo trabalho nas indústrias, principalmente na Nitro Química, vai aos poucos se tornando espaço de novas e conflituosas relações, que se estabelecem a partir da luta do migrante na conquista de espaço nesse viver urbano. E Osvaldo continua relatando essa relação com o bairro, “ Já vim pra cá direto. Minha relação com o bairro é de sessenta anos, né. Eu gosto muito de São Miguel, aqui tenho grandes amizades e gosto disso aqui como se eu tivesse nascido aqui”

Sobre as transformações dos espaços do bairro, o depoente pontua a necessidade de se estabelecer uma organização espacial identificada com o novo e com o moderno, formando no centro do bairro uma área comercial, um centro de consumo:

... mas... quando é por exemplo um monumento só, uma casa, por exemplo, no caso aqui da Igreja... é apenas a Igreja, mas uma cidade como São Luís, que são

³⁴⁴ Osvaldo Pires Holanda, em depoimento citado.

³⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das letras, 1992, p.177.

³⁴⁶ Idem.

ruas inteiras... não é? Aquelas casas velhas... caindo, quando poderia demolir aquilo... aqui em São Paulo a gente vê constantemente demolições de casas velhas e tudo construindo prédios novos... aqui em São Miguel mesmo tá assim... não sei quantas construções novas... isso sim é que evidencia o progresso... já imaginou conservar uma cidade com aquelas casas velhas, caindo... eu não dou valor a isso não... sinceramente.³⁴⁷

Apontando para a percepção dos lugares como um campo de conflitos e divergências, o Sr. Osvaldo reconhece que há concepções diferentes das suas e se diz deslocado com o seu modo de pensar sobre a Capela evidenciando que não são muitas as pessoas que pensam igual a ele, que não se incomodaria se, no lugar da Capela fosse construído um supermercado. Continua o depoente:

É, renovar, exato. Imagina se ali no lugar da Igreja fizessem um supermercado novo, uma coisa... bonita, né... eu acho que evidencia mais o progresso do que conservar aquilo... mas tem muita gente que dá valor... eu não discordo de que as pessoas tenham as suas concepções... eu acho que cada mente deve ser livre para pensar e... mas de certo modo... eu me sinto é ... deslocado...³⁴⁸

Se, a preservação do passado entendido como manifestação arquitetônica tem para o depoente pouco significado diante do que constitui para ele o moderno e a modernidade, por outro lado o depoente revela que não tem o hábito de jogar fora nenhuma correspondência que recebe, diz que guarda tudo, “pessoas que já faleceram há 50 , 60 anos eu conservo a correspondência, nunca jogo fora” e confessa que “de vez em quando eu pego uma pasta daquelas e começo a recordar”.

O Sr. Osvaldo conta que toda a documentação do Movimento Popular Autonomista está no Esperanta Klubo Zamenhof, que aceitou tornar-se depositário e “depois que se instalou a revolução acabou o movimento político, nunca mais ninguém se reuniu, porque não dava... não podia mesmo, porque ia preso”.E Osvaldo pires Holanda, confessa seu sentimento em relação à autonomia de São Miguel Paulista:

Na época eu senti muito... mas confesso que o progresso que observamos daquela época pra cá, me convenceram que não é mais vantagem, primeiro porque o distrito ficou restrito a São Miguel... nós perdemos uma área enorme, Itaquera, Guaianazes, Itaim Paulista, Ermelino Matarazzo... e então, hoje se houvesse um movimento para autonomia eu seria contra porque São Miguel dificilmente teria condições de manter o município com as mesmas benfeitorias que nós temos, quer dizer, as despesas do bairro aqui eu acho que deve ser muito grande para a prefeitura... e à prefeitura não interessa abrir mão de um bairro como esse porque sabe que aqui é um colégio eleitoral muito importante...³⁴⁹

Desse modo, visualiza-se ações dos moradores de São Miguel no sentido de garantir alguns equipamentos públicos e melhor qualidade de vida no bairro, pela organização dos moradores, que não ficaram indiferentes e criaram formas locais de

³⁴⁷ Osvaldo Pires Holanda, em depoimento citado.

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Idem.

interferirem na dinâmica do bairro e demonstraram suas lutas para conseguirem as mudanças que consideravam necessárias. Essas ações fazem refletir sobre o processo de constituição do bairro pautado pela sua constituição física, mais visível e nas construções simbólicas e imaginadas, que permitem compreendê-lo na sua multiplicidade. Desse modo, a cultura tem que ser vista como um processo dinâmico, carregado de diferenças que se evidenciam nos espaços do bairro pelos valores e pelas histórias que o configuram.

2.2.4. Vinha gente de todo lugar, né...

Dentre as vivências de São Miguel Paulista, as festividades que comemoram o padroeiro “São Miguel Arcanjo” e o aniversário do bairro foram sendo historicamente construídas e ganharam contornos diferenciados no decorrer dos tempos. Essas práticas tornaram-se fontes de estudo dos processos sociais de construção das memórias e não devem ser vistas como mero divertimento de grupos populares ou apenas lugares onde se mantêm “tradições arcaicas”, entendidas como algo congelado no passado e que não pressupõe mudança, mas como produções histórico-sociais que dimensionam os modos de vida evidenciados nos desfiles, procissões, novenas, celebrações, cartazes e folhetos que circulam pelo bairro por ocasião das comemorações.

Essas manifestações, além de possibilitar vislumbrar costumes, crenças, valores e tradições, permitem, também visualizar formas de dominação, transgressão, hierarquia e poder entre os moradores e/ou participantes das festividades que precisam ser lidas como processos sociais que emergem de diferentes estratégias de manutenção de poder e distinções sociais e, ainda, elementos de construção de encontros, sociabilidades e afetividades.

Interessante estudo de Amaral³⁵⁰, indica que a festa, “[...] tem sido desde o período colonial, um fator constitutivo de relações e modos de ação e de comportamento, ela é uma das linguagens favoritas do povo brasileiro”. A autora elabora uma reflexão sobre o caráter da festa no Brasil, onde “tudo acaba em festa”, que, ao contrário da idéia de alienação que envolvem as reflexões sobre a festividade, pode ser percebida como uma dimensão de aprendizagem da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo brasileiro.

³⁵⁰ AMARAL, Rita de Cássia Melo Peixoto. *Festa à Brasileira – Significados do festejar, no País que “não é sério”*. São Paulo, USP- FFLCH. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, p.7,8.

José Caldini Filho, participou da fundação do Rotary Club de São Miguel e da organização do primeiro desfile comemorativo do aniversário do bairro. Criou a flâmula do clube nela introduzindo “nossa velha Capela de tantas tradições históricas e religiosas, SÍMBOLO MAIOR DE NOSSA COMUNIDADE” e o símbolo do Rotary Club de São Miguel que apresenta a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo.

O depoente rememora afirmando sua memória no relato da gravação de Francisco Lapenna para Maria da Glória Morcilo Lapenna Quaranta (filha de Francisco). Essa transcrição foi feita por Maria da Glória e encaminhada ao Sr. Caldini para que ele a publicasse no jornal “O Estudante”.

Essas ações indicam que o Sr. Caldini e Maria da Glória são pessoas interessadas em perpetuar a memória do bairro. Há um movimento dessas pessoas no sentido de gravar a entrevista, mandá-la para o Sr. Caldini e este providenciar a publicação. A publicação aconteceu e o Sr. Caldini não encontrou a cópia da mesma, porém tendo guardado a transcrição da gravação, cedeu-me uma cópia.³⁵¹

O Sr. Caldini lê um trecho da entrevista do Sr. Francisco Lapenna, em que este relata as festas de São Miguel, num período em que eram muito concorridas, no início do século passado:

Quanto às festas do aniversário de São Miguel, elas eram muito concorridas, apesar de não haver meio de transporte, meu pai e minha mãe contavam isso há quase cem anos... tinha a festa da Penha em 8 de setembro e as pessoas vinham para São Miguel pois o jogo era livre naquela época – rindo – tinha muita jogatina aqui... a primeira multa que tem na Câmara Municipal de São Paulo, que consta lá, foi por uma corrida de cavalo no Parque Paulistano...³⁵²

Este trecho do depoimento abre espaço para a reflexão sobre as festividades em São Miguel nas primeiras décadas do século passado, para onde acorriam pessoas de todo lugar, “*apesar de não haver meios de transporte*” em função de um acontecimento social, a festa do padroeiro e, ao mesmo tempo, transgrediam a ordem pré-estabelecida em que a corrida de cavalos era proibida. O período da festa era, ao mesmo tempo, o período em que se homenageava o santo, praticava-se a religiosidade, revigorava-se as tradições e se vivia a transgressão.

É certo que essas manifestações vão se modificando e se transformando. As lembranças de Albertino revelam essas mudanças e permitem visualizar como vão se

³⁵¹ A cópia manuscrita tem o seguinte título: Gravação efetuada em 6 de setembro de 1994: Um pouco da história de São Miguel Paulista – de Francisco Lapenna para Maria da Glória Morcila Lapenna Quaranta

³⁵² José Caldini Filho, em depoimento citado.

incorporando, à atividade festeira, novos códigos de comunicação. Assim ele descreve a festa de São Miguel Arcanjo que ocorria todo ano no mês de setembro, já na década de 60:

Aí enfeitava toda a igreja, botava aquelas bandeirinhas e as barraquinhas era ali... era no fim de semana... sábado e domingo, durante o mês de setembro... o mês de aniversário de São Miguel... porque naquela época não festejava o aniversário de São Miguel como se festeja hoje, né... naquele tempo era a Igreja que comandava... era o padroeiro... a Semana Santa era... era muita reza... naquela época tinha... o padre... tinha quermesse... semana santa tinha quermesse... sempre no fim de semana... sempre sábado e domingo... que São Paulo sempre foi de gente trabalhador... nada de semana... sempre no sábado e domingo...³⁵³

O depoente considera a forte presença da Igreja Católica, num período em que a festa tinha caráter predominantemente religioso, sendo a Igreja de São Miguel Arcanjo o elemento agregador das atividades que se realizavam na festa. Ao mesmo tempo, deixa antever o imaginário construído sobre a cidade de São Paulo, como a “cidade que não pode parar” muito presente nos paulistanos, ou seja, “gente de muito trabalho”.

E continua:

São Miguel é como se fosse um a cidadezinha do interior...aqui quem mandava era o padre ... como na cidade do interior, quem manda... era o delegado, o padre e o juiz ... então, como não tem juiz aqui, é só o padre e o delegado que é nomeado, naquela época o tenente, ne... não era nem o delegado oficial... era nomeado um sargento pra tomar conta do... daqui... o inspetor de quarteirão... então não tinha essas coisas ... então... Eram totalmente locais, em função da Igreja, nada mais, o padre Aleixo...³⁵⁴

. O depoente elabora e percebe os múltiplos sentidos da festa, como forma de organização social de grupos locais e reafirmação de valores particulares no contexto social. Reitera a forte presença da Igreja e do vigário, apoiado em tradições locais que davam a ele autoridade para tomar decisões sobre o bairro e sobre os moradores. Demonstra, ainda, a ausência, sem tida por ele, do poder público para com o bairro distante do centro econômico ou, “cidadezinha do interior” que não recebia visitas de figuras máximas do município nem do Estado

Por outro lado, o depoente faz reflexões sobre as mudanças ocorridas nas festas, que vão acompanhando as transformações do lugar. Essas ações, pautadas nas tradições, estão constantemente em processo de desconstrução e reconstrução, na medida em que mudam os imperativos do presente e Albertino percebe essas transformações, ao julgar que a descontinuidade das festas foi sentida quando da saída do Padre Aleixo:

Continuaram, continuaram, o Pe. Segundo³⁵⁵, mas ele foi mudando, porque cada um que chega, quer deixar a sua marca... ele foi mudando... se não me engano, o

³⁵³ Albertino Nobre, em depoimento citado.

³⁵⁴ Albertino Nobre, *idem*.

³⁵⁵ O Padre Segundo Piotti foi o sucessor do Pe. Aleixo na Paróquia de São Miguel Paulista a partir de 05 de abril de 1964.

primeiro ano dele, ou o segundo parece que não teve... uma coisa assim ... isso ai eu não lembro muito não... faz muitos anos já.. a gente ... mas... ... a tendência é ir acabando, mesmo... Ferraz de Vasconcelos a festa da uva, Itaquera a festa do pêssego ... e vai acabando... aos pouquinhos vão terminando ... a festa da uva não tem mais... e era um espetáculo, muito conhecida ...

Ao lembrar as festas religiosas em torno da Igreja de São Miguel Arcanjo, Albertino elabora questões sobre o antes e o depois: quando no passado, lideradas pelo Pe. Aleixo, as festas contavam com a participação de todos; depois as transformações desses festejos tradicionais quando aparecem novas pessoas como o Padre Segundo Viotti, substituto do Pe. Aleixo em 1964. Por outro lado, as lembranças de Albertino transitam no tempo presente com festas tradicionais em outros bairros, que também vão se acabando.

Essa mudança é em função do próprio progresso do bairro ... ela foi mudando por conta do próprio progresso ... porque... como era uma coisinha local, pequena ... onde o padre comandava... ai o padre saiu ... veio padre novo... o padre veio com outras idéias ... padre italiano... com outras idéias, com outros conhecimentos ... e trouxe outras experiências... então e ai as coisas antigas vão sempre mudando...as coisas vão ficando mais pra traz ...³⁵⁶

As mudanças evidenciadas entre as festas passadas e atuais vão demonstrando as transformações ocorridas no espaço urbano. São Miguel Paulista de antigamente, onde todos se conheciam, já não existe mais. Emerge agora um bairro superpovoado de pessoas com interesses diferenciados ou não articulados. As transformações do bairro, o aumento da população, os novos modos “*do fazer*” do bairro vem sendo percebidos pelos moradores que registram esses fatores em suas falas. Nesse processo de mudança, que Canclini chama de reconversão, ocorrem transferências da cultura de um lugar para outro e vice-versa, sem, no entanto, se estabelecer uma relação dicotômica desses vários modos culturais.³⁵⁷

Com o decorrer dos tempos, essas festas foram perdendo a característica religiosa e a elas foram incorporados novos elementos. Caldini se recorda da organização da primeira festa de aniversário do bairro, ocorrida em 1967, promovida pelo Rotary Club de São Miguel Paulista:

Esse aí é o santinho de São Miguel Arcanjo “Lembrança da festa de São Miguel realizada a 8 de outubro de 1950, São Miguel Paulista. Festeiros: João Caldini, José Caldini.. era o mês inteiro,...não era brincadeira não... era de 1º de setembro e vai embora ... geralmente 29 de setembro... era o ultimo domingo do mês... era o aniversário do santo, né de São Miguel que e o padroeiro mas era o desfile... o desfile que fechava... o desfile ... participava... bom pra começar que o primeiro, participou desfilando sete mil pessoas... desfilando heim.³⁵⁸

³⁵⁶ Albertino Nobre, em depoimento citado.

³⁵⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*, estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003, p.22.

³⁵⁸ José Caldini Filho, em depoimento citado.

No ato da relembração Caldini, num movimento próprio da memória, mistura elementos das festas ocorridas em 1950, sob a liderança do Padre Aleixo em que um dos festeiros era seu pai, José Caldini e o primeiro desfile organizado pelo Rotary Club em 1967, do qual participou como um dos organizadores. Ainda tentando entender os aspectos da reconversão da Festa de São Miguel Arcanjo, no depoimento de Caldini relata que o tempo da festa prolongava-se o mês todo; é importante notar que, atualmente, a festa do aniversário do bairro também tem a duração do mês todo; é um dos aspectos de permanência da festa, que não sofreu modificação.

No Boletim Mensal do Rotary Club de São Miguel Paulista, intitulado: “*A Matriz Rotária*” que é um número especial do Rotary Club de São Miguel Paulista, consta além do calendário da festa de aniversário do bairro, a primeira festa organizada pelo Rotary Club de São Miguel, em 1967, uma homenagem à Capela de São Miguel Arcanjo intitulada: “*Por que a Igreja Como Símbolo?*”:

Perguntará alguém, porque escolheu o Rotary Club de São Miguel Paulista a velha Igreja como símbolo e não a indústria, uma personalidade marcante ou mesmo a nova monumental MATRIZ, ao invés desse desajeitado casarão, que nem mesmo aspecto arquitetônico tem de casa de religião, e nós muito a vontade, orgulhosos e transbordando civismo, respondemos: Procuramos dentro de nossa comunidade, aquilo que mais de positivo pudéssemos contar, alguma coisa que mais benefício tivesse sido à nossa coletividade, um bem que não fosse medido ou pesado pelo seu valor material alguma coisa que contivesse no seu bôjo, o princípio básico Rotário DAR DE SI SEM PENSAR EM SI, um símbolo que, casado ao nosso emblema, ao contemplá-lo sentíssemos orgulho, vibração e novas forças para levar ao bom termo o mister de servir apenas a que nos propusemos.

Por isso tudo, pela sua tradição, pelo seu valor como patrimônio histórico, já que, nossa ermida hoje, em sua humildade caipira é um dos mais sugestivos documentos vivos e palpáveis dos idos seiscentistas.[...]

Velha igreja que desde 1.622, vem ensinando e pregando o amor entre os homens, nada mais justo, cívico, e patriótico, do que quebrar esse silêncio que a manteve no anonimato até agora, desconhecida pela maioria como um monumento histórico, pela falta de carinho com que obrigatoriamente deveria ser cultuada.

Nosso objetivo maior em colocá-la como símbolo é o de divulgá-la, fazê-la vibrar no coração de nossos estudantes, que pouco ou quase nunca, ouviram sua história, torná-la conhecida aos que nos visitam, fazer com que todo cidadão de São Miguel Paulista, seja sentinela na defesa de seu patrimônio, instar as autoridades competentes, sempre que sua conservação assim a exija,[...] Eis, porque a escolhemos como símbolo. (J.CALDINI FILHO)³⁵⁹

³⁵⁹ José Caldini Filho fazia parte da Comissão dos Festejos da Festa de São Miguel Arcanjo no ano de 1967.

Essa ação permite avaliar o envolvimento do depoente nas ações do bairro e o valor dado ao símbolo religioso, como parte do símbolo de uma instituição leiga, o Rotary Club de São Miguel Paulista.

As lembranças das alegrias vividas nas antigas festas, em que o aspecto religioso permeava as atividades, se entrecruzam com as experiências atuais que passam pelo processo de “reconversão”, sendo transformadas, diversificadas mantendo elementos do antigo e do novo numa “trama majoritariamente urbana

em que se dispõe de uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação”³⁶⁰. Dessa maneira, as homenagens ao santo padroeiro se mantêm, bem como a procissão de encerramento e são incorporadas outras formas de sociabilização mais características da entidade que promove a festa, como o desfile cívico, homenagens às autoridades.

Um exemplo de transformações pelas quais passaram as comemorações de aniversário do bairro, é a confecção de tapetes, como noticia o jornal de setembro de 1976:

A praça Padre Aleixo Mafra, última etapa da procissão de São Miguel Arcanjo, estava decorada com tapetes em toda sua extensão. Os tapetes foram feitos de serragem, cal, tampinhas de garrafa e pó de café, além de tinta colorida. Na sua elaboração trabalharam durante toda a noite de sábado, integrantes da comunidade jovem da paróquia e alunos das escolas próximas à matriz. A rua ficou fechada até a passagem da procissão que acabou desmanchando tudo.³⁶¹

A confecção dos tapetes, era um aspecto da cultura do bairro que satisfazia outras necessidades. Uma produção esteticamente satisfatória e instrumento de estabelecimento de relações sociais, para admiração, colaboração e competição entre os moradores. Muito trabalho era investido nessa confecção dos tapetes, destruídos rapidamente ao passar da procissão; era no entanto, uma relação de prazer com o objeto construído, que dizia muito sobre as pessoas, para outras pessoas, e uma atividade social que não se manteve até os dias de hoje.

A Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, junto com outras referências espaço-temporais, permite identificar dois momentos do bairro articulados e contrapostos nos



Figura 5 – Símbolo do Rotary Club, criado em 1967 por José Caldini Filho

³⁶⁰ CANCLINI, *op.cit.* p.285.

³⁶¹ Reportagem sem referência ao Jornal. Data: 28/09/1976. “São Miguel faz sua festa de 354º aniversário.

depoimentos acima. De um lado, um São Miguel de ontem, caracterizado a partir de espaços vivenciados na infância e juventude dos depoentes e que se referem aos anos 30 até a década de 60. De outro, um São Miguel de hoje, entendido como um bairro que se imbricou ao antigo, indicando mudanças e permanências e que é percebido pelos depoentes a partir dos anos 50 e 60.

No período em que Caldini relata o desfile, até meados da década de 90, o desfecho era o andor com a imagem de São Miguel Arcanjo, escoltado pelo pelotão da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Atualmente, conforme relata Eurico: “o desfile é sempre encerrado com a imagem de São Miguel Arcanjo. Há tempos a imagem era escoltada pela cavalaria da Força Pública do Estado de São Paulo. Hoje é escoltada pelo grupo “Morumbzinho Moto Club”... o chefe é o Arlindo Miragaia”³⁶². As transformações e as permanências que ocorreram nas festas vão se evidenciado. O desfecho do desfile com o andor da imagem de São Miguel Arcanjo permanece até hoje, porém o veículo para seu transporte se modificou, passou de uma entidade pública com sua cavalaria, para um cortejo de motocicletas com condutores que são moradores da região.

O Sr. Arlindo Miragaia, por telefone, relatou que o “Murumbzinho Moto Club” existe desde 1984; é uma organização informal, não tem estatuto registrado e há mais ou menos oito anos fecha, junto com outros moto clubs a festa de aniversário do bairro, acompanhando o andor de São Miguel Arcanjo no desfile de encerramento. A imagem do padroeiro é levada em uma caminhonete do Sr. Arlindo que é enfeitada para ficar como se fosse um andor e acompanhada pelas motocicletas. Após a procissão, há uma festa na sede da organização em comemoração ao encerramento da festa e à participação do grupo de motocicletas.

Essas ações surpreendem porque se analisar a foto da figura 6, referente à festa do padroeiro ocorrida em 1938, veremos o carro enfeitado para a procissão que, segundo as lembranças do Sr. Jesuíno, carregava o andor com a imagem de São Miguel Arcanjo. São aspectos da festa que se mantém e ao mesmo tempo sofrem rearranjos para adaptá-los aos interesses atuais, como por exemplo, a participação das motos, tipo de veículo que exerce atração nos dias atuais, principalmente sobre as camadas mais jovens da população.

A princípio, os festejos de São Miguel eram realizados em comemoração ao padroeiro do bairro São Miguel Arcanjo. Com as transformações ocorridas no bairro, o aumento da população, a construção de nova Igreja que hoje funciona como catedral da

³⁶² Eurico dos Santos, em depoimento citado.

Diocese de São Miguel Paulista, a festa ganha novos contornos e sem deixar totalmente o caráter religioso, vai girar em torno do aniversário do bairro, que coincide com o mês de setembro, mês de aniversário do padroeiro. A festa vai, ao longo do tempo, incorporando novos códigos, mais compatíveis com os interesses que as transformações do bairro vão evidenciando.

Sobre sua participação nas festas em São Miguel Paulista, Albertino se coloca:

Todas. Olha eu cheguei em São Miguel em 1948. De lá para cá eu participei de todas as festas porque eu .. eu como era... como era não... como sou até hoje Católico... Apostólico Romano e ninguém me tira disso... já teve muitas propostas... mas o meu princípio... eu fui coroinha na minha terra, ajudei a missa e tal... como curiosidade ... aquela igreja da Vila Curuçá o Pe Aleixo, o Pe Aleixo, nós fizemos uma procissão pra levar o cruzeiro pra lá... na época nos levamos... eu como era jovem... nós levamos o cruzeiro nas costas... daqui de São Miguel da capela velha até o local onde hoje é aquela igreja de Nsa. Sra. de Fátima. Foi feito um cruzeiro pra levar pra lá... como sendo a pedra fundamental ... da pedra fundamental da igreja matriz,. Eu participei da pedra fundamental da igreja matriz de São Miguel... onde estava presente o governador... (...) entendeu, então ...³⁶³

No falar de Albertino, se antevê a expansão do bairro para além da Capela de São Miguel Arcanjo; o próprio Padre Aleixo colocou a pedra fundamental da nova Igreja de São Miguel Arcanjo, que hoje é a Catedral e também a pedra fundamental da igreja Nossa Senhora de Fátima, na Vila Curuçá, que hoje pertence à Subprefeitura de Itaim Paulista.

Nas memórias de Jesuíno, as festas do padroeiro anteriores aos anos 60, começavam uma semana antes e terminavam com a procissão no dia 29 de setembro, consagrado ao padroeiro. A procissão saía da Igreja, por baixo da praça, pegava a rua Beraldo Marcondes, entrava onde é hoje a Av Marechal Tito, descia a rua Arlindo Colaço (que se chamava Rua da Fábrica), descia a Rua da Estação, hoje Salvador de Medeiros e subia a Estrada de Santa Isabel que é hoje a Salvador Medeiros e terminava na Igreja novamente.

Neste rememorar, o depoente se reporta ao passado para localizar o trajeto da festa e procura localizar esses lugares com referências do presente, tentando se recordar das denominações antigas e atuais das ruas, numa constante construção e reconstrução do espaço urbano, baseado nos tempos passado e presente. O trajeto da procissão reveste-se de um sentido sagrado; compreende um marco de partida, a praça da Igreja de onde a imagem do padroeiro sai e é transportada num itinerário estabelecido, e outro de chegada, quando retorna novamente ao ponto de partida.

³⁶³ Albertino Nobre, em depoimento citado.

Como preparação para a festa, haviam pregações nas cerimônias que antecederiam o mês de setembro, que chamavam os fiéis à participação. A Igreja era enfeitada durante o mês, sendo preparada para as festividades. Um trator raspava as ruas ao redor da Igreja para ficarem limpas e mais bonitas.

E Jesuíno continua:

Uma semana ou duas antes dos festejos, a Antártica trazia os geradores... dentro da Igreja também era iluminado por esses geradores. A saída da procissão era enfeitada por fogos de artifícios e rojões e na chegada, um show pirotécnico encerrava as festividades. Isso acontecia no último dia à noite. Ao acabar os fogos, acabava também a festa. No outro dia, não tinha mais luz elétrica em São Miguel Paulista.³⁶⁴

No período relatado por Jesuíno as ruas do bairro eram de terra, daí a necessidade do trator limpá-las e não havia luz elétrica, que só chegou em São Miguel, conforme Jesuíno, “no ano de 1940 quando chegou a luz elétrica que veio abastecer a Nitro Química e também serviu para São Miguel Paulista”³⁶⁵. A presença da Nitro Química, mais uma vez, marca processo de transformações do bairro, beneficiando os moradores com a energia elétrica, em virtude da necessidade para o funcionamento da indústria. Por outro lado, as festividades terminam com o desfile do padroeiro, que permanece ainda hoje como término dos festejos, apontando aspectos de permanência nas comemorações.

³⁶⁴ Jesuíno Braga, em depoimento citado

³⁶⁵ Idem.



Figura 6 – São Miguel Paulista, 1938.

Sobre a organização da quermesse na década de 40, Jesuíno se recorda que as barracas vinham da Antártica e quem se candidatava a fazer as comidas alugava a barraca e parte do arrecadado se revertia para a Igreja. Havia comida em abundância: doce feito em casa, pipoca, queijadinha, algodão doce, peixe pegado nas lagoas, cuscuz, bolo de milho... faziam cesta de papel crepom que enfeitava e doavam para o leilão. Davam porco, cabrito, leitão assado, frango assado... vinha gente de longe, o santo era famoso e a festa coincidia com um mês que não tinha festas em outros lugares. Os festeiros, que segundo Jesuíno a maioria das vezes eram “os Lapenna”, patrocinavam a festa, entravam com uma verba e pediam para a população que mandasse oferendas para serem leiloadas para a conservação da Igreja.

A comida adquire no relato, um caráter simbólico de alta importância. Através desse compartilhar de alimentos existente nas festas, revigoram-se os laços afetivos, de solidariedade e pertencimento. Através da comida farta, se estabelecia a criação de novas relações, os modos de fazer dos moradores, que resultavam em novas ações, novas regras e novas hierarquias.

Sobre os festeiros, o próprio Francisco Lapenna conta no seu depoimento:

Os festeiros e a comissão encarregada da organização da festa tinham que hospedar o padre e dar condução e comida também para a banda de música que vinha de Guarulhos. Os festeiros que arcavam com todas as despesas eram sempre os mesmos: meu pai, o Sr. Ângelo Lapenna, o Manequinho, chefe político e subdelegado e outro comerciante o Sr. Antonio Gonçalves Castanheira. Era obrigação dos festeiros, encarregados de organizar a festa, hospedar os padres, dar condução e comida e também abrigar e receber a banda de música que vinha de Guarulhos.³⁶⁶

Caldini, que lia esse trecho do depoimento, completa: “esse Castanheira dizem que era o dono do terreno onde tem a casa paroquial hoje”.³⁶⁷ Remete sua memória ao presente ao fazer essa afirmação, mostrando como o ato de rememorar possui esta dinâmica que vai do presente ao passado e volta para o presente.

As lembranças de Lyris permitem visualizar a presença intensa nas atividades da festa de São Miguel, como apropriação coletiva, dos moradores, dos espaços do bairro:

Eu tenho saudades... a gente freqüentava... tinha um cruzeiro lá em frente, tiraram... esse tiraram pra fazer a ... tinha os lampião de querosene... é isso aí, e as festas, quando tinha festas lá, era meu tio que acendia o lampião, meu tio Domingos...- O sino, o sino... era todo... quando morria uma pessoa tocava o sino e nas festas tudo, era quem tomava conta da igreja um rapazinho assim que tomava conta da igreja... minha madrinha mandava ele e ele ia lá repicar o sino pras missas, né... cada pessoa que morria lá, repicavam o sino... e tinha que ir na igreja, naquele tempo...né. naquele tempo.³⁶⁸

Emerge das memórias de Lyris, um tempo em que se freqüentava a capela e a perda daquilo que lá existiu, como aspectos importantes do festejar, como acender o lampião de querosene, o repicar do sino, tarefas atribuídas a sujeitos sociais conhecidos que as executavam. Emergem também, aspectos de poder, de mando que algumas pessoas exerciam em eventos e hábitos praticados por sujeitos sociais: o repicar do sino. O sino da Igreja, naquele tempo ajudava a fixar, junto com o espetáculo visual da procissão, os fragmentos do bairro na memória dos moradores, e ainda, em outras ocasiões, acompanhava as cerimônias da Igreja, anunciando as horas canônicas, convocando para a missa ou anunciando um enterro. Nesse sentido, o repicar do sino para os moradores, exercia funções de comunicação e controle do tempo, ultrapassando o sentido litúrgico para orientar os sujeitos no que se refere às horas do dia, realização de cerimônias, projetando-se desse modo, nos logradouros e espaços públicos situados no entorno da Capela.

Caldini também relembra do tempo dos lampiões e da pracinha:

...e a cidade cresceu em torno aí da pracinha, né...a pracinha e foi... só tinha a Capelinha, depois aí, tinha aquela... acho que 12 casas no larguinho da igreja,

³⁶⁶ Francisco Lapenna, em depoimento à sua filha Maria da Glória em 06/09/94.

³⁶⁷ José Caldini Filho, depoimento citado

³⁶⁸ Lyris Rodrigues Ruott, em depoimento citado.

lampiãozinho a querosene eu lembro ... o lampiãozinho a querosene que a gente ia mexer... ia atrás da pessoa que era empregado da prefeitura ... que todo dia lá pelas seis horas pegava a escadinha, punha nas costas, um litro de querosene e ia lá abastecer os lampiões... e a molecada ia atrás do... chamava nho Tico ... nho Tico ah, deixa o pavio um pouquinho mais alto, senão não adianta nada... pra não gastar querosene... então você via só aquele lumezinho de fogo né ... não iluminava nada, você via só aquele... aquela luzinha pequenininha ali... a gente ia atrás que era pra ele deixar mais alto... a gente queria brincar... queria brincar na rua e não podia, né tudo escuro... os animais andavam por lá ... na rua... deitado por lá... aquelas vaca, cavalo, entendeu e a gente não podia brincar... então era uma fase da nossa historia... né... nho Tico...³⁶⁹

Nessas memórias, Caldini relembra atividades sociais que ainda não tinham passado por processos de transformação econômica e social próprios do São Miguel Paulista atual. Não havia luz elétrica, a iluminação, ainda que pouca, era gerada através da ação de “Nho Tico”; a rua era o lugar da recreação, podia-se brincar à noite, deparava-se com animais que atrapalhavam as brincadeiras; tempos e espaços se misturam nas lembranças da infância, e não havia o meio mais popular de diversão das classes trabalhadoras atuais, a televisão.

As relações sociais apontadas pelos depoimentos acima, são bem diferentes das que refletem o cotidiano do bairro atualmente. Essas novas atividades são resultantes de uma relação com a mídia e com o mercado e que alteraram a relação dos indivíduos com a natureza, o trabalho, a casa, a festa e todas as outras manifestações da coletividade local. Dessa forma, a festa apresenta novos códigos que, ano após ano, vem alterar a rotina de atividades em função de novos elementos incorporados à vida social urbana. Os elementos inovadores, que aos poucos vão compondo a estrutura organizacional da festa são aspectos da reconversão.

Um outro depoente, José Vitorino relembra das festas e conta:

Eu gostava, assistia a missa, gostava, tinha festa, quermesse. O Pe. Aleixo fazia umas quermesse bonita... era fim de semana... mais de sábado domingo... que sábado e domingo tem gente parada sem trabalhar, né... hoje muita gente trabalha... Comprava o que o dinheiro dava, um agradinho pros meninos. Ia todo mundo, as crianças, até minha mulher, mas depois que ela passou a Testemunha de Jeová ela não foi mais... não quis mais ir não. Mas antes ela ia mais eu e as crianças... eu comprava umas balinhas ... ai depois vinha pra casa... eu achava bom ... a família é sagrado... minhas crianças foi batizada tudo aí... tudinho... agora minhas netas, minhas bisnetinhas tem oito mês... não batizou ainda, vai batiza não sei quando... diz que que batiza quando sabe... entende... já entende direito... Minha tataraneta coitadinha, nenhuma foi batizada ainda... uma tá com quase dois anos...³⁷⁰

José Vitorino consegue visualizar mudanças ocorridas no tempo do trabalho, quando o sábado e domingo era para o descanso, e aponta para o presente, onde não se

³⁶⁹ José Caldini Filho, depoimento citado.

³⁷⁰ José Vitorino, em depoimento para a pesquisadora, em 25/06/2007.

respeita mais esse tempo e se trabalha em qualquer dia da semana. Ainda o depoimento indica como eram determinados os gastos da família, que se adaptavam às condições dadas para participar do consumo que a festa exigia. Refere-se também, às transformações religiosas, ao aparecimento de novos grupos não católicos indicados no fato das netinhas ainda não serem batizadas e na esposa que passou para outra religião. A família é tida como sede de sua experiência coletiva, das relações que valorizam cada pessoa, na qual o depoente se apóia, através das relações afetivas do parentesco, para afirmar sua identidade.

Os preparativos da Festa do Aniversário de São Miguel Paulista, atualmente, começam no mês de junho. É escolhida uma comissão organizadora para tomar frente do planejamento e da realização do evento. São cerca de quinze pessoas, dentre comerciantes, funcionários da subprefeitura, empresários, pessoas interessadas.

Com ela inicia-se um processo de atividades que envolve desde a obtenção de recursos econômicos até providências com infra-estrutura: sinalização de ruas, preparo (limpeza, pintura) da praça; mudança do tráfego de veículos, preparo e distribuição de alimentos, etc.

A Igreja de São Miguel Arcanjo era a entidade que produzia a festa do padroeiro, até meados da década de 60; deu lugar ao Rotary Club como organizador do desfile de aniversário do bairro, que com o passar do tempo cedeu para a Subprefeitura de São Miguel. Nesse movimento, percebemos como as ações sobre a festa foram se transformando, passando de uma atividade religiosa para outras atividades de interesse de quem as organizava. Na organização rotariana, percebe-se nítido caráter cívico, bem de acordo com os princípios da instituição. Na festa atual, existe uma participação mais efetiva dos órgãos públicos, representado pela Subprefeitura de São Miguel Paulista e a festa ganha feições do governo que está no poder. Desse modo, as festividades em homenagem a São Miguel Arcanjo, santo padroeiro e do aniversário do bairro ganham novos contornos, perdendo o caráter exclusivamente religioso, que foi se imbricando com outras ações que ocorrem no bairro em virtude das transformações pelas quais este vai passando. Esse processo se deu em virtude do aumento da população de São Miguel Paulista, da urbanização acelerada pela qual o bairro passou, pelas mudanças no ritmo de trabalho e do tempo, e a vinda de outros sujeitos para esse local, com outros valores e outras perspectivas.

São colaboradoras permanentes na captação de recursos e nas prestações de serviços, nas festividades atuais, as seguintes empresas: Companhia Nitro Química

Brasileira, Universidade Cruzeiro do Sul, D'Avó Supermercados, Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, Associação Comercial de São Paulo, Empresa Auto ônibus São Miguel, Conselhos Comunitários de Segurança (Conseg)³⁷¹. Além disso, a Diocese de São Miguel Paulista, a Subprefeitura de São Miguel Paulista, a Polícia Militar do Estado de São Paulo trazem contribuições importantes, como recursos financeiros, destino da mão de obra, auxílio na estruturação do evento, que muitas vezes passa por um processo burocrático e político que limita a participação.

Atualmente, os festejos do aniversário do bairro são coordenados pela Subprefeitura de São Miguel Paulista, sobre o que o Sr. Eurico diz:

Saliento e ratifico que sem a participação da subprefeitura, de sua infraestrutura e de todo o seu aparato, não há como realizar a festa. Só de mão-de-obra, a subprefeitura mobiliza mais de duzentos funcionários desde: o subprefeito e sua equipe, pessoal administrativo, engenheiros, eletricitas, mecânicos, pedreiros, marceneiros, encanadores, cozinheiros, serventes e coordenadores de toas as secretarias.³⁷²

Pelo relato de Eurico, visualiza-se o número de pessoas envolvidas com a realização do evento e o aparato administrativo que os organizadores dispõem para o evento acontecer, destacando a participação da subprefeitura, que é o órgão público municipal. Dessa forma, observo que os moradores recorrem ao poder público para efetuar

suas ações e este dispõe de pessoas como Sr Eurico, que participa da organização e do próprio evento, pelo simples prazer em participar e ser útil para o bairro de São Miguel Paulista.

Todos os anos, desde 1967, a festa de São Miguel é veiculada através de cartazes que chamam a atenção dos moradores para as atividades desenvolvidas e neles aparece a Capela de São Miguel Arcanjo como elemento constituidor da mensagem sobre o bairro. Em alguns folders aparecem ao lado da Capela, a Cia Nitro Química e o rio Tietê. Nas comemorações dos 382 anos do aniversário de São Miguel, apareceu no folder a Estrada Jacu-Pêssego que ligará São Miguel Paulista à rodovia Airton Sena, em Guarulhos e que está em fase de construção, o que indica novos equipamentos sendo inseridos como elemento

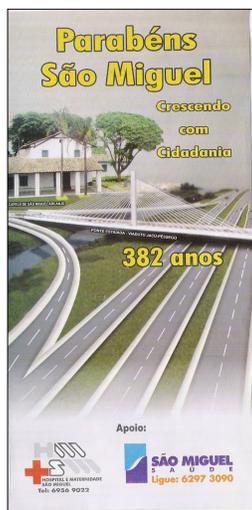


Figura 7 – Folder de comemoração dos 382 anos de São Miguel Paulista.

³⁷¹ Os Consegs são grupos de pessoas do mesmo bairro ou município que se reúnem para discutir e analisar, planejar e acompanhar a solução de seus problemas comunitários de segurança, desenvolver campanhas educativas e estreitar laços de atendimento e cooperação entre as várias localidades. Fonte: <http://www.conseg.sp.gov.br/conseg/default.aspx>

³⁷² Eurico dos Santos, em depoimento citado.

identificadores do bairro. Importante destacar, que o logotipo da festa é a Capela de São Miguel Arcanjo e, portanto, nos convites, cartazes, folderes, faixas e nos troféus que são concedidos aos participantes é obrigatório a estampa da Capela como logotipo.

Essas ações levam à reflexão sobre como as atividades do bairro são pensadas e articuladas, tendo como referência a Capela de São Miguel Arcanjo. A festa de São Miguel, com o passar do tempo, ganha novos contornos, adquire outras configurações sociais e a Capela de São Miguel Arcanjo continua sendo elemento articulador dessas memórias pautadas, também, em outras referências da vida urbana atual, como no caso, a Estrada Jacu-Pêssego.³⁷³

Segundo o Sr. Eurico, um dos participantes da comissão do evento, atualmente, no início do segundo semestre, a Subprefeitura de São Miguel Paulista convidava alguns moradores e as entidades representantes do bairro para definir e elaborar a programação referente ao aniversário de São Miguel Paulista. Eurico afirma que “as comissões são compostas de vinte a trinta pessoas que vão diminuindo, diminuindo, restando no máximo dez pessoas que realmente tocam a festa”.³⁷⁴ E evidencia conflitos e tensões na organização dos festejos:

Atualmente, 2005 e 2006, a subprefeitura suprimiu a comissão dos festejos, abarcando para si toda a organização da programação que são discutidos e aprovados dentro de gabinetes, as carreiras, sem os devidos cuidados na elaboração da programação e principalmente com a nossa gramática, quando erros crassos de impressão dos convites, cartazes e folderes que são distribuídos à população e encaminhado às autoridades e à imprensa.³⁷⁵

O depoente se posiciona quanto à participação dos moradores na organização da festa nos últimos dois anos e é exigente inclusive com o material de divulgação da festa que, para ele, apresenta erros ortográficos incompatíveis com o evento a que se propõe divulgar. Ao avaliar a impressão do material de divulgação e a pouca participação dos moradores na organização das comemorações, Eurico se sente à margem da organização da festa, a que dá grande importância, porque é um morador realmente envolvido com as questões do bairro.

Fazem parte do calendário das festas atuais, alguns eventos que são permanentes, como as festas das colônias japonesa, portuguesa e libanesa, além da homenagem aos

³⁷³ Na década de 20, imigrantes japoneses se instalaram em uma área verde no extremo leste da capital. Notabilizaram-se pela produção de pêssegos. Para comercializarem as frutas, abriram uma pequena estrada de terra, à margem do Rio Jacu. O afluente do Tietê, hoje canalizado, devia seu nome a um pássaro comum naquelas paragens. Só em 1996 a antiga estrada recebeu o nome de Avenida Jacu-Pêssego. http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/vejasp/450_anos/textos/memorias/como_surgiu.html

³⁷⁴ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

³⁷⁵ Idem.

pioneiros, passeio ciclístico, desfile cívico e as cerimônias religiosas da Igreja Católica, como a missa de abertura, procissão e missa de encerramento dos eventos. Faz parte também, o Festival de Bandas e Fanfarras, um evento patrocinado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. As três melhores fanfarras pontuadas participam do Festival Estadual de Fanfarras. Há, também, durante as comemorações a realização de um Culto Evangélico e de acordo com o poder político que esteja à frente da subprefeitura, são inseridos na programação outros acontecimentos como inauguração de equipamento público, palestras de interesse geral, por exemplo.

Durante o mês das comemorações, realiza-se uma “homenagem aos pioneiros do bairro”, pessoas que serão homenageadas em solenidade que acontece na Catedral de São Miguel Arcanjo. No decorrer da cerimônia, o homenageado recebe um troféu que a cada ano tem um formato diferente, porém em todos os anos a figura da Capela de São Miguel Arcanjo está representada. A intenção dessa cerimônia era, a princípio, homenagear moradores pioneiros e que tiveram suas vidas relacionadas ao bairro de São Miguel Paulista. Atualmente, são escolhidas algumas pessoas que não fazem parte do cotidiano do bairro, que não têm proximidade com as ações realizadas em São Miguel. Geralmente são escolhidas para agradar algumas pessoas com elas envolvidas ou porque, no momento, estão em destaque em alguma atividade desenvolvida no bairro. É uma questão que evidencia poder e jogo de interesses, campos de decisão que evidenciam atritos entre os segmentos religiosos, o poder público ou o orgulho localista dos moradores. Desse modo, os eventos da festa contribuem para renovar vínculos de sociabilidade como também para definir um campo de competição e disputa.

Esse festejar no bairro segue um ritual, uma preparação que evidencia dança, música, reza, procissão, gincana, brincadeira, comida, bebida e uma infinidade de produtos de consumo. Existem lugares no espaço e no tempo para cada aspecto da manifestação que faz com que alguns elementos adquiram significado especial, como a Capela e o Santo. O período da festa possibilita que lugares e objetos da cotidianidade sejam convertidos, buscando a participação do sagrado com a inclusão de códigos externos, com outras significações. O urbano e o global vão se articulando com rituais sagrados e profanos e estabelecem novas formas de organização das festividades e, portanto, da cultura local.

CAPÍTULO III

UM EXERCÍCIO DO OLHAR: produtos que evocam a Capela

“Ah sim, (rindo) eu não sei se é porque estou há 10 anos como zelador e conheço ela desde pequeno mas qualquer pessoa quando tiram uma fotografia dela, quando mostram pra mim revelada, eu acho que ela é fotogênica... fotogênica, eu acho. Não só eu como já passei pra muita gente e eles também analisam e falam, realmente é. Olhando assim, não aparenta, assim. Mas na foto ela se transforma, fica perfeita... fica fotogênica”.

João Feher

Este capítulo pretende dar visibilidade às vivências dos moradores de São Miguel Paulista e redescobrir suportes que contribuem para a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo. Por meio de estampas, obras plásticas, publicações, desenhos que aparecem muitas vezes em lugares pouco visíveis, por meio de manifestações às vezes solitárias e aparentemente corriqueiras, por pessoas que, em São Miguel Paulista, fazem com que essa memória se manifeste, em suas atividades, pensamentos e sentimentos cotidianos. Segundo Willi Bolle, “a quantidade de textos pertencentes à escrita da cidade”, onipresentes diante dos olhos do cidadão e lidos por ele a toda hora, distraidamente e repercutindo no seu inconsciente [...] exige uma revisão da cultura letrada tradicional...”³⁷⁶

Dessa forma, as manifestações em torno da Capela de São Miguel Arcanjo evocam uma memória que se “enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto”.³⁷⁷ e provoca a aproximação cada vez maior da história com territórios antes inexplorados, onde novos domínios historiográficos são difundidos, tais como a relação história-imagem que, ultrapassa os limites impostos pela escrita e é fonte legítima e fundamental para a investigação e reflexão sobre a história. Assim, múltiplas formas de experiências tomam o bairro e a Capela de São Miguel Arcanjo como referência, compondo o cotidiano desses lugares, em diversas temporalidades e expressam movimentos, projetos e configurações valorativas heterogêneas.

³⁷⁶ BOLLE, Willi. A cidade como escrita. In *O Direito à Memória – Patrimônio histórico e cidadania*. DPH, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: DPH/SMC, 1992, p.140.

³⁷⁷ NORRA, Pierre. Entre Memória e História – A Problemática dos Lugares. In *Projeto História nº10*. São Paulo: PUC, 1993, p.9.

Assim, significados novos vão emergindo nesses espaços que dão visibilidade ou ocultam ações desses moradores nas suas lutas para representar o cotidiano. Esses sujeitos recorrem à própria cultura instituída, reproduzida através de uma multiplicidade de agências culturais para representar suas práticas de resistência e projetos de ruptura, abrindo espaços para elaboração de experiências até então silenciadas ou então interpretadas de outro modo, emergindo produção e reprodução de lugares e práticas materiais que estabelecem novas reelaborações, abordando diversamente a realidade.

Procurei, dessa forma, os significados desses processos para apreender, em cada caso, as vivências, os valores, os objetivos e as conclamações desses sujeitos, nesse espaço da cidade, em diferentes tempos. Assim, a perspectiva de pensar a Capela, representada por outras linguagens veiculadas em produtos que são usados como consumo, é posta na problemática que vê a Capela de São Miguel Arcanjo também, como geradora de produtos ofertados no mercado. Desse modo, as preocupações giraram em torno de diferenciadas manifestações efetivadas por pessoas que exprimem suas ações no bairro de São Miguel Paulista e na cidade de São Paulo, dispondo-me como historiador/pesquisador “a reaprender seu ofício diante do desafio de novas linguagens”.³⁷⁸

3.1. Um filatelista persistente

“A Capela de São Miguel para o Brasil e para o mundo...”
Sr. Eurico

A imagem da Capela de São Miguel Arcanjo contemplada pela Emissão Especial de um selo pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), no ano de 2003, teve como principal agente o Sr. Eurico dos Santos, nascido em 1944 no bairro de São Miguel Paulista em São Paulo. Filatelista, Eurico relata sua iniciativa de proposta para emissão de um selo com a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo, “a fim de que a Capela fosse divulgada para o mundo, através dos selos postais da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos”.³⁷⁹

Eurico arquivou todos os documentos relativos a essa iniciativa, selecionando de sua experiência vivida aqueles, cuja importância foram para ele vitais na reconstrução do processo de conquista da emissão do selo sobre a Capela de São Miguel Arcanjo. A

³⁷⁸ BOLLE, Willi, *op.cit.*

³⁷⁹ Eurico dos Santos em depoimento à pesquisadora em 09/07/2005.

organização desses arquivos mostra a necessidade de documentar e registrar os meandros pelos quais se infiltrou até seu desejo se realizar. Os documentos arquivados revelam as experiências vivenciadas pelo próprio Eurico, por meio de relações sociais estabelecidas, nem sempre harmoniosas, entre ele e os setores públicos ou privados, que estiveram envolvidos nesse processo de luta. Há que se pensar as ações do filatelista no tempo presente, demonstradas por sua posição política e formação dos seus modos de agir, pensar, relacionar, trabalhar, enfim, nos elementos que constituem sua cultura, ao perpetuar nas páginas de seu arquivo os objetos representativos de sua memória.

Por meio da consulta aos seus arquivos é possível percebê-lo como uma pessoa engajada e preocupada com a vida social e política do bairro de São Miguel Paulista, especialmente no que se refere à preservação da Capela de São Miguel Arcanjo. Nesse sentido, me identifico com Khoury ao afirmar que, “ao longo desse processo podemos notar a emergência de indivíduos diferenciados, expressando vontades, assumindo visibilidades na cena histórica, ainda que sem destaque na memória oficial da sociedade”.³⁸⁰

A saga do Sr. Eurico para obtenção da estampa do selo, começa em 1993 com a formalização do pedido da emissão do selo com a estampa da Capela. Somente após doze anos de persistente busca, envio de ofícios, pedidos, documentação e participação em audiências públicas, demonstração de insatisfação, é que o filatelista viu seu desejo se realizar.

Ele relata o início dessa experiência:

Por volta de 1992 tornei-me filatelista, exclusivamente de selos brasileiros e depois de verificar a confecção de vários selos, inclusive de coisas que nada tinha a ver, eu ficava perguntando: por que a Capela de São Miguel Arcanjo de São Miguel Paulista, apesar de ser um patrimônio histórico, não havia sido estampada ainda pelos selos dos Correios? Aí, tomei a iniciativa em junho de 1993, precisamente dia 19. Mande uma carta lá para os Correios em Brasília e eles responderam que não era possível, aquela coisa toda. Tudo bem. Aí, eu voltei a insistir em setembro de 1993, não, não, desculpe, desculpe. Essa carta que eu mandei no dia 19 de junho de 1993, responderam-me no dia 17 de setembro de 93 dizendo que não era possível e umas respostas que não me convenceram.³⁸¹

Seu relato demonstra que, apesar da negativa na resposta, o solicitante continuou insistindo, numa batalha árdua para conseguir seu intento. O depoente deixa claro seu

³⁸⁰ KHOURY, Iara Aun. Documentos Orais e Visuais: Organização e usos coletivos, in *Revista do Arquivo Municipal*, Memória e Ação Cultural, v.200. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico – DPH, 1991, p.83.

³⁸¹ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

empenho e participação em conseguir a emissão do selo que resulta em luta permanente e negociação com as esferas públicas para conseguir o que objetiva.

Como resposta a esse pedido, a ECT encaminhou uma correspondência, datada de 19 de julho de 1993 acusando o recebimento de sua solicitação e informando que:

...as emissões de selos comemorativos desta Empresa são aprovadas por uma Comissão Filatélica, sempre em exercício anterior ao lançamento, de conformidade com as normas estabelecidas nos Decretos nºs 44745 e 83858 de 24/10/58 e 15/08/79, respectivamente. Diante do Exposto, informo que aquele Colegiado deverá reunir-se no mês de agosto próximo para elaborar o programa de emissões 1994, oportunidade em que o pleito de V.Sa. será devidamente analisado.³⁸²

Eurico relata que não obteve mais respostas ao pedido apesar de ter participado de todas audiências públicas³⁸³, que ocorrem uma vez por ano e declara ter a intenção de “catalogar todas as audiências públicas que participei e não obtive resposta e nas quais entregava farta documentação sobre a Capela”³⁸⁴ As questões apresentadas mostram um empenho do depoente em manter vivas suas experiências, ao adotar práticas diferenciadas, destinadas a construir sua própria memória da Capela e revelá-la para além de São Miguel Paulista, preservando registros que são plenos de significado do ponto de vista de sua experiência e da identidade cultural com o bairro.

– Não, não, não, eu só encaminhei a documentação. Eu cheguei inclusive a falar pro pessoal, que essa comissão era suspeita porque não sabia quais são os critérios que eles usam pra lançamento de selo porque eu achava um absurdo a Capela de São Miguel Arcanjo, com a idade que ela tem, um patrimônio histórico ainda não ter sido divulgada pelos Correios.³⁸⁵

Demonstra seu inconformismo em não ser atendido em um pedido que considera inquestionável. Esse sentimento está ligado aos laços afetivos que mantém com a Capela e com o bairro, que fazem parte de sua experiência pessoal demonstrada pela preocupação em preservar essa memória. E Eurico continua relatando sua insistência: “Até que, em junho de 2000 solicitei novamente a impressão da estampa da Capela nos selos do Correios”³⁸⁶ A ECT respondeu-lhe encaminhando convite para participar das

³⁸² CORREIOS - Carta nº 1848/SUFIL da Superintendência de Filatelia .

³⁸³ Sobre as audiências públicas, o departamento de filatelia informa em carta encaminhada em 2001 ao Sr Eurico que: Os correios, uma empresa que interage com a comunidade, têm promovido, desde junho de 1997, Audiências Públicas com o objetivo de levar ao conhecimento de representantes dos diversos segmentos da sociedade aspectos relacionados aos temas, grafismo e design dos selos brasileiros. Nesses eventos também tem sido discutidos importantes aspectos relacionados ao programa de emissões anualmente desenvolvido, com o objetivo de torná-lo cada vez mais temático e condizente com as expectativas do universo filatélico nacional. Departamento de Filatelia, SBN.01 Conj. 3 Bloco A 12º Andar – Edifício Sede, Brasília – DF.

³⁸⁴ Eurico dos Santos em depoimento citado

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ Idem.

Audiências Públicas “sobre as diretrizes para emissão de selos postais brasileiros e os aspectos relacionados aos temas a serem focalizados em 2001”³⁸⁷

Em 2001, o Sr. Eurico encaminha nova solicitação que aponta para uma percepção de cidadão com direitos, que luta para que o bairro e a Capela sejam evidenciados e apresenta justificativas para isso, fundamentadas na relevância histórica e no conjunto arquitetônico de importância nacional, destacando-o como um patrimônio cultural que não sofreu alterações durante os séculos:

Filho de São Miguel Paulista, sempre participei de iniciativas que apontam a relevância histórica do bairro e de seu patrimônio arquitetônico no conjunto de bens de importância nacional.

E, é por isso que encaminho a documentação em anexo sobre um dos raros templos religiosos mais antigos do Brasil, ainda existente na plenitude de suas formas originais: trata-se da **CAPELA DE SÃO MIGUEL PAULISTA**, tombada pelo IPHAN, em 1938, tão logo o referido órgão foi criado.³⁸⁸ [grifos do autor].

Essas manifestações evidenciadas pela participação em audiências e envio de solicitações, apontam para um morador de São Miguel Paulista que reivindica o direito de participação nas decisões de política cultural, um dos aspectos considerados por Chauí como “prática da Cidadania Cultural que define a cultura como direito do cidadão”.³⁸⁹

Em maio de 2002, o Sr. Eurico encaminha novamente o pedido de emissão do selo, salientando que “pelo quarto ano consecutivo envio a essa divisão de Filatelia, farta documentação referente a alta relevância e origem da CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO na história de nosso país”³⁹⁰ e após ressaltar a ausência de respostas, lança as seguintes questões: “Por quê? O que é exigido para que a postulação seja deferida? Falta algum aval ou influência? Quem sabe outras provas? Enfim, quais são os critérios adotados por essa Divisão para se atender semelhante anseio da comunidade?”³⁹¹

O depoente estabelece um debate com o órgão responsável pela produção do selo, elaborando perguntas questionadoras, exigindo respostas, demonstrando uma relação conflituosa diante da ausência de respostas às suas solicitações. Há nessa ação a indicação

³⁸⁷ Convite da ECT, enviado ao Sr. Eurico no dia 06/06/2000 – Audiências Públicas – O selo brasileiro no século XXI, Departamento de Filatelia.

³⁸⁸ Carta enviada por Eurico dos Santos ao Sr. Egydio Bianchi, Presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em 24 de maio de 2001.

³⁸⁹ CHAUI, Marilena. Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico. In *O Direito à Memória – Patrimônio histórico e cidadania*. DPH, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: DPH/SMC, 1992, p.39. Chauí, então Secretária Municipal de Cultura de São Paulo estabelece como diretriz política a idéia e a prática da Cidadania Cultural que define a cultura como direito do cidadão e determina esse direito sob três aspectos: como direito de acesso à informação e de fruição da criação cultural; como direito da produção de obras culturais e como direito de participação nas decisões de política cultural.

³⁹⁰ Carta enviada pelo Sr. Eurico dos Santos à ECT – Departamento de Filatelia em 22/05/2003

³⁹¹ Idem.

de um sentimento, por parte de Eurico, de descontinuidade e desvalorização, que o depoente expressa, indicando sentir-se mutilado em seus sentimentos com relação ao passado e ao presente de São Miguel Paulista.

Diante do exposto, verifica-se a persistência do solicitante, que não se conforma com o fato de que o valor atribuído por ele ao monumento em questão, não seja também reconhecido pelo órgão responsável pela emissão de selos. Essas questões ajudam a refletir sobre como se estabelecem as lutas para a preservação da memória da Capela de São Miguel Arcanjo e como, muitas vezes, essas lutas dependem de esforços individuais, de sujeitos anônimos e, ainda, como essas questões são tratadas pelos órgãos públicos. Há uma discrepância entre o interesse dos órgãos públicos e indivíduos comuns, como o Sr. Eurico, em perpetuar a memória social. Indicam também, marcas da luta pela apropriação de locais da cidade visando resguardar seus significados culturais, por ações que buscam preservar, testemunhar experiências e modos de vida.

Importante destacar que o Sr. Eurico, dentre outros materiais que guarda com relação ao bairro de São Miguel Paulista e à Capela de São Miguel Arcanjo, organizou um arquivo contendo toda a documentação encaminhada à ECT relativa ao pedido de emissão do selo da Capela de São Miguel Arcanjo. Como afirma De Decca, “poderíamos dizer que hoje a memória coletiva encontra-se refugiada em lugares pouco visíveis”³⁹² e, essa preocupação demonstrada por Eurico em preservar esse material, indica a produção de “lugares de memória” e atesta para essa nova percepção de ruptura em que o cidadão tem plena consciência da impossibilidade de uma memória espontânea, garantida por suportes sociais e coletivos.³⁹³

Em maio de 2003, precisamente no dia 6 voltei a escrever outra vez para o Departamento de Correios e Telégrafos, nada aconteceu. Até que, encontrei-me com um amigo que é Assessor Especial do Gabinete Pessoal da Presidência da República em São Paulo e amigo do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Aí, conversando com esse meu amigo, falei: - Espinoza, estou há vários anos querendo ver a Capela de São Miguel Arcanjo divulgada através dos Correios e não consigo e eu fiquei sabendo que através do presidente isso é possível, porque ninguém fala não ao presidente. Disse-me o meu amigo: - Eurico, faça novamente um processo, dê em minhas mãos que eu garanto pra você que você obterá êxito. E foi o que aconteceu. Isso ocorreu no dia 6 de junho de 2003.³⁹⁴

³⁹² DE DECCA, Edgar S. Memória e Cidadania. In *O Direito à Memória – Patrimônio histórico e cidadania*. DPH, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: DPH/SMC, 1992, p.130.

³⁹³ Idem

³⁹⁴ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

O Sr Eurico conta que conhece o Sr. José Carlos Espinoza³⁹⁵ porque trabalharam juntos, na década de 70 na Sabesp; ele era fiscal de obras e Eurico inspetor de instalações prediais. Ambos fiscalizavam obras de esgotos, serviços que as empreiteiras prestavam para a Sabesp. Desse modo, as relações sociais se ampliam para outras atividades da vida cotidiana e laços afetivos conquistados em situações do passado reaparecem no presente para consolidar outras ações.

Até que recebi o ofício assinado pelo senhor Miro Teixeira³⁹⁶, então ministro das Comunicações que acusava o recebimento do expediente com relação ao selo e que assim que houvesse uma resposta melhor voltaria a entrar em contato comigo. Aí, aconteceu o seguinte, esse pedido foi feito em junho e eu queria o lançamento do selo em setembro de 2003, aí ocorreu ...Porque era dentro das comemorações do aniversário de São Miguel Paulista. Eu queria que fosse inserido nessa festa. Aí, de acordo com o Correio estava muito em cima... e não haveria tempo para fazer um serviço bem feito, um serviço bonito e implicaria numa série de coisas. Mas, se eu fizesse questão realmente, eles fariam o possível para que eu fosse atendido. Bom, nessas alturas eles não estavam atendendo a mim, estavam atendendo a um pedido do Presidente da República. (risos)³⁹⁷

As falas anteriores deixam transparecer que, muitas vezes, as garantias de atendimento às solicitações públicas dos cidadãos, ocorrem por relações de poder que permeiam a sociedade e que são atendidas por uma questão de “quem manda”, mantendo com os cidadãos relações pessoais de favor e tutela, mais do que por um direito do cidadão. Jovchelovitch trata desse assunto ao abordar: “Na sociedade brasileira, há um código constitucional explícito e escrito, e um código de práticas implícito, não escrito e largamente aceito em relação à esfera pública, onde o público torna-se uma questão pessoal como resultado de uma rede de relações pessoais que terminam por constituir a ordem pública”.³⁹⁸ Por outro lado, dá para vislumbrar, nesta ação do Presidente da República, sua sensibilidade ao atender à solicitação de Eurico e mobilizar ações para que esta ocorresse considerando o patrimônio cultural em questão merecedor da publicação de sua imagem nos selos da ECT. Também podemos visualizar uma relação do

³⁹⁵ José Carlos Espinoza – Conforme a revista “Isto é On Line” Edição nº 1726, é umas das pessoas em quem Lula mais confia. Exigente, metucioso, este ex-sindicalista da Companhia de Saneamento do Estado de São Paulo (Sabesp) não tem uma, mas mil funções: anima comícios, organiza as viagens em todos os seus detalhes e cuida com maestria do esquema de segurança de Lula. http://www.terra.com.br/istoe/1726/governo/1726_equipe_time_do_presidente_03.htm, acesso em 15/09/2007.

³⁹⁶ Ofício 25/2003/MC, de 23/07/2003 do Sr Miro Teixeira, Ministro de Estado das Comunicações, Esplanada dos Ministérios, Ministério das Comunicações, Brasília-DF, encaminhado ao Sr. Eurico dos Santos.

³⁹⁷ Sr Eurico dos Santos, em depoimento citado.

³⁹⁸ JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações Sociais e Esfera Pública – A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.186.

presidente com o bairro distante do grande centro e compromissos políticos que priorizam os sujeitos que habitam nestas regiões.

Entretanto, a quase unanimidade sobre a importância excepcional desse bem cultural não está ancorada no consenso abrigoando, desta forma, interesses e estratégias em conflito. Há disputas entre o depoente que exige visibilidade da Capela perante a emissão dos selos; por outro lado, a ECT tem interesse em publicar outros temas nos seus selos e ainda, o órgão público federal que toma ações para a emissão do selo, ancorado num pedido pessoal do amigo do presidente.

Aí ... aconteceu o seguinte... como estava muito em cima, propuseram-me que se lançasse um carimbo comemorativo³⁹⁹, alusivo ao aniversário e à Capela. Eu, como sou filatelista e conheço bem como funciona a coisa, disse-lhes o seguinte: que o carimbo custaria três mil e quatrocentos reais e que eu não arcaria com essa despesa e nem sairia de pires na mão pedindo patrocínio. Aí, disseram-me o seguinte, que o carimbo sairia gratuito para mim. Mais uma vez, não para mim, para o Presidente da República. (risos) E foi o que realmente aconteceu...Ou para a população de São Miguel. Aí... informaram-me que foi acatado o meu pedido que lançariam um carimbo e que o selo ficaria para o mês de janeiro dentro do aniversário da cidade de São Paulo.⁴⁰⁰

O relato indica práticas sociais submetidas às regras do comércio e da publicidade a que estaria sujeito o lançamento do carimbo comemorativo. Aponta também, para uma prática social comum, que consiste na colaboração de várias pessoas com recursos para determinada finalidade, indicando formas de sociabilidade estruturadas primordialmente, pelo e para o consumo.

Sobre a emissão do Carimbo Comemorativo, o Sr. Eurico informa que não aceitou a primeira imagem apresentada, solicitando à ECT “eliminar o poste e a respectiva fiação” do modelo apresentado para que fosse por ele aprovado. Assim, o depoente não só obteve o que desejava como pode interferir para que o carimbo saísse com qualidade, de acordo com seu critério de avaliação, ou seja, “expressa sua vontade e assume visibilidade dentro da cena histórica”.⁴⁰¹

O lançamento do “Carimbo Comemorativo alusivo à Capela de São Miguel Arcanjo nos 381 anos do Bairro de São Miguel Paulista” ocorreu no dia 06 de setembro, às 9h30min dentro das dependências da Capela de São Miguel Arcanjo, numa cerimônia “[...]simples, porém formal; sendo necessário o apoio de um mestre de cerimônias que conduzirá o ritual de lançamento[...] e mais,

³⁹⁹ Carimbo comemorativo – carimbo obliterador, com tempo determinado de utilização, destinado a comemorar um acontecimento ou acompanhar o lançamento de um selo ou série de selos. Além dos dizeres, o carimbo comemorativo quase sempre estampa um desenho alusivo ao acontecimento. A história registra com tendo sido a Itália o país a usar pela primeira vez um carimbo comemorativo para assinalar a realização da Exposição Marítima Internacional, em Nápoles. Conforme: QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Dicionário do Filatelista*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. C/60.

⁴⁰⁰ Eurico dos Santos, depoimento citado.

⁴⁰¹ KHOURY, Iara Aun, *op.cit.*

após a composição da mesa, o mestre de cerimônias passou a palavra para autoridades e em determinado momento passou a palavra para o representante dos Correios que fez um breve discurso e [...] convida a maior autoridade presente para lançar/emitir o Selo/carimbo, obliterando/carimbando⁴⁰² uma peça (envelope comemorativo ou cartela selada). Em seguida, presenteia a autoridade com a referida peça.⁴⁰³

Entendendo que as cerimônias de comemoração são espaços privilegiados de afirmação da dominação, as orientações do Correio sobre a cerimônia de lançamento do carimbo comemorativo indicam essas relações, na homenagem e congratulações às autoridades, num ritual que evidencia relações de poder e construção da memória social pela articulação da cultura e política ao mercado.

Nesta cerimônia, Sr. Eurico tem a palavra e finaliza da seguinte maneira:

... Estou muito feliz, porque através do aparato dos Correios, iremos divulgar nossa história, nossa Capela e São Miguel para o Brasil e para o mundo. Estou vivendo um sonho do qual só acordarei quando a nossa Capela de São Miguel Arcanjo for estampada nos selos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos [...] Agradeço a todos os presentes. Uma única mágoa. Se não fosse o crédito do meu amigo Espinoza, o aval e a sensibilidade do senhor Presidente da República, eu Eurico, na qualidade de cidadão comum jamais teria conseguido este propósito. Valeu, vale e sempre valerá a velha máxima popular: “Quem tem padrinho não morre pagão”. Muito obrigado, senhor Presidente.⁴⁰⁴

O depoente, apesar de agradecer ao Presidente da República na cerimônia de lançamento do carimbo comemorativo, fala de práticas sociais que se repetem e parece não identificar no Presidente Lula o compromisso com as memórias de quem não tem visibilidade pública.



Figura 8 – Carimbo comemorativo da ECT

Após o lançamento do carimbo comemorativo, Eurico relata que começou a batalha para a emissão do selo. Segundo ele, Marta Suplicy, prefeita da cidade de São Paulo à época, decretou que todas as subprefeituras existentes deveriam participar do aniversário da cidade com um evento comemorativo⁴⁰⁵. O evento ao qual a Subprefeitura de São Miguel Paulista participou nas comemorações dos 450 anos da Cidade de São Paulo foi o lançamento do selo com a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo.

⁴⁰² Obliteração, ato ou efeito de carimbar um selo. Conforme: QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Dicionário do Filatelista*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. C/60.

⁴⁰³ Conforme orientação da ECT em “Roteiro de Solenidade de Lançamento do Selo/Carimbo Comemorativo” em pasta sobre o evento, organizada pelo Sr. Eurico dos Santos.

⁴⁰⁴ Trecho do discurso, conforme cópia arquivada na pasta de materiais sobre o evento, organizada pelo Sr. Eurico dos Santos.

⁴⁰⁵ Decreto nº 44.240 de 11/12/2003. Publicado no Diário Oficial do Município de 12/12/2003.

Ainda sobre o lançamento do Carimbo Comemorativo dentro das festividades do aniversário de São Miguel Paulista e do bloco comemorativo dentro das festividades do aniversário de 450 anos da cidade de São Paulo, confere-se à celebração e à comemoração, a “memória da memória” que dá sentido de recordação e celebração do futuro.⁴⁰⁶

Eurico continua seu relato, colocando as dificuldades e impasses que teve que enfrentar:

Ah, foi muito difícil, eu tive que brigar com o Correio. Eu não aceitei o trabalho que eles fizeram, inclusive... o selo não saiu com a qualidade que deveria ter saído... Não, não gostei, acho que deveria ter sido melhor... É porque eles mandaram um trabalho pra eu aprovar o que seria aquilo que seria estampado no selo... E eu não concordei porque o trabalho que eles mandaram... estava mutilado, conforme a documentação que eu tenho em mãos. Eles me disseram o seguinte, que eu não deveria me preocupar que eles tinham vasta experiência nisso... que eu deveria aceitar ou não aceitar o trabalho deles. E eu recusei o trabalho deles. Aí, então... ficou muito apertado... tive que mandar uma foto pra lá e a foto não tinha auto definição, eles não aceitaram... pediram que eu mandasse uma outra foto, foi feita outra foto correndo, às pressas e, por isso, o trabalho não saiu bem feito... poderia ter sido artisticamente melhor elaborado...⁴⁰⁷

Dessa forma, o Sr. Eurico não só insiste, por muitos anos, na elaboração do selo como interfere na realização do produto, tomando providências para a garantia da qualidade.

Em carta enviada à ECT, o Sr Eurico se posiciona da seguinte maneira:

Muito Bom dia!
 Mas por favor: socorro, socorro!
 Parem as máquinas!
 Tá tudo errado!
 O trabalho apresentado é uma aberração. O esboço do Bloco Filatélico da Capela de São Miguel Arcanjo” está mais para ser comparado ao “o jogo dos sete erros” do que qualquer outra coisa.
 O “artista” ou a “artista” Jô Oliveira que sobrepõe o seu nome no protótipo do supracitado Bloco, negligenciou grosseiramente na sua configuração.
 Se Jô Oliveira, tivesse atentado mesmo que aleatoriamente nas várias cópias estampadas, impressas e xerocopiadas, apensadas nas duas pastas em vosso poder, não teria cometido os seguintes erros:
 01 - A Capela está fora de sua escala original. (muito alta e acentuadamente estreitada)
 02 – Onde foi parar o outro coqueiro existente no lado direito de quem entra na Capela?
 03 – A árvore da lateral está fora do lugar;
 04 – Os vãos entre as colunas estão desproporcionalmente muito estreitos;
 05 – Os coqueiros (falta um) são mais altos do que a Capela. Mais não como apresenta-se o coqueiro demonstrado nesse esboço;

⁴⁰⁶ JANCSÓ, István e KANTOR. Íris (orgs.). *Festa – cultura & sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001, p.19.

⁴⁰⁷ Sr. Eurico dos Santos em depoimento citado.

06 – A capela está “muito certinha”. Lembro-lhes que ela foi projetada e construída por índios e padres do século XVI e não por arquitetos do século XXI.

Apontados os erros, fica patente que houve uma grande falta de atenção das pessoas envolvidas nesta elaboração e em quem os Correios confiaram.

Porque antes de mandar para a Casa da Moeda do Brasil, não mandaram a idéia para que eu pudesse opinar e fizesse as devidas correções?

Como ficaríamos se o Bloco já estivesse impresso da maneira como está sendo apresentado?

Diante do exposto, outra alternativa não nos resta, se na providenciarmos um novo trabalho. De preferência fotográfico.

Estou indignado, sentindo-me preterido.

São Miguel Paulista, São Paulo, 04 de dezembro de 2003

Atenciosamente

Eurico dos Santos⁴⁰⁸

Eurico considera que o desenho apresentado para a estampa do selo estava “hilário”, “eles fizeram um desenho...e esse desenho eu considerei muito hilário, como de fato estava muito hilário... como prova aqui uma carta”⁴⁰⁹, e demonstra através da carta enviada a ECT, sua indignação. O depoente tem uma postura exigente, detalhista, interessado em que o objeto representado seja visível da forma que considera correta, indicando sua preocupação em relação à representação da Capela. Na verdade, por se tratar de uma produção para o consumo visual, a imagem da Capela assume marcas próprias, passíveis de identificação que para Eurico não eram reconhecidas no desenho realizado, o qual descaracterizava aspectos físicos da Capela e representavam mais a obra do desenhista do que a Capela feita por índios no passado. Observamos pelo exposto, que para o Sr. Eurico não bastava conseguir autorização para que fosse estampado o selo. Ele acompanhou todo o processo de elaboração do mesmo, apoiando ou repudiando as ações que se foram sucedendo, na perspectiva de que o trabalho saísse o melhor possível. Essas ações evidenciam o campo conflituoso da memória. No momento em que se faz visível o esforço de Eurico para construir uma memória que revela concepções de História, o artista dos Correios marca sua presença, reinventa uma outra memória destituída dos atributos que Eurico considera importante. Para ele, o selo tem que dar legibilidade à Capela e os erros apontados, são repudiados, porque fazem emergir nas pessoas a inegibilidade da Capela e não representa a necessária visibilidade requerida pelo documento/monumento.

Exatamente. Retrucaram que se eu não estivesse contente com o trabalho por eles apresentado, que eu apresentasse um trabalho melhor... o que foi feito com o envio de uma foto que eles recusaram alegando que a foto não tinha qualidade devido ao excesso de brilho, e que eu providenciasse uma nova foto e que pela exigüidade do tempo, pois eles não tinham profissionais para deslocar-se até São Miguel Paulista para fotografar a Capela. Intimaram-me a entregar esta

⁴⁰⁸ Carta enviada a Sra. Maria de Lourdes Torres de Almeida Fonseca, Subchefe do Departamento de Filatelia (Defil) em 04/12/2003.

⁴⁰⁹ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

foto até o começo de dezembro, porque os funcionários da Casa da Moeda onde o selo é estampado saíam de férias coletivas e correríamos o risco do selo não ficar pronto no mês de janeiro dentro das comemorações do aniversário da cidade de São Paulo. Providenciei uma nova foto da qual não gostei, mas foi por eles aceita. Apesar de batalhar 12 anos e por incrível que pareça, o selo foi feito às pressas, na correira. Poderia ter sido melhor.⁴¹⁰

Por outro lado, apesar dos contratemplos, percebe-se também a importância da negociação estabelecida nas relações sociais tensas, que visavam a possibilidade da emissão do selo dentro do prazo estipulado.

Junto com a emissão do bloco filatélico⁴¹¹, foi lançado também, o carimbo “Primeiro Dia de Circulação”, que é um carimbo obliterador, confeccionado exclusivamente para acompanhar e registrar o dia de lançamento de um selo e que, por isso mesmo, só pode ser utilizado no dia da emissão e sobre o selo ao qual se refere.⁴¹²

Apesar dos contratemplos, eu fiquei muito feliz por ver meu sonho realizado e por causa dessa minha perseverança a Capela de São Miguel Arcanjo através dos selos dos Correios está sendo divulgada e perpetuada pelos filatelistas do Brasil e do mundo. Posso toda a documentação provando ser eu o proponente e o seguidor junto a ECT, do selo alusivo à Capela de São Miguel Arcanjo. Além desta documentação meu nome nem aparece em nenhum lugar. Não tenho essa coisa de ego ferido. Não sou ególatra. O que eu queria era ver a Capela sendo divulgada por um selo e, isto eu consegui.⁴¹³

A ausência de investimentos do poder público em questões que dizem respeito à preservação dos bens culturais brasileiros, fica muito clara quando Eurico aponta que os gastos decorrentes desse processo ficaram sob a sua responsabilidade “[...] foi tudo por minha conta. Exato, montagem de processo, papelada toda, tudo por minha conta”⁴¹⁴.

Por outro lado, a constituição do acervo revela a atuação de Eurico no bairro e sua pretensão em deixar para a família todo o material compilado, como obra pessoal, que busca o reconhecimento das ações por ele praticadas. Esta é uma forma indicativa de como o depoente deseja entrar para a história e se tornar orgulho dos filhos, netos e porque não, dos que residem no bairro e também da importância que atribui aos documentos para a História; guardá-los significa revelar experiências do passado.

Esta preocupação é para deixar patente que quem conseguiu a emissão do selo da Capela de São Miguel Arcanjo fui eu. Não sou cabotino mas é a verdade. Espero que os meus netos e demais descendentes saibam desse feito e sigam os meus passos em prol da Capela e de São Miguel Paulista...⁴¹⁵

⁴¹⁰ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

⁴¹¹ Bloco comemorativo ou bloco filatélico é o conjunto de um ou mais selos impressos em pequena folha, picotadas ou não, que pode ser usado no todo ou em parte no posteamto da correspondência. O bloco comemorativo, tal como o selo, é emitido para assinalar um acontecimento especial. QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Dicionário do Filatelista*. Brasília: Thesaurus, 1998, p. B/40.

⁴¹² QUEIROZ, Raymundo Galvão de. *Op.cit.* p.C/60.

⁴¹³ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

⁴¹⁴ Idem.

⁴¹⁵ Idem.

Ante o exposto, Eurico evidencia que não pretende que suas memórias fiquem confinadas em formas culturais privadas, pretende sim, que sejam divulgadas em lugar apropriado para uso da população. Inclusive, ao fornecer a pasta para uso desta pesquisa, deixou muito claro, que se acontecesse alguma coisa com ele durante o período, a pesquisadora estava encarregada de entregar todo o material para sua filha, que já está ciente do que tem que fazer, ou seja, assim que houver em São Miguel um museu ou um centro cultural, a pasta deverá ser para lá encaminhada. Seus registros e arquivos emergem como tentativa de fazer com essas experiências não sejam esquecidas.

Estas pastas são para mim como jóias valiosíssimas. Elas têm valores inestimáveis. E quando eu partir para outra espero que os meus netos e seus descendentes delas tomem conta sendo os guardiões passando de geração a geração, até o dia em que São Miguel Paulista tenha um museu seguro e adequado para guardar estas pastas compostas de documentos, recortes, jornais, revistas, xerox, etc, etc... que foram juntados, colecionados e arquivados com muito capricho e afirmo sem medo de errar: com muito amor.⁴¹⁶

Para Eurico, a emissão da estampa da Capela nos selos postais, indica que ela será divulgada internacionalmente:

Ah, sim. Só no dia do lançamento lá na capela foram vendidos seiscentos blocos... é um selo especial, é um selo internacional. Foram vendidos seiscentos blocos ao preço de R\$ 1,50 cada .Os filatelistas, as pessoas presentes, os colecionadores... aqueles que compram pra levar , pra mandar pra família que mora em outras regiões. E a Capela, através do selo está sendo divulgada para o mundo, porque é um selo internacional.⁴¹⁷

Desde 1973, anualmente, os Correios promovem o concurso “Melhor Selo do Ano”. Trata-se de uma iniciativa que envolve os filatelistas, os artistas e os clientes dos Correios em geral, que são incentivados a votar no selo de sua preferência. Os selos vencedores desse Concurso representam o Brasil em certames internacionais e já conquistaram prêmios importantes como o Asiago (Itália), considerado o Oscar da Filatelia. Até 1984, a escolha do “Melhor Selo do Ano” era feita por artistas, críticos de arte, professores, jornalistas e personalidades ligadas à Filatelia. Em 1985, começou a votação popular, com a utilização de cédulas distribuídas ao público em agências dos Correios de todo o país. O processo foi se aprimorando e em 2000, a votação chegou também à internet.⁴¹⁸ Em 2004, ao ser lançada a campanha “Vote no selo de sua preferência” o Sr Eurico liderou a campanha entre os moradores de São Miguel e pessoas conhecidas para que o selo da Capela fosse o vencedor e “através dessa votação, da

⁴¹⁶ Idem.

⁴¹⁷ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

⁴¹⁸ Fonte: http://www.correios.com.br/selos/melhor_selo_ano/default.cfm, acesso em 20/08/2007.

participação de vários amigos e outras entidades consegui 9.554 votos⁴¹⁹ e o Sr. Eurico justifica que: “como eu sou bairrista e sou amante da Capela... nosso empenho foi em conseguir o maior número de votos em prol da Capela e dentro dos quarenta e dois selos lançados em 2003... então nós fizemos a campanha em prol, do número 37 que era o da Capela”⁴²⁰. Dos selos editados em 2003, apenas dois são blocos comemorativos: a Capela de São Miguel Arcanjo e a Preservação dos Manguezais de Zonas de Marés. Dentre os selos que concorreram naquele ano, estão selos de grande consagração popular, como “Allan Kardec”, “Centenário de Nossa Senhora Aparecida” e “Fifa”.



Figura 9 – Bloco comemorativo da ECT.

Eurico conta que depois que conseguiu organizar todas as cédulas em pacotes, foi aos Correios e protocolou a entrega das mesmas. Antes, porém levou-as para o Padre Geraldo benzê-las:

Levei para o padre, eu estava encrencado com ele e nós acabamos fazendo as pazes...ah, sim, eu tentei conversar com o padre, falei que eu precisava conversar com ele urgente que eu queria que ele tomasse conhecimento da votação e que dela participasse, ajudando a angariar votos. E eu não sei, ele estava relutando em me receber, não sei o porquê... até que liguei pra lá e falei pra secretária: - É o seguinte, ó se ele vai falar comigo, que fale e marque o dia. Se ele não quiser falar que fale “Não quero falar com ele” e eu não insisto mais, ora. No dia seguinte ele me chamou lá, pra saber do que se tratava e tivemos um encontro amistoso. Terminada a votação, solicitei ao Pe. Geraldo que antes de encaminhá-las a Brasília, as cédulas fossem benzidas. E ele disse: - Vem na missa de quarta-feira às 19 horas que nós faremos isso. E foi o que aconteceu. Eu levei os votos, tá documentado, tá fotografado ...⁴²¹

⁴¹⁹ Eurico do Santos, em depoimento citado.

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ Idem.

Além de evidenciar dinâmicas sociais, como a organização dos pacotes, levar para o padre benzer, protocolar nos Correios, o depoimento indica as tensões, os conflitos existentes nas relações sociais e, ainda, a reapropriação de tradições, com a bênção das cédulas que envolve ao mesmo tempo, aspectos pragmáticos e simbólicos da vida social, e também, o reconhecimento do caráter religioso da Capela, a reconciliação com o padre e mobilização do bairro na realização do evento.

Eurico conta que organizou os votos em pacotes, “fiz pacotinhos de cem e de mil...contei, recontei... contei, recontei ... (o padre) benzeu todos os pacotes... molhou... não faltou vontade de molhar, não viu? Jogou água como nunca... (risos)” E o depoente continua relatando sua “luta”: “no dia seguinte levei no correio e esses votos são contados em Brasília e por conta e expensas dos Correios que foram encaminhados pra lá”.

O Senhor Eurico é também um dos responsáveis pela publicação da estampa da Capela de São Miguel no Bilhete da Loteria Federal e responsável direto junto à Telefônica pelo lançamento de uma série de quatro cartões telefônicos da supracitada Capela. Sobre a loteria federal, ele relata a experiência:

Não, eu participei da comissão, porque na época não era subprefeitura, era administração regional. O administrador regional era o Engº Rubens Rubio, ele nos chamou lá e falou o seguinte: - Olha tem um pedido meu aqui de um processo para que a Capela seja estampada no bilhete da loteria federal e como eu estou saindo vou deixar você incumbido disso e nós nos desincumbimos da tarefa. Quer dizer, começou com um administrador e foi lançado na gestão de um outro administrador, o senhor Avelino Benvenuto.

A solicitação a Eurico se deu em decorrência das suas ações anteriores. O administrador regional deixou a continuidade do processo nas mãos de pessoa que ele sabia, daria andamento ao pedido. Assim, o bilhete da Loteria Federal em homenagem aos 378 anos do bairro de São Miguel Paulista foi lançado na extração nº 3490-8 do dia 23 de setembro de 2000. “Não, aqui não houve cerimônia. Só foi o lançamento. A gente só ficou sabendo quando foi lançado. Não houve cerimônia”.⁴²² Nesse sentido, a Capela é também revelação do tempo presente, manifestado em várias ações que a divulgam.

⁴²² Idem.



Figura 10 – Estampa da Capela no bilhete da Loteria Federal.

Eurico deixa bem claro seu objetivo em divulgar a Capela e relata:

Meu objetivo é divulgar a Capela. Em setembro de 2005, dentro das comemorações do aniversário de São Miguel, 382 anos... a Capela vai ser divulgada em quatro cartões telefônicos. Vai sair estampada nos cartões telefônicos. A princípio seria um só, mas agora serão quatro cartões telefônicos. Ele vai ser lançado em setembro, dia 16 de setembro. Dentro das comemorações dos 382 anos do Bairro de São Miguel... No CEU⁴²³ São Carlos.⁴²⁴

E continua, incansável: “Ah, tá. Então, já tem cartão, já tem selo, já tem bilhete de loteria... falta agora o bilhete do metrô. É falta o bilhete do metrô e outros que a gente vai pensar ...”⁴²⁵

Inclusive, esqueci de um detalhe... quando um carimbo comemorativo é lançado, o solicitante paga por ele... e não é barato. Na cerimônia de lançamento, o solicitante é contemplado com uma réplica do mesmo. No meu caso, o carimbo comemorativo foi confeccionado às expensas dos Correios... portanto, eu não tinha direito à réplica do mesmo. Alguns dias após a cerimônia do lançamento do carimbo fui chamado à agência filatélica D. Pedro II de São Paulo, onde deram-me uma réplica do carimbo comemorativo. Segundo a direção dos Correios eu sou o único solicitante que não pagou pelo carimbo e tem a sua réplica...⁴²⁶

Segundo Arantes, “são sem dúvida a circulação e o consumo de bens culturais um dos principais ingredientes das mudanças que ocorrem nos estilos de vida e na formação de fronteiras simbólicas”.⁴²⁷ Para Eurico, esse produto mercadológico tem sentido próprio, é um marcador de identidade e ainda produz a diferença que o destaca nessas

⁴²³ CEU – Centro Educacional Unificado – CEU São Carlos inaugurado em São Miguel Paulista em 2003.

⁴²⁴ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

⁴²⁵ Idem.

⁴²⁶ Idem

⁴²⁷ ARANTES, Antonio Augusto. Paisagem de História: A devoração dos 500 anos. In *Projeto História 20*. São Paulo, PUC, 2000, p. 64.

experiências, quando só ele, Eurico, não pagou e tem a réplica do carimbo. Desse modo, a narrativa valoriza suas ações, tornando-o único nesta luta.

Esse material aqui é do lançamento do cartão telefônico, ele era pra ser lançado no aniversário de 381 anos de São Miguel, como foi um ano político, acharam por bem não lançar porque podia ficar caracterizado que era propaganda política do partido que estava no governo ... então acharam por bem não fazer o lançamento nessa época e deixar para o ano seguinte que é agora...A alta cúpula da Telefônica... Me chamaram lá, conversaram comigo... eu entendi a situação, ... não questionei, não criei caso, aceitei as ponderações deles e deixei o barco correr...⁴²⁸



Figura 11 – Cartão telefônico com a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo.

Eurico relata que começou a se preocupar com o registro das memórias sobre São Miguel, depois que se aposentou e lamenta-se:

... infelizmente eu comecei tarde... Poderia ter começado muito antes. Mas a gente era tão pobre, não tinha como adquirir uma máquina fotográfica, não tinha como comprar um filme e se tinha o filme, depois não tinha como revelar... era muito caro..não tinha xerox, era fotocópia. A senhora tirava uma fotocópia e tinha o negativo disso...bem, pra época era bem moderno... mas nem essa coisa a gente não podia ter acesso... Pra senhora ter idéia, meu primário eu fiz praticamente de pé descalço, não tinha sapatos. Eu estudei primário, ginásio, colégio, Senai, tudo em São Miguel.⁴²⁹

O depoente reconhece que é só o presente que lhe possibilita estas ações, hoje tem xerox, filmes, máquinas de fotografia, já que o passado vivido foi pautado por privações e falta de recursos e ainda evidencia uma familiaridade mais completa com o bairro onde estudou e viveu, como afirma Lowenthal, “somos a qualquer momento a soma de todos os nossos momentos, o produto de todas as nossas experiências”.⁴³⁰

⁴²⁸ Eurico dos Santos, em depoimento citado.

⁴²⁹ Idem.

⁴³⁰ LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado, in *Revista Projeto História - Trabalhos da memória*, nº 17. São Paulo: Educ/Fapesp, 1998, p. 64.

Devo ressaltar que, nesse processo de pesquisa, foram se consolidando relações de proximidade entre a pesquisadora e o depoente, gerando contatos freqüentes, afeto, acolhida, solidariedade e, ainda, expectativa pelo trabalho a ser realizado e busca de materiais que poderiam se tornar fontes para a pesquisa, que se acabam traduzindo em mais uma forma de eternizar a ele, Eurico, nas ações pela Capela.

Da experiência vivida, da luta pela sobrevivência, do esforço em organizar seus arquivos, numa dinâmica que faz emergir formas de sociabilidade, afetos, conflitos, desejos forjados nos espaços da cidade, voltamos novamente, a atenção para a sabedoria de Eclea Bosi quando afirma: “o passado reconstruído não é um refúgio mas uma fonte, um manancial de razões para lutar”.⁴³¹

3.2. Entre dois amores: São Miguel Paulista e Brunhosinho

*“Mas podés crer que são dois amores meus, viu... podés crer...
Domingos Pantaleão*

A frase acima, de Domingos Pantaleão⁴³², refere-se à Capela de São Miguel Arcanjo e a Brunhosinho⁴³³, cidade natal do depoente. Gerente da empresa “Usina de Beneficiamento Laticínios Gege Ltda.”, e dirigente da Associação Cultural “Casa de Brunhosinho”⁴³⁴ e residente em São Miguel desde 1961 e em São Paulo desde 1953, promoveu ações para estampar na caixa de leite longa-vida de sua empresa, a Capela de São Miguel Arcanjo, com os dizeres:” No Coração de São Miguel Paulista, um marco histórico do Brasil”.

As interpretações sobre esse patrimônio, a Capela de São Miguel Arcanjo, são iluminadas por experiências diversas, sobretudo as inscritas em produtos comerciais que cruzam pela cidade de São Paulo e se tornam possíveis fontes históricas para apreender valores, interesses e relações sociais que esses produtos evocam.

⁴³¹ BOSI, Ecléa. Memória da Cidade: Lembranças Paulistanas. In *O Direito à Memória – Patrimônio histórico e cidadania*. DPH, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: DPH/SMC, 1992, p.149.

⁴³² Domingos Pantaleão, em depoimento no dia 24/06/2005, na matriz da empresa, em Vila Curuçá, São Miguel Paulista. Gerente da empresa “Usina de Beneficiamento Laticínios Gege Ltda” – residente em São Miguel desde 1961 e em São Paulo desde 1953. É português, da localidade de Brunhosinho. Possui relações fortalecidas no bairro e traz estampado na caixa de leite de sua empresa, a Capela de São Miguel Arcanjo, com os dizeres: “No Coração de São Miguel Paulista um marco histórico do Brasil”.

⁴³³ Brunhosinho, segundo o depoente, é sua aldeia natal e fica em Portugal, na fronteira com a Espanha.

⁴³⁴ Casa de Brunhosinho é uma associação cultural, dirigida por Domingos Pantaleão, situada em Vila Curuçá, Itaim Paulista. É mantenedora do “Grupo Rancho Folclórico Casa de Brunhosinho”, que realiza apresentações, danças, em festas da comunidade luso brasileira.

Essas ações encaminham à construção de uma memória social elaborada em torno do passado e do presente; trazem lembranças que são veiculadas na estampa, na dança, na festa, no nome e ao fazê-lo transformam a salvaguarda de bens culturais como a Capela de São Miguel Arcanjo, num imperativo para todos aqueles que assumem a responsabilidade sobre eles atribuindo-lhes uma dimensão humana e criando em torno deles uma rede de memórias que se irradia para além do bairro de São Miguel paulista..

A estampa da Capela de São Miguel Arcanjo, impressa na caixa de leite longa-vida da marca GEGÊ, produzido na cidade de Pardinho, interior do Estado de São Paulo,⁴³⁵ traz para o historiador, “a problemática da produção e circulação/apropriação da imagem a fim de, em última instância, criar aquele quadro indispensável para o entendimento de uma “cultura visual” nas suas particularidades históricas”.⁴³⁶ A imagem passa a ser um discurso histórico, interessando à interpretação daquilo que nela aparece, sobre um determinado fenômeno histórico, representado no desenho, na foto, no filme ou qualquer outro suporte em que essa imagem apareça.

Nessa discussão, priorizei a caixa de leite longa vida da marca “GEGE” e o jornal “*Acontece Agora*” porque ambos usam o logotipo da Capela com dizeres semelhantes para apresentação da imagem. No depoimento, o Sr. Domingos, gerente da empresa de leite declarou: “O Divaldo Rosa (dono do jornal) falou: - Eu posso copiar? Eu falei: - Pode, pois se é para o bem da nação diga ao povo que eu fico... é ou não é? Quanto mais divulgação melhor, não é?”⁴³⁷

Além de evidenciar sua intenção em divulgar a Capela através da caixa de leite, o Sr. Domingos apropria-se de uma história passada e os dizeres de D.Pedro, identificando-se com ele e sua idéia de povo e nação. Ele vê a reprodução da Capela na caixa de leite como um ato político.

Essas experiências, vem ao encontro de Bolle, que considera a escrita da cidade como manifestação da cultura, e afirma que “o clima espiritual de uma época, sua cultura e mentalidade não são mais desvendadas a partir de “grandes obras de arte, mas a partir de documentos triviais da escrita e de gestos e comportamentos “aparentemente irrelevantes”.⁴³⁸

⁴³⁵ A matriz da empresa, “Usina de Beneficiamento Laticínios GEGÊ, situa-se em Vila Curuçá – Itaim Paulista.

⁴³⁶ MENESES, Ulpiano T.Bezerra. O Fogão da Societé Anonyme Du Gaz – Sugestões para uma Leitura Histórica da Imagem Publicitária. In *Projeto História 21* – História e Imagem. São Paulo: PUC, 2000, p.106.

⁴³⁷ Domingos Pantaleão em depoimento citado.

⁴³⁸ BOLLE, Willi. *Op.cit.*

Sobre os motivos do uso dessa imagem na caixa do leite, Domingos, relata:

E a gente resolveu fazer essa homenagem a São Miguel... mesmo porque os meus pais que já são falecidos também já assistiram muita missa lá na capelinha, né... então, a gente às vezes acompanhava também às missas e a gente achou interessante colocar isso no leite, mesmo porque, 45 anos em São Miguel, né... então essa homenagem foi prestada por isso... homenageando a Capela a gente também homenageia meu pai porque realmente ele foi... ele gostava muito daqui de São Miguel... e aquilo ficou na gente também...⁴³⁹

A “*capelinha*” para o depoente compõe um espaço de pertencimento ao bairro e revela relações afetivas herdadas. Indica o empenho em preservar, manter vivos esses lugares carregados de memória da Capela de São Miguel Arcanjo, atrelado ao esforço em preservar a memória dos que partiram e que permite uma ligação do passado ao presente. Além disso, são também elos afetivos evocados pela moradia no bairro de São Miguel Paulista. Recorda-se do período em que imigrou para o Brasil em função de parentes aqui residentes e do fato de ser bem recebido; segundo ele, “São Miguel, assim a gente considera a casa da gente”.⁴⁴⁰ No bairro está, portanto, a sua história e de sua família.

Rememorando o passado a partir de ações do presente, o depoente relata suas experiências desde 1961, época em que migrou para São Miguel Paulista. Conta que veio para o Brasil “por causa daquela guerra de Angola, entre 50 e 53” e “graças a Deus estamos até hoje, sempre fomos bem recebidos por todos” e continua: “Graças a Deus, a gente conseguiu ter grandes amizades, ter um convívio na sociedade... e a gente respeita e é respeitado”.⁴⁴¹

Com as recordações da chegada ao bairro, relembra do período em que, quase uma criança, veio para o Brasil e manifesta sua percepção sobre a juventude atual, que vive referências urbanas diferentes daquelas vividas em outro tempo, e que dá outros valores para a constituição familiar:

É, um garotinho ainda ... naquele tempo, quinze anos de idade ainda...vivia agarrado na saia da mãe, né... hoje não, né... hoje é diferente... naquela altura...mas eu vim pra casa de um tio meu, né ... depois procurei a vida por aí e graças a Deus começou a dar tudo certo...⁴⁴²

As imagens visuais possuem uma lógica própria diferenciada do texto escrito e é um desafio para o historiador analisá-las como forma de representação e documentação. A caixa de leite longa-vida GEGER apresenta o desenho da Capela de São Miguel numa

⁴³⁹ Domingos Pantaleão, em depoimento citado.

⁴⁴⁰ Idem.

⁴⁴¹ Idem.

⁴⁴² Idem.

embalagem cujo desenho foi oferecido por Vera Fausto⁴⁴³ e, segundo o depoente, retirado de um documento da Diocese de São Miguel Paulista e que apresenta os dizeres:

IGREJA DE SÃO MIGUEL PAULISTA – A capela foi construída no século XVI pelos índios e reconstruída pelos padres jesuítas João Álvares e Fernão Munhoz. Possui em seu interior uma mesa de comunhão considerada uma das mais antigas do Brasil. No Coração de São Miguel um Marco Histórico para o Brasil.⁴⁴⁴

Ao permitir a interlocução entre leitor/consumidor, a estampa e os dizeres mostram a presença da Capela e a projeção nacional do bairro de São Miguel Paulista, por abrigar no seu interior um marco da história do Brasil. É uma ação que toma formas particulares pela qual se afirma a tradição e a memória do bairro, informando aos consumidores aspectos do bairro e da cidade como detentores de um patrimônio cultural digno de ser divulgado e conhecido. Nesse sentido, a imagem exerce a condição de difusão da Capela aos consumidores, valendo destacar a importância de tal ação como forma de reconhecer, divulgar e conseqüentemente preservar esse bem cultural. Há nessa ação uma concepção de história que evoca um passado distante e que destaca como sujeitos jesuítas e índios. A embalagem ganha sentido próprio, ao mesmo tempo que revela a preocupação do Sr. Domingos com uma visão da história em que ele próprio e seus familiares se incluem.

É significativo levar em conta os interesses que envolvem a preservação de uma história local, na caixa de leite longa-vida que ocupa espaços do dia-a-dia dos paulistanos, misturadas às necessidades colocadas pelo universo mercantil e impostas pela propaganda. Por outro lado, adotar esse ponto de vista no mundo moderno é muito difícil; o olhar é hoje, segundo Bolle, mercantil, da propaganda e desmantela o espaço da contemplação desinteressada. Propaganda e publicidade enquanto idioma da cidade moderna encontram-se numa posição de esmagadora superioridade; são submetidas às regras da economia.⁴⁴⁵

No ano de 2006, a caixa de leite ganhou novo visual. A imagem da Capela aparece representada numa fotografia na parte de trás da caixa de leite,



Figura 12 – Embalagem da caixa de leite tipo “Longa Vida”, do laticínio Gege.

⁴⁴³ Segundo o depoente, Vera Fausto e a filha do ex-deputado estadual Fausto Tomaz de Lima.

⁴⁴⁴

⁴⁴⁵ BOLLE, Willi. *Op.cit.* p.138.

apresentando os mesmos dizeres da embalagem anterior. Segundo o depoente, foi a empresa Tetra⁴⁴⁶ quem desenvolveu a embalagem. Houve uma mudança em toda a embalagem, que se apresenta mais colorida e que atende ao apelo de consumo, por chamar mais atenção. Segundo o senhor Domingos, “assim vai ficar mais exposto, dum lado e do outro. Se nós colocássemos do lado, não teria visibilidade da igreja...”. Essa ação do depoente, traduz uma procura de comunicação com os consumidores que vai além do consumo do leite. Há nessa comunicação, uma demonstração da compreensão de enfatizar o “direito ao passado”, que desapercebido, passa por nós apesar de tão próximo e por outro lado, o desenvolvimento do aparato de mercado e da linguagem da propaganda coloca-se como forte pressão para renovação do visual da caixa de leite. Acompanho, desse modo, as ações que resultam em produtos que evocam memórias da Capela. Os produtos apresentados ganham sentido e são compartilhados não só como resultado final, mas como elaboração do dia-a-dia, marcados por tensões e negociações.

Mais uma vez, o Sr. Domingos reitera seu interesse em dar visibilidade à igreja, o que o motiva a colocá-la como imagem na caixa de leite. Apresenta, também, estratégias para desenvolver a embalagem, justificando que antes “era bem simplinha” e “como nosso leite é muito bom, vamos desenvolver uma embalagem mais bonita”⁴⁴⁷, apresentando estratégias de marketing para divulgação e sedução do consumidor com a mudança da embalagem, que interfere na forma como se perpetua a memória da Capela. A imagem deve ser atraente, para sensibilizar o leitor/consumidor e conduzir seu olhar para aquele bem patrimonial.

É notória essa preocupação com a venda do produto atrelada ao aspecto da embalagem, quando o depoente afirma que a empresa vai esgotar no mercado a embalagem antiga, para depois lançar a nova, “porque temos algumas embalagens antigas... porque essa embalagem é bem atrativa, né ... então a gente tá com medo que às vezes, ah essa embalagem velha...”⁴⁴⁸

Descreve os caminhos percorridos na busca de possibilidades de se fazer a embalagem, apoiando suas lembranças na caixa da “embalagem antiga”: “aqui é a

⁴⁴⁶ A empresa Tetra Pak desenvolve embalagens para acondicionar e preservar alimentos. Em 1961 foi criada a embalagem tipo “longa vida” pelo Dr. Ruben Rausing, que uniu os conceitos de ultrapasteurização e embalagem asséptica, criando a embalagem que protegeria o leite sem necessidade de conservantes e refrigeração. Hoje a Tetra Pak está e presente em mais de 165 países, é uma organização global que produz sistemas interligados para processamento, envase, distribuição e embalagens cartonadas para alimentos como leite e derivados, sucos, chás, derivados de tomate, cremes, molhos e outros. <http://www.tetrapak.com.br/sobre/historia/index_historia.asp>.

⁴⁴⁷ idem

⁴⁴⁸ Domingos Pantaleão em depoimento citado.

capelinha, em cima tem o sol, em cima tem uma cruz, né... mas é só riscos, você não vê parede, nada”. Em outro momento, declara a opção pela mudança do desenho pela foto, “...mas aqui nesta, que nós estamos colocando, ele vai trazer, é foto mesmo...” Nesse universo, o desenvolvimento da linguagem comercial da propaganda e da imprensa comercial, emergem como questões fundamentais para a compreensão das novas redes de comunicação social e de consumo. Nesse caso, a fotografia parece ganhar um valor mais representativo que o desenho, evidenciando para o depoente, semelhança com o real e, portanto, desempenhando melhor o papel de apresentar esse bem cultural.

A propaganda do leite GEGE circulou no jornal “Primeira Página – História do Itaim”⁴⁴⁹, publicado em comemoração ao aniversário de Itaim Paulista apresentando, ao lado da caixa de leite, a figura da Capela de São Miguel Arcanjo, sem qualquer apresentação por escrito. Apenas a estampa aparece, mostrando que o espaço da propaganda dá visibilidade ao produto, estabelecendo um movimento de mão dupla entre a linguagem da mercadoria e a cultura impressa. Ao mesmo tempo, o fato de não aparecer escrita sobre a Capela indica que os consumidores do leite ou do jornal já estão familiarizados com esse símbolo religioso, que já lhes é significativo. Mais uma vez, a questão da divisão em subprefeituras aparece. Nesse caso, a empresa de leite homenageia um bem cultural de São Miguel Paulista, porém pela nova divisão administrativa, a empresa situada na Vila Curuçá pertence à Subprefeitura de Itaim Paulista. Isso possibilita pensar em divisões feitas pelo poder público, que nada têm a ver com as experiências cotidianas, ou com aquilo que vários sujeitos elegem como lugares significativos para eles.

Domingos relata essa experiência da estampa da Capela e, ao mesmo tempo, agrega outras informações sobre a embalagem:

É o pessoal da Tetra quem desenvolveu a embalagem, né. Aí eles fazem de acordo com o que o dono da empresa pede... como ele pede... (...) aí tem uma receita de bacalhau no leite, já viu ali... (...) tem duas receitas, a cada quatro meses vai sair uma... tinha que ser bacalhau, né?

Domingos também se apóia na sua experiência de vida para lembrar outros momentos dessa experiência, ou seja, sua ligação com Portugal, seu país de origem, quando relata: “ Porque a nossa embalagem antes era bem simplinha, né... aí o pessoal.

⁴⁴⁹ Jornal “Primeira Página – História do Itaim” maio/2007. Circulação Itaim Paulista e região. Diretor Executivo: Sérgio M.Miranda. O jornal contém doze páginas, que contam a história de Itaim Paulista, relatam acontecimentos do bairro e a programação das festividades em comemoração ao 27º aniversário de emancipação de Itaim Paulista. Contém também, diversas propagandas de comércio da região e dentre elas, a propaganda do leite GEGE, p.5.

Ah! Vamos desenvolver, nosso leite é muito bom, vamos desenvolver uma embalagem mais bonita ... e essa porcaria aqui tanto lembra o Brasil como lembra Portugal, né... e a vaquinha também, né... “.

Esse movimento progressivo de articulação com a propaganda pode ser percebido pela evolução da diagramação da caixa de leite, firmando outras práticas de marketing mais bem cuidadas, mais chamativas, mais coloridas, com a fotografia substituindo o desenho, transformando-se numa peça publicitária em que a foto passa a compor uma linguagem que dá outra visibilidade ao produto e à Capela. É um trabalho gráfico de fácil compreensão e assimilação, que divulga o produto e, ao mesmo tempo, a Capela.

O depoente, apesar de demonstrar essa preocupação em perpetuar a memória da Capela, revela, “faz bastante tempo, acho que uns oito anos que eu não vou lá na igreja, né...”⁴⁵⁰. Usa dessa estratégia para recuperar o passado, criando um espaço simbólico e visual no qual materializa a Capela distante, numa presença viva e diária. O depoente ao dizer “e essa porcaria aqui tanto lembra o Brasil como lembra Portugal” refere-se a estampa da frente da caixa do leite, que tem uma gravura bucólica, campesina, com uma vaquinha pastando, permitindo a alusão aos campos tanto do Brasil, como de sua terra natal. Mais uma vez, a memória se apóia na conservação de vestígios do passado elaborados no presente, de acordo com quem os vivenciou.

Ainda sobre essa ação, o depoente demonstra as tensões envolvidas na produção da embalagem quando relata que o prefeito de Pardinho (município onde fica a usina de beneficiamento do leite) quando viu a estampa falou: “ – Pô, desmancha isso aí, a fábrica não é nem em São Miguel, a fábrica é aqui em Pardinho, põe então a nossa igreja”.⁴⁵¹

E Domingos continua: “Uma igreja muito bonita também, acho que foi construída pelos franceses, uma igreja muito bonita... ah! Não, lá é outro valor que tá dentro da gente... não é por causa disso nem daquilo...”⁴⁵²

Podemos compreender que o que interessa ao Domingos, não é uma igreja bonita para merecer destaque na embalagem do leite, mas sim a igreja com que ele tem vínculos afetivos, que remete ao passado, aos seus familiares, às lembranças de outros tempos vividos. Não é, portanto, qualquer igreja que preencherá o espaço da caixa de leite e sim a igreja que para ele tem um significado especial: “A Capela de São Miguel Arcanjo”, ainda que, saibamos que esta ação incorpora um conjunto de meios para tornar a empresa ou a

⁴⁵⁰ Domingos Pantaleão, em depoimento citado.

⁴⁵¹ Idem.

⁴⁵² Idem

marca do leite conhecida, vendendo o produto ou valorizando-o, ou seja, é uma tática mercadológica, tendo em vista que a imagem evidencia o bem arquitetônico e o que ele representa, como valor simbólico para os que vivem em São Miguel Paulista. Nesse sentido, a dualidade é dinamizada pelos valores afetivos e mercadológicos e leva a percepção de que o bem cultural exerce muitas funções sendo a mercantil apenas uma delas. Pode-se dizer, portanto, que essas dinâmicas constituem-se em formas locais de enraizamento, definidas por experiências locais representadas por movimentos que afirmam o lugar, numa época em que a cultura se desterritorializa e as cidades se reordenam para formar sistemas transnacionais.⁴⁵³

O Sr. João Feher (segurança da Capela) no seu depoimento, relata a repercussão da ação sobre a estampa da imagem da capela na caixa de leite:

Olha, agora eu vou fazer um comercial, mas é... não é bem um comercial... o única divulgação que a gente tem aí, através dessa divulgação muita gente que não conhecia essa igreja veio através dessa divulgação veio conhecer... é o leite que tem aí, o leite Gege não sei se a senhora já viu no supermercado? Isso, eu até gostaria de... parabenizar o dono desse laticínio diz que são uma família de portugueses, né?⁴⁵⁴

O olhar mais abrangente e minucioso das interações urbanas, relativo à circulação da caixa de leite observado por João, revela que as identidades se estruturam em torno de marcas históricas compartilhadas dentro de um espaço do bairro, no cotidiano dos que habitam a cidade, que se articulam para preservar culturas locais.

Por outro lado, o Sr. Domingos relata que algumas pessoas ligam para a empresa para questionar o porquê da igreja na caixa do leite:

Eu falei, não, não tem significado nenhum, é questão de prestar homenagem a São Miguel, e a minha família sempre morou aqui, então a gente dá esse tipo de explicação. Mas tem muita gente que liga pra saber, principalmente porque a igreja é católica, né e uma coisa, o pessoal sabe igreja, a capelinha é católica e não é evangélica... não minha senhora, não tem nada a ver... vocês não adoram a Deus, então, a gente também adora a Deus e tudo vai pro mesmo caminho... e tal. Ah, então tá bom é que pensei que tivesse outro significado, que podia ser... não sei o que as pessoas pensam também, né. Aí se procura, não é que eu queria só saber, porque eu dou pra o meu filho... e acha que tem alguma coisa.⁴⁵⁵

Nesse sentido, nessas ações aparecem dimensões do viver urbano, num apelo que enfatiza a qualidade de leite e destaca a importância do bem cultural que a ele está

⁴⁵³ CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos - Conflitos multiculturais de globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. Sobre o assunto, Canclini aponta dois movimentos atuais: daqueles que crêem que o global se apresenta como substituto do local e dos que não acreditam que o modo neoliberal de nos globalizarmos seja o único possível. Para ele, nada disso existe ou se transforma a não ser porque os homens se relacionam e constroem significados em sociedade. É necessário então, dirigir-se ao núcleo daquilo que na política é a relação social: o exercício da cidadania, p. 34.

⁴⁵⁴ João Feher, em depoimento citado.

⁴⁵⁵ Idem.

associado e outro que questiona os elementos religiosos que se desencontram de outros modos de viver, de crer. Os evangélicos não se sentem ali representados; questionam a presença da Capela na embalagem do leite, por inscreverem-se no mesmo espaço de consumo, porém não se identificando com a imagem que o produto de consumo veicula.

O depoente reelabora sua memória e a apóia em fatos importantes ocorridos em São Miguel, como a construção da catedral e as transformações ocorridas desde o período em que começou a trabalhar em São Miguel Paulista.

É, eu acho que a nossa obrigação mais foi essa mesmo... quando nós viemos com o leite aqui pra São Miguel, a São Paulo Rio não tinha asfalto... a Arlindo Colaço não tinha asfalto, era tudo barro, né. Então a população de São Miguel já era bem grande ... Foi mais ou menos em mil novecentos e sessenta e dois ... sessenta e três. Tava construindo a catedral ... Então, o negócio é o seguinte, não tinha leite, aí nós falamos, ah! Então vamos colocar... a gente pegou a distribuição do leite e começamos a entregar o leite por aqui... não tinha leite em São Miguel, os caminhões não vinham pra cá, da Penha pra cá não vinha ninguém...⁴⁵⁶

O depoente revela perspicácia de quem percebe o potencial de mercado existente em São Miguel Paulista e ainda demonstra o preconceito dos que não moravam no lugar, ao falar de um bairro distante, violento já naquela época, como indica o depoente:” Não... São Miguel é violento, já naquela altura, né. Então é, é... eu tinha aqui em mil novecentos e cinquenta e cinco eu tinha, eu tinha uma freguesia de pão lá na cidade e o pessoal lá questionava: - pô, mais você... e eu... não, mas... é ali perto, né... então o pessoal falava: - Pô, vocês moram em São Miguel, um lugar isso, tal, sabe, aquela coisa toda,né”. Mesmo sem especificar exatamente o que seus conhecidos diziam, dá para entender nessas ausências de fala, que o depoente se refere à distância do bairro em relação ao centro da cidade; à falta de estrutura como saneamento, às ruas de terra, à ausência de transporte; e ainda, a uma característica pela qual o bairro era conhecido, a violência. Essa percepção indica que existiam lugares que eram aquinhoados pela administração da cidade, com outros tipos de estrutura urbanística, mais condizente com o favorecimento do bem estar de seus moradores.

No entanto, o depoente reitera os laços de sociabilidade formados em São Miguel Paulista, onde teve outros tipos de comércio e o lugar que encontrou para sobreviver no Brasil, numa narrativa que vai na contramão dos discursos que desvalorizavam o bairro.

Então às vezes aquilo é que ficou nós mora em São Miguel, porque eu nunca tive problema em São Miguel, mesmo em matéria de amizade, a convivência, pra mim sempre foi, sabe, então... por que que vocês falam isso? Então, tive padaria em São Miguel ali onde é Casas Bahia, na Arlindo Colaço com a São Paulo Rio, né ... aquela padaria foi nossa, nós compramos o prédio do ... a

⁴⁵⁶ Domingos Pantaleão, em depoimento citado.

“Monte Castelo” e depois nos vendemos pra Casas Bahia... então nós nunca tivemos problema aqui, pô, então tem que gostar, né?Aí, graças a Deus a gente... É, atender e sobreviver também, né... e foi muito bom pra nós, graças a Deus...⁴⁵⁷

Sobre sua devoção a São Miguel, o depoente afirma que “não escolhe o santo” e que o “anjo da guarda é aquele mesmo”: ... Nossa Senhora Aparecida, Nossa senhora de Fátima, né... A padroeira lá da nossa aldeia lá em Brunhosinho é Santa Bárbara e São Sebastião...são as duas festas anuais que tem lá na nossa aldeia onde eu nasci. Ainda nessa intenção de manter laços identitários o depoente afirma que ajuda a manter a “Casa de Brunhosinho”:

A gente ajuda, né ... porque se não essas comunidades também não sobrevive... você tem ir mantendo ...tem os meninos que dançam aí e a gente vai mantendo, tem a juventude aí também, se livra às vezes de certos caminhos... que se desviam às vezes, também...

E termina seu depoimento falando de sua terra natal: “ Ah, mas é muito bom, é muito bom ... é muito bom ir lá ... já faz cinco anos que não vou... já estou com saúde...”. A narrativa é também uma forma de viver Brunhosinho no presente.

O Jornal “Acontece Agora”, também usa como logotipo a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo. Possuindo registro no Instituto Nacional de Propaganda Industrial (INPI), sob nº 1822 de 06 de dezembro de 2005 e fundado em São Miguel Paulista em 1991, pelo Sr. Divaldo Rosa, que afirma tratar-se do maior jornal regional da Capital de São Paulo, com distribuição gratuita, possuindo 14 anos de circulação quinzenal e tiragem média de 50.000 exemplares por edição. Divaldo Rosa, presidente fundador do Grupo “Acontece Agora de Jornais e Revistas” 49 anos, nascido em Tupaciguara (MG) veio para São Paulo com quinze anos e após morar em alguns bairros veio para São Miguel Paulista em 1989, “lugar que adotou de coração”⁴⁵⁸. De acordo com o Sr. Divaldo, ao pensar em um logotipo para seu jornal avaliou entre a Capela de São Miguel Arcanjo e a Igreja do Rosário na Penha e concluiu que a Capela de São Miguel Arcanjo seria mais representativa, daí escolhê-la como logomarca de seu jornal, que faz parte de um grupo de imprensa da região⁴⁵⁹. Não foi possível gravar o depoimento do Sr. Divaldo porém ele

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ Divaldo Rosa, em depoimento no dia 20/07/2007, 49 anos, nascido em Tupaciguara (MG), morador de São Miguel desde 1989. É formado em economia e Ciências Contábeis é diretor fundador dos jornais “Acontece Agora” e “Folha do Curuçá”

⁴⁵⁹ O Grupo Acontece de Jornais e Revistas, é formado pelos jornais “Acontece Agora” e “A Voz do Curuçá” pela revista “Acontece Leste” e “Ong IDV” (Instituto Cultural e Educacional Direitos de Viver). No período de 14 anos de existência, já foram distribuídos gratuitamente, mais de sete milhões de exemplares de jornais e revistas, constituindo-se num dos mais respeitados grupos de comunicações da Zona Leste.O Jornal “Acontece Agora” tem periodicidade quinzenal, com distribuição gratuita em São Miguel paulista e região. Segundo o Sr. Divaldo Rosa, quem faz a distribuição são pessoas ligadas às

autorizou-me a escrever alguns trechos de nossa conversa telefônica e indicou o site da empresa, bem como a revista para coleta de alguns dados.



Figura 13 – Imagem da Capela como logotipo do jornal.

Divaldo Rosa, aponta para aspectos de transformação da zona leste da cidade de São Paulo. Menciona a interligação da Av. Jacu Pêssego a Santo André que ao estar terminada vai ser uma nova artéria de ligação com outras regiões da grande São Paulo, o que proporcionará à região, novas perspectivas econômicas.

As intenções evidenciadas pelo Sr. Divaldo Rosa, indicam uma visão empresarial que prevê para a zona leste da cidade um pólo de concentração de recursos e consumo dado o crescimento dos investimentos financeiros nessa região, aliados a uma rede viária que permitirá a comunicação com outros locais da cidade e municípios próximos. Dessa forma, o jornal veiculado nessa região com possibilidades comerciais garantidas é um empreendimento bem sucedido e a Capela de São Miguel Arcanjo, como logomarca do jornal e do “Grupo Acontece de Jornais e Revistas” também circulará, através desses bens de consumo por outras paragens, não restritas à região do bairro de São Miguel Paulista, refletindo um movimento dinâmico que é inerente ao próprio veículo de comunicação do qual ela é símbolo.

Diante do exposto, encontramos a Capela de São Miguel Arcanjo estampada em diferentes suportes que fazem com pensemos no registro escrito como uma das modalidades para interpretar as questões ligadas ao patrimônio cultural e reconheçamos que há outras fontes, não necessariamente ligadas às fontes oficiais que apontam para ações de sujeitos que, ao divulgarem a Capela através de seus produtos, evidenciam um recurso da propaganda mas também, preservam a memória da Capela de São Miguel Arcanjo.

3.2.1. “Outras memórias... outras histórias” de São Miguel e da Capela⁴⁶⁰

Outras experiências que evocam a Capela de São Miguel Arcanjo de forma diferenciada daquelas que apresentei até aqui, são abordadas nas discussões, buscando enfatizar o caráter ativo da memória, e perceber os espaços e formas por meio das quais essas memórias constituem sua materialidade.

3.2.1.1. “Escola de Samba Unidos de São Miguel”

*... esses anos... até... são anos
bons, vividos por nós, anos de muita experiência, mas uns anos muito
duros... muito duros mesmo...*

Almir

Dentre a multiplicidade de práticas que emergem de uma memória social baseada em valores locais, quase familiares, e expressam diferentes modalidades de organização que têm a Capela de São Miguel Arcanjo como referência simbólica, destacam-se as atividades do “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel” fundado em 25 de junho de 1977 para a “divulgação e promoção de atividades recreativas e de toda e qualquer manifestação de arte e cultura popular brasileira, por meio de participação em torneios e competições esportivas, rodas de samba, desfiles e concursos de escolas de samba e datas cívicas.”⁴⁶¹

Considerada por Mário Chagas como espaços culturais polivalentes onde, “a cultura brasileira tem raízes: lazer, educação, arte, economia e esporte estão unidos; velhos, adultos, adolescentes e crianças celebram a vida, o aqui e agora, a sobrevivência e a resistência cultural”⁴⁶² e levando em consideração que a escola de samba preserva o lugar social, os grupos locais e o patrimônio cultural, abrindo um caminho para melhor entendimento de nossas experiências, das tradições populares e das memórias de camadas sociais geralmente não privilegiadas por estudos dessa natureza, é que as atividades da Escola de Samba Unidos de São Miguel merecem destaque neste estudo.

⁴⁶⁰ O título “Outras memórias... outras histórias” foi inspirado no livro “*Muitas Memórias, Outras Histórias*”, FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs), São Paulo, Olho D’Água, 2004.

⁴⁶¹ Conforme Ata nº 01 de Fundação do “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel” registrada sob nº 8278 do Registro Civil das Pessoas Jurídicas - 1º Cartório de Títulos e Documentos, São Paulo, 19 de julho de 1977.

⁴⁶² CHAGAS, Mário. A Escola de Samba como lição de processo museal. In *Caderno Virtual de Turismo*, vol. 2, nº 2. Rio de Janeiro, FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), 2002.

As questões levantadas sobre a escola de samba foram obtidas em entrevistas e conversas informais, sendo os entrevistados os sambistas que compõem a agremiação e que ocupam uma posição na estrutura da escola, participando das reuniões, festas, ensaios e estabelecendo vínculos de amizade, além de estarem inseridos num sistema de relações de fidelidade para com a agremiação. Almir José dos Santos, um dos participantes, conta como foi o início da escola, originada a partir de um time de futebol:

...nós tínhamos um time de futebol, futebol de salão, na época de 73, 74, de nome Timbuca e todos nós já de uma forma ou de outra fazia um sambinha, um cantava e enquanto pessoas que eu falei, [...] outra pessoa comprou um instrumento, o Elias comprou um instrumento no intuito de fazermos um samba na quadra, enquanto estivemos jogando, o time era bastante popular, né, o time era muito bom e passou a participar muita gente a vila inteira começou acompanhar, não só no campo, não só nas quadras, mas como no retorno, porque tínhamos o samba, e normalmente eram sambas dos outros, sambas de outras escolas, sambas mesmo que [vinham] tocando e nisso foi se criando uns sambinhas, um fazia... outro... nós tivemos a felicidade de na época vários intérpretes, vários, vários, vários intérpretes mesmo. Um dos mais conhecidos é o Heraldo, que foi presidente, que infelizmente não se encontra mais conosco, mas a história é muito grande. Por intermédio do Timbuca, do time de futebol, com esses três instrumentos, aí desencadeou a participação de toda a vila, já existia a 1ª do Itaim, a 1ª do Itaim já existia, e isso já ajudou também, porque o samba já estava perto, 1ª do Itaim já tinha e a escola [...] do Jacuí também e esse grupo de bloco passou a necessidade de desfilar também...⁴⁶³

No depoimento, percebe-se como novas configurações vão aparecendo no viver urbano, decorrentes de dinâmicas sociais já instaladas, como o samba e o futebol, permitindo o estabelecimento de novas formas de organização e construção de significados, como a formação do bloco carnavalesco. Essas ações revelam ainda, relações sociais que são estabelecidas com outros bairros, principalmente aqueles próximos a São Miguel Paulista, como Itaim Paulista e Vila Jacuí, que serviram de apoio, já que possuíam escola organizada, para que o bloco carnavalesco de São Miguel se constituísse como escola de samba.

E o depoente continua sua reflexão, mostrando como novos hábitos vão surgindo no bairro, em virtude das transformações urbanas.

O futebol sempre imperou, o esporte sempre imperou aqui na nossa vila. Time nós tínhamos tanto à torto, pra lá e pra cá nós trombávamos em campo. Tinha bastante campo pra nós naquela época. Então o futebol era o esporte que mais praticava mesmo. Depois desse futebol de campo veio o futebol de salão e dessa época que o futebol de salão surgiu, surgiu o Timbuca por intermédio do Timbuca a vontade do samba, a descontração depois dos jogos e durante os jogos também, a compra de alguns instrumentos, a adesão de outras e outras

⁴⁶³ Depoimento de Almir José dos Santos, 40 anos, vendedor, morador em São Miguel desde 1964, nascido em Itabuna (BA), estudou na escola Senai da Nitro Química e participa do “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel” desde a sua fundação. Atualmente cuida da ala das crianças, porém já exerceu outras funções dentro da escola. Depoimento concedido à pesquisadora em 08/04/2007, na casa de Aidil Celeste da Silva, em São Miguel Paulista.

peças, e aumentando o número de instrumentos, aumentando o número de pessoas, a formação do bloco e... [...] na época, era coisa que estava aparecendo, entendeu, as quadras, o futebol de salão... [...] ⁴⁶⁴

As transformações oriundas da ocupação dos espaços do bairro, com o aumento populacional, fizeram com que locais antes utilizados como campos de futebol, os chamados “campos de várzea” fossem ocupados por novas construções, obrigando seus usuários a procurar novas formas de organização e lazer, concentrando suas atividades em quadras fechadas para a prática do “futebol de salão” e a organização de atividades para formação de bloco carnavalesco, que depois passou a ser uma agremiação.

Esses lugares de lazer e diversão, especialmente o futebol, aos poucos foram se alterando, contudo essa renovação foi acontecendo para que espaços de socialização e diversão continuassem existindo. Almir prossegue seu relato demonstrando a necessidade da formação da escola de samba, oriunda do sucesso do time de futebol e da capacidade de organização gerada dentro do próprio grupo para que surgisse uma outra associação, com outros objetivos:

E depois a própria necessidade. Tivemos um time de futebol, fomos campeão na própria Nitro Química, em 78, ou foi 77 mesmo, quer dizer, uma história muito grande, na época nós fizemos uma festa da cerveja, nós trouxemos a Dona Zica aqui, não foi...Um intérprete nosso foi até o Rio de Janeiro, no programa do Chacrinha, né, cantar o nosso samba. Aí já estava bem mais... Então vem da formação da escola ela vem bem disso, do futebol, por intermédio do futebol a necessidade do próprio lazer da gente, que a gente gosta de samba na mão, batia no copo, na garrafa, aí os instrumentos foram chegando e cresceu mais em função do futebol, a cada vez que o futebol ficava mais interessante as pessoas iam participando e nisso o número dos instrumentos foi surgindo... Na vila Nitro Operária. Foi fundada na vila Nitro Operária... ⁴⁶⁵

No relato, o Rio de Janeiro aparece como referência na formação das escolas de samba e o orgulho em poder dividir a história da escola com figura consagrada do samba carioca como a Tia Zica da Mangueira ⁴⁶⁶ e participar do programa do Chacrinha ⁴⁶⁷, programa popular de grande audiência na época. A participação de artistas consagrados

⁴⁶⁴ Almir José dos Santos, em depoimento citado.

⁴⁶⁵ Idem.

⁴⁶⁶ Dona Zica era uma das últimas remanescentes da “velha guarda” do samba da Mangueira e foi um ícone na escola, no morro, no Rio de Janeiro, no país e no mundo. Dona Zica foi casada com compositor Cartola, uma das mais famosas e queridas personalidades da música brasileira. Dona Zica faleceu em 22/01/2003. Fonte: Folha On Line de 22/01/2003. Acesso em 14/07/2007.

⁴⁶⁷ Chacrinha José Abelardo Barbosa de Medeiros (Surubim, 20 de janeiro de 1916 — Rio de Janeiro, 30 de junho de 1988), o Chacrinha, foi um comunicador de rádio e televisão brasileiro, além de apresentador de programas de auditório, sucesso na TV dos anos 50 aos 80. Fonte: Wikipédia, a enciclopedia livre. Acesso em 14/07/2007.

transforma-se em elemento de aprovação para os sambistas de São Miguel, simbolizando um caminho de conquistas no universo carnavalesco.⁴⁶⁸

Essas experiências sociais forjadas dentro dos espaços do bairro sinalizam para o dinamismo das relações reveladas pelos locais de trabalho, conquista de formas de lazer, busca de espaços para manifestações, organização de festividades, compra de instrumentos, o uso dos espaços do bairro como a Vila Nitro Operária⁴⁶⁹, dando oportunidade de se pensar as relações sociais, temporais e espaciais, imbricadas entre si.

O depoente também se refere às dificuldades em conseguir local para ensaio:

... e uma ... que eu fiquei... a escola foi ali no mercadão também, fazia um samba, que ali reunia para fazer, no mercadão, realmente para fundação da escola... é no mercado municipal nós ficamos um resto aí, um ano, acho que foi 77 mesmo, 77 nós ficamos na frente do mercado municipal mesmo onde tem as barracas, onde está fechado, era ali que permitiam que a gente ensaiasse... escola nunca parou, sempre desfilou direto...nunca parou...⁴⁷⁰

E faz questão de frisar que a escola nunca parou, ou seja, mesmo com as dificuldades encontradas, o desfile sempre aconteceu, apontando para o poder de resistência ao enfrentar as dificuldades, para a força que a organização social do carnaval induz, para a capacidade de negociações diante das situações conflitivas, capazes de gerar soluções originais e criativas.

Maria de Lourdes da Silva, diretora social do grêmio recreativo, moradora em São Miguel há trinta anos, relata experiências que a escola enfrentou para conseguir se manter em funcionamento e apresentar o carnaval:

Uma vez que a escola quase que não ia desfilar, em quarenta dias nós fizemos o desfile. Na época do João Carlos, ninguém queria, ficou aquela briga mas em 40 dias nós fizemos o carnaval e colocamos o carnaval na rua... [...]Teve um ano que um carro nosso ficou preso na Dutra, o Altieri teve que arrumar um comandante aqui para ele conseguir levar nosso carro para lá. Teve um ano as roupas que nós usávamos não é, que [...]tivemos a infelicidade de um no trajeto de volta dos carro alegórico nós perdemos um membro da escola

468 (...)A partir do carnaval de 1968, as escolas de samba paulistanas passaram a ser estruturadas de acordo com o modelo carioca. As balizas foram relegadas em favor da comissão de frente; o estandarte definitivamente substituído pela bandeira acompanhada por mestre-sala e, tornou-se obrigatória a presença das “baianas”. O enredo assumiu importância capital, passando a definir toda a montagem do desfile. A expressão “ala” torna-se corrente para designar grupo de componentes representando parte do enredo ou não e a denominação de “bateria” passa a substituir a de “bataque” para o conjunto instrumental. Ficou definitivamente abolida a participação de qualquer instrumento de sopro na parte musical(...) SIMSON, Olga Rodrigues Von, *Branco e Negros no Carnaval Popular Paulistano*, São Paulo, 1989, tese de doutorado, FFLCH-USP, *apud* SOARES, Reinaldo da Silva, *O cotidiano de uma escola paulistana: o caso da Vai-Vai*, USP: FFLCH, dissertação de mestrado, 1999, p. 40.

⁴⁶⁹ Depoimento de Almir José dos Santos

⁴⁷⁰ Idem. O depoente refere-se ao Mercado Municipal Dr. Américo Sugai de São Miguel Paulista.

também, que caiu do carro... são essas coisas que a gente tem que lembrar e fica mais fácil num número maior...⁴⁷¹

Nesse trecho do relato, Maria de Lourdes destaca que ao apoiar sua memória nas lembranças de outras pessoas que também vivenciaram determinados fatos, geralmente difíceis, ficará mais fácil relembrar. Nesse sentido, para a depoente, é preciso ouvir outras pessoas para refazer aquilo que pode ter sido, para fazer ressurgir na latência da memória estes ou outros acontecimentos possíveis, cujas lembranças a memória pode ter barrado, tornando o relato reticente.

Nesse contexto, “o processo de mercantilização das escolas de samba paulistanas que teve seu início na década de 1970, exigiu que essas agremiações tivessem uma estrutura organizacional cada vez mais complexa, pois passaram a mobilizar um número crescente de atores e um grande volume de capitais para realização do espetáculo carnavalesco”.⁴⁷²

Na superação das dificuldades, o amor pela escola, a criatividade e a perseverança jogam com força decisiva, demonstrando como os grupos sociais se organizam e enfrentam situações para resolução dos impasses que se configuram na experiência cotidiana. Almir descreve esse sentimento pela escola, demonstrado pela reverência e pelo respeito à bandeira, considerada o símbolo da escola.

A pessoa que vem de fora, o moço que veio na escola de samba, fez assim: “fico tão admirado, as pessoas beijam a bandeira com um sentimento tão forte, né, as pessoas chegam para dar um beijo na bandeira, com aquele sentimento”... mas isso é uma coisa muito importante, isso é muito forte na vida do sambista. Só quem é sambista que valoriza esse amor que sente pela escola. Porque é um sentimento muito forte que você tem pela escola. Não é assim, ah!! É a escola de samba. Não! É um amor, é um sentimento. Aquilo faz parte da sua vida. Então quando você chega, quando você pega assim a bandeira, se pega realmente com muito carinho.⁴⁷³

A falta de espaço para os ensaios e de um local para realização de reuniões, relatados pelos depoentes, são dificuldades sim, porém, o grupo encontra solução para o problema: a casa de Aidil Celeste da Silva⁴⁷⁴ de 75 anos, que também participa da organização da escola, é usada como sede da agremiação. Desse modo, observa-se como

⁴⁷¹ Depoimento de Maria de Lourdes Silva, diretora social do Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel, nascida em Paranavaí (PR) em 1949, é professora de geografia da rede pública municipal.

⁴⁷² SOARES, Reinaldo da Silva, *op.cit.* p. 40.

⁴⁷³ Depoimento de Almir José dos Santos, depoimento citado.

⁴⁷⁴ Aidil Celeste da Silva, nascida em Caitité (BA) em 1931, morou no Paraná por 40 anos e mora em São Miguel há 30 anos. É uma das fundadoras da escola, sua residência serve de sede para a resolução das incumbências da escola, desde as reuniões da diretoria, até a confecção de fantasias. É mãe de Maria de Lourdes Silva, diretora social; de Alessandra Irene Rodrigues, porta-bandeira e de Cláudio Antonio Amadeu vice-presidente da escola.

lideranças femininas, forçadas pela falta de espaço para se organizar, criam esquemas de reorganização e preparação dos ensaios, transformando a residência em espaço de produção e troca de sociabilidades.

Olha, todo trabalho da escola é feito sempre aqui. Agora os ensaios da escola, nós tínhamos a nossa quadra que hoje nós não temos mais, que era debaixo do viaduto da China, ali do lado do Supermercado D'AVÓ. Esse ano nós acabamos perdendo a quadra...Não, do D'AVÓ daqui, do Itaim. Era ali que nós fazíamos os nossos ensaios. Agora, a organização da escola, [...] roupa, trabalho, está tudo aqui.⁴⁷⁵

E continua seu relato:

... minha mãe, meus irmãos, eu moro ali em cima, mas é fácil participando sempre aqui. Então tudo aqui, as decisões, as reuniões, todas, a gente só faz aqui. Aqui. A documentação tudo vem pra cá. Então aqui realmente é a sede da escola.⁴⁷⁶

Acostumados que estamos, ao carnaval televisivo mostrado pelas grandes emissoras, que propagam grandes escolas de samba que funcionam como verdadeiras empresas, que têm a seu favor todo um aparato midiático, difícil fica compreendermos a luta quase diária, a resistência e a força social que enfrentam as agremiações pequenas, localizadas em bairros longínquos da cidade, para a apresentação do trabalho anual que, às vezes, “é uma exposição de curtíssima duração, mas onde um tema é colocado em pauta, expondo uma idéia, com sons, cores, objetos construídos, indumentárias, músicas, carros alegóricos e mais, os objetos e a exposição movem-se e o público, a partir das arquibancadas, se emociona, participa, canta, dança, vaia e aplaude. É uma lição.”⁴⁷⁷ Desse modo, a residência como local de organização se apresenta como espaço de sociabilidade com delimitação do acesso, definindo quem pode ou não ter acesso espaço, constituindo, dessa forma, espaço de resistência e diferenciação.

Almir conta a trajetória da escola que já foi até do grupo especial e que por dificuldades foi caindo no grupo, porém ao relatar, mostra a persistência dos sambistas ao enfrentar as derrotas e tentar subir novamente no grupo das escolas.

Nós saímos da vaga aberta e fomos até o grupo especial porque ela vai vaga aberta, quarto, terceiro, segundo, primeiro. Hoje nós temos um e depois que vai no especial. Então nós saímos da vaga aberta e fomos até o especial. Depois nós demos uma caída, não é, ficamos lá depois agora já subimos mais um pouquinho e já subimos de novo.⁴⁷⁸

⁴⁷⁵ Maria de Lourdes da Silva, depoimento citado.

⁴⁷⁶ *idem*

⁴⁷⁷ CHAGAS, Mário. *Op.cit.*

⁴⁷⁸ Depoimento de Almir José dos Santos, citado anteriormente.

A luta dos sambistas para a conquista de lugares mais valorizados na classificação das escolas de samba está associada a estratégias de resistência, negociações e ações que se estabelecem num emaranhado de relações sociais que se configuram em tensões, perda de privilégios e em formas de sociabilidades entre os diversos grupos.

Em meio a todas estas questões que a escola de samba faz emergir, como um espaço privilegiado para a reflexão de projetos sociais, de ações educativas e de investimento na memória, aparece a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo no símbolo máximo da escola, que é o seu pavilhão: A “Escola de Samba Unidos de São Miguel”, tem como “símbolo lançado ao centro, trazendo dois sambistas ao centro deste círculo, e ao fundo a Igreja Velha de São Miguel, construída pelos índios, em grafite”⁴⁷⁹

Sobre a escolha desse símbolo, Almir relata:

Quem fez o emblema a gente conseguiu só o nome, não sabe aonde tá... tá entendendo... o motivo pelo qual foi feito... foi feito São Miguel mesmo...Era Ururaí, nós tratávamos muito os enredos nossos eram indígenas, africanos, é Anchieta, né, muito a fundação de São Miguel, muito a origem de São Miguel, a gente tratava assim nossos enredos e nada mais justo, nada mais coerente... [...] É o que eu falei para vocês. Na época nossos sambas eram muito indígenas. Falavam muito do folclore brasileiro e muito de Anchieta e muito da forma que São Miguel foi colonizado... é foi colonizado, foi descoberto e não tinha muita saída a não ser o símbolo [...] que vai a igrejazinha porque nosso samba sempre contou a história de São Miguel. Desde os primeiros...⁴⁸⁰

No símbolo da escola encontramos marcas identitárias que lembram expressões culturais locais, como a Capela de São Miguel Arcanjo e o local onde ela se configura, a praça, os coqueiros; além das danças e folguedos representados pelos bailarinos, com suas roupas coloridas, tocando pandeiro, instrumento representativo do samba e do carnaval. A interculturalidade presente nestas expressões evoca elementos do passado, apresentados na figura da Capela e elementos atuais, o sambista, representados pelo mestre-sala e porta-bandeira, fornecendo um elo entre o hoje e o ontem e ainda, o futuro através da herança cultural preservada nas representações da Capela e dos sambistas. É um exemplo vivo de preservação e transformação.

Um elemento simbólico bastante presente na manifestação carnavalesca é a fantasia, a roupa apropriada para representar determinado setor da escola de samba. Nela, elementos decorativos, o penteado, a dança, a alegoria, os adornos também são marcas identitárias. Desse modo Alessandra, porta-bandeira da escola conta como foi sua roupa no último carnaval:

⁴⁷⁹ Artigo 68 do estatuto do “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Unidos de São Miguel”, pg. 13, registrado no 1º Cartório de Registro de Títulos e Documentos em 19/07/1977.

⁴⁸⁰ Depoimento Almir José dos Santos, citado anteriormente..

Esse ano, como a escola completou trinta anos, a minha roupa de porta-bandeira é exatamente igual a essa (a da bandeira). E o mestre sala veio com uma roupa parecida com essa também. A gente tá fazendo uma homenagem com a própria escola esse ano. Então nossa roupa é igual, mas já saiu toda de vermelho, toda de amarelo, branco e vermelho. Eu não posso fugir dessas cores. Tem que ser sempre com essas quatro cores...⁴⁸¹

O Mestre-sala e a Porta-bandeira têm a honra de conduzir a Bandeira, o símbolo



Figura 14 – Pavilhão da Escola de Samba Unidos de São Miguel

maior da agremiação. A função do Mestre-sala é cortejar a Porta-bandeira durante toda a apresentação, por meio de gestos e posturas elegantes que demonstrem a reverência a sua dama, respeitando e protegendo o pavilhão. O par apresenta uma dança com passos e características básicas próprias,

que vem sendo enriquecida em seus maneios e mesuras, através do tema.⁴⁸² Dessa forma, a fantasia assume importância vital, indica o status dos bailarinos que levam a bandeira da escola e são quesitos⁴⁸³ obrigatórios dentro do desfile. Assim, o cuidado com a roupa da porta-bandeira e do mestre-sala assume importância central e a estampa da Capela remete à idéia de nacionalidade, retirada de um universo religioso, soma-se à estampa dos sambistas e constitui-se num elemento representativo do carnaval.

E Almir completa: “... a gente pode colocar nos quesitos. Que que é os quesitos: a porta-bandeira, a bateria, a comissão de frente. Só pode andar com as cores oficiais. Aí, se quer usar outra cor, vai ter que colocar na bandeira também...”⁴⁸⁴

Apoiada nas lembranças de Almir, Maria de Lourdes relembra como era a primeira bandeira:

...então, foi assim. O pavilhão original, até onde eu me lembro, não sei se o Almir discorda. Ele era dourado, o original, não sei se era o primeiro. O que eu me lembro, que vem na minha memória é que ele era dourado, tinha uns raios vermelhos e o vermelho era um pouquinho diferente do que é hoje. Esse

⁴⁸¹ Depoimento de Alessandra Irene Rodrigues, nascida em São Miguel Paulista em 1972, trabalha como enfermeira e é porta-bandeira da escola. É filha de Aidil Celeste da Silva e irmã de Maria de Lourdes da Silva.

⁴⁸² Fonte: Critérios de julgamento de quesitos das escolas de samba – carnaval 2002.

⁴⁸³ Os quesitos, são condições necessárias para a consecução do carnaval nas escolas de samba. Dentre os quesitos obrigatórios estão: bateria, harmonia, evolução, melodia, letra do samba, mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, alegoria, enredo e fantasia. Fonte: www.prefeitura.sp.gov.br, acesso em 07/08/2007.

⁴⁸⁴ Depoimento de Almir José dos Santos, citado anteriormente.

desenhos dos bonequinhos aí. Aí por um problema aí da escola, a escola teve que sair numa cor azul, porque aqui são as cores oficiais da escola: branco, amarelo, preto e vermelho. São as cores oficiais da escola. Aí teve um ano que eu também não lembro, que eles tiveram que introduzir o azul, na escola. Então eles mudaram a bandeira, onde é amarelo a bandeira ficou azul. Mudaram o pavilhão. Aí depois também por um motivo que eu não me lembro qual, a escola voltou a ser amarela de novo, aí, fizeram essa bandeira aqui.⁴⁸⁵

O depoimento indica que conforme as circunstâncias, as cores oficiais da escola podem ser mudadas, e que portanto as ações de homens e mulheres não são condições fixas, rígidas ou eternas e são experiências que indicam um fazer-se e refazer-se constantes.

Maria de Lourdes relembra o primeiro samba, que tratava da história de São Miguel: “Eu acho que o único que é o que fala do bairro de São Miguel é o “Alerta”, não é. Só o “Alerta” que fala do bairro de São Miguel, que fala tudo de São Miguel... é o primeiro samba nosso”⁴⁸⁶.

Nas falas dos depoentes, é recorrente a lembrança do primeiro samba, como marco fundador da escola, e sempre associado à busca do relato da história de São Miguel Paulista. Infelizmente, não foi possível localizar a letra desse samba. Ela se tornou elemento da memória oral, que os antigos vão contando. Uma cópia de letra de samba foi localizada, porém nenhum dos componentes atuais sabem dizer quando foi composto. O samba fala do bairro de São Miguel Paulista:

EXALTANDO SÃO MIGUEL PAULISTA
Compositor: Lucio (Mazzarope)

Vamos falar de São Miguel
Um bairro muito querido
Seu povo que trabalha sem lazer
Vamos exaltar você
Chegam as grandes chuvas
Deixando tristezas e lamentos
Quando baixam as águas
Começa o nosso sofrimento
São Miguel Paulista
Pra você eu vou cantar... vou cantar
Em homenagem
Nesta festa popular
Parabéns pra você
Muitos anos de vida
É a singela homenagem
Da Unidos mais querida.

Apesar do título do samba se referir à exaltação a São Miguel Paulista, sua letra aponta para as dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro à época. Logo na

⁴⁸⁵ Depoimento de Maria de Lourdes da Silva, citado anteriormente.

⁴⁸⁶ Idem.

primeira estrofe, aparece a questão da falta de equipamentos de lazer no bairro, ou ainda, como a atividade intensa de trabalho ocupa o dia todo do morador, que não tem espaço e tempo para o lazer. Logo em seguida, a letra do samba faz alusão às grandes chuvas que provocavam enchentes e traziam sofrimento aos moradores do bairro. Essas enchentes ocorriam na Vila Nitro-Operária, local próximo à sede da escola-de-samba. O sambanredo aborda, ainda, uma questão que não era apenas do bairro, mas sim de caráter nacional, a inflação alta que assolava o país nas décadas de 80 e 90 do século passado e que traziam muitas dificuldades econômicas para os brasileiros, principalmente para aqueles que tinham suas rendas baseadas no salário mensal. Ao recebê-lo ele já havia se desvalorizado.

E sempre aparece o lado afetivo, de “fazer tudo por amor à escola”, da luta para conseguir burlar a falta de recursos e o passado que está “guardado” por alguns em forma de relíquias, e que segundo Almir precisam ser retomadas:

Da nossa escola tem coisas muito boas, uma família muito grande, o samba, o futebol e o samba sempre teve em São Miguel então a gente fazia por amor mesmo, por gostar mesmo e tem muita coisa da época que eram muito arcaica né? Era o carnaval dos tempos passados eram uns caixotes. Hoje a gente olha, nossa, isso que era bom... e tem muito disso que a pessoa tem lá guardada como quadrinho ou dentro de um livro que não dá. Quando a gente vai lá, olha, mas fica olhando... é verdade, é verdade. Essas [quatro] pessoas, se elas vierem eu tenho certeza que elas possam trazer. É tão bom pra você como é tão bom para nós do meio.⁴⁸⁷

No relembrar, o depoente considera a experiência passada, arcaica, no sentido de ser precária e aponta para o tempo pretérito baseado nas experiências do presente, evidenciando que a memória é realimentada por objetos e por pessoas.

Considerando o espaço da escola de samba como lugar de culturas polivalentes e da apropriação de representação das raízes do lugar, como é o caso da estampa da Capela de São Miguel Arcanjo, para resignificá-la para o interesse e gosto pelo carnaval que se movimentam entre a festa e o santo, entre o sagrado e o profano, entre o mundano e o místico que se hibridizam, como fala Canclini: a combinação de estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, para gerar novas estruturas, objetos ou práticas.⁴⁸⁸ Nesse caso, o patrimônio cultural da escola de samba Unidos de São Miguel é reforçado por um elemento de identidade no bairro, um símbolo religioso que passou a ser patrimônio material, arquitetônico, que se interage com outros patrimônios culturais para cobrir a questão da memória desse grupo social.

⁴⁸⁷ Almir José dos Santos, em depoimento citado.

⁴⁸⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. *Op.cit.* p. XIX.

Mário Chagas, ajuda a entender questões a respeito do patrimônio da escola de samba:

O patrimônio cultural da escola de samba é a pessoa, a quadra, a música, a tradição, a bandeira, o ritmo, o instrumento, a dança, a experiência, o troféu, o ponto de encontro, a fotografia, a fita, o disco o vídeo, a casa do amigo, a amizade, o amor e a devoção. O patrimônio é material e imaterial, é móvel e imóvel, é preservado, dentro e fora dos sambistas.⁴⁸⁹

Lembrando que as relações sociais não configuram um todo coerente e unitário, conflitos e disputas também são relatadas pelos componentes:

... é porque, por essa escola nós já choramos de alegria, já choramos de tristeza... Já brigamos... Já corremos pra lá, já não quero saber... Tudo isso, essa escola ... meio coisa de família ...As vezes a gente quer levar trezentos, quinhentos quer ir... Não tem ônibus, não tem verba... Falta de dinheiro. A gente põe um, o outro acha que não foi alguma coisa, e tal, e não dava mesmo pra...⁴⁹⁰

E Maria de Lourdes continua, “é que o pessoal é muito melindroso. Qualquer coisa é motivo pra... é, um buchichinho... pra aumentar o negócio”⁴⁹¹

Questão importante para se pensar nas disputas inerentes aos grupos sociais, ligadas especialmente à apropriação dos lugares, já evidenciada em outros depoimentos desta pesquisa, é a divisão da cidade em bairros que antigamente pertenciam a São Miguel Paulista, Maria de Lourdes relata:

Aqui é Itaim Paulista agora... do rio pra cá é Itaim... mas ninguém gosta dessa história... eu particularmente para mim moro em São Miguel. Essa divergência existe... para a escola de samba, como tinha a 1ª do Itaim e a de São Miguel sempre sutilmente existia uma rivalidade entre as escolas e os componentes. Aí também ...⁴⁹²

A discussão vem à tona, porque o local onde está situada a sede da escola, a casa de Dona Aidil, na Vila Curuçá pertencia a São Miguel Paulista e com a subdivisão da cidade passou a pertencer ao Itaim Paulista, sem contar que a escola, atualmente, está sem quadra para ensaiar e o local que era usado pertence ao Itaim Paulista:

Monte de fator, lá virou Itaim, geograficamente. Geograficamente, a uns anos atrás, era São Miguel ainda, mesmo sendo São Miguel, era quase que a divisa com Itaim. Mas não tinha, começou essa divergência, de um ano pra cá, dois anos pra cá. O que era viaduto antes uns cem metros do viaduto já é Itaim.⁴⁹³

Mais uma vez aparecem as disputas pelos espaços da cidade, que demonstram como as divisões administrativas nem sempre levam em consideração experiências culturais e interesses dos moradores. Nesse caso, a escola de samba pertence a São Miguel Paulista,

⁴⁸⁹ CHAGAS, Mário. *Op.cit.*

⁴⁹⁰ Depoimento Almir José dos Santos, citado anteriormente.

⁴⁹¹ Depoimento de Maria de Lourdes da Silva, citado anteriormente.

⁴⁹² Idem.

⁴⁹³ Almir José dos Santos, em depoimento citado

leva o nome do bairro porém, geograficamente situa-se no bairro do Itaim Paulista, e como afirma Maria de Lourdes, “ninguém gosta desta história”.

Eram três endereços: era sexta no Esquina Danças, sábado no Pepe, no estacionamento e no domingo na Praça de São Miguel no escuro também, que eles apagavam a luz. Mas a gente fazia mesmo assim. Levava os instrumentos em cima de um carro, meio, que tinha aqui velho. Era um Chevette, aí levava os instrumentos e fazia. Do mesmo jeito, o ensaio fazia.⁴⁹⁴

Nesse momento do depoimento aparece a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra como opção para os ensaios da escola, porém, “eles apagavam a luz”, ou seja, não era proporcionadas condições para os ensaios que tinham que ser realizados às escuras. É um mecanismo de expulsão dos sambistas do local que, para outros grupos sociais, não combina com esse tipo de manifestação, desvelando conflitos pelos usos e apropriações dos lugares. Veremos nas próximas discussões, como esse mesmo mecanismo é utilizado para que tocadores de “forró” também não se utilizem da praça para suas apresentações.

Almir continua relatando as dificuldades em lidar com as tensões provocadas pelas disputas por lugares para ensaiar e, muitas vezes, a doação que os componentes têm que ter, deixando mesmo de participar do desfile para solucionar problemas de participantes, que se não resolvidos, acarretariam perda de pontuação para a escola:

... e agora é igual ver [...] e não poder ir, né... senão até gente mesmo, várias vezes, um ano que teve ... que ... tenho raiva mas ao mesmo tempo não tenho. Nós chegamos atrasados no Anhembi, acho que em 92, 93, um destaque nosso, um grandão, um bonito. Eu tô vindo com um pessoal da harmonia e encontro esse destaque... o cara todo desesperado, um monte de mala, todo desmontado, eu tava vindo com o meu pessoal da ala, fui ajudar esse cara. Aí, vamo, que eu vou com você, aí ajudando levar. E para montar o destaque do cara, que tinha mais de não sei quantas partes? Aí, você precisa ver o mais triste, na hora em que nós consegue montar o destaque do cara, o carro caiu lá embaixo. Nossa! E eu perdi o carnaval todo.⁴⁹⁵

Aparece também, nas falas dos depoentes, o elemento trabalho mostrando que a diversão, o prazer em desfilar, têm por trás muito trabalho, que exige doação dos organizadores.

Muito trabalho. É dia e noite sem comer. É época que eu emagreço porque as vezes... cê ta com a comida no prato, ce ta comendo, não mas tem que sair porque... o samba ele tem horário. Ele tem horário de entrar e de sair. Então você não pode perder um minuto. Então você trabalha dia e noite e às vezes sem comer porque não dá tempo. É a época em que as pessoas ficam ...⁴⁹⁶

Um aspecto observado na entrevista é que os componentes presentes não têm um acervo organizado sobre as atividades da escola. Aliás, surgiu da coleta dos depoimentos, a percepção dessa necessidade:

⁴⁹⁴ Idem.

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ idem

Porque a gente também corre o risco de... de repente... essa até nós acho que pecamos nisso porque eu acho que esse registro nós já tínhamos que ter... Nós pecamos nisso. Era para vocês chegarem e nós só acrescentar, né? É justamente isso, com a participação de vocês cresceu mais essa vontade de nós já termos essa identidade...Essa identidade já documentada.⁴⁹⁷

Constatamos que a principal forma de transmissão de informações é através da oralidade. Da coleta do depoimento, surgiu a constatação da necessidade da organização da agremiação no sentido de coletar dados sobre o passado da entidade e organizar um arquivo que será atualizado todo ano, para não se perder a memória da Escola. Para essa tarefa, ficou encarregado André Felipe, de dezenove anos, sobrinho de Maria de Lourdes. Dessa forma, percebemos como a organização da escola vai se configurando num âmbito familiar e como essas relações com o passado vão passando dos mais velhos para os mais novos.

Surgem questões de domínio dessa memória, evidenciadas no relato de Almir, sobre pessoas que possuem material sobre a agremiação mas que não o socializam:

... para ficar mais evidenciado, mais claro, seriam o testemunho das próprias pessoas que viveram porque muitos documentos, a gente ia atrás de fotos, tem pessoas que tem mas não dá, sabe, acha que não vai voltar, né? Eu falei ontem com a Lurdes, a Cida, uma das primeiras porta-bandeira nossa, ela falou que tem mas tá com a cunhada e a cunhada não deixa nem ela pegar e aí. E nem para tirar uma cópia? Não dona...⁴⁹⁸

E ao mesmo tempo, relata fatos que propiciaram a perda dos arquivos da escola:

... e muito dos nossos registros, muitas coisas, eram da (vila) Nitro Operária, muitas pessoas mudou da Nitro Operária, e também a Nitro Operária durante muito tempo foi uma área que não podia ver chuva, sabe, enchente, muita enchente. Teve época que para nós desfilarmos, nós ter que buscar nossos couros, nossos couros já tavam flutuando, indo embora pro rio, não é brincadeira. Aquela parte da Nitro Operária, da Marechal, você conhece São Miguel? Aqui da Marechal Tito, mesmo aqui onde começa a Nitro Operária até a linha férrea, já sofreu muito pelas enchentes. Então, muitos arquivos, muitas coisas nossas a própria enchente levou, verdade mesmo. A própria enchente levou...⁴⁹⁹

E Maria de Lourdes completa: “tem, tem isso. Quem tem sente dor em entregar. A pessoa as vezes tem um documento, tem uma foto que ficou, pra ela, [...] sente dor, não dá”. Isso faz perceber que os registros, álbuns de fotografias, cartas ou outros materiais produzidos na vida cotidiana e associados ao passado, quando apossados por alguém que os incorpora para si, e tem medo de perdê-los caso se separe deles, produzem memórias

⁴⁹⁷ Depoimento de Almir José dos Santos, citado anteriormente.

⁴⁹⁸ Idem.

⁴⁹⁹ Idem.

que adquirem formas culturais privadas, mantêm-se no nível da lembrança privada. Não é registrada, e sim, silenciada.⁵⁰⁰

Para os depoentes, nesse momento do depoimento, pensar na escola do passado é relembrar a ausência de materiais que representem esse passado e a luta enfrentada para concretizar o desfile, recompondo caminhos que significam perda e destruição de instrumentos pelas enchentes e ainda os arquivos da escola, revelando as precárias condições do lugar, à época das chuvas.

A Capela de São Miguel Arcanjo representada no pavilhão da escola de samba, tendo à frente dois sambistas fantasiados com postura de dança carnavalesca, permite perceber essa ambigüidade de sentidos inerentes às práticas populares forjadas na confluência das simbologias religiosas e tradições culturais afro-brasileiras. Diante disso, é preciso pensar em torno dos processos seletivos da memória, que constroem determinadas associações em relação às tradições, manifestadas através da figura da Capela e dos sambistas. Essas simbologias ganham sentidos em forma daquilo que representam para aquele grupo social, ou seja, daquilo que precisa ser conservado, preservado para aquele grupo: a Capela enquanto símbolo religioso que dá identidade ao local e os sambistas enquanto símbolo étnico que expressam formas de agir e de ser. Ambos porém, são elementos constituidores de identidade desse grupo, manifestados em atividades da agremiação, evidenciados nas experiências historicamente vivenciadas e representadas por esses dois símbolos identitários.

Essas injunções permitem, ainda, evidenciar imbricadas relações que se estabelecem entre o sagrado e o profano, possibilitando descortinar entrelaçamentos de culturas que permeiam o universo social urbano. No dizer de Maria Clementina Pereira Cunha, “se a folia tem sido tomada como ocasião de construir e exprimir simbolicamente a “essência do nosso sangue”, ouvir seus ecos em busca de outras sonoridades pode nos ensinar muito sobre o passado e presente...”⁵⁰¹ Dessa forma, o pavilhão da escola revive essa história na sua representação da Capela de São Miguel Arcanjo e, ao mesmo tempo, conta uma nova história, pautada na existência do carnaval simbolizado pelos sambistas, reinventando uma tradição, que é renovada a cada ano

⁵⁰⁰ JOHNSON, Richard e DAWSON, Graham. Grupo de Memória Popular. Memória Popular: Teoria, política e método. In FENELON Déa Ribeiro e outros (orgs) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2000, p. 285.

⁵⁰¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia* – Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p.14.

3.2.1.2. A Insígnia do 29º Batalhão da Polícia Militar

*“A Capela é a cara de São Miguel. Que bairro de São Paulo tem
uma Capela histórica como essa?”
Cel. Senedín*

A frase acima é de Sérgio Lombardi Senedín⁵⁰², 57 anos, nascido em São Paulo, tenente coronel da reserva da Polícia Militar do Estado de São Paulo, autor do brasão de armas do 29º Batalhão da Polícia Militar (29º BPM/M)⁵⁰³ e responsável pela organização do batalhão em São Miguel Paulista, no ano de 2000. Suas palavras representam os sentidos dados à Capela. Para ele, a Capela dá perfil ao bairro, que adquire importância no contexto da cidade por abrigar uma capela histórica.

O Coronel Senedín conta que no ano de 2000 foi “incumbido da missão” de montar o 29º Batalhão que a princípio funcionou na Rua Vilela, no bairro do Tatuapé. Como o Tatuapé fica distante de São Miguel Paulista houve empenho do coronel para conseguir um local no próprio bairro. Dessa forma, conseguiu montar o batalhão numa área cedida pelo Nitro-Química em regime de comodato. O coronel relata como, após organizar o batalhão, elaborou o brasão do 29º Batalhão: ...vim para casa e desenhei... foi definitivo... levei para aprovar na 5ª sessão do Estado Maior da Polícia Militar e usei essa simbologia: o rio Tietê, a Capela e a indústria, que trouxe todo esse povo para essa área...⁵⁰⁴

⁵⁰² Sérgio Lombardi Senedín é tenente-coronel da reserva da Polícia Militar do estado de São Paulo. Comandante do 29º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo, sediado em São Miguel Paulista, organizou, a partir do ano 2000 o 29º batalhão e o seu Brasão de Armas.

⁵⁰³ A Unidade do 29º BPM/M, foi criada pelo decreto 44.447 de 24/11/1999, publicado no Bol. G PM 249 de 31/12/1999 e é subordinada ao CPA/M4, sediado na Capital, responsável pela polícia ostensiva e pela preservação da ordem pública na Zona Leste da Capital.

⁵⁰⁴ Coronel Senedín, em depoimento citado



Figura 15– Insígnia do 29º BPM/M

O depoente aponta para os elementos valorizados como significativos na composição da insígnia, que se remetem ao bairro e à área de ocupação do 29º BPM/M

O Sr. João Feher, segurança da Capela, narrou a visita de dois policiais à Capela. Ele a mostrou, como sempre fazia com aqueles que o procuravam:

É isso daí... um dia vieram uns policiais aí visita e ... eu olhei assim no brasão, assim... ué... falei; - Vocês tão sabendo... isso aí?

- Não.

Eu falei:- É essa igreja aí. Aí ele olhou assim ... puxa a gente tem isso aí e não sabia ...⁵⁰⁵

Para o Sr. João, ficou evidente de imediato a estampa da Capela no uniforme dos policiais visto que mantém com esse bem cultural vínculos afetivos que remontam à sua infância, ao passo que para os policiais, que nem sempre são indivíduos que residem no bairro ou têm com ele relações identitárias ou que não participaram da confecção da insígnia, não houve reconhecimento imediato dos significados da estampa em seus uniformes.

Dessa forma, buscando as características do discurso histórico imagético e suas semelhanças e diferenciações em relação a outros discursos históricos, é que procuro refletir sobre as especificidades e potencialidades dessas imagens. O foco central da abordagem é a análise e reflexão sobre o uso da insígnia e o que ela representa.

⁵⁰⁵ João Feher, em depoimento citado.

A Unidade responsável pela polícia ostensiva e pela preservação da ordem pública em parte da zona leste da capital, através do Boletim Geral PM 223 publica a instituição do Brasão de Armas⁵⁰⁶, o Estandarte⁵⁰⁷ e a Insígnia⁵⁰⁸ do Comandante do 29º BPM/M. Sobre esses símbolos usados pelo batalhão militar de São Miguel Paulista, observamos a seguinte descrição: “O Brasão de Armas do 29º BPM/M será um escudo português⁵⁰⁹ clássico, partido e cortado, perfilado em jaine”.

A seguir, o Boletim Geral PM descreve o primeiro campo do brasão; “no primeiro campo, de goles, cor que simboliza a audácia, grandeza e espírito de luta, duas garruchas cruzadas em aspas (emblema da Polícia Militar do Estado de São Paulo), simbolizando a nobreza, esplendor, glória e poder”.

Estes predicados: nobreza, esplendor, glória e poder, vistos por quem os elabora, são condições necessárias para a atuação militar, simbolizam a construção de uma imagem do Estado e sinalizam para uma relação de domínio deste sobre os segmentos da população, demonstrada através dos símbolos do uniforme.

Continuando a descrição do brasão de armas, levando sempre em consideração que ele é parte do uniforme militar e que, portanto, tem sua função ligada ao conjunto da indumentária, o boletim informa:

No segundo campo, de prata, cor que simboliza a justiça, pureza do ideal, o dever e a lealdade, o escudo do Brasão de Armas da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para particularizar nossa Corporação, perfilado em jaine, tendo uma bordadura em goles, carregada de dezoito estrelas de cinco pontas, de

506 Um brasão (também brasão de armas ou cota de armas), na tradição européia, é um desenho especificamente criado - usando símbolos e cores - com a finalidade de identificar indivíduos, famílias, clãs, cidades, regiões e nações. Não se sabe com rigor quando é que esta prática teve início. O campo de estudo dos brasões denomina-se heráldica. Os brasões não eram fornecidos ao acaso para as pessoas. Tiveram as suas origens em atos de coragem e bravura efetuados por grandes cavaleiros. Era uma maneira de os homenagear e às suas famílias. Com o passar do tempo, como era um ícone de status, passou a ser conferido a famílias nobres no intuito de identificar o grau social da mesma, assim sendo, somente os heróis ou a nobreza possuíam tal ícone e o poderiam transmitir a seus descendentes. A partir do séc. XIX, com a ascensão ao Poder da Burguesia e o declínio da Aristocracia, o Brasão foi perdendo a sua importância. Atualmente os brasões são muito freqüentes e fáceis de encontrar. Cada autarquia - freguesia, município ou distrito - tem o seu, assim como a sua bandeira, onde figura o brasão, motivo de orgulho para muitos dos habitantes de cada freguesia. Várias coletividades e Clubes Esportivos também adotaram como símbolo um brasão que os identifique. Fonte: "http://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o"

507 Estandarte, bandeira de regimentos militares (cavalaria e artilharia) insígnia de corporações ou comunidades religiosas, bandeira em geral. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p. 2251.

508 Insígnia, bandeira, estandarte, divisa, legenda, dizeres (inscritos em emblemas, escudos, brasões) sinal distintivo, emblema. Peça bordada ou de metal aposta aos uniformes para distinguir os graus de hierarquia. Insígnia de comando, flâmula de forma e cores previstas em regulamento, indicativos da presença dos oficiais que exercem determinado comando. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p. 3178.

509 Os escudos heráldicos representam os escudos de guerra, onde os combatentes pintavam suas armas para serem facilmente identificados, e podem ter diversas formas. Na atualidade, são mais utilizados o modelo francês e o português (boleado). Fonte: www.genealogias.org

prata, representando os marcos históricos da Polícia Militar e no centro do campo um verguetado⁵¹⁰ de treze listras em sable⁵¹¹ e prata e acima um terciado⁵¹² em faixa de blau⁵¹³, a do centro em goles, tudo perfilado em jaine, cores representativas da Bandeira Paulista.⁵¹⁴

Novamente, a descrição chama a atenção para os ideais militares e para a constituição do Estado, pelas cores de sua bandeira e dos marcos históricos da Polícia Militar, que a legitima enquanto instituição que exerce poder sobre a população.

No terceiro campo em blau, cor representativa da justiça, nobreza, perseverança, constância, zelo e lealdade, tendo no centro a silhueta de uma Igreja que lembra a primeira construção erguida por volta de 1585, pelos jesuítas na fundação de São Paulo, ladeado à esquerda por uma chaminé que simboliza o desenvolvimento industrial da “Nitro-Química”, à direita, um meio sol nascente, símbolo das qualidades divinas, abaixo uma faixa ondata de prata que simboliza na heráldica o cinto do cavaleiro e no escudo a passagem do Rio Tietê, identificando assim a área de Policiamento Militar do 29º BPM/M, instalado em São Miguel Paulista – Zona Leste da Capital.⁵¹⁵

Junto aos símbolos importantes, como as cores da Bandeira do Estado e os marcos históricos da Polícia Militar, aparecem elementos que constituem representações sobre São Miguel Paulista, a Capela, a Nitro Química e o Rio Tietê, identificados como área de atuação do policiamento do 29º BPM/M. Nesse sentido, é necessário apreender a importância fundamental que as funções simbólicas da indumentária militar assumem e os valores a ela associados, numa observação da articulação recíproca entre aquilo que é olhado e os significados da linguagem visual, importando pensar no sentido de identificação que as estampas da Capela, da Fábrica e do Rio conferem ao 29º BPM/M, delimitando seu território de atuação.

Na verdade, o autor do brasão, Cel. Senedin afirmou que a chaminé estampada na insígnia representa a área industrial do bairro, e não apenas a Cia. Nitro-Química Brasileira como aparece no Boletim. Este uso leva a refletir como a Nitro-Química exerce poder simbólico no bairro, conseguindo denominar a torre que representa as indústrias da região, impondo seu poder econômico, social e político na região. A Nitro-

⁵¹⁰ verguetado pala estreita dos escudos. Usado na heráldica. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p.5919.

⁵¹¹ sable esmalte de cor negra dos brasões (simboliza luto, aflição; sabedoria e prudência; honestidade e firmeza). *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p.5173.

⁵¹² terciado – escudo dividido em três partes iguais. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998, p. 5645.

⁵¹³ blau relativa a cor azul nos brasões, palavra restrita à heráldica no português. HOUAISS, Antônio e outros. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 467.

⁵¹⁴ Conforme Boletim Geral PM 223 de 21/11/2000.

⁵¹⁵ Conforme Boletim Geral PM 223 de 21/11/2000.

Química acaba incorporando valores que excluem as outras empresas do contexto industrial do bairro.⁵¹⁶

O uniforme do policial não significa apenas o indivíduo armado e com funções específicas de garantir a ordem, mas informa, também, sobre um cidadão investido de responsabilidade e de autoridade, que sem o uniforme não seria reconhecido como tal. Ao refletir sobre a insígnia é importante ressaltar que ela exerce não apenas as funções simbólicas de que são investidos os policiais, mas o conjunto todo, a indumentária, o uniforme que obriga o cidadão a tomar certos padrões de comportamento e lhe dá reconhecimento social pela posição que ocupa.

Lembrando que os signos do vestuário tornam possíveis múltiplas leituras sobre seus sentidos, realizar essas leituras pressupõe contextualizar uma linguagem que se traduz em termos sociais. É preciso entender que a roupa exerce a dupla função de integrar e diferenciar as pessoas e, no espaço público, funciona como “carteira de identidade social”. No caso específico do militar a indumentária tem o objetivo de reforçar a ordem social, visto estar fundamentada na hierarquia e nas relações de poder.

Esta leitura sinaliza para a existência de uma corporação armada, vinculada ao governo estadual, porém com área de atuação delimitada por elementos indicativos na insígnia informando, também, as diferenciações internas e distinções entre os componentes da tropa.

A delimitação territorial que identifica a área de atuação do 29º BPM/M exposta pela presença da Capela, da Nitro Química e do rio Tietê, incorpora um imaginário espacial que avança para as raízes históricas do bairro representadas pela estampa da Capela; para as transformações ocorridas pela presença de indústrias na região que trouxeram para o bairro novas formas de trabalho, aumento populacional e atividades diferenciadas daquelas até então desenvolvidas; e para a atuação do rio que servia para transporte, retirada de areia para as construções e, ainda, para depósito dos detritos das fábricas que se instalaram às suas margens. A ocorrência desses marcos apropriados pela corporação militar e inseridos no seu brasão de armas, confere a eles usos e significados que são específicos de uma corporação militar hierarquizada e que, ao mesmo tempo, servem como elementos de expressão de valores e significados sociais no bairro e fora dele, porque são utilizados por uma corporação que tem abrangência estadual.

⁵¹⁶ Outras indústrias instaladas na região : TEXIMA - Fabricante de máquinas de beneficiamento têxtil e prestação de serviço; CELOSUL – fábrica de papel das Indústrias Matarazzo.

3.2.1.3. Grupo Escoteiro “Padre Aleixo”

*...é um projeto bom... é um sonho ...
...eu morria de vontade de voltar o Pe. Aleixo, né...
Suely*



Figura 16 – Estampa alusiva ao 1º aniversário do Grupo Escoteiro Padre Aleixo.

Abordando experiências sociais que trazem a imagem da Capela de São Miguel Arcanjo como símbolo de instituição, é que trago para essa pesquisa reflexões sobre essas representações, através das praticas sociais vivenciadas pelo Grupo Escoteiro Padre Aleixo (GEPA), buscando estabelecer articulações entre essas práticas e a Capela de São Miguel Arcanjo enquanto elemento constituidor da memória do bairro. O GEPA , fundado em 2005 tem como Diretora Presidente Suely Brasil, de 54 anos, moradora em São Miguel Paulista há vinte e seis anos. O estudo do GEPA é de interesse para a pesquisa porque a bandeira que o representa e lenço do uniforme trazem a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo, além do significado do nome, que reporta à memória do Padre Aleixo Monteiro Mafra.

Suely Brasil, diretora presidente do grupo, dá as razões para o uso da estampa e do nome do grupo:

...porque é assim, o nome do grupo... Grupo Escoteiro Pe Aleixo, ele foi assim ... a principio...a gente queria algo que retratasse São Miguel e nada mais justo né... a Capela Velha que é um patrimônio histórico e é assim... é a raiz ... e então a gente colocou o nome também de Padre Aleixo em homenagem a um padre que dedicou a vida dele inteiramente a São Miguel.⁵¹⁷

O GEPA procura perpetuar uma memória que representa um monumento consagrado como patrimônio histórico atrelada à figura de um padre empreendedor, morador de São Miguel Paulista por vinte anos, que exercia liderança junto aos moradores do bairro e que iniciou a construção da catedral de São Miguel Arcanjo, local onde o grupo escoteiro realiza suas atividades; há nisso uma demonstração de valorização e identificação com elementos da Igreja Católica, entidade que pauta suas atividades em códigos da tradição, em que se traduzem também, os ideais do escotismo.

⁵¹⁷ Sueli Curaça da Silva Brasil, Diretora Presidente do Grupo Escoteiro “Padre Aleixo” – 323 – com sede na Catedral de São Miguel Arcanjo – Praça Padre Aleixo Mafra. Natural de Votuporanga (SP) Nascida em 1952. Mora em São Paulo desde 1960, onde morou na Vila Aricanduva (Vila Matilde) e está em São Miguel desde 1981, há 26 anos. Mora atualmente no Parque Cruzeiro do Sul bairro que pertence a Ermelino Matarazzo. É atualmente coordenadora do Catequese e do Movimento Eucarístico da Paróquia de São Miguel Arcanjo.

O lenço no escoteiro... o grupo pode ser extinguido um dia... como esse foi e a gente resgatou o nome... mas... no coração e na mente dessas crianças jamais vai se acabar... eles vão passar pra filhos e pra netos que eles pertenceram a um grupo de escoteiro Pe Aleixo e que o símbolo era a Capela Velha... o lenço é a promessa escoteira... aí ele é uma investidura⁵¹⁸ ... quando a criança participa do grupo escoteiro ela faz a promessa e recebe um lenço... então ... tem criança que ainda não recebeu a investidura... o que é a investidura... é você tá honrando o seu grupo.. lutando pelo seu grupo... levando o nome do seu grupo... onde você for... você vai levar o lenço... entendeu...⁵¹⁹

As atividades do escotismo são pautadas por uma teia de elementos simbólicos que tornam a interpretação objetiva dessas ações e signos, geradas em outros locais, mais difíceis. Sem a pretensão de analisar o caráter simbólico dessas ações, porque não é esse o objetivo desse trabalho, percebe-se a intenção de perpetuar uma memória, que será transmitida através de gerações ao usar como símbolos a Capela e o nome do Padre Aleixo.

Continuando seu relato, Sueli conta como foi o início do grupo, nos anos de 87 a 92:

... só que... eu já participei do escotismo alguns anos atrás... então era o antigo Padre Aleixo... nos anos de 87 a 92 ...mais ou menos... faz quinze anos... o antigo grupo... eu coloque a minha filha ela tem vinte e seis anos agora... naquela época ela tinha cinco ... aí o grupo chamava-se Grupo Escoteiro Padre Aleixo , usava o mesmo lenço só que não tinha a Capela ... era só o lenço vinho... funcionava em frente à Sabesp... a sede era ali dentro... aí ... por questão de adultos, de chefe, de chefia desestruturou o grupo acabou, se extinguiu... foi acabando, acabando...⁵²⁰

Sueli relata que, mesmo com o grupo terminado, sempre teve vontade de retomar às atividades, quando o Padre Geraldo a chamou e disse: “toca em frente, está em suas mãos”.

... ai eu pus a mão na cabeça... eu com minha mãe na cama... com tanta coisa pra fazer... mas eu pensei... é um projeto bom... e um sonho ... Padre. Aleixo ... (...)se eu te contar que levei um ano e meio só pra abrir o grupo ... um ano e meio... só em papelada, burocracia ... reunião, cursos...e qual era minha grande dificuldade... quando você fala em escotismo... esporte, lazer... tudo radical.. a um chefe escoteiro... primeiro um homem, saradão, fortão, jovem, né que vai diante de todo o grupo que chega impondo, né... sei lá... abrir um grupo, olha a

518 O conceito de investidura, usado no Escotismo, corresponde, na sua origem, ao acordo que era estabelecido com os proprietários de terras e homens livres, ou jovens que atingiam idade entre 18 e 20 anos. Era na verdade um contrato em que uma das partes oferecia o seu braço armado e fidelidade em troca de abrigo, armas e alimentação (possivelmente a participação em saques também). Seu aspecto cerimonioso era para reforçar o seu aspecto institucional e dar validade ao ato. O conceito de Investidura no Escotismo, deriva dessa visão da Investidura dos Cavaleiros, surgida por volta do século XI, que corresponde, não mais ao simples pacto com o Senhor, mas a adesão a um conjunto de regulamentos e a princípios morais e éticos. No caso das Investiduras Escoteiras, tanto Sênior como Pioneira, a importância está no compromisso pessoal assumido e na adoção de valores defendidos pelo Movimento, que estão explícitos nos Fundamentos. Fonte: www.escoteiros.org/programa/ficha_04-2002_investidura, acesso em 10.08.2007.

⁵¹⁹ Sueli Curaça da Silva Brasil, em depoimento citado.

⁵²⁰ Idem.

minha idade, meu tamanho... tudo que não ajudava né... mas a vontade prevalecia... eu não vou dar atividade eu vou coordenar um grupo, né eu quero por em prática... eu vou correr atrás... aí eu consegui... fui atrás de um chefe... com essa luta, abri o grupo... e o Padre Aleixo eu consegui resgatar só o nome...⁵²¹

Nesta fala, Sueli evidencia sua preocupação em buscar elementos do passado que pudessem representar o grupo atual. Ao retomar o nome do grupo antigo, também estava fazendo emergir a lembrança do Padre Aleixo, figura representativa de um passado que se procurou perpetuar através da denominação do grupo.

...a União dos Escoteiros do Brasil fornece os cursos né, informativos, preliminar, básico e assim vai subindo... a gente fica em curso, um dia, dois pra trazer bagagem para as crianças. Temos muitos livros, pesquisas ... muita troca de experiência com outros grupos... com outros chefes mais velhos... e assim vai ... aí fui formando a chefia... que é o que a gente precisa pra abrir um grupo ... primeiro, ser indicada por alguém ... como eu já havia participado ficou fácil porque eu tinha muitos contatos... só que eu encontrei muita barreira ... é assim dizer... discriminação também... mas eu sou determinada... quando eu sei que é bom pra criança e pro jovem, na tem barreira ... eu vou em frente ... aí a primeira coisa, uma diretoria... de ter gente disposta ... que goste e que queira assumir um compromisso... porque tem uma escala de hierarquia... então tem o presidente o subpresidente, tem a diretora financeira, administrativa , então eu tenho que ter um quadro de pessoas que assumam essa função pra poder apresentar na UEB pra poder liberar ... aí eu tinha que ter já mais ou menos umas seis crianças que a gente esteja preparando pra poder iniciar no papel.....⁵²²

Aparece no depoimento os padrões sociais valorizados socialmente, que espera que as pessoas sejam jovens, elegantes, bonitas, com os padrões de beleza valorizados pela mídia e, ao mesmo tempo, com outros atributos como a responsabilidade, compromisso, respeito à hierarquia e principalmente a determinação em querer organizar o que acredita ser importante como participação social. Na narração, a depoente indica a luta para conquistar o que deseja.

A depoente continua, demonstrando o significado que atribui ao nome do grupo, revelando sua luta para preservar ou recompor um passado vivido, recuperando lembranças que são ressignificadas no presente.

... nosso grupo atual é o 323 ... esse numeral distingue cada grupo... é o numero de registro mundialmente... agora tem buraco no meio... alguns não vão pra frente ... não foi avante... então cada lugar que você for... o seu 323 todo mundo vai saber que Pe Aleixo é de São Miguel... O outro grupo chamava Padre. Aleixo... o nome em si é do Padre Aleixo... uma homenagem a alguém que dedicou sua vida inteira a São Miguel.⁵²³

Importante destacar, que a depoente não conheceu o Padre Aleixo e que sua busca em preservar seu nome está ligada à convivência com grupos que validaram essa

⁵²¹ Idem.

⁵²² Idem.

⁵²³ Idem.

memória, incorporada e reelaborada à luz do momento atual, articulando-a a novas experiências e situações vivenciadas no presente.

Não cheguei a conhecer (Padre Aleixo) eu vim pra cá em ... e outra coisa... que eu fico aborrecida quando eu vejo a turma falar Praça do Forró... puxa vida, né a gente tem que lutar pelo patrimônio... tão rico... essa Igreja ele dedicou a vida dele toda aí... e assim é uma coisa muito rica... tem que ser valorizada... aí eu falei... nada mais justo que colocar o nome do grupo Padre Aleixo... só que o antigo grupo o numeral era ... acho que 62... então ele foi extinguido... aí foi uma outra briga... demorou muito... prá eu conseguir o mesmo nome... ai... ficou assim... o nome você consegue resgatar só que o seu grupo é um grupo novo...⁵²⁴

Novamente, a questão do nome da praça discutida no capítulo II, aparece como elemento de disputa e tensão entre os moradores de São Miguel Paulista. A depoente, pessoa ligada às atividades da Igreja Católica no bairro, “fica aborrecida” pelo uso de outro nome para a praça; para ela isto significa perder uma memória que ela própria procura preservar ao elaborar ações na tentativa de fazer com que o nome do padre e a Capela de São Miguel Arcanjo não sejam esquecidos e que um remete ao outro. Dar à praça o nome de Praça do Forró evoca outras experiências rejeitadas pela depoente para aquele espaço.

O escotismo ou escutismo, fundado por Lorde Robert Stephenson Smyth Baden-Powell na Inglaterra, em 1907, é um movimento mundial, educacional, voluntariado, apolítico, sem fins lucrativos. Criado com a proposta de desenvolver o jovem por meio de um sistema de valores, que prioriza a honra, baseado na Promessa e na Lei Escoteira e pela prática do trabalho em equipe e da vida ao ar livre, objetiva fazer com que o jovem assuma seu próprio crescimento, torne-se em exemplo de fraternidade, lealdade, responsabilidade, respeito e disciplina.⁵²⁵

Esse quadro aqui, é o distintivo usado em todos os países. Usamos quando nos fazemos a promessa de escoteiro. Porque tem tudo assim, um preparo...a criança... tudo depende da criança...se ela quer, se ela gosta realmente, né... o que que o escotismo proporciona pra criança, né... ele assim, um grupo ... uma entidade não com fins lucrativos ... o escotismo ele é voltado para o jovem ... e crianças com a colaboração de adultos... nos somos voluntários e só colaboramos pra formação da criança ...⁵²⁶

Os valores do escotismo são fundados na Promessa Escoteira que sintetiza o embasamento moral do Movimento Escoteiro, como uma iniciação do aspirante, um rito de passagem para ser iniciado no grupo. Os elementos da Promessa Escoteira estão contidos nos Princípios do Movimento Escoteiro que são: dever para com Deus (crença e

⁵²⁴ Sueli Curaça da Silva Brasil, em depoimento citado.

⁵²⁵ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo>, acesso em 30/07/2007. O movimento escoteiro, com sede em Genebra na Suíça, possui 28 milhões de associados.

⁵²⁶ Sueli Curaça da Silva Brasil, em depoimento citado.

vivência de uma fé, independente de qual seja); dever para com os outros(participação na sociedade, boa ação, serviço ao próximo); dever para consigo próprio (crescimento saudável e auto desenvolvimento)⁵²⁷.

As atividades do escotismo, caracterizadas por um processo de ritualização e formalização, são exemplos do que se considera como “invenção das tradições”, cujas características referem-se ao passado pela imposição da repetição⁵²⁸. “Presume-se que se manifeste de maneira mais nítida quando uma “tradição” é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador, como é o caso do escotismo, criado por Baden Powell”⁵²⁹.

Esses princípios são ritualizados e formalizados pela participação de adultos, que segundo Sueli, têm um papel voluntário. Fazem parte da tradição do movimento, criado em outro local, possivelmente com outros objetivos e, que em São Miguel adquirem características próprias, reinventam tradições criadas para esse movimento, de forte poder simbólico, mesclando-se com outros símbolos ou imagens do passado de São Miguel. O Grupo Escoteiro tem em sua organização, espaço para a tradição, para o costume sistematizado, para as referências estáveis, fatores valorizados pelos participantes do grupo de São Miguel Paulista, que procura reafirmar essas referências ao utilizar como símbolo a estampa da Capela aliada ao nome do Padre Aleixo.

Importante pensar que o grupo escoteiro usa as dependências da Catedral de São Miguel Arcanjo para realizar suas atividades apesar de serem acomodações inadequadas, conforme relato de Sueli e mesmo sem nenhum vínculo religioso há similaridade entre a missão do escotismo e os elementos que se encontram também na doutrina católica: crença em Deus, servir ao próximo, responsabilidade, respeito, disciplina. Essa identidade é revelada também, no lenço do escoteiro que, além de trazer o nome “Padre Aleixo”, traz ainda a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo, símbolo representativo, identificado com o bairro de São Miguel Paulista que remonta à história do lugar. A Capela esteve, está e estará lá, indicando uma perenidade representada pelos valores que o grupo escoteiro indica e se associa. Nesse sentido, ao mesmo tempo que a estampa da Capela solidifica o grupo pelo que ela significa, representando um apoio popular, uma referência,

⁵²⁷ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo>, acesso em 30/07/2007.

⁵²⁸ Considerações baseadas em HOBBSAWM, Eric e RANGER Terence (orgs). A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 12.

⁵²⁹ HOBBSAWM, Eric e RANGER Terence (orgs), op.cit. O exemplo do escotismo como “tradição inventada” é citado pelo próprio Hobsbawm na introdução do livro, p.12.

o seu uso na vestimenta do grupo também a perpetua, a preserva, a evoca, a pereniza, a transforma.

...ai pedi auto pro padre, fiz o modelo do lenço ... eu queria que retratasse São Miguel também... a Igreja Velha... nós fizemos o desenho... o Alexandre fez o desenho... é o que faz teatro aqui... ai eu coloquei o que eu queria... ele tirou o risco... aí nos projetamos... fomos adaptando... e assim... Praça do Forró ... e tão valioso... e uma coisa nossa... pra te falar a verdade... eu nem me considero de São Miguel...⁵³⁰

Questões referentes à colaboração e à solidariedade para com os eventos do grupo também aparecem no depoimento, que mostra como as pessoas se unem e estabelecem laços afetivos e relações de ajuda mútua para que as atividades do grupo sejam executadas. Desse modo, formas de organização pensadas para outros locais, culturalmente diferentes, são apropriadas, reelaboradas e colocadas em prática pela boa vontade, poder de decisão de pessoas que têm objetivos comuns. E a depoente volta novamente a refletir sobre o nome da praça, o que significa que para ela é uma questão conflitante, que incomoda, chamar de Praça do Forró, um lugar para ela, tão valioso, mesmo confessando que não se considera moradora de São Miguel Paulista.

Nós não temos ajuda financeira... não temos ajuda nenhuma... patrocinador...nos não conseguimos ainda, né... então como que funciona o nosso grupo... cada criança paga uma taxa mensal de 15 reais ... esses 15 reais, ele é mais pra comprar material... que eles mesmo usam, é cola, é bambolé, um monte de coisa é custeado mais pro material deles, né ... cada atividade quando eles terminam eles tem um lanche e porque eles quando vem pra cá, querem chegar mais cedo, então nem se alimentam direito, então a gente fornece um lanche também pra eles quando termina a atividade...⁵³¹

Incentivadas por interesses e desejos de realizar as atividades com o grupo de escoteiros as pessoas que as organizam procuram formas de solução para que os eventos aconteçam. Para isso, reúnem-se, discutem, conversam com os pais, avaliam o que pode ser feito e encontram mecanismos para solucionar os impasses que se apresentam.

... e assim, agora acampamento, o que que a gente faz... a gente levanta um custo de lanche e condução... nós alugamos um sítio ... foi em janeiro nós fizemos um acampamento com eles... aí a gente faz a reunião de pais e fala... olha vai sair 1500 reais, vamos supor... então mais a alimentação, condução... a gente faz o preço, tal... aí vai dividindo e aí o que nós fazemos ... fazemos uma festinha aqui... inclusive agora fizemos festa junina... na catedral, né... so que assim, ainda não é o suficiente ... é pouco pra o que nós gastamos... mas ajuda..... então já ajuda um pouco... aí cada pai completa ... inclusive agora nesse acampamento que teve lá em S Jose dos Campos saiu no valor, lá foi 49 reais os três dias ... eles saíram na sexta e voltaram na segunda. , saiu 49 reais, é café da manhã, almoço, lanche da tarde e janta... condução.⁵³²

⁵³⁰ Sueli Curaça da Silva Brasil, em depoimento citado.

⁵³¹ Idem.

⁵³² Idem.

Na luta para que os objetivos do grupo sejam alcançados, homens e mulheres dotados de identidades impregnadas do viver urbano, aliam práticas da cultura cidadina, como angariar recursos para determinado passeio, dividir ou ratear as despesas, a partir de experiências oriundas de vivências em outra cultura e que fazem parte da tradição escoteira. Conseguem realizar desejos e expectativas em função de atender aos princípios do Movimento Escoteiro.

Refletindo sobre práticas sociais que nem sempre são concordantes e homogêneas, Brites quando discute “imagens de mulheres construídas pela revista *Sesinho*”⁵³³, indica que “não é possível pensar historicamente em condições masculinas e femininas abstraídas, com lugares determinados, fixos. É preciso considerá-los nos quadros de relações de poder, tensões entre sexos e instituições que as formam”.⁵³⁴ Dessa forma, os relatos das experiências do GEPA procuram “apagar divergências e construir imagens de um mundo sem conflitos, onde aqueles poderes existem numa relação harmoniosa”⁵³⁵.

E Sueli continua relatando os princípios do escotismo, baseados em atitudes que evidenciam a constituição de atributos voltados para a promoção do civismo:

... a partir de sete anos ... então, o que que ele proporciona, né... a amizade, aventura, lealdade, alegria, cultura.... então isso é pra formar melhor cidadãos, o escotismo, o objetivo é esse... o escotismo não é uma religião ... aqui tem os propósitos do grupo...nosso propósito é contribuir para que os jovem assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente o caráter, ajudando-se a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas... espirituais, como cidadãos responsáveis participantes e úteis em suas comunidades ... é porque assim, como eu te falei, tem bastante coisa pra você colocar ... o que somos, né... na realidade é um grupo escoteiro é um movimento de jovens e para jovens com a colaboração dos adultos, unidos com o compromisso livre e voluntário...⁵³⁶

A depoente volta a mencionar a importância da Capela como elemento que representa São Miguel Paulista, “outras coisas podem até representar... mas a Capela Velha é a raiz, é o que retrata São Miguel, o bairro... é... tem que ser valorizada... né, passar para essas crianças, esses jovens e perpetuar... não deixar cair no esquecimento, não”. O uso da palavra “raiz” evoca o começo de tudo, demonstra o interesse em estar ligado ao passado, indica aos jovens o que deve ser lembrado. Há uma identificação imediata da Capela com o Padre Aleixo.

... inclusive muitas atividades de sábado, os maiores fazem lá... (na praça Padre Aleixo) não fazem aqui... quando avisam que vai ter muita coisa aqui,

⁵³³ BRITES, Olga. Mulheres de *Sesinho*. In *Projeto História*, 11. São Paulo: PUC, 1994, p. 161.

⁵³⁴ Idem, p.163.

⁵³⁵ Idem, p.164.

⁵³⁶ Idem.

casamento... reuniões da diocese...muita gente aqui, aí a gente já combina e já vamos com as crianças e fazemos as atividades lá na praça... os pequeninhos, a gente sempre segura um pouco... mais por serem pequenos... tem que ser local mais fechado... mas mesmo assim, nos já fizemos atividades com eles lá...

Nessa fala aparece a praça Padre Monteiro Aleixo Mafra tendo uma utilidade social, já discutida em outros momentos. Apesar da depoente afirmar que não é o lugar ideal porque apresenta pouco espaço sem cimento e as atividades do grupo escoteiro requererem locais não pavimentados, é uma forma de utilizar a praça para as atividades com os jovens, dando a ela um sentido social. Um outro aspecto abordado, foi o uso da Capela de São Miguel Arcanjo para realização das atividades do grupo.

...aí então o que nós fazíamos quando estávamos lá... a gente contava toda a história da Igreja ... teve um ano que teve uma exposição acho que da Unicsul foi bem antes desse livro (Pe Aleixo) e nós colocamos as fotos de progresso do grupo escoteiro ... isso do grupo antigo... e agora pretendemos fazer de novo...porque já temos dois anos de história... e a gente já participou de algumas atividades e tudo é fotografado...tem um chefe nosso ele coloca tudo em disquete ...⁵³⁷

O uso da Capela para expor as atividades do grupo e ainda, para contar aos jovens a história da Igreja revela a preocupação dos dirigentes com a memória do lugar e com a memória do grupo, visto que alguém é responsável em fotografar e armazenar em disquete para que essa história não se perca. Há, também, a preocupação do grupo em participar de atividades de preservação da Capela quando esta estiver restaurada: “Acredito que quando inaugurar a Capela nós vamos ter um trabalho lá.. inclusive voluntário... assim pra preservação... vamos sentar ainda com o padre pra ver o que o grupo de escoteiro pode estar ajudando, né...”⁵³⁸.

Há uma preocupação em preservar a Capela, por meio do trabalho do grupo de escoteiros que, certamente, por ser voltado para jovens deverá provocar a conscientização destes para a preservação do patrimônio cultural. É, sem dúvida, uma prática educativa que, permanente, deveria penetrar no cotidiano dos moradores, evitando o que afirma Hobsbawn sobre a destruição do passado: “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem”.⁵³⁹

Tais atitudes, voltadas para a preservação da Capela de São Miguel Arcanjo, enquanto elemento representativo do bairro, são demonstradas por experiências sociais

⁵³⁷ Sueli Curaça da Silva Brasil, em depoimento citado.

⁵³⁸ Idem.

⁵³⁹ HOBSEAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p.13.

dos moradores do bairro, sem que haja uma interferência direta dos órgãos públicos. A preservação desse bem cultural contempla, mais uma vez, ações pequenas, locais, que são produzidas na vida cotidiana e que demonstram um reconhecimento do passado e do presente e um pensar no futuro, expressos nas ações dos moradores do bairro de São Miguel Paulista.

3.2.1.4. “Mania de Pintar Telas”

“...então a primeira que eu pintei, a primeira Capela... eu acho ela maravilhosa, linda e está aqui, né na minha comunidade... então a primeira foi pintada e hoje está lá como acervo no Palácio Nove de Julho ...”
Little Potato

A artista plástica Adinéia Batatinha dos Santos⁵⁴⁰, moradora em Vila Curuçá, é autora da obra “A Capela de São Miguel Arcanjo” exposta no saguão do “Palácio Nove de Julho - Assembléia Legislativa”. A autora do quadro tem ligações significativas com esse bem cultural, visto que nasceu em São Miguel Paulista e mora nas proximidades há cinqüenta anos, freqüentou a Capela desde sua infância e, portanto, tem suas experiências sociais bastante relacionadas com a Capela e com o bairro de São Miguel Paulista. A própria artista relata sua preocupação em pintar aquilo que para ela “tenha sentido histórico”:

⁵⁴⁰ Depoimento de ADINÉIA BATATINHA DOS SANTOS, artista plástica, moradora em Vila Curuçá, autora da obra *A Capela de São Miguel Arcanjo* doada ao Acervo Artístico do Palácio 9 de Julho – Assembléia Legislativa – Diário Oficial Poder Legislativo de 13 de abril de 2004. Little Potato, pseudônimo artístico de Adinéia Batatinha dos Santos, nasceu em São Paulo no ano de 1956. Formou-se em Educação Artística pela Universidade de Mogi das Cruzes, Pedagogia pela Universidade Francana, e Administração e Supervisão Escolar pela Universidade Cruzeiro do Sul, e pós-graduação em Artes pela Faculdade Marcelo Tupinambá. Paralelamente realizou cursos livres com os professores: Paula Soares, Marcos Venelli, Jandilisa Grassamo Lopes, Gilberto Geraldo, Gandhi Albuquerque e atualmente com o consagrado artista plástico e professor Maurício Takiguthi. Participou das seguintes exposições: Associação Cristã de Moços, SP, III Concurso de Revelação da Zona Leste (1981); 8º Salão Poços Caldense de Belas Artes; Universidade São Judas, Instituto Alberto Mesquita de Camargo e 1ª e 3ª Exposição do Grupo de Arte Renascer, SP (1991 e 1992); 50º Salão Livre Comemorativo, Associação Paulista de Belas Artes, SP; Salão de Artes Plásticas Brasil-Portugal; Salão Oficial de Belas Artes de Matão; (1992); Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal, Mooca, SP; 51º Salão Livre da Associação Paulista de Belas Artes; 1º Salão de Natureza Morta, Associação Paulista de Belas Artes; 1ª Exposição de Artes Plásticas do Jornal da Zona Leste, SP (1993); Salão de Outono, Suzano Plaza Shopping; Espaço Cultural, Infraero, Guarulhos; Movimento Espiritualista Universal, Roma; (1998); Espaço Cultural da Universidade Cruzeiro do Sul, SP (1999); Mostra da Cultura Árabe, São Miguel Paulista; III e IV Semana do Artista, Espaço Cultural da Universidade Cruzeiro do Sul (2000 e 2001); III Salão da Primavera, Centro Cultural Aricanduva, SP; 1ª Exposição Brasil Folclore, Associação Paulista de Belas Artes, Shopping Norte, SP (2001); LX Salão Livre da Associação Paulista de Belas Artes (2002) e Mostra Itinerante, Prefeitura Municipal de Ferraz de Vasconcelos; Espaço Cultural D'avó, Mogi das Cruzes; Mostra Nova Era Cultural, VI Salão de Artes Plásticas, Centro Cultural Aricanduva (2003).

É eu sou uma pintora, assim... não só a título de decoração. Hoje em dia as pessoas usam mais a pintura né, como uma pintura decorativa... mas eu tenho esse lado que eu vou procurar, como os antigos mestres... que ... pra determinar a época, pra marcar a época ... então eu costumo pintar é ... é... figuras históricas, né... que tenham um sentido histórico... então a primeira que eu pintei, a primeira Capela, que eu acho ela maravilhosa, linda e está aqui, né na minha comunidade... então a primeira foi pintada e hoje está lá como acervo no Palácio Nove de Julho ...⁵⁴¹

O objetivo dessa reflexão é abordar as representações da Capela de São Miguel Arcanjo como produção artística e as ações consequentes, ancoradas na sociedade e na cultura, vistas como resultado de uma conjuntura específica, que assume a obra de arte como expressão da presença da memória entrelaçada numa diversidade de significados. A abordagem volta-se “não apenas a construção das imagens, mas as leituras que se fazem delas”⁵⁴²

Adinéia conta no depoimento o que gosta de pintar:

... mas eu gosto muito de pintar assim... as pessoas me procuram pra pintar a casa onde nasceu... eu gosto de pintar também figuras folclóricas... eu tenho uma tela que ela foi premiada numa menção honrosa ... é teve aqui em São Paulo a Primeira Exposição Brasil Folclore e eu ganhei uma menção honrosa com ela, né... com essa obra e... foi feita pela Comissão Paulista de Belas Artes... então eu gosto de pintar coisas assim que tenham um fundamento, né ...que tenham um fato histórico... (as pessoas) procuram, a casa que nasceu, figuras antigas... figura humana... eu gosto de pintar figura humana... então as pessoas me procuram pra tá fazendo esse tipo de trabalho...⁵⁴³

Nesse gosto em pintar as representações dos fatos históricos, a artista demonstra que o passado está presente nas pessoas e que estas se reportam a ele nas suas formas de representação. Por outro lado, pessoas que pedem para pintar a casa onde nasceram, ou figuras humanas, revelam a preocupação em trazer para o presente aquilo que ficou do passado; é uma forma de lembrar, de reconhecer na tela, aquilo que indica o que foi o seu passado. Como já foi explicitado anteriormente, é o reconhecimento do passado também produzido na vida cotidiana.

O objetivo de pintar a Capela de São Miguel Arcanjo é definido pela artista como “realmente pra retratar ela, e... estar mostrando pra nossa comunidade a importância do nosso monumento tombado, que é a Capela de São Miguel Arcanjo...”. E continua: “não só a Capela, já pintei também a igreja Nossa Senhora de Fátima, né... que ela fez cinquenta anos agora... daqui dá pra ver, olha...”.⁵⁴⁴ E a artista mostra da janela do seu

⁵⁴¹ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

⁵⁴² BUENO, Maria Lucia. As transformações da condição de artista plástico na modernidade. Uma perspectiva de análise a partir do espaço do ateliê do artista. In, Projeto História nº 24, *Artes da História & Outras Linguagens*. São Paulo: EDUC, 2002, p. 231.

⁵⁴³ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

⁵⁴⁴ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

atelier a Igreja Nossa Senhora de Fátima, bem próxima, fonte de inspiração para sua pintura. A depoente deixa claro sua intenção e o entendimento que tem ao realizar essas obras, ligadas a memória, quando afirma: “... porque quando a pessoa pede pra pintar assim a casa que nasceu... retratar assim... é porque tá bem ligado à memória, né...É, tá bem ligado à memória... e eu gosto de trabalhar mesmo, retratar essas memórias...”⁵⁴⁵

Ao realizar essas produções, que trazem à tona memórias, esperanças e sentimentos de indivíduos comuns, compartilhados com a artista no prazer que sente ao realizá-las e a possibilidade de representação do passado ao qual é atribuído um sentido simbólico, vêm à tona lutas para preservar tradições historicamente construídas, expressas na manifestação artística. Nos depoimentos por vezes, parece que a história do bairro está só ali, na Capela, e que, portanto, História é passado.

A artista plástica Adinéia Batatinha dos Santos em correspondência enviada ao Deputado Sidney Beraldo, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, oferece a obra intitulada “Capela de São Miguel Arcanjo” (2004) realizada em óleo sobre tela. E a própria artista conta como foi esse percurso, ao fazer parte do grupo de pintores do “Atelier Maurício Takiguthi”⁵⁴⁶:

...então quando o professor convidou que eu levasse algum trabalho para o Palácio Nove de Julho pra ser analisado... então... eu logo imaginei... eu vou pintar algo que seja daqui da região, né uma coisa que tenha um fundamento, né...⁵⁴⁷

⁵⁴⁵ Idem.

⁵⁴⁶ Segundo Oscar D’Ambrosio, jornalista, integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte(ABCA), Maurício Takiguthi, nascido em São Paulo em 1972, quando criança, adorava desenhar leões, cavalos e super-heróis. Aos 14 anos, estimulado pelo irmão, começou a estudar pintura com o artista uruguaio Pedro Alzaga, que o ensinou a respeitar os mestres da pintura e a conhecer um percurso acadêmico que incluiu o desenho de peças de gesso e naturezas-mortas a partir do natural, além da prática em desenho em claro e escuro com carvão. A criatividade do artista pode ser observada em telas como *Obasama*, que recebeu o prêmio Pequena Medalha de Ouro no 53º Salão Paulista de Belas Artes, em 2002. Uma idosa oriental é mostrada com intensa luminosidade, que faz ressaltar o seu cabelo e as veias da região do pescoço, efeito conseguido ainda pela maneira muito especial como é trabalhado o fundo. Fonte: <http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/pag-base.html>

⁵⁴⁷ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.



Figura 17 - Reprodução da obra “Capela de São Miguel Arcanjo” de autoria de Adinéia Batatinha dos Santos.

Mais uma vez, a artista reitera sua preocupação em pintar temas que tenham ligação com a região, o que indica seu pertencimento a pontos de origem que marcam as suas experiências:

Fazia curso com ele, né Só que a Capela realmente eu não tive instrução dele. Eu fiz sozinha né, enquanto que os outros trabalhos que ele levou, passou por ele pra depois ir pro Palácio Nove de Julho. Como eu não tinha nenhum trabalho meu, assim... é que eu tenha feito lá com ele e que ele tenha visto, eu falei assim: - Olha eu tenho um único trabalho que eu gostaria de levar, só que eu ainda não mostrei esse trabalho pra você. Ele disse: - Não, mas não tem problema quem vai analisar não sou eu que sou o professor... e sim, o crítico de arte que é o Massarani⁵⁴⁸... No fim, eu fiquei até... fiquei bem contente... porque o professor não analisou, que analisou direto foi o crítico... e acabou ficando lá.⁵⁴⁹

Nesse aspecto, a obra de arte adquire sentido como veículo que marca o reconhecimento do valor do trabalho do artista por figura consagrada como o crítico de arte e ganha importância, ainda, pelo local, a Assembléia Legislativa, onde está exposta e a cujo acervo pertence; símbolo máximo do poder estadual, confere à obra uma dimensão social e valoração, no circuito de poder político e social.

Sobre a obra da artista, o próprio crítico de arte se manifesta:

⁵⁴⁸ Emanuel Von Lauenstein Massarani é crítico de arte e superintendente do Patrimônio Cultural da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

⁵⁴⁹ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

Adinéia Santos é uma pintora que ousa olhar com olhos sonhadores. Com a alegria de quem sabe ver as maravilhas das coisas envolvidas pela luz, ela pinta juntando a alegria de viver e a capacidade de sonhar. É exatamente aqui que se move a sua pesquisa e a sistemática dos valores formais. A obra *A Capela de São Miguel Arcanjo*, doada ao Acervo Artístico do Palácio 9 de Julho, reflete uma paciente construção do tema cuja essência é constituída de luz e onde é evidente um certo primitivismo e uma veia lírica expressiva.⁵⁵⁰

A manifestação do crítico de arte, publicada no Diário Oficial do Poder Legislativo, encontra-se também no site da Assembléia Legislativa, enobrece ainda mais a obra e a artista, que recebe elogios e reconhecimento pelo seu trabalho. Desse modo, a Capela de São Miguel Arcanjo, através dessa obra artística é veiculada pelos órgãos públicos de divulgação de dimensão estadual; é inserida na prática social, em que tanto o autor quanto os apreciadores da obra, em conexão com outras experiências, determinam o que é memorável e preservável.

Adinéia revela que depois que fez esse trabalho para a Assembléia Legislativa, pintou uma segunda réplica que foi doada para a Catedral de São Miguel Arcanjo e vai ser exposta quando construírem o Museu de São Miguel Paulista; e uma terceira, feita sob encomenda, para presentear o então prefeito de São Paulo José Serra. Nesse sentido, a imagem da Capela será exposta em diferentes espaços, num museu, que irá conservar os fragmentos de um passado do bairro e, também, em caráter oficial representando São Miguel Paulista para o prefeito da cidade. O Jornal “Folha de São Miguel”,⁵⁵¹ faz referência à visita do prefeito que dá início a obras de pavimentação no Jardim Helena e faz parceria com a Companhia Nitro Química para pavimentar trecho, a partir da ponte Senador José Ermírio de Moraes até a Avenida José Artur da Nova; e com o Banco Itaú para a reforma do CDM⁵⁵² no Jardim São Vicente. Na reportagem aparece o sr. prefeito recebendo a réplica da Capela, o que leva à reflexão, sobre a notícia, que retira a Capela do seu contexto original e a projeta em outras dimensões do bairro.

É, dia 25 de setembro eu vou apresentar uma outra, num outro ângulo. E sempre que eu passo, eu fico olhando... olha eu poderia ta retratando o fundo dela também, né... a parte do... porque ela é toda bonitinha, né... você pode

⁵⁵⁰ Fonte: Diário Oficial do Poder Legislativo de 13/04/2004 em matéria com o título: “O primitivismo das paisagens de Adinéia Santos revela uma veia lírica expressiva”, de autoria de Emanuel Von Lauenstein Massarani.

⁵⁵¹ Folha de São Miguel, jornal de distribuição gratuita e quinzenal por São Miguel e região. Diretor Presidente: Marcelo Antonio Teixeira – São Paulo, de 15 a 31 de julho de 2005 – Ano 40 – nº 602.

⁵⁵² Clube da Comunidade Tide Setúbal (antigo CDM Tide Setúbal) pertencente à fundação que leva o mesmo nome, criada em 2005. A Fundação Tide Setúbal tem como objetivo apoiar o desenvolvimento local e fortalecer o exercício da cidadania nas comunidades onde atua: São Miguel Paulista, Jardim Helena e Vila Jacuí, onde estão localizados três equipamentos públicos – um hospital, uma escola e um Clube da Comunidade – que levam o nome de Tide Setúbal. Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro - “*Um olhar sobre São Miguel*”, 2006, p. 5.

olhar que cada cantinho dela tem uma coisa especial, né... da Capela, não é verdade?⁵⁵³

A artista deixa claro que sua vontade em pintar a Capela de São Miguel Arcanjo está relacionada ao fato de ter nascido em São Miguel Paulista e de sua família ter vindo morar neste local há cinquenta anos:

Meu pai era nordestino, ele chegou aqui em 48 mais ou menos, trabalhou 42 anos na Nitro Química, meu pai saiu lá do nordeste e foi pra Santos, conheceu minha mãe e veio prá São Miguel. Já tinha um irmão dele, né aqui trabalhando na Nitro Química e veio pra cá. Prá trabalhar na Nitro Química.... Então minha mãe mora aqui neste local há 50 anos. Minha mãe é santista, meu pai que era nordestino. É que antes de vir pra cá pra São Paulo, ele passou em Santos, ficou trabalhando lá nas pedreiras de Santos e depois veio pra cá porque já tinha um irmão dele aqui, né. Aí ele ficou.⁵⁵⁴

E vai relacionando a história de sua família à história do bairro. Sua fala revela as transformações ocorridas desde quando seus pais vieram para São Miguel Paulista até o momento presente, as experiências no bairro, a Nitro Química como referência fundamental de mudanças em São Miguel e a vinda de nordestinos à procura de trabalho; sua fala se vincula, também, à existência de parentes no lugar, que revela passado e presente entremeados ao movimento das pessoas que passam por lugares, mudam-se e deixam marcas.

A minha mãe casou com 14 anos...Veio pra cá não tinha nada... a minha mãe criou nós com leite de cabra... criava porco, criava galinha... aqui não era nada... aqui era frio...ela morria de medo, tadinha... veio de uma cidade bonita, porque Santos é uma cidade bonita, né... então ela veio pra cá... sofreu pra caramba... mas é ..porque passou a ser Curuçá Velha, porque tem a Curuçá Nova...mas aqui não é Curuçá Velha, é Vila Curuçá. Aí, determinou-se velha pra diferenciar da nova... a outra sim, é Vila Curuçá... Aqui, a comunidade é muito antiga. Todos os nossos vizinhos são vizinhos de 40, 45 anos.⁵⁵⁵

A depoente, lembrando sua infância, período escolar e profissional, vai considerando sua inserção no mundo da pintura e as relações que manteve com o trabalho, voltado para a manifestação artística atrelado a outras atividades sociais, como o casamento, a criação dos filhos, o retorno aos estudos. Nesse sentido, evidencia a relevância da atividade artística como componente de sua vida diária e de outras experiências que indicam um fazer-se constante, como ser humano que não tem condições pré fixadas, rígidas, que rememora o passado, vive o presente e faz projeções para o futuro:

Eu sempre gostei, né eu sempre gostei. Eu falava que eu não gostava de escrever, eu gostava de desenhar ... são os símbolos... (risos) apesar que a escrita é um símbolo mas eu sempre fui muito símbolo.[...] No Arquiteto Luís

⁵⁵³ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

⁵⁵⁴ idem

⁵⁵⁵ Idem

Saia⁵⁵⁶ quando eu fui pra lá eu tinha dez anos, no Arquiteto, eu já pintava as paredes do Arquiteto, né... pena que isso não ficou marcado, fotografado... pra tá mostrando... eu sempre gostei de pintar... eu sempre... nunca parei... sempre tem aquelas paradas, casei, filhos... a gente dá aquelas paradas...mas você volta, né ... e depois, quando os filhos cresceram aí que eu comecei mesmo a toda... quando comecei dar aula no Centro do Professorado Paulista de pintura em tela... mas sempre gostei... quando eu tava assim já ... é ... estabilizada na minha área profissional, que aí eu fui fazer Artes... então aí eu já comecei mesmo a trabalhar, tanto é que foi sempre .. sempre assim ... ai meu futuro, quando eu me aposentar eu vou ter alguma coisa que eu possa continuar, que eu não quero parar de trabalhar, né ...⁵⁵⁷

Fazendo projeção para o futuro, a depoente reelabora os fatos passados, manifestando a necessidade de guardar os registros que aparecem como prova do real vivido, como é o caso da fotografia.

A revista “Mania de Pintar Telas”⁵⁵⁸ traz na capa da edição nº 5 a estampa da “Capela de São Miguel”, indicando que há etapas e fotos “passo a passo” da pintura, para que pessoas interessadas possam orientar-se para realizar este trabalho. No editorial da revista, assinado por Rosa Buccino há a seguinte chamada para o leitor: “Seu eterno compromisso com a pintura continua firme, e um detalhe chamará sua atenção: o realismo obtido em telas que são desenvolvidas tendo fotos como referências”⁵⁵⁹. Nesta edição, por exemplo, há duas aulas⁵⁶⁰ detalhadas de acordo com esse padrão. Inspire-se e siga essas matérias atentamente!”

É necessário entender, que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela interpreta o real a partir de uma linguagem própria que é produzida socialmente. Ao escolher a foto que seria reproduzida na forma de pintura plástica, a artista não o fez de maneira neutra, assim como também não foi a intenção do fotógrafo. Ambos privilegiaram, na construção desses registros, um aspecto do bairro para eles significativo. Neste caso, a Capela de São Miguel Arcanjo pintada pela artista plástica, ganhou novos contornos ao ser capa de uma revista, ou seja, servir de propaganda para que a revista seja comprada por pessoas interessadas em pintura evidenciando, portanto, outras experiências que serão apropriadas por outros grupos humanos.

⁵⁵⁶ A depoente se refere a Escola Municipal de Ensino Fundamental “Arquiteto Luís Saia” da Secretaria Municipal de Educação, situada em São Miguel Paulista.

⁵⁵⁷ Adinéia Batatinha dos Santos, em depoimento citado.

⁵⁵⁸ Revista “Manias de Pintar Telas”, ano 1 – nº 5. São Paulo: Editora Minuano Ltda, s/d.

⁵⁵⁹ Idem.

⁵⁶⁰ As aulas a que faz referência o editorial são: Capela de São Miguel Arcanjo – Little Potato parte de cenas reais para preencher suas telas de encanto, p.6, e Homenagem a Toy – Pintar um belo cão é seu próximo desafio em tela, p.10. Em ambos os casos, há etapas da aula, com fotos passo a passo.

A leitura desse material, pode trazer outras interpretações. Faz parte da reportagem, a matéria intitulada “Um tema histórico”⁵⁶¹ e uma pequena chamada trazendo sobre o conteúdo da matéria: “Em fevereiro de 2004 a Capela de São Miguel foi mais uma vez reconhecida como um dos patrimônios históricos mais importantes do Brasil”, acompanhado do seguinte comentário:

Através do Departamento dos Correios e Telégrafos, o presidente Luis Inácio Lula da Silva determinou lançamento de um selo postal comemorativo, em homenagem à Capela de São Miguel Arcanjo. Este verdadeiro patrimônio histórico nacional, foi originalmente construída em 1622. Localizada no bairro paulistano de São Miguel Paulista, a capela pertence a Diocese local, e foi um dos primeiros bens tombados, em 1937 pelo recém-criado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). Parabéns São Miguel Paulista!⁵⁶².

Interessante notar, que além da veiculação da estampa da Capela pela revista, esta ainda forneceu, ao seu leitor, elementos sobre as origens, localização e seu reconhecimento como patrimônio histórico, daí a relevância de aparecer como pintura. A reportagem buscou, desta maneira, não apenas os ângulos da produção da obra mas também o significado cultural que a evidencia. É importante ressaltar, ainda, que sobre a outra produção que a revista apresenta, não há nenhum comentário adicional sobre a pintura, além daqueles que orientam o pintor, como dicas iniciais, etapas da aula, material utilizado e dicas finais. Nesse sentido, observa-se uma diferença entre os usos das imagens, enquanto numa produção é revelada uma dimensão social do objeto representado, na outra é privilegiado apenas, elementos técnicos e estéticos da obra.

Tentar olhar o significado da obra plástica pela lente do significado da sua produção e dos usos sociais, deixando de lado um olhar que privilegia os elementos técnicos e estéticos, buscando refletir sobre lugar da obra de arte no cotidiano, seja no espaço público ou privado, é buscar enxergar essa experiência como prática social, inscrevendo-a no seio da história cultural contemporânea. Dessas reflexões, pode-se concluir que a atividade artística voltada para a representação da Capela de São Miguel Arcanjo, torna-a um espaço de onde emergem memórias, menos pela beleza de sua construção e sim, pelo que lá vivenciou a artista Adinéia, em termos de relações sociais que deram sentido àquela obra arquitetônica.

⁵⁶¹ Revista “Manias de Pintar Telas”, ano 1 – nº 5. São Paulo: Editora Minuano Ltda, s/d, p. 8.

⁵⁶² Revista “Manias de Pintar Telas”, *op.cit.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se pensar no bairro de São Miguel Paulista imerso no torvelinho urbano que é a cidade de São Paulo, da qual faz parte, há que se pensar na preservação da Capela de São Miguel Arcanjo, cuja data de fundação coincide com a do bairro, 1622. Ainda que existam discussões e embates sobre essa data, com indicação de data anterior, por volta de 1560, o marco de fundação do bairro não deixa de ser a Capela de São Miguel Arcanjo.

A força simbólica exercida pela Capela de São Miguel Arcanjo é tão verdadeira e arraigada na cultura desse bairro longínquo do centro de São Paulo, que esta pesquisa teve que ser encerrada, apesar das dúvidas e desconforto em deixar de lado fontes importantes. Esse contexto histórico possui uma multiplicidade de tramas sociais, que a pesquisa não dá conta de revelar em sua totalidade, daí o reconhecimento de sua parcialidade e limitação.

Junto a esse bem cultural existem variadas formas de vivenciar e de expressar as experiências sociais da cidade, que estão calcadas no fazer de seus moradores, reveladas na heterogeneidade de ações que se configuram no bairro, passam pela organização do próprio espaço urbano e possibilitam percebê-lo como resultante de práticas sociais.

Na perspectiva de pensar esse patrimônio cultural e o bairro em que ele se situa e, sobretudo, compreendê-lo, busquei reconhecer as forças que participaram de referências espaciais significativas, que demonstram as ações dos moradores, que os fazem despontar como autores do processo de transformação do bairro imerso na dinâmica de produção capitalista a que está sujeita uma grande metrópole como a Cidade de São Paulo.

Assim, os moradores de São Miguel Paulista reconheceram outros tempos, que emergiram de suas memórias reveladas através de suas narrativas, seus relatos, suas produções, suas ações, ancorados numa memória capaz de afirmar a diversidade e o conflito como dimensões da história e que serviram para problematizar a Capela como referência cultural, como patrimônio histórico e como afirmação de determinadas experiências sociais dos moradores do bairro.

Entendendo que o patrimônio cultural não se reduz às edificações urbanas mas que estas, como a Capela de São Miguel Arcanjo, devem ser incluídas nessa preocupação em preservar, traduzida como memória social que indica os laços que nos ligam ao passado e ao presente. Rompendo com a visão monumental da preservação que considera

um elemento urbano isolado, em contraposição à proteção do patrimônio ambiental urbano, que compreende o conjunto de bens que caracterizam a vida da cidade, uma política de preservação tem que ser pautada na apropriação dos sentidos e valores que diferentes grupos sociais fazem de determinados bens culturais. Entendendo, também, que desconsiderar a questão do patrimônio é exilar o cidadão, alijá-lo de seu próprio meio e privá-lo da dimensão fundamental da cidadania, dimensão essa, que significa aceitar a diversidade, a ambigüidade e o esquecimento é que pode deslindar diversos suportes que indicam uma multiplicidade de vivências e lutas no bairro de São Miguel Paulista, que têm a Capela de São Miguel Arcanjo como referência e, ainda, outros olhares (ainda que poucos) que o consideram “coisa ultrapassada”, não afinada com o “progresso”. Essas experiências permitem dizer que não se pode subestimar a capacidade criadora dos moradores que, ao serem analisadas, indicam uma ruptura com a modalidade de registros escritos como única fonte verdadeira para a reflexão histórica e, ainda, entender que nenhuma espécie de registro é inferior a outro. Dos pequenos gestos, escondidos em recônditos do bairro emergem questões que provocam reflexões e entendimento sobre as ações humanas.

Iluminar experiências como o Movimento Popular de Arte (MPA), cujo objetivo inicial era o de encontrar uma forma de revitalizar a Capela de São Miguel Arcanjo e cuja resistência à massificação e ao nivelamento da cultura popular se tornam evidentes, faz com que voltemos à sabedoria de Ecléa Bosi, “empobrecedora para a nossa cultura é a cisão com a cultura do povo: não enxergamos que ela nos dá agora, lições de resistência como nos mais duros momentos da história da luta de classe”.⁵⁶³

Presença social visível no bairro, os migrantes, visíveis no sentido de serem diferentes dos que lá estavam e que persistem nos programas de rádio, grupos de forró, festas típicas, comércio, permanência de hábitos alimentares, fazem de São Miguel Paulista lugar privilegiado para se observar mudanças e transformações, com raízes nos movimentos migratórios provocados pela industrialização e a dificuldade da cidade em absorver esses novos moradores. Esse afluxo de pessoas para São Miguel Paulista, a partir do final da década de 30, faz emergir no bairro novos interesses, que passam a disputar espaços com a Capela de São Miguel Arcanjo. Em São Miguel, existem no mesmo lugar duas praças, a Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra e a Praça do Forró. É o mesmo lugar, identificado pelos moradores de maneiras diferentes, segundo as suas experiências, seus

⁵⁶³ BOSI, Ecléa. Problemas ligados à cultura das classes populares. In VALLE, Edênio e QUEIROZ, José (orgs). *A cultura do povo*. São Paulo: Educ, 1982, p.33.

valores, seus interesses. Cada um pretende perpetuar a sua memória e nesse percurso, o conflito se evidencia.

Praça Padre Aleixo Mafra ou Praça do Forró, lá está a Capela de São Miguel Arcanjo; para ambas ela é referência, constitui-se num elemento agregador de ações, seja na luta para usar os espaços da praça para manifestações nordestinas, seja para as saídas das procissões, seja para atos litúrgicos, seja para um passeio matinal; a praça e a Capela se confundem.

Considerando espaços de sociabilidade que se diversificaram e onde seus moradores buscaram soluções criativas para seus problemas cotidianos, a Câmara Distrital (simbólica) de São Miguel Paulista foi um exemplo de como os moradores conseguiram se articular em ações que partiram de suas vontades e operaram sobre o bairro para resolver questões que suscitaram intervenções, imprimindo meios alternativos, soluções diferentes para resolução de seus problemas urbanos.

Procurar refletir sobre as imagens e a leitura que se pode fazer delas, as representações da Capela de São Miguel Arcanjo veiculadas em selo, bilhete da loteria federal, cartões telefônicos, caixa de leite longa-vida, jornal e obras plásticas, revelam experiências que indicam a capacidade dos seus autores para elaborar significações através de outros recursos da linguagem e apontam para um apelo à lembrança e à consagração que a sociedade contemporânea dá a elas, em detrimento a outros sentidos. Voltadas para a cultura do espetáculo e do consumo, as imagens são elementos fundamentais da propaganda e exprimem histórias que falam também das idéias e significados de determinada época. Desse modo, problematizar diferentes modalidades de elaboração dessas experiências se traduz no “direito à memória “ dos moradores de São Miguel Paulista.

Representada também no lenço e na bandeira do “Grupo Escoteiro Padre Aleixo”, no pavilhão da “Escola de Samba Unidos de São Miguel” e na insígnia do “29º Batalhão da Polícia Militar”, a Capela de São Miguel Arcanjo é veiculada nesses elementos simbólicos de instituições sociais diferenciadas e que usam como representação um bem patrimonial consagrado na região e, por isso, ajudam a preservar essa memória.

As dimensões desse patrimônio instituído e reconhecido pelos órgãos oficiais de tombamento são imbricadas com as referências culturais dos moradores, que se cruzam e, em alguns momentos, se aliam e uma contribui com a outra; e em outros, evidenciam dimensões diferenciadas que se revelam em disputas pela apropriação desses lugares.

Nesse sentido, também revelando acordos e tensões, a instituição responsável pela Capela de São Miguel Arcanjo, a Cúria Metropolitana de São Paulo, também evidencia ações para sua preservação, como a restauração em processo neste ano e também, busca a afirmação de determinados grupos em detrimento de outros. As políticas de revitalização da praça acabam solapando determinadas manifestações populares que lá se evidenciavam.

Nessa perspectiva, o bairro foi percebido como resultado de uma dinâmica social estabelecida pelos moradores e o que busquei foi compreender e analisar alguns desses processos que estão relacionados à presença da Capela de São Miguel Arcanjo. O espaço do bairro não surgiu, então, como um espaço onde os moradores se juntavam e realizavam ações, e sim, como um espaço onde diferentes agentes sociais se posicionam, se relacionam, fazem acordos, disputam, enfim vivem experiências diversificadas, imbricadas entre si. Tempo e espaço, desse modo, aparecem como dimensões desse viver urbano em constante transformação.

Terminando essa pesquisa e essas reflexões, tenho que admitir, que o trabalho historiográfico também é fruto de uma representação, em que estão implícitas todas as paixões, emoções e fidelidades do historiador e que a história será sempre revisionada, reescrita e que não se esgotam sua função de iluminar o presente e aprender com as experiências de tempos pretéritos.

FONTES ORAIS

Para reunir as fontes orais que são utilizadas nesta pesquisa, foram realizadas 31 entrevistas, com 29 pessoas. Todas as pessoas são moradoras de São Miguel ou de regiões próximas ao bairro.

ADINEIA BATATINHA DOS SANTOS – “Little Potato” – Depoimento concedido em 24/08/2005. Moradora em Vila Curuçá - Itaim Paulista, nascida em São Paulo (SP) em 1956, artista plástica, autora da obra “A Capela de São Miguel Arcanjo” doada ao acervo artístico do Palácio 9 de Julho – Assembléia Legislativa – DO Legislativo de 13/04/2004. Seu trabalho sobre a Capela foi publicado também, como capa da revista “Mania de Pintar telas” que é dirigida aos aprendizes de pintura.

ALBERTINO ALVES NOBRE – Depoimento concedido em 30/01/2007. Ex-vereador da cidade de São Paulo. Morador de São Miguel desde 1948 para onde veio como migrante da região de Senhor do Bonfim (BA). Trabalhou na Cia. Nitro Química por 34 anos, fato que declara com muito orgulho. Declara ter participado de todas as festas realizadas em homenagem ao padroeiro do bairro, São Miguel Arcanjo e do lançamento da pedra fundamental para a construção da nova igreja em 1952 e da sua inauguração em 1965.

ARISTIDES PIMENTEL – Depoimento concedido em 30/01/2007. Ex sacerdote da Igreja Católica, morador de São Miguel onde foi vigário auxiliar da Diocese de São Miguel Paulista. É proprietário de um restaurante na região central de São Miguel Paulista e ministra aulas de filosofia na Universidade Mogi das Cruzes. Confecciona maquete em gesso e resina da Capela de São Miguel Arcanjo, ato que lhe remete à época em que morou na Itália e que, segundo ele, em toda a Europa há esse costume de fazer réplicas dos monumentos. Escreve a cronologia de São Miguel Paulista, baseado na obra de Sylvio Bomtempo e atualizada segundo sua experiência.

DIVALDO ROSA – 49 anos, nascido em Tupaciguara (MG), economista e jornalista, é “Presidente-fundador do Grupo Acontece de Jornais e Revistas” pelos seguintes veículos: Jornal Acontece Agora, Jornal Voz do Curuçá e Revista Acontece Leste, distribuídos gratuitamente na Zona Leste de São Paulo. O Jornal Acontece Agora uso como logomarca a Capela de São Miguel Arcanjo. veio para São Miguel em 1989. Não foi possível gravar depoimento com o Sr.Divaldo, os dados foram coletados no jornal, na revista e em conversa telefônica.

DOMINGOS DOS SANTOS PANTALEÃO – Depoimento concedido em 24/06/2005. Gerente da empresa “Usina de Beneficiamento Laticínios Gege LTDA” e diretor da Associação Cultural “Casa de Brunhosinho” – residente em São Miguel Paulista desde 1961 e em São Paulo desde 1953. É português, da localidade de Brunhosinho. Possui relações fortalecidas no bairro e traz estampado na caixa de leite de sua empresa, a Capela de São Miguel Arcanjo, com os dizeres: No Coração de São Miguel Paulista um marco histórico do Brasil.

EURICO DOS SANTOS – Entrevista realizada em 09/07/2005. Assim como o Sr. Jesuíno, o depoente estabeleceu com a pesquisadora um vínculo muito próximo, que possibilitou várias conversas, visitas e coleta de dados e materiais que foram usados na

pesquisa. Nascido em São Miguel Paulista (SP) em 1944, aposentado da Sabesp por tempo de serviço, é filatelista e tomou a iniciativa em julho de 1993 de solicitar à empresa dos Correios e Telégrafos, a emissão de um selo alusivo à Capela de São Miguel Arcanjo. Conseguiu em setembro de 2003, o lançamento de um Carimbo Comemorativo homenageando a Capela e o bairro de São Miguel Paulista. E, em janeiro de 2004, em comemoração aos 450 anos da cidade de São Paulo, a emissão do selo/bloco comemorativo e do carimbo Primeiro Dia de Circulação. É também de sua iniciativa a emissão de quatro cartões telefônicos com imagens diferentes da Capela em homenagem à Igreja e aos 381 anos do bairro de São Miguel Paulista. Em 2000 deu andamento junto à Caixa Econômica Federal no processo que levou à publicação da imagem da Capela no bilhete da Loteria Federal que comemorou os 378 anos do bairro de São Miguel Paulista e da Capela de São Miguel Arcanjo. Além disso, possui um arquivo pessoal onde guarda tudo que se refere à São Miguel. Notícias em jornais, desenhos, publicações, livros (vai pesquisar em órgãos públicos para conseguir essa documentação). Coordenou a obtenção de votos em 2005 na campanha da ECT “Vote no Melhor Selo” para que o selo referente à Capela de São Miguel fosse o ganhador. Relações pública da “Associação Cultural Beato José de Anchieta” que cuida do restauro da Capela; Membro Fundador do Conselho Consultivo para Eventos de São Miguel Paulista; Conselheiro Consultivo do “CDC Tide Setúbal” – Clube da Comunidade de São Miguel Paulista; Membro Pesquisador da Sociedade Veteranos do 32 MMDC – Núcleo de São Miguel Paulista; Vice-Presidente da “ACAS” Assistência Comunitária de Ação Social; Relações pública do Colégio Tobias de Aguiar.

INTEGRANTES DA ASSOCIAÇÃO “AMIGOS DA PRAÇA DO FORRÓ” – depoimentos colhidos no dia 26/08/2007.

Alzira Viana dos Santos - nascida em Vitória da Conquista (BA) em 1947, mora em São Miguel Paulista desde 1960. É vice-presidente da associação e apresentadora, produtora e de eventos, trabalha com música e tem a preocupação de divulgar a música nordestina, especialmente o forró.

Cícero Sebastião Viana (Cícero do Norte) – Nascido em Custódia (PE) em 1938. Mora em São Miguel Paulista há 47 anos. É presidente da associação. Trabalha com música e programas de rádio. Foi assistente de produção do programa “Raul Gil”. É aposentado, tem um pequeno comércio e procura divulgar a música nordestina através de apresentações de grupos, principalmente de forró. É um dos fundadores da associação, que pretende discutir os usos da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra.

Ednaldo Alexandre de Queiroz – Nascido em Custódia (PE), mora em São Miguel Paulista há 37 anos, é vocalista do grupo “Brasas do Nordeste”, grupo musical que existe há 40 anos e é formado por quatro músicos e um vocalista. Motorista aposentado, participa da associação e faz apresentações com o seu grupo.

João Teotônio de Faria (Teotônio dos Oito Baixos), nascido em Flores (PE), 56 anos, mora em São Miguel há 33 anos. Instrumentista e sanfoneiro, luta para preservar a “sanfona de oito baixos”, instrumento que está em extinção devido à concorrência dos instrumentos eletrônicos mais ao gosto dos jovens.

INTEGRANTES DO “GRÊMIO RECREATIVO CULTURAL E ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DE SÃO MIGUEL” – Depoimentos colhidos em 28/04/2007.

Aidil Celeste da Silva, 75 anos, nasceu em 1931 em Caitité (BA), mora em São Miguel Paulista há 30 anos. É responsável pela ala das baianas, sua residência serve como sede da entidade.

Alessandra Irene Rodrigues, nascida em São Miguel Paulista (SP) em 1972, é enfermeira e porta-bandeira da agremiação.

Almir José dos Santos, 40 anos, vendedor, nascido em Itabuna (BA) mora em São Miguel desde 1964, estudou na Escola Senai da Nitro Química Brasileira, é responsável pela ala das crianças.

Maria de Lourdes da Silva, professora, nascida em Paranavaí (PR) mora em São Miguel Paulista há 30 anos, é atualmente diretora social da agremiação.

IZALTINO RIBEIRO – (Izal) – Depoimentos concedidos em 04/09/2004 e 06/02/2007. Produtor cultural da Casa de Cultura Municipal, professor de História da rede pública estadual, veio morar em São Miguel Paulista com dez anos de idade. É um sujeito preocupado em registrar a história de São Miguel e, junto com outras pessoas, organiza o material oriundo do MPA (Movimento Popular de Arte), coleta de depoimentos, montagem de filmes, organizando reuniões para a formação de um centro de memória em São Miguel. Nascido em Congoinhas (PR) em 1954. Participa de reuniões para discussão sobre os usos sociais da Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, junto com a associação “Amigos da Praça do Forró”.

JESUINO BRAGA – Depoimento concedido em 22/07/2004. Esse depoente, estabeleceu com a pesquisadora um vínculo muito próximo, o que possibilitou várias conversas, visitas e coleta de dados que foram enviados pelo correio, fornecidos por telefone ou bilhetes. Nascido em São Paulo, em 1930, veio morar em São Miguel ainda criança, em meados de 1934. É viúvo e casado novamente com Madalena. Residia nas proximidades da Capela na época em que esta foi restaurada em 1939 e relembra de vários fatos acontecidos durante esse período. Montou uma maquete com detalhes sobre a praça e a Capela da época em que ele era criança, segundo sua lembrança. Mandou fazer impressos sobre a sua maquete e sobre o Frei Leão Mei (sacerdote que foi vigário da igreja em 38/39) e sobre o Padre Aleixo (sacerdote da igreja por um período de mais de 20 anos). É um artista plástico que recolhe troncos de árvores que foram derrubadas e constrói imagens de santos (os que haviam na capela), índios, sacerdotes. Tem uma preocupação muito grande com o bairro e pesquisa a história de São Miguel, estabelecendo correlação entre os acontecimentos, argumentando sobre eles, considerando-os verdadeiros ou não, de acordo com suas pesquisas e aquilo que vivenciou. Atualmente (2007) está pesquisando a história da Capela de Itaquaquecetuba, que, segundo ele é da mesma época que a de São Miguel. Está escrevendo também, um livro de memórias sobre sua vida e história de São Miguel Paulista.

JOAO FEHER – Depoimentos concedidos em 14/6/2005 e 27/08/2005. Nascido em São Miguel Paulista (SP) em 1939, freqüentou a Capela quando era criança porque era morador do bairro do Itaim Paulista e naquela época só havia a Igreja de São Miguel Paulista na região. Foi segurança da Capela de São Miguel Arcanjo de 1994 até 2006 quando foi dispensado desse serviço devido ao início das obras de restauração da Capela. Durante esse período, o senhor João exercia a função de vigia e também se incumbia de mostrar a capela para os interessados, contar sua história, tentar preservar seus objetos, enfim, cuidava de tudo que se relacionasse ao bem cultural, mantendo uma relação afetiva com relação a tudo que se relaciona com a Capela e com o bairro.

JOSÉ ANTONIO DE ARAÚJO – Depoimento concedido em 30/01/2007. Nascido em 1932 em Três pontas (MG). Veio para São Paulo em 1950, com 17 anos e foi morar em Campos Elísios. Em 1952 veio para São Miguel Paulista porque comprou uma alfaiataria no bairro “Alfaiataria Ivan”, que depois se tornou “Alfaiataria Araújo”. Mais tarde, quando o ramo de alfaiataria não dava mais lucro, porque ninguém manda mais fazer

roupas, montou uma oficina de consertar máquinas de costura em que trabalha até hoje. Seu depoimento foi gravado, porque frequenta a barbearia próxima à sua oficina em que a pesquisadora estava colhendo o depoimento de José Luiz de Souza e José Antonio participou da conversa.

JOSÉ CALDINI FILHO – Depoimento concedido em 03/09/2005. Advogado, nascido na cidade de Votorantim, em 1927 morador em São Miguel Paulista desde 1935. Seu pai veio para São Miguel Paulista trazido pelo Sr. Antonio Ermírio, dono da Cia. Nitro Química Brasileira. Participou da fundação do Rotary Club de São Miguel, criou a flâmula de do clube, nela introduzindo “nossa velha capela de tantas tradições históricas e religiosas, SÍMBOLO MAIOR DE NOSSA COMUNIDADE” e o símbolo do Rotary Club de São Miguel que apresenta a estampa da Capela de São Miguel Arcanjo. Participou da organização do primeiro desfile comemorativo do aniversário de São Miguel Paulista. É um estudioso da história do bairro, possui uma coleção de fotografias onde estão registradas várias ocasiões do cotidiano, além de vários documentos que registram a memória do bairro.

JOSÉ LEITE – Depoimento concedido em 14/02/2007. Professor José Leite veio morar em São Miguel em 1962, com 16 anos. Nasceu em Guaxupé (MG) 1922. Veio para São Paulo porque queria ser professor, desde pequeno e na cidade onde morava não era possível, em 1940. Conta sua história de vida, sempre como professor em São Miguel. Relata fatos acontecidos na história da cidade, como a reforma da Praça da Sé, o bonde, etc. Até hoje, mantém em sua casa uma escola onde dá aulas particulares para pessoas que vão prestar concursos.

JOSÉ LUIZ DE SOUZA – Depoimento concedido em 30/01/2007. Barbeiro em São Miguel Paulista seus clientes são do bairro, inclusive vários padres da diocese e o Bispo Dom Fernando Legal. Veio de Irecê (BA) em 1950 porque a situação lá, segundo ele, estava muito ruim e escolheu São Miguel Paulista porque já tinha parentes morando no bairro. Trabalhou em serviços variados, como calçamento de ruas no bairro do Tatuapé e morava na própria obra, em barracões de zinco. Só vinha para São Miguel Paulista no domingo para passear. Relata que fez o primeiro calçamento em volta do Parque do Ibirapuera (cimentado) em 1951, 52. Lembra do quarto centenário da cidade de São Paulo. Sua barbearia fica atualmente na região central de São Miguel e é freqüentada diariamente por pessoas que passam para cortar o cabelo ou para dar um “dedinho de prosa”, como é o caso de José Antonio Araújo que também deu sua contribuição para a pesquisa, “casualmente”.

JOSÉ VITORINO – Depoimento concedido em 02/02/2007. Natural de Barbalha (CE), nascido em 08/04/1927, foi um dos primeiros moradores do Jardim São Vicente, São Miguel Paulista. Trabalhou na Nitro Química por 29 anos, empresa na qual se aposentou. Relata quais eram as dificuldades para os moradores construir suas casas, como conseguiu dinheiro para a compra do terreno e o trajeto do local onde mora para a fábrica. É viúvo, tem dois filhos, mora no bairro há anos. Atualmente cuida de um imóvel no jardim São Vicente que está à venda, mostrando-o e encaminhando as pessoas interessadas para a compra. Foi nesse local que a entrevista foi concedida.

LIRIS RODRIGUES RUOTT – Depoimento concedido em 20/09/2004. Nascida em São Miguel em 1912, relembra de fatos acontecidos durante o século passado que se relacionam com São Miguel Paulista, com a Capela e com sua vida. Foi batizada, casou-se e participou também do coral da igreja. Seu bisavô foi um cidadão ilustre de São Miguel e quem doou a área para a construção do primeiro Cemitério Oficial de São

Miguel (hoje não existe mais). Uma rua importante de São Miguel Paulista recebe o seu nome: Beraldo Marcondes. A depoente faleceu em 16/02/2007.

OSVALDO PIRES HOLANDA – Depoimento concedido em 18/07/2005. Poeta e advogado, nascido em Acopiara, em 1923 veio para São Miguel Paulista em 1945. Participou do “Movimento Popular Autonomista” em 1962 que propunha a emancipação de São Miguel Paulista. É fundador do “ESPERANTA KLUBO ZAMENHOF”, Clube de Esperanto existente em São Miguel Paulista. Tem vários livros publicados dentre eles “Poemas Satânicos” que na opinião do depoente abriu suas portas para a participação de várias Academias de Letras, porque é um livro polêmico.

PADRE ANTONIO LUIZ MARCHIORI (Pe. Ticão) – Depoimento concedido em 03/09/2005. Nascido em Urupês, Estado de São Paulo, em 12/04/1952, pároco da Igreja São Francisco de Assis em Ermelino Matarazzo, mantendo-se à frente dessa paróquia há 21 anos, dedica-se à Pastoral Social na defesa dos direitos mais pobres, na defesa dos direitos dos deficientes e idosos, na luta pela moradia e por unidades básicas de saúde, especialmente na região de Ermelino Matarazzo e São Miguel. Liderou movimentos para a implantação da Faculdade de Tecnologia (FATEC) e do campus da Universidade de São Paulo (USP-LESTE) para essa região. O depoimento foi concedido num evento que estava ocorrendo no palco da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, da Associação dos Deficientes Físicos de São Miguel.

RONALDO ARAUJO CALIXTO - Depoimento concedido em 03/09/2005. Visitante da capela, acompanhado de seu filho de 8 anos. Exerce a profissão de vendedor, nascido em São Miguel Paulista, 49 anos, Conheceu o Pe.Aleixo e freqüentou e freqüenta a Capela. Foi levar o filho para apresentá-la ao menino e relembrar os tempos de sua infância. Nesse encontro casual permitiu que a pesquisadora gravasse seu depoimento.

SACHA ARCANJO – Depoimento concedido em 06/2/2007. Coordenador cultural da “Oficina Cultural Luiz Gonzaga” de São Miguel Paulista, órgão mantido pelo Governo do Estado, tem 57 anos, veio para São Miguel Paulista em 1966. Nasceu em São Gabriel (BA) em 1949, é cantor e compositor de música popular. Participou do MPA (Movimento popular de Arte) junto com o Antonio Augusto Arantes, participa das discussões sobre as prioridades culturais da região, principalmente as programadas pelo Fórum Cultural de São Miguel Paulista.

SERGIO LOMBARD SENEDIN – Não foi possível gravar depoimento e o Coronel Senedin forneceu-me alguns dados por telefone. 57 anos, nascido em São Paulo (SP) foi o idealizador da insígnia do comandante e do brasão de armas do 29º BPM/M de São Miguel Paulista, nos quais aparecem a Capela de São Miguel Arcanjo, torre de indústrias e o Rio Tietê.

SUELI CURAÇA BRASIL – Depoimento concedido em 19/07/2007. Nascida em Votuporanga (SP) em 1952. Mora em São Miguel Paulista desde 1981. Presidente do Grupo Escoteiro “Padre Aleixo” – 323 – com sede na Catedral de São Miguel Arcanjo – Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra. É também coordenadora do Catequese e do Movimento Eucarístico da Paróquia de São Miguel Arcanjo.

PALESTRAS GRAVADAS E DIGITALIZADAS

Palestra proferida pela historiadora Roseli Santaella Stella, na 3ª Semana dos Museus, no dia 19 de maio de 2005 com o título: “Museu – Alternativa de Lazer e Turismo na Zona Leste de São Paulo” promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, em parceria com o Conselho Internacional de Museus – ICOM, a Associação Brasileira de Museologia, o Conselho Federal de Museologia.

Cerimônia realizada no interior da Capela de São Miguel Arcanjo, 18 no dia de setembro de 2005 em comemoração aos 386 anos de São Miguel Paulista apresentando o projeto de restauro da capela liderado pela Diocese de São Miguel Paulista.

Cerimônia de lançamento dos cartões telefônicos com estampas alusivas à Capela de São Miguel Arcanjo, realizada no CEU São Carlos no dia 17 de setembro de 2005 com início às 19 horas.

Cerimônia de Reinauguração da Praça Padre Aleixo Mafra no local, dia 04/03/2007.

OUTRAS FONTES

1. Coletânea de fotografias de autoria da pesquisadora.
2. Coletânea de fotos arquivo pessoal do Sr. Jesuíno Braga.
3. CD Room – São Miguel Paulista em imagens – 5 volumes – produzidos pelo Labdoc – Unicsul (Universidade Cruzeiro do Sul).
4. Bloco Comemorativo alusivo à Capela de São Miguel Arcanjo, 2004.
5. Estampa do Carimbo Comemorativo – 06/09/2003.
6. Impressos da campanha “Vote no Melhor Selo” 2004.- ECT.
7. Estampa da capela nos bilhetes da Loteria Federal, extração de 23/09/2000.
8. Série de quatro cartões telefônicos com estampas da Capela – lançamento em 17/09/2005- Correspondências entre a comissão de festejos e a Telefônica.
9. Homenagem aos pioneiros de São Miguel Paulista festejos dos 382º aniversário de São Miguel – setembro de 2004.- Convite para a solenidade de homenagem, texto impresso - apresentação da trajetória dos homenageados, troféu entregue aos homenageados (Capela de São Miguel Arcanjo).
10. Impressos - confeccionados pelo Sr. Jesuíno com a foto da maquete e sua assinatura.
11. Caderno de memórias de Jesuíno Braga em 2006 e 2007.
12. Boletim Geral PM 223 - institui o brasão de armas, o estandarte e a insígnia do comandante. Descrição heráldica do brasão – 29º BPM/M.
13. Câmara Distrital de São Miguel Paulista - Edil Simbólico - DOE 07/06/1973, Recortes de jornais, correspondências.
14. Revista “Mania de Pintar Telas” - Editora Minuano LTDA – Ano I, nº 5, s/d.
15. Correspondência de Adineia Batatinha dos Santos ao Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.
16. Boletim Mensal do Rotary Club de São Miguel Paulista – 1967 nº especial
17. Projeto de reforma da Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra – 1991.
18. Coleção “Meu Bairro, minha cidade”. Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, 2004.
19. Coleção – 450 anos – Reconstruindo Sonhos – São Miguel - Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal da Educação, Programa Circulo de Leituras da Secretaria Municipal de Educação, 2004.
20. PRE – Planos Regionais Estratégicos – Subprefeitura de São de São Miguel – Série Documentos – 2004
21. Publicação da Subprefeitura de São Miguel – junho de 2004 - São Miguel Paulista – O cenário da reconstrução.
22. Deinfo - Departamento de Informações da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de São Paulo. Dados básicos para elaboração dos Planos Regionais das Subprefeituras – volume II – outubro de 2002.

23. Projeto de Lei 546/2001 da Prefeitura do Município de São Paulo – Subprefeituras, Exposição de Motivos.
24. Termos de declaração - “Ouvidoria Geral do Município” Protocolo O.G. nº 001416/2005 de 02/08/2005 e nº O.G. nº 010403/2006 de 28/12/2006.
25. Programas das festividades do Aniversário do bairro. 1967, 1981, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006.
26. Projeto de ocupação da Capela Histórica de São Miguel Paulista – janeiro de 1981 – Movimento popular de Arte.
27. Separata do volume XXIV da Revista de Antropologia – Antonio Augusto Arantes e Marília de Andrade – “A Demanda da Igreja Velha: Análise de um Conflito entre Artistas Populares e Órgãos do Estado.
28. Publicação: Projeto São Miguel Paulista e Brasileiro - Um olhar sobre São Miguel.
29. Criação de um centro de documentação – Cedoc
30. Boletim - CDC 2006 – Balanço 1 Ano 1
31. Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba “Unidos de São Miguel: Atas, estatuto, registro em cartório, histórico do carnaval de 1982 – Divino Cartola
32. IPHAN – 6ª Superintendência Regional - Processo 180 – T – Inscrição 211 - fls. 38 (21.10.38) Livro História - Livro Belas Artes – Tombamento da Capela
33. IPHAN – 9ª Superintendência Regional - Pastas nºs: MTSP 8.3.1 a MTSP 8.3.11. – Monumentos tombados – Capela de São Miguel.
34. Certificado do Ministério da Cultura – IPHAN – Coordenação Geral de Pesquisa, documentação e referência – certifica que revendo o Livro de Tombo das Belas Artes, dele consta às folhas 38: Número de inscrição, duzentos e dezanove; obra: Igreja São Miguel; Natureza da obra: arquitetura religiosa, etc. Obs. O tombamento inclui todo o seu acervo de acordo com a resolução... etc.
35. Processo 00368/74 - ex-ofício (11.12.74) tombamento da Capela.
36. Histórico da Igreja de São Miguel Paulista.
37. Certidão 082 Condephaat, nos termos do provimento 7/84 de 09/03/84 da Corregedoria da Justiça certifico para os devidos fins que a Secretaria de Estado da Cultura em consonância com o decidido pelo Egrégio Colegiado de sua sessão ordinária de 11/12/74, ata 240 baixou a decisão ex-ofício de 11/12/74 pela qual foi tombada a Igreja de São Miguel Paulista.
38. Cópia de certidão de tombamento da Capela de São Miguel Arcanjo - Ministério da Cultura.
39. Resolução n. 05/1991 – trás os bens tombados pelo Condephaat para a Conpresp – DOM 10/04/91 Pasta – 03ª.023.1
40. Revista Acrópole/out./62 – XXIV n. 287 - Leonardo Arroyo – Igrejas de São Paulo 2ª.ed. Ed.Nacional p.41 a 51 – 1966
41. Revista do IPHAN n.5 – 1941 Sergio Buarque de Holanda – Capelas Antigas de São Paulo p.105 a 109 –
42. Revista Ásia - Helio A Viotti – Origens de São Miguel. Periódico do Colégio São Luís, p.52, 54.

43. Separata da Revista Histórica, n.84 SP 1970 – Compromisso de Brasília
44. Revista SPHAN n.5 - 1941- Lucio Costa, A Arquitetura Jesuítica.
45. Pronac n. 040640 – Projeto Restauração da Capela de São Miguel. Processo nº 01400.004128/04.34
46. Estatuto da Associação Cultural Beato José de Anchieta
47. Convite especial da Associação Cultural Beato Jose de Anchieta para a cerimônia de apresentação do Projeto de Restauo da Capela de São Miguel Arcanjo.
48. Documento Medialink – Lançado o projeto de restauração da Capela de São Miguel Arcanjo – informe sobre o restauo da capela
49. Revista: Nosso Grupo é você – do Grupo Votorantim – reportagem sobre a restauração da Capela e o apoio do Grupo Votorantim.
50. Formarte – Projetos, produção & Assessoria - Catálogo explicativo da Formarte sobre a elaboração de projetos de restauração.
51. Revista – Restauo da Capela de São Miguel Arcanjo- quem somos: Associação Cultural Beato Jose de Anchieta –Formarte – empresa especializada na área cultural tendo como objeto de sua atuação a preservação da memória e dos bens culturais.
52. Carta circular da Pontifícia Comissão para os bens culturais da Igreja – Necessidade e urgência da inventariação e catalogação do patrimônio cultural da Igreja. Vaticano, 08/12/1999.
53. Comissão para os Bens Culturais da Igreja – Arquidiocese de São Paulo de 26/11/2000.
54. Revista “Acontece Leste” , ano 1, nº 1 – junho/2007.
55. Boletim da Subprefeitura de São Miguel – Informação à Comunidade – Aqui São Miguel - publicação mensal – ano 2007.
56. Coleção de quatro pastas contendo reportagens sobre São Miguel Paulista e sobre a Capela de São Miguel Arcanjo:
 - A Comunidade Nunes
 - A Voz do Curuçá
 - Dário Oficial da Cidade de São Paulo
 - Diário de São Paulo
 - Diário do Comércio
 - Diário Oficial do Estado de São Paulo
 - Diário Oficial do Poder Legislativo
 - Diário Popular
 - Folha de São Miguel
 - Folha de São Paulo
 - Gazeta do Tatuapé
 - Gazeta Penhense
 - Jornal “Acontece Agora”
 - Jornal Brasil Semanal
 - Jornal da Tarde
 - Jornal do Povo
 - Jornal Primeira Página – História do Itaim
 - Jornal Zona Leste News
 - Metro News

O Estado de São Paulo
São Miguel Agora
São Miguel em Notícias
São Miguel News
Toninho do Jornal

57. Sites consultados:

[http:// www.cultura.gov.br/corpo.php](http://www.cultura.gov.br/corpo.php)
[http:// www.cultura.gov.br/corpo.php](http://www.cultura.gov.br/corpo.php)
[http:// www.patrimonio.sp.com.br](http://www.patrimonio.sp.com.br)
http://cliquemusic.uol.com.br/br/Acontecendo/Acontecendo.asp?Nu_materia=1940
[http://portal.prefeitura.sp.gov.br/ subprefeituras/spem/dados/histórico/0001](http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spem/dados/histórico/0001)
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escotismo>
http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/vejasp/450_anos/textos/memorias/como_surgiu.html
<http://www.artcanal.com.br/oscardambrosio/pag-base.html>
<http://www.conseg.sp.gov.br/conseg/default.aspx>
http://www.correios.com.br/selos/melhor_selo_ano/default.cfm
<http://www.prefeitura.sp.gov.br>
<http://www.saladereboco.com.br>
http://www.terra.com.br/istoe/1726/governo/1726_equipe_time_do_presidente_03.htm
http://www.tetrapak.com.br/sobre/historia/index_historia.asp

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Aracy Abreu. **A hispanidade em São Paulo**. São Paulo: Nobel/Edusp, 1981.
- _____. **Artes plásticas na semana de 22**: subsídios para uma história das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- AMARAL, Rita de Cássia Melo Peixoto. **Festa à Brasileira – Significados do festejar, no País que “não é sério”**. São Paulo, USP- FFLCH. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia.
- ANDRADE, Cleide Lugarini de. **As lutas sociais por moradia na cidade de São Paulo**: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo. São Paulo: PUC, Mestrado em Ciências Sociais, 1989.
- ARANTES, Antonio Augusto. **Preservação como prática social**. São Paulo: Revista de Museologia, 1989.
- _____. Paisagem de História: A devoração dos 500 anos. In **Projeto História 20**. São Paulo: PUC, 2000.
- _____. **Paisagens Paulistanas**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- _____. **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo** – Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo e suas relações com a crônica da cidade. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1954.
- AZEVEDO, Aroldo. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. São Paulo: USP, Doutorado em Geografia, 1945.
- AZEVEDO, Thales. **Igreja e Estado em Tensão e Crise**: a conquista espiritual e o padroado na Bahia. São Paulo: Ática, 1978.
- BENJAMIN, Valter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BO, João Batista Lanari. **Proteção do patrimônio da Unesco**: Ações e Significados. Brasília: Unesco, 2003.
- BOLLE, Willi. A Cidade como Escrita. In: **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.
- BOMTEMPI, Sylvio. **O Bairro de São Miguel Paulista**. São Paulo: Prefeitura Municipal/Departamento de Cultura, 1970.
- _____. **Origens históricas de São Miguel Paulista**. São Paulo: Unicsul, 2000.
- BOSI, Ecléa. Problemas ligados à cultura das classes populares. In: VALLE, Edênio e QUEIROZ, José (orgs). **A cultura do povo**. São Paulo: Educ, 1982
- _____. Memória da Cidade: Lembranças Paulistanas. In **O direito à memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

- _____ **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____ Problemas ligados à cultura das classes populares. In VALLE, Edênio e QUEIROZ, José (orgs). **A cultura do povo**. São Paulo: Educ, 1982.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Rideel, 2002.
- _____ **Os jornais de bairro da cidade de São Paulo**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 1985
- _____ **Dicionário de Tupi moderno**, Governo do Estado – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente, São Paulo:1966.
- BRITES, Olga. **Infância, Trabalho e Educação** – A revista Sesinho (1947/1960). Bragança Paulista, Editora da Universidade São Francisco, 2004, (Estudos CDAPH, série historiográfica).
- BRITO, Gilmário Moreira. **Pau de Colher na letra e na Voz**. São Paulo: PUC, Mestrado em História, 1996.
- _____ **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste**: inter-relações, escrituras, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: PUC, Doutorado em História Social, 2001.
- BRUNETTO, Carlos Javier Castro. **Espacios Arquitectónicos y Humanos de São Paulo**. San Cristóbal de La Laguna: Fundación Canaria Mapfre-Guanarteme, Gráficas Sabater, 2004.
- BUENO, Maria Lucia. As transformações da condição de artista plástico na modernidade. Uma perspectiva de análise a partir do espaço do ateliê do artista. In, **Projeto História** nº 24, Artes da História & Outras Linguagens. São Paulo: EDUC, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____ **Cidade de Muros** – Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed.34 / Edusp, 2000.
- CALIXTO, Benedito. **Capitanias paulistas**. São Paulo: Casa Duprat e Mendonça, 1927.
- CAMARGO, Célia Reis. **À margem do patrimônio cultural**: estudo sobre a rede institucional de preservação do patrimônio histórico no Brasil (1838-1980). Assis: UNESP, Doutorado em História, 1999.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.
- _____ **Consumidores e Cidadãos** – Conflitos multiculturais de globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano? São Paulo: Contexto, 2003.
- _____ **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CASTRO, Sonia Rabelo de. **O Estado na preservação de bens culturais**: o tombamento. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.
- CAVENACCI, Massimo. **A cidade polifônica** – Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAGAS, Mário. A Escola de Samba como lição de processo museal. In: **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 2, nº 2. Rio de Janeiro, FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), 2002.

CHAUÍ, Marilena e outros. **Política cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.

CHOAY. Françoise, . **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CIRIACO, Adriana José. **Memória e cidade** – Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos (Catalão 1970 – 1980). Uberlândia: Universidade Federal, Mestrado em História Social. 2003.

COSTA, Lucio. A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil. In: ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia** – Uma História Social do carnaval Carioca Entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DE DECCA, Edgar S. Memória e Cidadania, in **O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DIAFÉRIA, Lourenço e outros. **Um século de luz**. São Paulo: Scipione, 2001.

DPH – Departamento do Patrimônio Histórico: **Tombamento e participação popular**. São Paulo: Secretaria da Cultura, 2001.

_____. **Patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH/SMC, 1992.

DUARTE, Paulo. **Contra o vandalismo e o extermínio**. Departamento da Cultura da Prefeitura, São Paulo: 1938.

_____. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Hucitec, 1985.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros, cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas, FFCH/USP: Fapesp: Educ, 2003.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro e outros (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

_____. (org.). **Cidades** – Pesquisa em História. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

_____. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In **O Direito à Memória** –

FERNANDES, Paula Porta S. (coord). **Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554/1954**. São Paulo: Editora Hucitec, NEPS. 1998.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Olhar periférico**. São Paulo: Edusp, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). História oral: um inventário das diferenças, in **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

_____; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: Trajetória da política federal de preservação do patrimônio**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997.

FONTES, Paulo. **Trabalhadores e cidadãos – Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. São Paulo: Annablume, 1997.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: EDUSP, 2005.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP< Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Record, 2001.

GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, memória e história dos trabalhadores. In: **O Direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

GOLDMANN, Lucien. **A reificação em dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz

GOMIDE, Cristina Helou. **Antiga Via Boa de Goiás – Experiências e memórias na/da cidade patrimônio**. São Paulo: Puc, Doutorado em História Social, 2007

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Restauração Arquitetônica: A experiência do SPHAN em São Paulo, 1937 – 1975**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Memória e sociedade. In **Revista do Arquivo Municipal** 200. São Paulo: 1991.

GREMIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA USP. Capela de São Miguel, in **Revista Acrópole nº 287**. São Paulo: Max Groenwald & Cia, 1962.

GUTIERREZ, Ramón. História, Memória e Comunidade: o direito ao patrimônio construído, in **O Direito à Memória - Patrimônio Histórico e Cidadania**. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo, DPH, 1992.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Osvaldo Pires de (Redator Responsável). **Historio de Esperanta Klubo “Zamenhof”** – Edição Comemorativa do Jubileu de Ouro. São Paulo: São Miguel Paulista, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Capelas antigas de São Paulo, in **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Volume V. Rio de Janeiro.

HOUAISS, Antônio e outros. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBER, Léo. **Memórias e experiências de trabalhadores e moradores da Vila União – Jales – 1980-2002**. – PUC/SP 2004. Mestrado em História Social.

JANCSÓ, István e KANTOR. Íris (orgs.). **Festa – cultura & sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001.

- JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- JOHNSON, Richard e DAWSON, Graham. Grupo de Memória Popular. Memória Popular: Teoria, política e método. In FENELON Déa Ribeiro e outros (orgs) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2000.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública – A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- KHOURY, Yara Aun. História e Imagem. **Projeto História 21**. São Paulo: Educ-Fapesp, 2000.
- _____. Documentos Orais e Visuais: Organização e usos coletivos, in **Revista do Arquivo Municipal, Memória e Ação Cultural**, v.200. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico – DPH, 1991.
- Larousse Cultural, Grande Enciclopédia**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1998.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2000.
- LEITE, Serafim: **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- LEMONS, Carlos A. Capelas Alpendradas de São Paulo. In **Acrópole – Revista Mensal n° 260, 261**. São Paulo: Max Groenwald & Cia. s/d.
- _____. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- _____. **Casa Paulista**. São Paulo: 1999.
- _____. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In **Projeto História n.17**. São Paulo: PUC, 1998.
- LUÍS, Washington. **Na Capitania de São Vicente**. São Paulo: Livraria Martins Editora, MEC, 1976.
- MAGALDI, Cássia. O público e o privado: propriedade e interesse cultural. in **O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- MAGALHÃES, Aloísio. **E triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Roberto Marinho, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço** – cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.
- _____. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória**. Brasília: 1980.
- MEC/SPHAN/FNPM. **Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo de Franco de Andrade (1936-1945)**. Brasília: 1981.
- MENDONÇA, Antonio Penteado. **A cidade em movimento**. São Paulo: Book Mix, 2003.
- MENDONÇA, Marcos. **Coleção 450 anos Reconstruindo Sonhos – São Miguel**. São Paulo: Subprefeitura São Miguel, 2004.
- MENEZES, U.B. A crise da memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações. In SILVA, Zélia Lopes da (org.) **Arquivos, patrimônio e memória – Trajetórias e Perspectivas**. São Paulo: Unesp/Fapesp, 1999.

_____ O fogão da *société anonyme du gaz*. Sugestões para uma leitura histórica da linguagem publicitária. In **História e Imagem, Projeto História 21**, São Paulo: PUC, 2000.

MORSE, Richard M., **De comunidade a metrópole** – Biografia de São Paulo. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli S/A, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MPA – **Projeto de Ocupação da Capela Histórica de São Miguel Paulista** . São Paulo:USP, 1981, mimeo.

MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio**: Um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. **O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan e a redescoberta do Brasil**: a sacralização da memória em pedra e cal. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de Mestrado em História Social)

_____ **Por um inventário dos sentidos**. Mário de Andrade e a Concepção de Inventário. São Paulo: PUC 2002. (Tese de Doutorado em História Social)

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História nº 10 - PUC, 1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História, in BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. SÃO Paulo: Contexto, 2002.

PACHECO, Agenor Sarraf. **À margem dos “Marajós”**: Memórias em fronteiras na nascente “cidade-floresta” Melgaço – Pará. São Paulo: PUC, 2004. Mestrado em História Social.

PAOLI, Maria Celia. Memória e ação cultural. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo 1991.

_____ Memória, História e Cidadania: O Direito ao Passado., in **O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha, BRITES, Olga – História, Ensino e Memória. A Carta de Pero Vaz de Caminha: Leituras In **Projeto História nº 20** São Paulo: Educ, FAPESP, FINEP.

PEREIRA, Mirna Busse. **Cultura e Cidade**: Prática e Política Cultural na São Paulo do Século XX. 2005. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol.2, n.3, Cpdoc/FGV, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: Projeto História 14. São Paulo: Educ, 1997.

_____ O momento de minha vida: funções do tempo na história oral. In **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: OlhoD’Água, 2004.

_____ Formas e significado da história oral. **Projeto História, 14**. São Paulo: Educ, 1997.

POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. In **Ciências & Letras** – Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Nº 27. Porto Alegre: 2000.

QUEIROZ, Raymundo Galvão de. **Dicionário do Filatelista**. Brasília: Thesaurus, 1988.

RAVAGLIA, Fábio. **Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira – 1935 – 1985**. São Paulo, 1988.

RIBEIRO, Alexandre Dória. **Nitro Química: 70 anos**. São Paulo: DBA, s/d.

ROCHA, Antonia Sarah Aziz. **O bairro à sombra da chaminé: um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935 – 1960)**. São Paulo: PUC, Mestrado em Filosofia da Educação, 1992.

ROCHA FILHO, Luiz Muniz Rocha. **Tombamento: Instrumento de Proteção do Patrimônio Cultural**. São Paulo: PUC, 2005. Mestrado em Direito do Estado.

RODRIGUES, Cíntia Nigro. **Territórios do Patrimônio – Tombamento e Participação Social na Cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: O patrimônio Histórico e o turismo. In FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY Jaime. (orgs). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____ **Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969 – 1987**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____ **Por que vocês querem conservar o patrimônio?** São Paulo: PUC - História, 1996.

_____ De quem é o patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 1996.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Fapesp, 2003.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: Experiências, e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAIA, Helena e PIRES, Valter. **Da capela à metrópole**. São Paulo: Imagemdata, 1997.

SAIA, Luís. **Morada Paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____ **Zona Leste fazendo história**. São Paulo: Marco Markovitch, 1997.

SANTOS, Cida. **Zona Leste, meu amor: personagens de uma história de lutas**. São Paulo: Marco Markovitch, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia das letras, 1992.

SILVA, Cristina Schmidt Pereira da. **E viva São Benedito! A reconversão da festa popular: as formas de manifestação da cotidianidade**. São Paulo: PUC, 1999, Doutorado em Comunicação e Semiótica.

SILVA, Fernando Fernandes da Silva, **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. São Paulo: Petrópolis, Editora da USP, 2003.

SILVA, Olga Brites. Memória, preservação e tradições populares. In: **O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: Trajetórias e perspectivas**, São Paulo: Unesp/Fapesp, 1999.

SOARES, Reinaldo da Silva. **O cotidiano de uma escola paulistana: o caso da Vai-Vai**, USP: FFLCH, dissertação de mestrado, 1999.

SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **A Cidade em debate**. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

SPHAN. **Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil**. Uma trajetória. Brasília: MEC, 1980.

SPHAN-Condephaat. **Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo**. São Paulo: SNM (Secretaria dos Negócios Metropolitanos), Emplasa (Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo), Sempla (Secretaria Municipal do Planejamento), 1984.

SPOSITO, Marília Pontes (coord). **Memória do movimento popular de arte no bairro de São Miguel**: Cultura, Arte e Educação. São Paulo: USP, FFCL, 1987.

STELLA, Roseli Santaella. **Anchieta: a contribuição Canária na colonização Paulista**. IX Colóquio de História Canário-Americana. Lãs Palmas: Casa de Colón/Cabildo Insular de Gran Canária, v.I. 1992.

_____. Anchieta e a Fundação de São Miguel de Ururaí, **Atas do Congresso Internacional – Anchieta 400 Anos**. São Paulo: FJB Editora, 1998.

_____. **O domínio espanhol no Brasil durante a monarquia dos Felipes 1580 – 1640**. São Paulo: Unibero/CenaUN, 2000.

_____. **Anchieta e São Miguel: fundação e Capela – Encontro com Canárias no Aniversário da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Etcetera ed. 2002.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Azhar Editores, 1981.

VALLE, Edênio, QUEIRÓZ, José J. (orgs.) **A cultura do povo**. São Paulo: Educ, 1982.

VIDAL, Rodrigo. A cidade e seu território através do ordenamento urbano em Santiago do Chile in **Projeto História (14)**. Cultura e Representação. São Paulo: PUC, 1997.

VIOTTI, Hélio Abranches, S.J. **Anchieta, o apóstolo do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

ZAMPIERI, Wilson João e IMAMURA, Avelar Cezar. **Padre Aleixo Monteiro Mafra – O pastor das almas de São Miguel Paulista**. São Paulo: Unicsul, 2000.